
Atravessando a fronteira...

Maria Eugênia Viana Dantas



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

Atravessando a fronteira...

Maria Eugênia Viana Dantas



Fortaleza – Ceará
2023

Projeto Gráfico



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D192a Dantas, Maria Eugênciã Viana
Atravessando a Fronteira [recurso eletrônico] / Maria Eugênciã
Viana. – Fortaleza: SEDUC, 2023.

Livro Eletrônico
ISBN 978-85-8171-358-8 (E-book)

1. Ficção. 2. Romance. I. Dantas, Maria Eugênciã Viana. II

Título.

CDD: 863



Elmano de Freitas da Costa
Governador

Jade Afonso Romero
Vice-Governadora

Eliana Nunes Estrela
Secretária da Educação

Emanuelle Grace Kelly Santos de Oliveira
Secretária Executiva de Cooperação com os Municípios

Helder Nogueira Andrade
Secretário Executivo de Equidade, Direitos Humanos e Educação Complementar
e Protagonismo Estudantil

Maria Jucineide da Costa Fernandes
Secretária Executiva de Ensino Médio e Profissional

Maria Oderlânia Torquato Leite
Secretária Executiva de Gestão da Rede Escolar

Stella Cavalcante
Secretária Executiva de Planejamento e Gestão Interna

Julianna da Silva Sampaio
Coordenadora de Comunicação

Marta Emilia Silva Vieira
Danielle Taumaturgo Dias Soares
Keifer Fortunatti
Assessoras Especiais do Gabinete

Ideigiane Terceiro Nobre
Coordenadora de Gestão Pedagógica do Ensino Médio

Maria da Conceição Alexandre Souza
Articuladora de Gestão

Dóris Sandra Silva Leão
Orientadora da Célula de Gestão Pedagógica e Desenvolvimento Curricular – CEGED

Francisco Clerto Alves da Silva
Orientador da Célula da Educação de Jovens e Adultos e Ensino Médio Noturno – CEJEN

Coordenação

Centro de Documentação e Informações Educacionais
Coordenadoria de Gestão Pedagógica do Ensino Médio - COGEM

Conselho Editorial

Adriana Schneider Muller Konzen	Izabelle de Vasconcelos Costa
Ana Gardennya Linard Sírío Oliveira	Jacqueline Rodrigues Moraes
Ana Joza de Lima	José Romário Rodrigues Bastos
Antônia Varele Gama Silva	Katiany do Vale Abreu
Antonio Helonis Borges Brandão	Lindalva Costa Cruz
Arnaldo Dias Ferreira	Marco Aurélio Jarreta Merichelli
Augusto Ridson de Araújo Miranda	Marcos Felipe Vicente
Betânia Maria Gomes Raquel	Maria de Fátima Xavier
Cintia Ferreira de Andrade	Mayara Tâmea Santos Soares
Cintya Kelly Barroso Oliveira	Newton Malveira Freire
Elaine Holanda Maciel	Paula de Carvalho Ferreira
Fernanda Maria Diniz da Silva	Paulo Venício Braga de Paula
Francisca Aparecida Prado Pinto	Renata Priscila Conceição da Costa
Francisca Juliana Feitosa Soares	Roberta Eliane Gadelha Aleixo
Francisco de Assis Sales e Costa Junior	Ronaldo Glauber Maia de Oliveira
Francisco Felipe de Aguiar Pinheiro	Rosendo Freitas de Amorim
Gezenira Rodrigues da Silva	Tamara da Cunha Gonçalves
Helayne Mikaele Silva Lima	Vagna Brito de Lima
Herman Wagner de Freitas Regis	Yure Pereira de Abreu

Edição

Prof. Me. Paulo Venício Braga de Paula
Prof. Dr. Antonio Helonis Borges Brandão
Centro de Documentação e Informações Educacionais

Normalização Bibliográfica

Elizabete de Oliveira da Silva

POLÍTICA EDUCACIONAL E PRODUÇÃO TEXTUAL

A sociedade brasileira precisa reconhecer efetivamente a relevância da Educação. Um aspecto central desse reconhecimento reside em valorizar o Magistério e o professor. A valorização do magistério pode expressar-se por meio de várias funções e ações desenvolvidas pelo professor. Em 2008, foi instituída uma política pública de estado denominada Professor Aprendiz, cujo destaque tem sido a formação contínua entre pares. A consolidação dessa proposta que investe no protagonismo docente gerou desdobramentos substanciais, dentre os quais se destaca a publicação de livros de professores da rede. Os trabalhos acadêmicos e literários, selecionados para publicação, passam por um criterioso processo de seleção.

A decisão da Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc), em organizar e publicar artigos que são recortes de dissertação e tese de professores da rede estadual de ensino, está baseada no programa Ceará Educa Mais, através da ação Professor Aprendiz, do Programa Aprender pra Valer. Esse Programa tem como principais objetivos: a) Valorizar os professores por meio da publicação das suas produções acadêmicas e literárias; b) Estimular a produção científica e literária de professores; c) Promover uma rede de colaboração entre os professores ao tornar públicas suas produções com seus pares.

Com essa iniciativa, a Secretaria da Educação do Estado do Ceará tem feito história. Ao publicar as produções de seus professores, a Seduc tem promovido um círculo virtuoso de valorização do Magistério, cujos efeitos têm se manifestado na consolidação do protagonismo docente; no investimento da formação acadêmica e, principalmente, num processo de ensino e aprendizagem com mais qualidade e compromisso.

Eliana Nunes Estrela
Secretária da Educação do Ceará

Jucineide Fernandes
Secretária Executiva do Ensino Médio e da Educação Profissional

PUBLICAÇÃO DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS E LITERÁRIAS DOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO DO ESTADO DO CEARÁ

Existem múltiplas formas de valorização da Educação, uma delas consiste em valorizar a/o professora/or. O reconhecimento da atividade do magistério pode manifestar-se por meio de várias funções e ações desenvolvidas pela/o professora/or.

Em 2008, foi criada uma ação governamental denominada Professor Aprendiz, cujo destaque tem sido a formação continuada por pares. O amadurecimento dessa ação ocorre com a edição da Lei nº 17.572/2021, de 22 de julho de 2021, que estabelece o Programa “Ceará Educa Mais” e que, no Art. 2º, Inciso II, trata da ação Professor Aprendiz. Este programa aposta no protagonismo docente gerando desdobramentos substanciais, dentre os quais destaca-se a publicação de livros de professores(as) da rede que ocorreu nos anos de 2017, 2018 e 2019. Deve ser ressaltado que os trabalhos acadêmicos, literários e temáticos selecionados para publicação passam por um rigoroso processo público de submissão.

A iniciativa da Secretaria da Educação do estado do Ceará (Seduc) em publicar livros produzidos pelos professores da rede estadual de ensino está baseada na ação Professor Aprendiz, do Programa Aprender pra Valer, tendo como principais objetivos: a) a publicação de suas experiências e reflexões; b) a formação e o desenvolvimento contínuo de outros professores; c) na publicação de obras acadêmicas e literárias dos professores, em formato impresso, bem como de livros temáticos, em formato digital.

As obras publicadas podem ser de natureza acadêmica (Tese de Doutorado ou Dissertação de Mestrado), Literária (Romance; Poema; Cordel; Novela; Crônica ou Conto) e Livros Temáticos Digitais que contemplem temas transversais e/ou associados às áreas de conhecimento (Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Linguagem e suas tecnologias, Matemática, Ciências da Natureza e suas tecnologias).

São produções de professores(as) da rede pública estadual de ensino do Ceará, na condição de autor(es) ou coautor(es) da(s) obra(s). O Conselho Editorial, ao selecionar as produções acadêmicas, considerou: clareza e precisão de conteúdo; relevância e atualidade do tema; originalidade; qualidade metodológica. Em relação às produções literárias,

observou-se os seguintes aspectos: originalidade de conteúdo/ineditismo; repertório linguístico; fruição estética; coerência e consistência do texto; e, por último, potencial artístico. Os trabalhos publicados são originais, escritos em língua portuguesa em consonância com os Direitos Humanos.

A Secretaria da Educação do Estado do Ceará mais uma vez faz história com essa iniciativa. Ao publicar as produções de seus(suas) professores(as), a Seduc promove um círculo virtuoso de valorização do Magistério, cujos efeitos podem se manifestar no fortalecimento do protagonismo docente; no investimento da formação acadêmica e, principalmente, num processo de ensino e aprendizagem mais qualificado e comprometido.

Prof. Dr. Antonio Helonis Borges Brandão
Prof. Dr. Rosendo Freitas de Amorim
Prof. Ms. Paulo Venício Braga de Paula

PRÓLOGO

Rubem Alves, sobre os olhos, as palavras e o mundo, assim reflete: “As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor. Aprendemos palavras para melhorar os olhos”. Dada a luz poética com que esse grande educador costumava iluminar seus pensamentos em forma de discurso, dificilmente os sentidos possíveis para esses três signos se esgotam. Os olhos podem ser muito mais do que as córneas, as palavras podem ir muito além dos verbetes e podemos conhecer vários mundos, como o mundo das/os educadoras/es.

Nesse mundo, os olhos representam toda a sensibilidade do indivíduo que educa. A/o educadora/or vê não só com os olhos, mas também com os ouvidos e com o tato. Tudo, ao seu redor, é palavra: críticas e elogios, respostas “certas” e “erradas”, perguntas e silêncios, abraços e distâncias, sorrisos e lágrimas. Entretanto, como educadoras/es, nem sempre nos damos conta de respirar tantos significados nessa semiosfera que é a escola e podemos, muitas vezes, ignorá-los. E assim, perdemos a oportunidade de melhorar nossos olhos.

Esta publicação traz valiosas contribuições de educadoras e educadores que aproveitam essa oportunidade e, agora, também nos oportunizam uma melhora do nosso modo de ver a educação. As produções aqui apresentadas trazem a perspectiva de quem aprimorou um olhar pedagógico que, agora, transforma em palavra.

A Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc), por meio da Coordenadoria de Gestão Pedagógica do Ensino Médio, espera que as palavras das/os nossas/os educadoras/es, aqui eternizadas, possam alcançar (e melhorar) os mais diversos olhares. Que esses olhares possam germinar em produções futuras que contribuirão, cada vez mais, com o nosso modo de compreender e de agir neste mundo tão desafiador, que é o da educação.

Ideigiane Terceiro Nobre

Coordenadora da Gestão Pedagógica do Ensino Médio/COGEM

Ana Cecília Freitas

Assistente Educacional /COGEM



NOTA DA AUTORA

A presente narrativa, simples na sua linguagem corriqueira e coloquial, às vezes, utiliza-se de minúsculas pinceladas de romantismo, em outras, dirige seu foco para as situações reais do meio ambiente, no qual vivem os personagens.

Queria ver o meu Brasil, alçado entre as maiores potências mundiais, seus filhos, com uma bela renda “per capita”, sua agricultura e pecuária conquistando muitas divisas; um parque industrial produzindo em competição com o mercado mundial; vê-lo servido por excelentes estradas, sem uma única exceção; a Educação ultra desenvolvida, tão superior que atraísse centenas de estudantes do mundo inteiro para partilharem nossos conhecimentos, laboratórios de pesquisas, onde os cientistas descobrissem fórmulas poderosas, capazes de vencerem os mais diversos e remotos vírus; fármacos ultra modernos, que curassem todas as doenças, vacinas ultramodernas.

Queria ver o País dar trabalho para todos os seus filhos, tornando-os críticos e corajosos, em qualquer circunstância; que, seus presídios, apresentassem centenas de celas vazias, por absoluta falta de detentos, um país sem prisioneiros, apenas, trabalhadores e estudantes.

Desejo um Brasil, democrático e republicano, único, forte e respeitado mundialmente.



A autora.



SUMÁRIO

parte 1	19
capítulo 1	20
capítulo 2	30
capítulo 3	40
parte 2	53
capítulo 1	54
capítulo 2	63
capítulo 3	73
capítulo 4	85
capítulo 5	99
capítulo 6	113
capítulo 7	125
capítulo 8	139
capítulo 9	151
capítulo 10	161
capítulo 11	175
capítulo 12	191
capítulo 13	199
capítulo 14	211
capítulo 15	221

capítulo 16	231
capítulo 17	239
capítulo 18	247
capítulo 19	259
capítulo 20	273
capítulo 21	285
capítulo 22	297
capítulo 23	309
capítulo 24	323
capítulo 25	331
capítulo 26	339
capítulo 27	353
capítulo 28	365
capítulo 29	379
capítulo 30	393
capítulo 31	407
capítulo 32	421
capítulo 33	433





APRESENTAÇÃO

Recebi a incumbência de apresentar – lhes minha avó Maria Eugenia Viana Dantas, professora aposentada, autora dessa obra, e de quem herdei o gosto pela profissão de Professora. Como, uma neta falar sobre a avó pode parecer um tanto suspeito, decidi então ater-me aos fatos, contra eles não existem argumentos. Essa é a história de sua vida...

Nasceu em Aracati, em 18 de setembro de 1936, mas registrada em Itaiçaba.

Cursou toda sua vida escolar no Ginásio São José, fundado pelas Irmãs de Caridade – as Irmãs Vicentinas.

Em 1953, iniciou o Curso Normal em Aracati, despertando para a profissão de Professora.

Aos 17 anos, despertou o interesse de escrever e elaborou um texto sobre Aracati, pediu espaço em uma festa da cidade e conseguiu ler no auditório do colégio aquele que se tornou, seu primeiro texto conhecido.

Após a leitura, o Juiz de Direito Carlille Martins, poeta e literário, pediu-lhe o texto, mas a menina, respondeu modestamente, que era apenas um rascunho. O juiz insistiu e Eugênia, cedeu e entregou o texto.

Ao longo do ano de 1953 escreveu também alguns artigos

para a Gazeta do Jaguaribe, referentes a atuação da União Nacional dos Estudantes em Aracati onde exercia o cargo de 2º Tesoureira. Em dezembro, mudou-se com a família para um distrito de Pacajus chamado Olho D'água (hoje cidade de Horizonte).

Em 1954 iniciou o 2º ano na Escola Normal Justiniano de Serpa em Fortaleza. E à medida que estudava, o desejo de tornar-se professora se tornava mais forte. Ela observou em frente à casa onde a família morava, que havia um grupo escolar construído, e pronto para ser usado, mas o espaço estava servindo apenas como abrigo para jumentos.

Naquela época, a maioria das jovens tinham um conhecimento muito reduzido da política e da sociedade, mas num impulso arbitrário, escreveu para o Presidente Getúlio Vargas, solicitando duas bolsas de estudo para que suas duas irmãs pudessem fazer o Curso Ginásial, assim como solicitou também o cargo de Professora para ensinar crianças da comunidade, de forma a fazer com que o grupo escolar, até então abandonado, começasse a funcionar de fato. O Presidente respondeu, autorizou as bolsas escolares para suas irmãs e anexou um cartão para o Secretário de Educação do Ceará, o qual foi arquivado.

Em 1954, ao final daquele ano, seu professor – Vandick Pontes, professor de Psicologia, ao entregar as provas finais, pediu que as alunas se levantassem e a aplaudissem, entregando-lhe sua prova com nota máxima, a qual citou com a expressão “nota dez de penacho”. Além disso, ele escreveu com caneta vermelha um texto no verso da prova onde relatava que ela era uma Psicóloga nata, com grande futuro na Psicologia. Contudo ela não seguiu a orientação do professor – seu desejo era ensinar em sala de aula.

No ano de 1955 começou a trabalhar no comércio durante o dia e mantendo seus estudos como normalista a noite.



Foto da Formatura no Curso 3º Normal do Colégio Agapito dos Santos – Ano 1955

Logo no primeiro semestre conseguiu a vaga de Professora substituta no Colégio Agapito dos Santos, onde permaneceu até 1960, ensinando em todas as séries do Ensino Primário.



Legenda da foto: Viagem da turma de Normalistas à Paracuru em comemoração da formatura após concluir o Curso Normal Colégio Agapito dos Santos – Ano 1955

Em uma oportunidade, levou os alunos do 2º ano Primário para conhecer as novas máquinas rotativas do Jornal O Povo que eram, naquele momento, um passo na modernidade. O percurso foi feito a pé. Ao chegar lá, os alunos foram muito bem recebidos. A visita dos alunos foi noticiada pelo jornal, no dia seguinte



Foto: Maria Eugenia e Francisco Lopes Dantas – Ano 1961.

Em 1962, ocorreu o seu enlace matrimonial.

Em 1964, mesmo se dedicando exclusivamente à família, seu espírito inquieto levou-a a escrever 2 novelas que foram adquiridas pela emissora de rádio Ceará Rádio Clube prefixo PRE9 através de seu diretor, o Radialista João Ramos.

Com o nascimento dos filhos em 1963, 1965 e 1968, os cuidados domésticos exigiram dela mais atenção, portanto, entre

os anos de 1964 a 1981, limitou-se a vida familiar e era sócia do marido na loja de autopeças.

Em 1982 com o comércio fechado, as circunstâncias e necessidades de sobrevivência a levaram a procurar a Secretaria de Educação do Ceará, onde conseguiu uma colocação no Projeto da Educação Infantil Ole – Olá onde iniciou como monitora. Neste mesmo ano conseguiu um contrato de Professora da Rede Estadual lotada na Escola de 1º grau Cláudio Martins.



Foto: no recreio | Cláudio Martins.

Em 1983, concluiu no Instituto de Educação do Ceará o Curso do 4º Ano Pedagógico cumprindo assim uma determinação do Governo Estadual.

Entre os anos de 1983 e 1998, foi Professora no Colégio Cláudio Martins, onde ensinou da 1ª a 4ª Séries do Ensino Fundamental.

Maria Eugênia Viana Dantas, escritora desta obra, sempre era politicamente muito ativa, redigiu várias cartas para a Presidência da República, sempre que entendia ser necessário. a criação de empregos sempre foi sua temática principal, porém jamais recebeu respostas.

Entre 2000 e 2006 contribuiu, a convite do Frei Humberto ,como colaboradora para o Jornalzinho Força Viva, na Paróquia Nossa Senhora das Dores, onde escrevia uma coluna intitulada “Eugênia quer saber”.

No período de 2010 a 2015 atuou intensamente nas pastorais da Paróquia.

Em 2014, seu marido que a abandonara trinta e três anos antes, retorna à Fortaleza para tratamento de enfermidade no coração. Após oito meses, ele veio a falecer.

No seu último dia de vida, ela estava a seu lado, o acompanhou na ambulância ao Hospital de Messejana, onde ele deu entrada e chegou a ser atendido, todavia apesar dos esforços do médico, veio a óbito. Ela acompanhou o velório e o último trajeto dele até o túmulo. Acompanhá-lo em seus últimos momentos, trouxe a ela conforto à alma.

Em 2016 chega aos 80 anos e refez pela quarta vez esta obra.

É esta a obra que lhe apresentamos, caro leitor.



Andréa Cristina Benigno Dantas



Parte 1

CAPÍTULO | 1

A fazenda de Ernani Becker estende-se por muitos hectares onde cada palmo de terra foi aproveitado com produtividade.

Ele era um fazendeiro com visão no futuro, muito além de sua época. Sua produção agrícola era variada, tal como a diversidade pecuária.

Rotina diária – cavalgar por toda a fazenda; conhecia seus peões pelo nome, trocava sempre uma brincadeira ou um chiste ao vê-los na lida. Sabia dosar a bondade com a autoridade, era respeitado, e reconhecidamente um excelente patrão.

Casado com dona Clara, descendente de italianos, tinham dois filhos: Nestor e Guida.

Nestor saiu ao pai – descendente de alemães – Guida assemelhava-se muito com sua mãe.

Ernani Becker dirige-se à grande porteira que, isolava sua casa do resto da fazenda.

Emparelhou-se ao seu lado, outro cavaleiro – muito jovem, talvez quinze ou dezesseis anos – apesar da idade de menino, tem físico de homem – um leve atrevimento ou ousadia, lê-se em seu semblante.

– Nestor, já de volta. A aula terminou mais cedo?

– Ora pai – no recreio, vim embora.

– Nestor, você está errado. O estudo é muito importante para a vida, precisa-se de disciplina e método, para conseguir êxito. São duas coisas indispensáveis na vida adulta.

– Oh! É uma canseira – ler, escrever – ler, escrever – isso é chato...

– Um dia, você será o dono dessas terras... você e sua irmã – embora sua pouca idade, ela afirma que quer ser professora, então

cabará a você a administração. Vai precisar de método e disciplina. Pense no seu bisavô que encontrou todo esse território como uma selva. O esforço que ele teve de fazer para transformá-la nessa beleza que é hoje... teve de vencer espinhos, cobras, escorpiões... clima adverso... diferente de sua Alemanha.

– Aposto que ele não ia topar ler e escrever, ler e escrever... ia nada!

– Você fala desse modo, filho, porque já encontrou tudo pronto... vamos ser objetivos: não quero ouvir, nunca mais, que saiu antes do fim da aula. Entendeu, Nestor? – perguntou o pai, em tom grave.

– Sim, senhor – respondeu o rapaz, mudando de tom, perguntou:

– Posso dar uma volta por aí?...

– Pode, mas não se atrase para o almoço.

O rapaz afastou-se galopando com elegância.

Ernani Becker observou-o, sorriu e balançou a cabeça:

– Não passa de um menino!

Entrou, entregou as rédeas do cavalo a um rapazinho, que acariciou o animal com afeto.

Algum tempo depois, refrescado e tranquilo, sentou-se junto à esposa, que tricotava.

Clara colocou seu trabalho cuidadosamente na caixa, e voltou-se para o marido

– Ernani, meu bem, eu preciso muito falar com você.

– A rainha ordena...

– Meu querido, não brinque... o assunto é sério, muito sério...

Observando a seriedade da esposa, pediu-lhe.

– Fala, Clara, que está acontecendo?

– São tantas reclamações que eu recebo do Nestor... já tentei falar com ele, mas, ele não me ouve...

– Quem faz essas reclamações?

– Ora, meu bem, as minhas conhecidas, as minhas amigas...

– E você vai dar trela, para quem fala demais...?

– Ernani Becker! – exclamou Clara.

– O almoço sai, ou não sai...

Abraçando a esposa, explicou:

– Nestor saiu galopando, em pouco tempo está de volta...

Clara ergueu-se, segurando a mão do marido, seguiram para a sala.

Guida lançou-se ao pescoço do pai – era uma garota de doze anos, alegre e divertida.

Sentaram-se à mesa.

– Papai, no fim do mês será a festa da Escola – vai ser linda! Eu participo do coral, de uma comédia...

– Como é essa comédia? Perguntou o pai sorrindo.

– Veja como é: uma mãe, vai à escola, reclamar das notas do filho – a mãe sou eu... ela fala com a professora – enquanto isso os meninos pregam nela, um rabo bem comprido... quando ela vira as costas para ir embora, o pessoal dispara na gargalhada...

– Termina a festa? Perguntou Ernani Becker.

– Não. Tem o minueto, que eu também participo, depois é a parte mais linda... aparece no palco um barco todo enfeitado. Aíla, que tem uma voz de anjo, está dentro do barco, com aquelas luzes coloridas, cantando a Ave Maria de Gounod, e o barco vai se afastando. É a despedida da Aíla, porque ela vai ser freira.

– Oh! Minha querida, você descreveu, tudo tão bem, que eu nem preciso ir à festa.

– Papai! – exclamou a menina.

Ernani Becker levantou-se, afagou os cabelos da filha:

– Não se preocupe, estaremos todos na sua festa.

Sempre após o almoço, ele costumava ficar no canto do muro, sombreado por um caramanchão de primaveras.

Sentia-se, um tanto intrigado, porque Nestor ainda não voltara...

Enquanto passava o olhar pelos seus ricos domínios, observou um grupo de peões discutindo acaloradamente. Ficou a observá-los.

A discussão era intensa – gesticulavam, esmurravam o ar...

– Chico Bento! – gritou o fazendeiro.

Um homem bem aprumado, ainda nos seus setenta anos, destacava-se do grupo, tirando o chapéu, veio em sua direção.

– Por que essa confusão?

– Nada, patrão, a peãozada está só conversando.

– Chico Bento, se não está satisfeito, no seu trabalho, fale de uma vez.

– Patrão! Exclamou o empregado aterrorizado.

– Faça uma pergunta direta, você me vem com asneiras...

Chico Bento, coçou a cabeça, olhou para os peões, que se separavam em silêncio, rodou o chapéu nas mãos.

– Estou esperando, Chico, que está acontecendo?

– Patrão, a turma está meio zangada porque tem gente que não sabe beber...

– Você sabe, que eu não tolero encrenca de bebida. Lembra de João Peba? Demiti-o, assim que soube... quem é o cara?

Chico Bento fora o braço direito de seu pai, e ele, Ernani Becker, tinha total confiança, e muita consideração por ele.

Chico Bento angustiado, pensava:

– “Se eu tivesse onde me esconder”... – pensou Chico Bento.

– Desembucha, homem. Quem está fazendo arruaças?

A voz do capataz, saiu quase inaudível:

– Patrãozinho!...

O fazendeiro ouviu a palavra, como se tivesse recebido um soco no queixo.

– Pegue seu cavalo. Quando encontrar Nestor, diga-lhe que quero falar com ele...

– Sim, senhor.

Ernani Becker abandonou seu local preferido e foi encostar-se na porteira. Recordou as palavras da esposa, que nem levara em consideração.

– Ele não retornou, para o almoço, por quê ? Pensou.

Entrou no galpão, na grande escrivania, fez cálculos, contou o dinheiro, e ouviu o galopar de um cavalo. Franziu a testa e foi até a porteira.

– Chico – exclamou ao ver o capataz.

– Patrão, não vi o patrãozinho. E a quem perguntei, também não o tinha visto...



Nestor galopava e brandia o rebenque no ar, como um troféu.

Deixou em paz as hortas, os chiqueiros dos porcos, os imensos galinheiros aqui e acolá – nesse fim de manhã, eles não despertavam sua atenção.

Numa viela ao lado da estrada, pediu pinga. Entornou quatro doses. Pagou.

Retomou o galope.

– João do Rosário – exclamou Nestor – cabra metido a besta – me negou bebida. Agora, João, vai experimentar do meu braço. Vou lapear esse infeliz, com o meu rebenque até deixá-lo moído... covarde! Hoje é o seu dia!



No boteco de João do Rosário, bem na curva da ribanceira que terminava no rio, dois homens bebericavam, e o tira-gosto era peixe assado.

Um deles apurou o ouvido e avisou:

– Êta, João do Rosário – esses gritos são do filho do fazendeiro... ele vem no galope

O outro anuiu:

– É mesmo, é Nestor Becker.

– Vocês dois não precisam pagar, vou fechar porque não quero encrenca com esse menino – falou João do Rosário, nervosamente.

Os homens carregaram a pequena panela de barro, com o resto do peixe, e fugiram.

João do Rosário, levantou a tampa do balcão para ir fechar a porta, mas não teve tempo.

Nestor entrou a cavalo, no pequeno boteco e golpeou João com o chicote.

João do Rosário agachou-se embaixo do balcão, quando se ergueu, tinha nas mãos uma garrucha e atirou.

Nestor caiu. O “Corisco” relinchando disparou no caminho de volta.

João do Rosário, arrastou o rapaz para fora do boteco, fechou a porta e fugiu, pela porta dos fundos, direto para o rio.

Os dois amigos, meio escondidos, por uma moita alta, cochichavam:

– Foi um tiro...

– Quem terá dado o tiro?

Saíram agachados e viram Nestor caído ao chão.

– É melhor a gente avisar o pai dele...

– Não precisa, o cavalo vai avisar.

– Então, vamos colocar a tabuleta no começo da vereda. Alguém pode ver e até encontrar o coitado...



Arrancaram a estaca com o nome do boteco e a fincaram no início da vereda.

Enquanto isso, Ernani Becker disse para o peão:

– Chico, veja pelas redondezas se você encontra o Nestor, diga-lhe que quero lhe falar.







CAPÍTULO | 2

Ernani Becker aguarda o retorno do capataz, aparentando tranquilidade. Seu coração se contorcia no peito, graças às incertezas e angústias.

Sentia-se ansioso e inquieto.

Percebe Chico Bento, cavalgando sozinho.

O capataz apeou-se ao lado da porteira, e balançou a cabeça

– Não vi, nem rastro do patrãozinho, ninguém, por essas bandas, deu notícia dele.

Nesse momento, patrão e empregado, prenderam a respiração, estupefatos, Corisco estacou diante da porteira, resfolegando inquieto e coberto de suor.

Enquanto o peão cavaliço, tomava Corisco pelas rédeas, para alimentá-lo, o fazendeiro recobrou o sangue frio e ordenou:

– Chico, atrele a carroça grande, forre com colchão, traga quatro peões, e mande meia dúzia bater por essas paragens. Preciso encontrar meu filho.

O capataz correu a executar as ordens recebidas.

O fazendeiro retirou o chapéu, e olhou para o céu, numa prece silenciosa, aflito, chamou:

– Pedro Ivo!

– Sim, patrão. Respondeu o rapaz tirando o chapéu.

– Você é o mais veloz, monte e vá buscar o Gurgel, coloque-o a par da situação.

– Sim, patrão – respondeu, saindo.

O fazendeiro, pisoteava nervoso a relva sob seus pés.

Deu um suspiro de alívio, ao ver a carroça aproximar-se, ao mesmo tempo, seis cavaleiros desfilaram diante da porteira, dispersando-se em seguida, em diferentes direções

Mal a carroça encostou, saltou para dentro, e assumiu o controle. O sol nem começava a descambar, ainda havia bastante claridade. Becker tinha a respiração suspensa, os nervos à flor da pele, conduzindo a carroça.

Em certo ponto da estrada, Chico Bento disse, de um só fôlego:

– Patrão, essa tabuleta, não estava aí, quando passei.

– Tem certeza, Chico?

– Tão certo como esses dois olhos na minha cara.

Ernani Becker fez a carroça girar e entraram na vereda, marcada com a tabuleta, “João do Rosário”.

Após fazerem a curva, ladeando a ribanceira a poucos metros do rio, viram o rapaz caído, na porta do boteco. O coração do fazendeiro sofreu um abalo terrível. Parou a carroça, e correram para junto de Nestor.

Moisés que chegara primeiro, gritou:

– Ainda está vivo patrão!

Ernani Becker correu e ajoelhou-se, junto ao filho, para verificar ele mesmo. Com imenso cuidado, os seis homens transportaram o rapaz entre a vida e a morte. O regresso foi terrível. A qualquer momento, podia ser tarde demais.

Os peões compadeciam-se do sofrimento do patrão, porque ele era acima de tudo, um homem muito bom.

Todos os peões estavam apinhados, junto à porteira. Viram

João Amâncio, aproximar-se num galope rápido, ao entrar na porteira falou ao Dr. Gurgel, que aguardava na soleira da porta:

– O patrãozinho está entre a vida e a morte, Dr. Gurgel. Eles estão chegando, vim na frente para avisar.

Dr. Gurgel voltou-se para Justina.

– Cuide da água, Justina.

– Sim, senhor, respondeu a velha cozinheira, com os olhos rasos de lágrimas.

Clara abraçou a filha e disse num fio de voz:

– Vamos rezar, minha filha.

– A gente também quer rezar, dona Clara, disseram as auxiliares da casa.

Clara tentou enxugar os olhos, mas as lágrimas vinham em torrente.

– Venham para o meu quarto.

Nesse momento, Nestor era transportado numa padiola que, Chico Bento improvisara.

Assim que Nestor foi colocado no leito, e ficou aos cuidados do Dr. Gurgel e sua enfermeira, tendo Justina como auxiliar, Ernani Becker ao ouvir o murmúrio das orações, foi ao encontro da esposa. Abraçou fortemente mãe filha que misturava lágrimas e orações. Persignou-se diante do oratório, iluminado pelas velas, e retirou-se. Ao sair da sala, viu Chico Bento, encostado na porteira

– Chico, vem cá, por favor.

– O peão atendeu ao chamado;

– Chico Bento, perguntou Ernani Becker em tom grave:

– Quando Nestor, começou com essas bebedeiras? Com quem ele se acompanhava?

– Bem no comecinho, com os filhos do Toim Façanha, patrão. Os filhos do Toim não bebem, eles jogam dado, dominó, lá uma vez, um carteadado, mas álcool, nem uma gota...

– Vá chamar Toim Façanha, estou no galpão.

– O capataz saiu, prevendo o desfecho, o rosto denotando apreensão.

Os peões continuavam junto à porteira, esperando notícias do filho do patrão. As conversas eram desencontradas, o nome João do Rosário, aparecia vez por outra.

Chico Bento avistou Toim Façanha e chamou-o:

– Toim, o patrão quer falar...

Os dois homens entraram e dirigiram-se para o galpão.

– Chico, obrigado. Pode ir.

Chico Bento recolocou o chapéu e saiu

– Mestre Toim, desde quando, você tem conhecimento, que meu filho andava metido com bebedeiras?

– Ora, todo mundo sabe...

– Será, mestre Toim? Eu, o pai do Nestor, não sabia, porque estava preocupado em ganhar dinheiro, para os meus peões terem pagamento, no fim de cada mês. Minha preocupação era que, os empregados da fazenda, tivessem professora para ensinar os filhos deles; queria que tivessem médico para se consultarem; dentista para que as crianças e adultos, não perdessem os dentes,

queria que todos tivessem uma casa para morar, sem pagar aluguel. Eu estava preocupado com os outros... Meu filho, está aí, com uma bala encravada no peito, só um milagre o salvará. E o senhor não teve a hombridade moral de me contar a verdade... Dizer que, meu filho estava correndo perigo de vida, o risco de perder a dignidade, o caráter, todas as mazelas, que acompanham esse vício tenebroso...

– Cada pai, cria o filho como quer, patrão, respondeu Toim.

– Seguindo seu pensamento, nas minhas terras, mora quem eu quero...

Abriu a gaveta, fez alguns cálculos e entregou o dinheiro ao empregado.

– Conte, veja se está certo o pagamento seu e de seus filhos. E antes do sol nascer, quero a casa fechada, você e sua gente longe de minhas terras.

Toim Façanha estava vermelho como se estivesse atijando uma fogueira. Não disse uma palavra. Colocou o dinheiro no bolso, recolocou o chapéu e saiu...

– Chico Bento! Chamou Ernani Becker

– Sim, patrão?

– Toim Façanha, vai deixar as terras da fazenda, ainda esta noite...

Feche tudo, vou tentar falar com o Gurgel...

O capataz obedeceu prontamente, Ernani Becker foi para casa. A porta do quarto de Nestor continuava fechada. O pai preocupado e ansioso, sentou-se à mesa de bordados da esposa, e apoiou a testa nas mãos. Justina aproximou-se devagar e colocou uma caneca de caldo fumegante a sua frente.

Ernani Becker olhou para a velha cozinheira e falou:

– Obrigado, Justina.

– Patrão, tenha fé, Deus é grande!



Façanha entrou abruptamente em casa.

– Tomei um susto, que aconteceu Toim? Disse a esposa assustada.

– Arruma as trouxas bem ligeiro, e vamos embora.

– Mas por que, homem de Deus?

– Ordem do dono das terras... respondeu o peão, mal conseguindo falar de tanto ódio. mandou que a gente vá embora das terras dele... já pagou tudo, o meu e os dos meninos.

– Meu Deus! Para onde a gente vai? Que vai ser de nós, nesta escuridão? Exclamou a esposa.

– Mulher, não quero conversa, nem... ai! Ai! Ai! O aviso que me deu foi antes do sol nascer, a casa fechada e a gente longe daqui..

– Cazuzá, Luiz, venham cá depressa...

Os rapazes entraram de olhos assombrados; haviam ouvido a conversa do pai.

– Ajudem a mãe de vocês a arrumarem as trouxas, depressa, depressa e vamos embora... Eu tenho uns primos no Paraguai, é para lá que a gente vai. Ah! Como odeio esse Ernani Becker, minha vontade é de pular no pescoço e enganar...

Deu um murro na mesa – continuou – odeio esse homem. Que seja amaldiçoado até a quinta geração. Becker para a gente

Façonha – é um nome maldito! Nunca mais quero ouvir esse nome amaldiçoado!

– Tudo pronto? Perguntou.

– Falta encher os lampiões – disse a mãe. Nesse momento, entraram Cazusa e Luiz segurando seus lampiões, e entregaram para o pai e para a mãe, em seguida pegaram suas trouxas e seguiram caminho. Pouco depois, Toim Façonha retirou as ripas de uma cancela, saindo do outro lado. Toim Façonha, ergueu a mão e o pequeno grupo parou.

– Vamos nos agachar por aqui e descansar um pouco

– Eu pareço cansada, porque não sei para onde estou indo... e porque deixei minha casa, minha linda casinha. Soluçou a esposa em prantos.

– Nós paramos aqui porque esta cancela é a divisão das terras do patife Ernani Becker

– Ele nos expulsou, porque eu não fui contar para ele que o filho estava bebendo. Ainda mais essa! O filho bebe, leva um tiro e eu sou culpado...

O pai ordenou:

– Cazusa e Luís procurem por dois pedaços de galhos secos. Assim que os rapazes trouxeram a madeira seca, e a apresentaram ao pai, ele tirou do chapéu um pedaço de corda, amarrou firme em formato de cruz, fincou no chão onde estava e disse:

– Juro por esse céu acima de minha cabeça – juro por minha mulher, que odeio de morte a Ernani Becker e sua geração. Repitam comigo: “Becker é um nome amaldiçoado!”

Os rapazes obedeceram ao pai, repetindo várias vezes as palavras de ódio.

– Agora, a gente pode ir. Pôs o chapéu, levantaram-se seguindo viagem à luz dos lampiões. Caminharam em silêncio, e Cazuza foi o primeiro a anunciar:

– Uma pousada!

– Caminharam mais um pouco, e viram uma casa, rodeada de alpendres.

Toim Façanha, subiu os poucos degraus e falou:

– Boa noite!

Uma mulher de corpo avantajado, sorriu para ele, e disse

– Entre.

Toim explicou que, queria mudar-se para o Paraguai

– Eu tenho uns parentes lá, e quero tentar a vida, com a minha mulher e meus dois filhos, mas, não sei como chegar... não conheço nada por aqui – explicou.

A mulher ouviu o relato com atenção, afastou-se um pouco e conversou baixinho com o marido. No mesmo instante, ele se aproximou de Toim que confirmou sua história:

– Você quer mesmo ir para o Paraguai? Você sabe que essas coisas são caras. Toim respondeu tranquilamente:

– Nós damos um jeito.

O estalajadeiro replicou: tenho um freguês que sempre atravessa a fronteira, só tem um problema, ele trabalha caro.

– Faz ele muito bem, respondeu Toim, eu pago com gosto e, se o senhor puder nos acomodar por esse resto de noite, fico muito agradecido.

O estalajadeiro estendeu-lhe a mão, com simpatia:

– Meu nome é Quincas Gonçalves e minha mulher Glorinha, pode chamar sua família.

Toim chamou:

– Alzira, Cazuza e Luiz, venham cá.

– Vamos acomodar vocês no alpendre. Eu tenho ainda no fogão uma panela de sopa. Vou servir para vocês. Podem se acomodar no alpendre, no canto, junto da janela, tem um rolo de esteiras – explicou Glorinha.

Quincas Gonçalves, foi até à borda do alpendre, e pondo as mãos em concha, gritou:

– Zé Raimundo...

O grito foi respondido por três assobios. Em seguida, surgiu um homem alto e muito forte.

– Zé Raimundo, meu amigo quer atravessar a fronteira.

– Antes de raiar o dia, serve? Respondeu o recém-chegado.

– Estamos acertados, obrigado, seu Quincas.





CAPÍTULO | 3

Sentada à janela, Maria Dolores, penteia sua bela e volumosa cabeleira, cacheada em ondas largas, Pablo entra ansioso.

– M^a Dolores lembra daquele jornal que mandei você guardar?

– Jornal velho! Joguei na lixeira.

– Você é mesmo muito irresponsável! Ainda bem que tenho boa cabeça e muita iniciativa... Andei pesquisando e descobri que, aquela firma Becker pertenceu à família que expulsou nosso tataravô das terras dele e, nosso antepassado fincou uma cruz no chão, jurando pelo céu que, amaldiçoava os Becker até a última geração. – Pablo falou tudo isso em tom solene.

– Ah! Não aguento mais ouvir essa lenda velha... respondeu a esposa

– Você não aguante mais? Perguntou Pablo, em tom irônico. Pois escute uma história nova... a tal firma, é poderosíssima, muitas filiais espalhadas em quase todo território.

– Não entendo, por que essa conversa, sem pé, nem cabeça! M^a Dolores joga a vasta cabeleira para um lado.

– Já vai entender, mocinha, vou armar um plano, um pouco demorado, mas, que vai dar certo. Com uma cajadada, matamos dois coelhos; vingamos a expulsão injusta, do nosso tataravô e ficamos ricos, arquimilionários.

– Você é louco? M^a Dolores perguntou em tom grave.

– Se você não topar, deixo você com tia Mercedes, e vou arranjar outra mulher mais corajosa. Não é seu sonho ser rica, desfrutar da vida, sem precisar trabalhar? A hora é essa, pegar ou largar!

– Pablo, não temos dinheiro, nem para pagar o aluguel da casa, como é que vou entrar na sua loucura de ficar arquimilionária?!

– Já comecei a tomar minhas providências... explicou em tom misterioso.

– Do que você está falando?

– Não estou pagando energia, daqui a pouco, nossa luz vai ser cortada... explicou Pablo, sorrindo.

– O que? E você fala isso rindo, achando engraçado...

– Claro. Você vai ver como as coisas vão dar certo...

– Essa loucura vai ser o seu fim... exclamou a esposa desinteressada.

– Calma, oncinha, vamos arranjar dinheiro com a casa da tia Mercedes.

– Está louco mesmo, nunca tia Mercedes, venderá a casa, nem por todo dinheiro do mundo.

Pablo soltou uma gargalhada e no mesmo instante, o ventilador junto do sofá parou...

– Eu não disse? Estamos sem energia. Para completar nossa falta de sorte, estou desempregado e não paguei os últimos alugueis...

– Não sei como permito que um louco desse tipo, ande pelas ruas...

– Cabeça e inteligência, não é para todo mundo. Meu plano já está em andamento, exclamou cheio de si.

– Ficar no escuro? Eu detesto a escuridão...

– Eu também detesto, ... Essa é a primeira marcação. Se você cooperar, darei outras dicas...

– Não gosto de mistérios, gosto de tudo às claras...

– Às vezes a gente precisa beber o fel, para depois saborear o mel. Está escurecendo, vamos à casa da tia Mercedes – convidou Pablo, ele conclui: – Tia Mercedes é um doce.

– Que vamos fazer lá?

– Você é capaz de fritar um ovo neste escuro?

– Ramiro deve estar chegando para jantar, ele não me suporta...

– Nem a mim... mas, ele não pode mudar as coisas – você é filha de um irmão. Eu sou filho de uma, irmã, Ramiro, pode até se enforcar, não vai mudar nada... Vamos.



– Verdade, Dolores, vou estudar esse plano, nos mínimos detalhes, depois eu te conto.

– Menino, sonhar pendurado nas nuvens, pode te levar ao hospital, com plano ou sem plano.

– Agora, estamos muito chateados, com o corte da energia... Ao chegarem à casa da tia, Pablo chamou:

– Tia Mercedes!

Dona Mercedes, era muito ativa nos seus sessenta anos, dona de um grande coração e muito boa fé. Estava a organizar a mesa, após o jantar; ao ouvir o chamado do sobrinho, disse para o filho, sentado diante da televisão, tomando uma limonada:

– Pode deixar Ramiro, eu vou abrir a porta.

– Maria Dolores, Pablo, entrem. Exclamou cheia de alegria.

– Olá Ramiro, como vai essa força? Pablo cumprimentou o primo, em tom muito amigável.

– Tudo ok, Pablo, já consegui trabalho?

Pablo deu um profundo suspiro.

– Maria Dolores, você está tão apagada hoje, sem maquiagem, os cabelos em desalinho, preso nesse coque – comentou a tia em tom de piedade.

– Quem tem gosto de se arrumar com o marido desempregado...

– exclamou a sobrinha, em tom ressentido.

– É a crise, minha filha, consolou-a a tia cheia de boa vontade.

– A senhora falou certo, Tia Mercedes, é o que tenho dito para ela... essa crise, mata qualquer esperança. Mais dia, menos dia eu consigo um trabalho, a senhora vai ver, e volto aqui, com os bolsos cheios, e levo a senhora e o Ramiro para jantarmos no melhor restaurante da Cidade.

– Que os anjos digam amém, as tuas palavras, meu filho, quanto ao jantar, eu prefiro ficar quieta no meu canto, e degustar a minha comidinha caseira.

– Não foi isso que quis dizer, a senhora cozinha muito bem – atalhou Pablo.

– Como tem passado, Ramiro? Inquiriu M^a Dolores.

– Bem, trabalhando, estudando, não posso me queixar de tédio.

– Tia, nós viemos pedir um lampião emprestado – pediu Pablo.

– Cortaram a energia, acredita, Tia Mercedes? Exclamou M^a Dolores – em tom de sentida raiva.

– Filha, com paciência tudo se resolve, sentem, eu vou fazer o café – M^a Dolores, minha filha, pegue uma caixa de biscoitos, dentro do armário.

Dona Mercedes foi para a cozinha.

– Que você me diz dessa crise, Ramiro? Perguntou Pablo.

– Não acredito em crise, Pablo.

– Ah! Porque você ainda não perdeu seu emprego – replicou Pablo.

– Eu podia perder meu emprego, amanhã, volto a afirmar: não acredito em crise. O mundo com essa tecnologia desenfreada, atropelando valores e princípios é o que está complicando a vida na sociedade, porque, muitos operários perdem o emprego e não tem qualificação adequada.

– Está ouvindo teu primo falar, M^a Dolores?

– Só penso na escuridão lá de casa – lamentou a moça.

– Ramiro, me desculpe, mas ouvir você criticar a tecnologia avançada, é demais... você não gosta do progresso?

– Claro Pablo, mas um progresso que dignifique o ser humano. Veja os moradores de rua. Por que estão na rua? Porque não podem pagar o aluguel. Em que essa abençoada tecnologia serviu para eles? Para eles falta trabalho.

– Tem muitos outros motivos: o vício do álcool, da droga, do crack...

– O mundo está dividido em duas facções poderosas: os traficantes e os muito ricos e políticos. – para esses, nenhum sofrimento. Os traficantes de drogas oprimem a classe trabalhadora, a classe que realmente produz, é oprimida debaixo para cima. Essa classe que conquista divisas, educa, cura doenças,

fabrica remédios e vacinas, pesquisa melhorias para a humanidade, está oprimida e sufocada pela cúpula administrativa na parte de cima e pelos traficantes na parte inferior, sufocando-a. Esse é o meu modo de entender essa tal “crise”.

– É! Velho, essas suas teorias não são muito boas... comentou Pablo.

Dona Mercedes trouxe o café e sentaram-se à mesa.

– Quando lembro de voltar para aquela escuridão, dá-me arrepios, lastimou-se M^a Dolores.

Dona Mercedes olhou para o filho e para Pablo e falou:

– Meus sobrinhos, durmam aqui, enquanto resolvem o problema da energia.

– Nada disso, tia Mercedes, não queremos incomodar – exclamou Pablo.

– Tia Mercedes, o lampião afasta o escuro – concluiu M^a Dolores

A boa senhora depositou a garrafa de café sobre a mesa e parou um instante, pensativa:

– Venham comigo, disse segurando o braço dos sobrinhos.

Entraram num quarto de casal.

– M^a Dolores, você encontra lençóis e cobertas, na primeira gaveta.

– Boa noite meninos, bons sonhos.

Os dois beijaram a tia com grandes agradecimentos. Quando a porta se fechou às suas costas, Pablo escreveu uma mensagem e mostrou a Maria Dolores. A esposa concordou. A seguir apagou a mensagem e escreveu outra.

– Não, isso não! Exclamou a esposa – não, isso não, não vai dar certo...

– Se você treinar, mas, treinar mesmo vai conseguir, porque sua letra é parecida com a da tia. Treine, que você consegue...

– Vamos dormir, estou morrendo de sono – lamuriou-se mais uma vez a esposa.



Há quase um mês, Mercedes acolhera Pablo e Maria Dolores, em sua casa, pois estavam com sérias dificuldades de vida. Ramiro constantemente dizia-lhe:

– Cuidado, mãe.

Dias depois Pablo abraçou carinhosamente a tia, dizendo:

– Oh! Tia, não queríamos dar tanto trabalho – afirma Pablo, constantemente.

Mas parecia não moverem uma palha, para solucionar a situação. Ramiro sempre que podia, falava-lhe:

– Mãe, fica de olho neles. Esses dois não são flor que se cheire...

– OH! Meu filho, não fale assim dos primos, ralhou a mãe suavemente.



– M^a Dolores, eu faço umas peças para a lojinha de uma amiga. Você não quer tentar ir comigo, quem sabe algum trabalho pode interessá-la...

– Tia Mercedes, eu ia lhe contar quando voltasse, para não estragar a surpresa. Pablo conseguiu um emprego, e chamou-me

para almoçar com ele. M^a Dolores bem penteada e maquiada, abraçou e beijou a tia com um: beijo.

– Que tudo dê certo, com a graça de Deus.



– Pablo disse para ficar na esquina da quinta rua, além da casa da tia.

Andou apressada, quando ouviu a buzina da moto. Era Pablo, que encostou no meio fio, deu-lhe um capacete, ela montou na garupa e partiram.

Duas quadras adiante ele parou num bar. Levou-a para um reservado, nos fundos do prédio. Sentaram-se à mesa, ele pediu cerveja e churrasco.

– Qual era a novidade tão importante, que tinha para dizer? Perguntou em tom quase agressivo.

– Em três dias, vamos atravessar a fronteira.

– Você já tem o dinheiro?

– Veja: documentos novos, cartões de crédito, passaportes, que só devem ser usados em caso estritamente necessário.

– Como arranjou o dinheiro?

– Com inteligência, minha cara. Lembra que devolvi a escritura da tia?

– Eu guardei no mesmo lugar – replicou M^a Dolores.

– Era só uma cópia, explicou Pablo. Hipotequei a casa no câmbio negro através de um amigo, que cuidou de todos os documentos.

Nesse momento, o garçom trouxe os pedidos, ao retirar-se Pablo falou:

– Depois eu conto o resto, agora eu estou morto de fome.

Almoçaram em silêncio, quando o garçom retirou os pratos, e apresentou a conta, Pablo sorriu:

– Agora vamos ao que é realmente importante.

– Vamos para uma das cidades que cercam Brasília.

– Que é que eu vou fazer? Perguntou Maria Dolores angustiada. Se você estiver pensando em me abandonar num lugar estranho, pense duas vezes, porque eu não estou para brincadeiras.

Pablo fingiu não ouvir a provocação, e continuou:

– Você vai se educar, é a primeira regra. Observe as artistas de televisão, e imite as mais refinadas. Precisa aprender inglês, francês e um pouco de italiano. Tudo de computação e fazer curso de secretariado. Esse é o passaporte para entrar na Becker. Depois de entrar, sua missão é conquistar amizades e seduzir o herdeiro, que ainda é solteiro. Estou colocando na sua mão, a chave da riqueza. Não esqueça que é minha mulher, e que formamos uma dupla imbatível.

– Tia Mercedes, como fica?

– Tia Mercedes é passado... foi...



-OH! Meu filho, ainda bem que chegou, estou tão aflita. Maria Dolores disse que ia almoçar com Pablo, não voltou, não deu notícia. Onde eles estarão?

– Mãe, não são duas crianças, a senhora os sustenta há quase um mês. Está na hora deles encontrarem o caminho deles.

– Eu sei, meu filho, está raciocinando certo, mas eu fico preocupada assim mesmo.



Dias mais tarde, Mercedes assistindo ao noticiário na televisão, ouviu uma notícia que a deixou gelada.

– Meu Deus! Exclamou “a identidade da M^a Dolores, dentro do rio? Meu Deus, (começou a chorar) tenho que chamar o Ramiro, para irmos à delegacia.



– Mãe, disse Ramiro, tenho notícias muito ruins. Segundo o delegado, eles foram confundidos com um casal de traficantes rivais... foram atacados por um grupo, Pablo tentando se defender e defender M^a Dolores, foi nocauteado e levado pelo grupo. M^a Dolores, conseguiu fugir... o bar onde eles estavam era perto do rio. Perto do bar, tinha uma ponte e os documentos foram encontrados debaixo da ponte. O delegado disse-me que se ela na fuga se jogou na água e não pôde nadar, provavelmente, o corpo foi levado pela correnteza. Quase impossível de ser encontrado.

– E Pablo, meu filho?

– O delegado está mantendo a investigação... vamos aguardar...

– Vou à Igreja, meu filho, pedir que a minha sobrinha, tenha conseguido salvar-se e voltar para casa, vou pedir que a Polícia, salve o Pablo, das mãos desses bandidos. Tchau, meu filho.

Apanhou o terço e foi à Igreja.



Um ano mais tarde, Mercedes ainda triste com a tragédia dos sobrinhos, na hora que a luz começava a brilhar para eles, tinham

sido colhidos pelo destino. Estava sentada, costurando, quando bateram à porta.

– Boa tarde, o que deseja?

– Procuo a senhora Mercedes Perez.

– Sou eu.

– Estou cobrando a primeira parcela da hipoteca.

– Do que o senhor está falando?

– A senhora hipotecou sua casa, recebeu o valor justo, hoje é o vencimento da parcela.

– Meu senhor, há um engano, não hipotequei minha casa, jamais faria isso.

– Seu Pablo Vasquez, nos procurou muito aflito, a senhora estava no hospital, precisava fazer uma cirurgia, e o tratamento era caríssimo.

– Essa história é impossível. Não pode ser verdade.

– Está aqui a primeira parcela, assinada pela senhora.

– Moço, o senhor quer dizer que fiquei louca, e não sabia...

– Isso, só a senhora pode dizer...

– Nunca estive em hospital, nunca hipotequei a minha casa.

O cobrador, impassível, apresentou-lhe a nota promissória.

– Essa é a primeira parcela, se as duas parcelas não forem pagas dentro de noventa dias, terá que devolver o imóvel à nossa financeira.

– Por favor, o senhor sente-se aqui, vou ligar para o meu filho.

Mercedes ligou para Ramiro, que veio imediatamente.

Ramiro entrou, cumprimentou o cobrador.

– Que está acontecendo, mamãe?

– Este senhor está cobrando a hipoteca que fiz da nossa casa. Pablo recebeu o dinheiro.

– O senhor se recusa a ir comigo à Delegacia?

– De jeito nenhum, podemos ir.

– Mamãe, a senhora tem a escritura da casa?

– Vou buscar, Ramiro.

– Logo em seguida ela voltou com um pequeno baú de madeira. Abriu-o com as mãos trêmulas e logo, entregou ao filho, a escritura pública, com um sorriso quase feliz.

Ramiro e o cobrador, examinaram atentamente.

Ramiro num fio de voz, exclamou:

– É apenas uma cópia e sem autenticação. Vamos à Delegacia, minha mãe, o senhor nos acompanha?

– Sem dúvida.



Na Delegacia, Mercedes teve de assinar e o delegado confirmou as assinaturas. Eram idênticas. Mercedes baixou a cabeça e lágrimas correram por seu rosto.

– Ramiro abraçou-a fortemente.

– Mãe, ainda nos resta esperança...





Parte 2

CAPÍTULO | 1

Edson dirige na Avenida do Contorno, semblante alegre, acompanhando com a cabeça, a música quase em surdina

De repente, observa com atenção pelo retrovisor, a aproximação de uma moto em alta velocidade. Diminuiu a marcha, puxou o carro para o acostamento, a tempo de afastar-se da moto, que derrapa, poucos metros adiante dele.

O motociclista tenta pular da moto, mas tomba para o lado contrário, safando-se do veículo tombado. Edson, sem perda de tempo, liga para a Polícia Rodoviária. Desce o carro e encaminha-se na direção do acidentado e fala para si mesmo: regra número um – chamar a Polícia Rodoviária; regra número dois – não tocar na vítima, deixar tudo para os paramédicos; regra número três: sou simplesmente testemunha ocular não posso dar maiores informações; regra número quatro: seguir viagem

Edson retorna ao veículo, liga o motor, olha mais uma vez para o motoqueiro caído e pensa em voz alta: na minha opinião, se não for hemorragia interna, esse acidente não tem gravidade



Meia hora mais tarde, estaciona na empresa Becker. Dirige-se à espaçosa sala da Presidência. Entra e ocupa a cadeira, atrás da escrivaninha, com a placa: Vice-Presidente

Limpou as gavetas, conferiu, levantou os olhos para a parede fronteira, onde estavam alinhados os seus antepassados, homens de rosto severo e olhar firme. Fixou os olhos no quadro bem a sua frente

– Ah! Senhor Ernani Becker, você é o meu preferido, apesar dessa sombra triste no fundo do seu olhar. Mas, eu acho que a gente ia se dar muito bem

Ergueu-se, apanhou as chaves do carro pôs o celular no bolso quando bateram à porta.

– Entre...

Maciel o administrador, surgiu no vão da porta – estatura mediana, cabelos raros e claros, olhar penetrante, um conjunto que, inspirava total confiança

– Ainda aqui, Maciel! Pelo adiantado da hora, julguei que você estava deitado na rede, sentindo a brisa do mar...

O outro respondeu

– Ossos do ofício, rapaz

– Que aconteceu desta vez? Indagou Edson, com curiosidade

– Ontem à tarde dei folga para os caminhoneiros, por causa do feriadão. Só tinha um, escalado para fazer viagem hoje... O cara está abrindo a porta do carro, quando atende o celular, chamada do Hospital – sua irmã estava dando entrada na UTI. O rapaz ficou doido... me ajuda, Edson, que é que eu resolvo?

– Maciel, se eu não estivesse aqui, você já teria resolvido..

– Claro, meu amigo, mas quem vai ouvir a cantilena da dona Flávia, sou eu... ela está contando as horas para esse feriadão. A essa altura, ela e a Karla estão com as valises, no meio da sala, me esperando

– O grego disse: “Eureka”! E eu repito, já temos a solução. O caminhão segue viagem. Você substitui o irmão no Hospital – ah! agora eu recordo, vi esse acidente, fui eu quem acionou a Rodoviária. Agora, vem o melhor, você acaba de me contratar como seu motorista particular.

– Você deve fazer curso de barman, porque de um limão, faz uma limonada sem açúcar, o que equivale a uma caipirinha sem cachaça

– Meu amigão, nosso “brother” protetor, sempre

miseravelmente explorado – conclui Edson, dando-lhe uma tapinha no ombro.



– Maciel falando sério muito obrigado, por ser esse cara, incondicionalmente disponível – Edson concluiu com ênfase.

– Que nada, seu maroto, “a estátua de gelo”, um dia derrete.
– Maciel levantou-se e devolveu-lhe o tapinha nas costas

– Passo na floricultura e levo o mais bonito buquê de rosas, entrego à Flávia, como seu pedido de desculpas, está compensado...



Ao toque da campainha do portão, uma senhora de meia idade, olhou para a amiga, ao seu lado, e comentou

– Quem será Karla? Ah, seja quem for, não desisto da viagem
Levantou-se e foi abrir o portão.

-Edson! Ah! Já sei, Maciel avisa, que, houve um imprevisto – viagem desfeita! – exclamou

– Bom dia, Flávia. Aconselho-a, nunca jogar na megasena. Não acerta, uma! – deu uma risada

– Que quer dizer?

– Essas rosas são o pedido de desculpas do Maciel, lamenta sua ausência, por conta de um imprevisto – concluiu Edson usando um tom sério

– Eu sabia... exclamou Flávia.

– Calma, querida, ele me contratou, como seu motorista particular – posso levá-las, até para Dubai, se assim o desejarem – sorriu

– Karla, não devemos ser desmancha-prazeres, concorda comigo?

– Certamente Flávia, se temos um motorista, devemos aproveitar

Aos ouvidos do Edson, a frase proferida, pela Karla, não lhe soou bem, mas continuou firme

– Karla essas rosas são suas para perfumarem nossa viagem

– Obrigada, Dr. Edson

Dirigiram-se para o carro, Flávia sentou-se no banco de trás, e acomodou ao seu lado os dois buquês de rosas

Karla sentou-se no banco do passageiro

– Vamos lá – exclamou Edson – a praia nos espera...

Iniciaram a viagem de cento e oitenta quilômetros

– Karla, você já experimentou voar em Asa Delta? – indagou Edson, com um sorriso

– Não, nem em sonhos. Ela respondeu

– Prepare-se, hoje vai ser a sua primeira vez

– Será? Eu acho que será dia de São Nunca, à tarde!

– Verdade seja dita, sobrevoar em Asa Delta é uma loucura! Exclamou Edson

– Dr. Edson, sou muito jovem para morrer. Gosto da vida e da natureza em si, mesma.

– Você é contra o progresso, a inovação, como novas formas de viver...

– Não, não sou contra o progresso, adoro todas as invenções produtivas, que trazem benefício para o povo. Asa Delta, deve ser excelente para um desportista, em minha opinião, é supérflua.

– Ah! Descobri os gostos da “estátua de gelo”. Ela gosta de nadar... Edson falou vitorioso

– Por que “estátua de gelo”? – Karla quis saber.

– Você, minha amiga, parece que é de gelo, fria, distante. No lugar do coração, há uma pedra roliça. Nas suas veias, não corre sangue quente, humano, escorre linfa vegetal. – Edson falou em tom mordaz.

– Quem sabe, eu sou mesmo um vegetal... Exclamou Karla, resignada.

– Ei! Ei! Crianças grandes, vamos terminar a viagem com brigas? Flávia retirou duas rodas do ramallete, e entregou a Edson, uma rosa branca e uma vermelha a Karla

– Karla, beije a sua rosa e ofereça-a ao Edson. Por sua vez, Edson beije a sua rosa e ofereça-a à Karla. Após esse ritual, Edson, estendeu sobre o banco e segurou a mão de Flávia que segurou a mão da Karla, juntaram-se num único aperto de mão, e começaram a rir.

O carro corria veloz, cajueiros e coqueiros, sucediam-se ao lado da estrada. Pessoas a pé enfrentavam o sol causticante, apesar do vento, soprando continuamente.

Embora tivessem de vencer uns quatrocentos metros, já dava para ver o mar, brilhando e cintilando sob o sol forte.

Após uma curva, avistaram várias casas de alpendre, sobranceiras e silenciosas, à espera de encherem-se de risos e alegria.

Edson estacionou, ajudou-as a descerem e também com as valises.

– Espero que seu Geraldo, tenha providenciado tudo que pedi.

– Flávia, falou Edson – tenho uma sugestão: vamos almoçar numa dessas barracas, à tardinha, você vai para sua bendita cozinha, de acordo comigo, Karla?

– Sim, Flávia a viagem apesar de pouco demorada, nos põe fora do ritmo.



À noite, sentados nas redes da varanda, conversavam e olhavam as estrelas brilhantes, engastadas no manto escuro do firmamento.

– Na cidade, vivemos tão saturados de luz, que até esquecemos a beleza de um céu estrelado.

– A felicidade é tão simples, nós é que complicamos a vida – comentou Flávia, com voz cheia de nostalgia

– Ah! desculpe Flávia, mas, a felicidade não é tão simples. Eu tenho como exemplo os meus pais...

– Você falou com tanta tristeza, Karla! Exclamou Edson

– Meus pais, eram primos legítimos, ainda não tinham vinte anos, quando faleceram. Moravam próximos, e a amizade infantil transformou-se em amor. Casaram, dizem que era o casal mais feliz, de toda a redondeza.

No dia de meu primeiro aniversário, minha mãe, pediu que fôssemos em romaria ao Juazeiro do Padre Cícero e pretendiam na volta, irem à Canindé, como devoção a São Francisco

– Sua família é muito religiosa, Karla? Quis saber Edson.

– Todos são muito apegados à fé. A viagem de ida, a

permanência em Juazeiro, foi maravilhosa, assim conta Tia Nana...

Quando regressavam, ao fazer uma curva fechada, o “pau de arara” capotou, e meus pais morreram no local. Instantes antes de acontecer o acidente, minha tia, pediu a minha mãe para levar-me para o outro lado do carro. Quando houve o tombo, no barranco, minha tia segurou-me fortemente e agarrou uma estaca com a outra mão. Vieram pessoas, para ajudar, e nos resgataram. Infelizmente, meus pais faleceram no local.

– Sua tia teve uma espécie de premonição e levou-a para o lado contrário, ao que eles estavam – afirmou Flávia.

– Exatamente, é por esse motivo, que eu digo, a felicidade, não é tão simples, pode terminar em tragédia. – Karla concluiu sua história com os olhos lacrimejando

– Karla, sua tia, praticamente, deu-lhe a vida. – Flávia falou muito emocionada

– Por esse motivo, considero minha tia como a minha segunda mãe e tenho por ela, o maior carinho e a maior gratidão

– Karla, sua história é triste, sim, mas ainda hoje acontece. Se, as autoridades públicas, levassem a sério, o cargo que ocupam, seria muito reduzido o número de acidentes dessa natureza. Se fossem contratados muitos funcionários, haveria fiscalização suficiente nos veículos, principalmente os que conduzem muitas pessoas. Se cada departamento, desse imenso País, tivesse muitos fiscais, policiais, agentes administrativos, o País, andaria sobre trilhos suavemente, e não haveria desempregados. – Concluiu com segurança

– Parabéns, Edson, pelo discurso, muito apropriado, e deu uma aula sucinta de como administrar o País. Mas, como você interpreta o fato de tia Nana, arrancar o bebê de um ano, dos braços da mãe? – perguntou Flávia taxativa.

– Ora bolas, ela queria segurar o neném no colo. – Comentou Edson, em tom casual.

– Karla, os homens, só veem coisas concretas, não tem a nossa sensibilidade. No meu entender, tia Nana, salvou sua vida, porque você tem uma missão a cumprir.

– Agora vai vestir a coitada da Karla com hábito de freira, e encaminhá-la para o convento. – Edson riu com ironia.

– Está muito enganado, meu querido. A missão da Karla, é no meio do povo, com suas atitudes sérias, no trabalho, fazendo-o com perfeição, e estimulando os apáticos. Solidarizando-se com os que sofrem ao lado do marido, animando-o, dando-lhe apoio moral, com os filhos, cuidando e zelando por eles, orientando-os.

Edson bate palmas e fala para Karla

– Ainda bem, Karla, você acaba de escapar de um convento!

– A conversa está maravilhosa, mas, estou morrendo de frio

Edson tirou a jaqueta que vestia e agasalhou Karla

– Obrigada, Edson.

– Eu também vou me recolher, o frio aumenta com o vento – exclamou Flávia.

– Então, boa noite para vocês, minhas senhoras, vou andar por aí, até o sono me pegar.

– Edson, leve a chave da casa – Flávia lembrou-o.

– Ok! Não se preocupem comigo, bye!







CAPÍTULO | 2

Maciel desligou a pick-up e seguiu direto para o guichê de atendimento enquanto ia rememorando sua frustração.

– “Sou mesmo um animal, tudo que é gente, divertindo-se no feriado prolongado” – estava tão distraído, que, sobressaltou-se ao ouvir uma voz amiga.

– Maciel, o que o traz à “casa do éter”?

Quem falava era um médico gorducho, de rosto simpático.

– Claudio, ainda bem que te encontrei, fico perdido nesse ambiente de hospital. Rapaz você também no batente?

-Plantão, cara, plantão! Mas, você tem parente internado?

– Não, na verdade, vim receber notícias, de uma pessoa que, nem conheço. É irmã de um funcionário nosso que está viajando, à serviço. Sabe como é o Roberto..

-Ah! Exclamou o outro, com um largo sorriso – cuida dos funcionários com espumante e caviar.

Ambos riram descontraidamente.

– Mas, você também não fica atrás, completou o médico, em pleno feriado, está num hospital, querendo notícias de uma desconhecida... vejam só...

– Trata-se de uma moça que sofreu um acidente de moto, e deu entrada no Hospital ontem à tarde – não sei o horário.

– AH! Sei qual é o caso – não parece grave o seu estado de saúde, mas, deixei-a na UTI, em observação – concluiu o Dr. Claudio.

– Claudio, peço meu amigo, que ao ser transferida da UTI, seja encaminhada a um apartamento. Vou agora mesmo providenciar, no atendimento.

– Fica a meu critério. A propósito, Maciel, quero uma revanche no jogo de pôquer, da última vez, fiquei muito mal

Maciel deu uma risada

– Prepare-se Dr. Cláudio, na próxima rodada ainda ficará pior. Assim que estiver livre, manda-me uma mensagem pelo WhatsApp. Obrigado, amigo

Maciel seguiu para os guichês e o médico dirigiu-se ao elevador

Antes de chegar ao guichê, o telefone toca. Era Juan

– Alô! Cuidado com telefone nas estradas, está num engarrafamento, serei breve. Estou saindo do Hospital, sua irmã está em observação na UTI, apenas por precaução. Seu estado é bom, mas, fraturou o braço. Amanhã, será transferida para um apartamento. As despesas, são por conta da empresa. Faça seu trabalho com tranquilidade. Ok?



A viagem de volta, foi calma e rápida. Edson estava sério, quase carrancudo.

– Edson, está tão calado! Preocupações? – Indagou Flávia.

– Exatamente, Flávia. – respondeu Edson de mau humor.



Maciel aguardava a remoção da paciente, e no momento que, a última enfermeira saiu, ele bateu à porta e entrou.

– Bom dia, senhorita, sou Maciel Freitas, administrador da Becker, seu irmão é nosso funcionário, está em trânsito, e é a pedido dele, que estou aqui.

– A moça estendeu a mão para Maciel.

– Muito prazer, Gizele Sanchez.

– Depois de amanhã ele estará de volta. – Maciel explicou com calma.

– Oh! Mas, não posso ficar num apartamento, é muito caro. Por favor, peça que me transfiram para uma enfermaria – o tom choroso da moça, comoveu Maciel.

– Não se preocupe, todas as despesas serão custeadas pela Empresa, – replicou Maciel pacientemente

– Nem encontro palavras para agradecer tanta bondade e gentileza.

– De acordo com o Dr. Claudio, o médico que a atendeu, receberá alta amanhã. Então a levarei a um hotel, onde seu irmão irá encontrá-la.

– Muita bondade sua, mas deixe-me explicar por favor. Hotéis são caros, nós não temos dinheiro. Eu e meu irmão, atravessamos a fronteira, em busca de trabalho – exclamou a moça, com voz trêmula

– Tudo será por conta da empresa, não se aflija – reiterou o administrador.

A jovem estendeu-lhe a mão, com o mais belo dos sorrisos.

– Imensamente grata.



Na manhã seguinte, Maciel está na tesouraria do Hospital para efetuar os pagamentos de praxe. Retornou ao apartamento e falou:

– A senhorita recebeu alta, já tem licença, de deixar o Hospital. Chame uma enfermeira, mostre-lhe esses documentos. Vou aguardá-la, na sala de espera.

Meia hora após, Maciel retirava-se do estacionamento, levando ao seu lado, uma belíssima acidentada, no banco do passageiro.



A fábrica, só abriu as portas na manhã de terça-feira.

Maciel deu um toque na porta e entrou.

Edson estava em sua cadeira, diante do computador, com o rosto muito sério, fechado. O rapaz fitava a tela, mas seus pensamentos, bloqueavam a visão. Só quando Maciel, puxou uma cadeira, ele como que despertou.

– Olá Edson, o prisioneiro urbano, apresenta-se para sua jornada de trabalho. Mas, o amigo que aproveitou o feriadão está com “cara de poucos amigos”...

– Acordei sentindo-me pesado, desanimado, falta da academia – três dias sem malhar.

Maciel dá uma risada.

– Desculpa mais esfarrapada, rapaz. Um marzão daqueles, quase na calçada da casa, e sente falta de academia! Tenho certeza de que nadou muito pois, está muito bronzado. Falta da academia! pois sim... deu nova risada – não conseguiu derreter nem o dedinho do pé da “estátua de gelo”? Ela é diferente de todas as outras, meu caro, ali é gente firme, como rocha – concluiu Maciel.

– Minhas intenções, são excelentes – exclamou Edson, em tom amuado.

– Já disse para ela?

– De que jeito, cara? Ela é petrificante. Deixa-me bloqueado, incapaz de pensar. – concluiu Edson.

– Bem, vamos ao que interessa: instalei a tal senhorita num hotel, todas as despesas pagas, à espera do irmão. Rapaz, a mulher é uma beldade, é linda! Graciosa, cheia de vida!

Edson deu uma gargalhada:

– Maciel, esqueci de te avisar, que Flávia está na sala ao lado, a porta está aberta, deve ter escutado tudo..

– Ah! Bobagem, Flávia tem mais confiança em mim do que nela mesma.

– Vai confiando, vai... deu uma sonora risada, e voltou ao seu normal, de bem com a vida.

– Tem mais: ela me contou que atravessaram a fronteira em busca de trabalho. Ela me afirmou que ficou felicíssima com a sorte que o irmão teve, ao conseguir uma vaga numa empresa sólida e progressista. Disse-me também que seu desejo é encontrar uma vaga de trabalho.

– Ora Maciel, diz para o irmão que apresente o curriculum vitae, da irmã no RH. Depois que ela for entrevistada, se houver vaga e for aprovada... a primeira vaga será dela... Edson concluiu.

– Rapaz, só uma coisa que eu não sei explicar, me deixa fora do sério – é o Juan, o irmão. Ele me causa uma impressão estranha – é como se ele fosse me atacar a qualquer momento.

– Transfere-o para outro departamento, sem problemas – Edson deu sua opinião.

– Não é possível...

– Por quê?

– A única qualificação dele é motorista; nesse setor, aqui ninguém o supera – é muito bom motorista – sabe-se lá se estou ficando ranzinza

– Já sei o que te incomoda, você é xenófobo – tem pavor a estrangeiro.

Isso se chama preconceito. Olha que é estrangeiro, com muitas características nossas: sul-americano, alguns falam até o guarani, são nossos vizinhos, as línguas irmãs, português-espanhol. O estrangeirismo é mínimo, e ainda houve, não esqueça, Paraguai x Brasil – a velha guerra do Paraguai.

– É, pode ser qualquer coisa desse tipo. Relatório feito, vou cuidar da minha vida.

Ergueu-se da cadeira, e bateu na testa.

– Já ia esquecendo, Edson – Flávia me pede, para te avisar, que, hoje tem pé-de-moleque e te aguarda. Tchau.

– Obrigado senhor preconceituoso, estarei lá às nove.

Edson apertou o interfone, e Karla, impecável como sempre, da cabeça aos pés, aproximou-se:

– Bom dia, Dr. Edson

– Karla, a Flávia avisa que hoje tem pé-de-moleque – ela sabe que é meu bolo favorito, mas, somente os que ela faz. Topa ir comigo, saborear o pé-de-moleque? Indagou Edson de um modo persuasivo.

– Gostaria imensamente de ir, mas sinto muito, não posso... estive fora de casa, durante três dias justo hoje, não poderia deixar, minha tia, sozinha no quarto dia. Não seria justo, logo no início da semana.

– Muito bem, senhora missionária, entregue-me o que trouxe para assinar, sente-se por favor, assinarei com muita calma.

Karla obedeceu, pegou seu bloquinho, a caneta e escreveu em sinais taquigráficos:

“Ah! Meu querido Edson, como desejo jogar-me nos teus braços, e te beijar, beijar até cansar” – em seguida destacou a folha, dobrou-a cuidadosamente e guardou-a no bolso da calça.

Edson fitou Karla e falou:

– Eu queria ser adivinho, para saber o que você escreveu secretamente.

– Ah! Os remédios de tia Nana, não posso esquecer de levá-los



Passava de vinte e uma horas, quando Edson estacionou diante da casa de Maciel.

A fachada em pedras rosa e cinza, cercada em toda extensão, por um lindo jardim; uma varanda enorme, na frente, piso de mosaicos brilhantes, cor de mel, e ornamentada com cestas de samambaias, orelhas de jacaré, laços de amor e renda portuguesa.

Ao soar da campainha, Flávia foi abrir o portão.

Edson saudou-a.

– Boa noite, Flávia.

– Boa noite querido, que saudade do tempo que você me chamava mãe Fafá. Ah! Meu coração se derretia todo.

– Ainda bem, para você Flávia, um marmanjão como eu, te chamando de mãe Fafá! Chamando-a de Flávia, você remoça vinte anos.

– Ah! – Flávia deu-lhe uma tapinha na mão – não ligo, para bobagem de idade. Vamos lanchar nosso pé-de-moleque? Está tudo pronto, na sala de jantar.

– Flávia, faço uma contraproposta, por que não aproveitamos esse luar tão lindo. Você tem um conjunto de jardim muito bom, eu te ajudo com a bandeja e lanchamos aqui mesmo.

Em instantes estavam sentados no jardim, iluminados pela claridade suave da lua.

– Maciel ainda não veio, aquele só sai da fábrica quando o empurram de lá – exclamou Flávia.

– Maciel é a alma da empresa. Não sei o que faríamos sem a dinâmica eficiente do Maciel.

– Edson, a afeição que sinto por você, é como se fosse meu filho. Apoiada nessa afeição, peço que me perdoe de intrometer-me em sua vida. Quando vai apresentar-me sua noiva? Flávia fez a pergunta com gravidade.

–Noiva! Deus meu, estou terrivelmente apaixonado, por uma “pedra de gelo”, você sabe...

– Mas, será que ela sabe, meu filho?

– Se não sabe, é porque não quer saber...

– Edson, veja bem, se é a pessoa em que estou pensando, não é tão fácil...

– Por quê? Perguntou em tom arrogante.

– Ora, você é vice-presidente de uma poderosa empresa. Mas, não é um vice-presidente associado, ou coisa parecida. É herdeiro, futuramente é herdeiro único. É muito peso para uma simples secretária, que não tem nome incluído, nas colunas sociais. É uma moça modesta, que conhece seu lugar, que não quer se aventurar, e que, você não lhe falou nada... ela aguarda sua atitude, com certeza.

– Mas, se ela não me dá chance, por menor que seja... quer saber, eu a convidei para virmos lanchar com você, ela veio? Não tenho chance nenhuma.

– Quando você menos esperar, Karla dirá que te ama.

– Então, serei o mais feliz dos homens.

– O encontro amoroso, a declaração de amor entre vocês dois, só acontecerá, num momento de grande surpresa, você vai ver... afirmou Flávia sorrindo.

– Que não dê tempo de a Karla refugiar-se no bloco de gelo – concluiu Edson.

Nesse momento Maciel chega.

O casal abraça-se carinhosamente.

– Maciel, boa noite. Flávia, valeu sua animação. Vou deixar vocês namorando e vou arrastar minha solidão pela noite sem fim. Tchou! Tchou!





CAPÍTULO | 3

O amanhecer de um novo dia assemelha-se ao surgir de uma nova vida

Assim sentia-se Maciel, decidido a aceitar e anular as supostas más impressões sobre Juan.

Chegando na sala, abriu uma gaveta, retirou uma pasta, e fez rápida revisão

Em seguida tocou o interfone

Batem à porta

Então Juan entra.

– Bom dia, Dr. Maciel

Maciel responde com um aceno de cabeça e entrega-lhe a pasta

– O currículo de sua irmã, é excelente. Quando estiver em condições, mande-a ao RH. Se for aprovada na entrevista, a primeira vaga será dela



– Bom dia, pai – saudou Edson, entrando no escritório

– Bom dia, filho. Madrugou, hein...

– Recebi uma mensagem, reunião no Clube de Vôlei. não podia faltar, ficou acertado, que, treinos, só à noite, quartas e sextas-feiras

– Melhor assim, treinar vôlei, e depois enfrentar a rotina de um escritório, é estafante

Edson, sentou-se

– Vamos ao trabalho!

– Edson, sua mãe queria muito falar com você. Ela me ligou, porque faz absoluta questão de sua presença na reunião da ONG

– Vou agora mesmo, com o maior prazer, principalmente, para frear as solicitações

Roberto enviou uma mensagem para Maciel.

Meu amigo, quer almoçar hoje comigo no restaurante da casa?

Maciel respondeu incontinenti

– Claro, amigo velho, hoje temos pargo ao forno. Nada melhor que um peixinho de vez em quando. Flávia é que não vai gostar nada. Vai virar uma arara.

– Não seja por isso, convido você e Flávia, para jantarem conosco, hoje à noite.

Maciel bate à porta ligeiramente. Em instantes, os dois dirigem-se em direção ao restaurante, sob o som da sirene, anunciando, reinício do expediente.

Pouco antes das dezessete horas, o tempo mudou, prenunciando chuva intensa. Grossas nuvens escuras, cobriram o azul do céu. A brisa transformou-se em lufadas agressivas.

Edson à janela, observou os carros de seu pai e do Maciel, afastarem-se.

Karla apressou-se em fechar as janelas, gotas de chuva, começavam a cair.

O escritório, de forma circular, estava encravado no centro do parque fabril, por suas janelas, observavam-se todos os departamentos.

O vento agitava violentamente, os galhos da castanholeira, que sombreava o oeste do escritório.

– Karla, vamos encerrar o expediente. Apanhe sua bolsa, vou deixá-la no seu ponto de ônibus.

– Obrigada, Dr. Edson, vou tentar pegar o ônibus da Empresa...

Em tom irônico, Edson perguntou:

– Será que é aquele que vai ultrapassando o portão?

– Oh! Meu Deus – exclamou Karla.

– Vamos, a chuva está muito intensa, quer que fiquemos presos pelo temporal?

Edson enviou mensagem para o estacionamento, em seguida, o manobrista, estacionou junto ao meio fio. Edson e Karla, entraram rapidamente, fustigados pela chuva e pelo vento.

O carro avançava lentamente devido ao aguaceiro.

– Nossa Cidade, não devia padecer esse tormento, porque é plana, não é cortada por córregos, nem grandes rios. O problema é a falta de educação do povo, que joga lixo na rua, e a omissão do poder público deixa as coisas acontecerem, sem uma intervenção real, – exclamou Karla.

– Qual seria a solução, Karla? Perguntou Edson sorrindo.

– Muitos policiais nas ruas, em vez de cassetete, um bloquinho de multas.

– Muito bem, Karla, devia enviar essa sugestão para a Câmara de Vereadores – concluiu Edson em tom grave.

– Dr. Edson, meu ponto de ônibus é aqui. Eu preciso descer...

– Com esse dilúvio? Impossível!

– Ora, tia Nana diz: “quem vai para casa, não se molha”...

Edson soltou uma gargalhada

– Que Tia Nana me desculpe, mas queria vê-la provar essa teoria debaixo desse temporal. Indique-me o caminho, vou deixá-la em casa...

– Não, Dr. Edson, moro muito longe, muito contramão!

– Por favor Karla, indique o trajeto...

– Karla obedeceu, sem mais discussões.

– Dr. Edson estamos perto da minha casa, dobre à direita, depois à esquerda, é a segunda após a esquina.

Edson estacionou, em uma pequena rua de pouco mais de quatrocentos metros.

A chuva não diminuía, a casa sem uma lâmpada acesa, em escuridão total.

Com voz apreensiva Karla murmurou:

– Tia Nana não me avisou que ia sair. Por que tudo apagado?

– Karla, ligue para sua tia. Talvez haja se recolhido, por causa da chuva...

Karla tentou contato com sua tia, várias vezes, sem sucesso...

– Você está muito nervosa, por favor, dê-me o celular.

Ele tentou, mas, foram inúteis suas tentativas. Enquanto isso, Karla desceu correndo, e bateu à porta de sua casa.

Edson deixou os faróis ligados, e o pisca-alerta e acompanhou-a. Karla tinha o rosto, banhado em lágrimas. Nesse momento, um garoto, enrolado num impermeável, entrou e explicou:

– Karla dona Nana passou muito mal antes da chuva, minha mãe chamou a ambulância, levou-a para o hospital, e me deu o número do telefone para você ligar...

Karla recebeu o número, mas suas mãos tremiam tanto, que ela não conseguiu ligar.

Edson pegou o celular e completou a ligação, entregou-o a Karla.

– Denise, cadê minha tia? Que aconteceu?

– Karla, Nana passou muito mal, trouxe-a para o Hospital. Foi medicada e está bem. O médico falou que foi um AVC leve, ela já está muito bem. Nós estamos no Hospital das Clínicas...

– Vou agora mesmo... em meia hora estarei aí...

– Não, não faça isso. Ninguém chega, ninguém sai, está tudo alagado, a água está alta, já tem uma ambulância retida, sem condição de ir, nem voltar...

Edson abriu a carteira e entregou uma nota ao garoto.

– Para você comprar uma caixa de chocolates

Segurou a mão gelada de Karla e conduziu-a para o carro

Ajudou-a subir, envolveu-a no seu paletó, tanto que ela tremia. Karla recostou-se no banco, no limite de sua resistência

– Karla, vou levá-la para o flat, você conhece a dona Zuleide, que tem muita consideração por você. Dona Zuleide tem uma amiga, no quinto andar, e vende confecções. Vou pedir que ela adquira alguma coisa para você trocar-se, está bem assim?

Karla estava exausta. Sentia-se totalmente desamparada pelas circunstâncias e totalmente amparada por Edson.

Recostou-se no banco e fechou os olhos.

Edson entrou em contato com a zeladora de seu flat e deu todas as instruções cabíveis.

Ao chegarem ao prédio, a moça deixou-se conduzir como um autômato. No elevador o torpor desapareceu, como se despertasse de um pesadelo, só via a sua frente, o homem que ela amava com paixão, com um amor imenso.

Edson levou-a para o flat e entregou-a aos cuidados de dona Zuleide, que, saiu silenciosamente, e fechou a porta...

Edson que já estava de roupão, aproximou-se de Karla e aquele amor lacrado no coração da moça, explodiu. Karla, só tinha um pensamento, ficar junto de Edson por toda a eternidade



O despertador chamou-a à realidade.

Edson ainda dormia, ela vestiu-se apressadamente com as roupas que dona Zuleide adquirira.

Uma leve batida à porta, anunciava a presença de dona Zuleide. Karla trancou-se no banheiro. Edson despertou com a insistência da chamada e a zeladora, entrou com o carrinho do café da manhã. Edson chamou-a.

– Karla, por favor, o café está quente, não devemos deixá-lo esfriar...

Karla saiu do banheiro, chorando copiosamente

Edson abraçou-a, tentando consolá-la.

– Eu não poderia haver sucumbido. Suportei esse amor, por tanto tempo, não deveria ter cedido. Onde eu estava com a cabeça?

– Querida, sussurrou o rapaz ao seu ouvido, beijando-lhe o rosto, os cabelos, as mãos.

– Por que esse desespero? Você é livre, eu também, amo você com a mesma intensidade... devíamos estar celebrando o amor, que provou ser mais forte do que sua resistência...

– Você não entende, Edson, eu não podia fazer o que fiz... minha tia Nana, jamais me perdoará. Tia Nana, sempre me advertiu do perigo, mas, pensei ser mais forte... eu o amo Edson desde o dia em que pisei naquele escritório e o vi pela primeira vez.

– Eu também, amo você há muito tempo. Sua resistência era um castigo para mim, tentei romper a barreira que você mantinha firme, mas, não consegui... confie em nosso amor, vencerá todas as barreiras...

Amanhã anúncio nosso noivado!

– Não, Edson, justo no dia que faltarei ao trabalho, para acompanhar minha tia no hospital...

– Quando sua tia estiver em boas condições de saúde, você me avisa, e eu irei pedi-la em casamento. Aproveito o momento e anúncio nosso casamento, na festa de quarenta anos da empresa.

Karla lançou os braços ao redor do corpo de Edson, selaram o compromisso, com um longo e apaixonado beijo. Esquecidos da realidade, entregaram-se nos braços do amor, com um único desejo, não se separarem jamais...



O dia amanheceu lindo, como se o céu tivesse sido lavado, o sol brilhando forte, e a brisa, amenizando o calor.

O casal despediu-se na porta do hospital.

Nossos encontros Karla, você marca local e hora, não podemos ficar separados...

– Promete guardar segredo, até que eu fale com tia Nana?

– Prometo. A palavra final é sua!

Karla tentou sorrir, mas, a lembrança da tia, naquele hospital, constrangeu-lhe o coração. Desceu do carro e soprou-lhe um beijo, por entre os dedos.

Edson deu partida. Karla entrou, foi ao atendimento. Identificou-se e uma enfermeira, explicou-lhe:

– A paciente está bem, vai ser transferida para a enfermaria de número 13, leito 2. Pode aguardar, lá mesmo, já está sendo removida...

Karla dirigiu-se ao local indicado. A maca percorria os corredores, devagar. Os olhos de Karla, encheram-se de lágrimas. Os maqueiros, saíram, então chegou Denise, acompanhando uma enfermeira.

Karla abraçou Denise.

– Como está, tia Nana? Ela não parece bem..

– Karla, dona Nana, acordou pela madrugada, angustiada, porque você não estava aqui. Procurei consolá-la, explicando a chuva, mas ela não se acalmou. Então, deram-lhe um calmante, por isso está dormindo.

– Denise, Denise, você foi como uma irmã, para mim. Deixou sua casa, seu filho para prestar socorro a minha tia. Nunca esquecerei o que você fez por nós. Nunca! E abraçou-a mais uma vez.

– Não tem que me agradecer, minha amiga, a gente está aqui, é para isso mesmo, para um ajudar o outro, na hora da necessidade.

Bem, mas agora você está aqui, vou para casa, nem sei se Afonso irá para a Escola. Há muitas escolas alagadas, outras servindo de abrigo, para aquelas pessoas desabrigadas porque a enchente derrubou suas casas

As amigas, despediram-se com um forte abraço.

– Karla! Chamou tia Nana, com voz fraca.

Karla precipitou-se para o leito de tia Nana.

– Tia, como está se sentindo? Perguntou acariciando-lhe o rosto e os cabelos – que susto, tia, quando vi a casa às escuras. Felizmente, Afonso me deu o celular da Denise. Quer que chame o médico?

– Não, minha filha, não. Eu estava preocupada com você. Quando tive consciência de onde estava, não sei como não adoeci de novo, sem saber onde você estava. Que aflição!

– Dormi em casa de uma amiga. Eu quis vir para o hospital, mas Denise disse-me que estava tudo cheio de água, sem transitar carros.

– Que noite horrível – exclamou a tia.



Denise ao chegar em casa, encontrou o filho, assistindo televisão e bem refestelado no sofá e comendo chocolate

– Meu filho, vai haver aula?

– Não mãe, a escola está servindo de abrigo, por hoje. Quer chocolate?

– Não, meu filho, obrigada, vou fazer um café

Olhando para a caixa, ao lado do filho, perguntou:

– Afonso, com que dinheiro, comprou esses chocolates?

– Levei o número do seu celular para Karla, e o namorado dela me deu dinheiro, para comprar chocolates. Ele é muito legal!







CAPÍTULO | 4

– Bom dia, Dr. Roberto, seu filho apresenta-se para um longo dia de trabalho – Edson faz o cumprimento em tom solene.

– Bom dia, filho

Uma leve batida à porta, e Maciel entra

– Karla ligou, e pediu-me para avisar que, ontem à noite, ao voltar para casa, soube pelo filho da vizinha que sua tia passara mal, e fora levada para o hospital...

– Lamento profundamente, a aflição que deve estar sofrendo – concluiu Roberto, após a explicação de Maciel.

– Vou ligar para ela, e desejar melhoras, para sua tia – Edson exclamou enquanto apanhava o celular.

– Flávia avisou-me que vai visita-las, hoje à tarde.

Maciel sai e Roberto aperta o interfone.

Uma secretária entra na sala.

– Karla, não vem hoje, doença em família... esteja atenta.

– Perfeitamente, Dr. Roberto.

Edson retorna à sala e explica

– O caso da tia de Karla foi sério, ela sofreu um AVC mas, como foi medicada em tempo hábil, não ficou com sequelas. Receberá alta ainda hoje...

– Felizmente para nossa Karla!



– Juan, minha entrevista foi um sucesso. Recebi parabéns do Maciel

Gizele estava eufórica com um sorriso vitorioso

– Entendeu, sua mal-agraçada, foi dado o primeiro passo – sentenciou Juan.

Gizele olhou para ele, e replicou:

– Quanto a você, parece um peixe morto, não fez nada até agora. Juan deu uma gargalhada

– Engraçadinha, sabe a diferença entre inteligente e bobo?

– Eu vou agir na hora certa, nem antes, nem depois. Se não fosse a minha super, superinteligência, você ainda estaria morando com tia Mercedes. Escute bem, mocinha, o sucesso da entrevista, se deve aos excelentes cursos que você fez, de onde veio o dinheiro?! Curso até de dublê?

– Com dinheiro de quem pagou tudo isso? – perguntou Gizele, quase agressiva

– Não interessa, a ideia foi minha, minha também a pesquisa, se a empresa, valia a pena ou não. Cuidado com seu sucesso, não vá se empolgar muito... não esqueça que está ligada a mim...

– Pobre tia Mercedes, nunca vai descobrir o que aconteceu!!! Completou Gizele, rindo desdenhosamente

– Já descobriu... sentenciou Juan

– Como assim? Gizele perguntou com incredulidade

– Depois de doze meses, ela teria que pagar a primeira de três parcelas. Se não pagar, perde a casa. Fiz a hipoteca em três pagamentos, com carência de doze meses.

– Se a tia nos denunciar...

– M^a Dolores morreu afogada, a correnteza levou o corpo,

para o mar. Esse fato é comprovado pela identidade encontrada debaixo da ponte. Pablo foi trucidado por traficantes sem alma, a Polícia deve investigar. Denunciar mortos? Redarguiu Juan, com ironia. Aprenda menina, tudo que Juan faz é bem-feito!

– Melhor assim, aquele Ramiro, não é gente – “carinha” insuportável...

– Menina, pode se gabar do seu marido, elaborei um plano perfeito, não tem ponta solta, todas as pontas bem amarradas

Gizele ergueu-se do sofá onde estava reclinada, pôs os braços sobre os ombros de Juan, e começou a dançar.

– Você ainda não me parabenizou pela derrapagem da moto – foi espetacular! Só lamento que não haja sido filmada, em câmera lenta...

O casal Juan e Gizele, eram oficialmente irmãos. Residiam em uma pequena casa, muito simples, mas, aconchegante.

Pouco depois, Juan dirige-se à cozinha, para preparar sanduiches.

Gizele vestindo um “negligé” preto, vem também.

Juan abraça a mulher e fala

– Edson Becker vai ser presa fácil nas tuas garras!

Gizele serve-se de um sanduiche.

– Espero que ele coopere, não me dê muito trabalho. Quero transformá-lo num patinho, para ele vir comer aqui na minha mão...

– Aquele povinho da Fábrica, que asco que eu tenho deles. Parecem um bando de cachorrinhos, o dono estala os dedos, e eles correm abanando os rabinhos. Bando de idiotas! Imbecis!

Juan parou de falar para atender o telefone, em seguida, jogou o telefone com violência em cima da mesa

– Puxa, por que tanta raiva? Te deram o bilhete azul?

– Não nasceu homem ou mulher para me dar bilhete azul. Me prometeram uma entrega substancial e falharam... a polícia deu em cima..

– Toma cuidado, Juan. Você se gaba que seu plano não tem ponta solta

– E não tem mesmo... se fosse eu a despachar, teria dado certo...



Mercedes e seu filho conversam na sala

– Mãe, nunca duvidei que Pablo estivesse armando uma armadilha, para a senhora

– Pois, para mim, meu filho, foi como se puxassem o chão, debaixo dos meus pés...

– Primeiro, foi aquela conversinha, para tirar carteira de motorista de carreta. A senhora desfalcou suas economias...

– Sem desconfiar do meu sobrinho, era por uma boa causa. Agora, ele não me enganaria mais...

– Meu desejo é totalmente impossível, eu queria desmascarar o Pablo

– Mas, meu filho, é enterrar o passado, e viveremos bem na nossa casa. Não é a mesma coisa, mas você escolheu muito bem, é arejada e confortável.

– Concordo com a senhora, é colocar uma pedra em cima do

acontecido e esquecer. Mas, esse ocorrido, minha mãe, me lembro, de quando eu tinha oito anos e no meu aniversário, a senhora me deu dinheiro para eu comprar uma pipa. Lembra? Era grande, enorme... todo orgulhoso, fui soltar a pipa, ela subiu, serena no céu sem nuvens, e aí veio o “corte” um invejoso derrubou-a por cima de umas estacas, não servia mais. Chorei, com desespero. A senhora me disse baixinho, no meu ouvido: “meu filho, vão-se os anéis e fiquem os dedos. Depois você compra uma mais bonita do que essa... seguindo o seu conselho, encerramos o passado e vamos viver o futuro cheio de esperança...

– Ah! Meu filho, uma mãe, que tem um filho valente e otimista, como você, não tem o direito de reclamar, nem de se lastimar

Abraçou e beijou o filho.

– Vamos jantar?

Mãe e filho saíram do pequeno terraço, onde estavam sentados e seguiram para a sala de jantar.



Mercedes prometeu a si mesma, encerrar as lembranças da casa, não queria entristecer Ramiro, mas, para ela, sua antiga casa era quase como um ser vivo. Da janela da casa de seus pais, ao lado, observava os alicerces serem cavados, os tijolos colocados um a um, as paredes crescerem dia após dia, os compartimentos, cada um com sua função, as lajes testadas, as telhas uma a uma.

Da igreja, após o enlace matrimonial, foram direto para casa. Os primeiros pés que tocaram aquele piso, foram os seus e de seu marido. A casa, os abrigou, como um ninho perfeito, foram só alegrias.

Infelizmente a vida, deu uma viravolta, de repente, seu marido tentando apartar a briga de um vizinho e um cunhado, bateu com a cabeça em um mourão e teve morte imediata. Restava-lhe, Ramiro, a soma deles dois, a sua razão de viver.



Karla e Edson, como haviam combinado, continuaram a encontrar-se – um namoro alegre e descontraído. Ora estavam nas barracas de praia, ora em pistas de danças, em restaurantes discretos sem serem notados, cinemas, sorveterias, nesses cenários celebravam o amor, a felicidade e a alegria...

Edson, brincando, disse-lhe em certo domingo.

– Você me saiu uma bela dissimulada, quando poderia imaginar que aquele “bloco de gelo”, frio e distante, pudesse transformar-se numa garota maravilhosa, cheia de charme e de “encantos mil”, – como muito bem falou Vinicius de Moraes nem me lembro onde essa expressão – Ah, “Garota de Ipanema”...!

– Na verdade, meu querido Dr. Edson, a secretária eficiente, compenetrada e impessoal, existe de verdade, mas, cruzou na vida dela um certo rapaz, que a transformou numa maluquinha. Felizmente para mim, a minha amiga lua, está aqui para testemunhar, que todos tem duas faces e são autênticos em ambas. Ouviu o discurso, Edson?

– Estou alucinado pelas duas: o bloco de gelo e o isqueiro...

– Meu Deus, nunca sou eu mesma? Bloco de gelo, ou isqueiro? Você me chamou de isqueiro...

– Para me acender. Edson abraçou-a – trocaram beijos, banhados pela luz do luar.



Dois dias após o último encontro, Karla aflita e nervosa, reconheceu que não podia adiar mais. Precisava fazer o teste de gravidez, com urgência. Travou consigo mesma uma batalha, que a deixou exausta. Nasceu-lhe um fio de esperança – poderia estar apenas nervosa e ansiosa. Fez o teste. A esperança diluiu-se como uma nuvem de fumaça.

Deixou-se ficar na ponta da cama, sem ânimo, totalmente desamparada...

A tia vendo que ela não saía para o trabalho, como costumava, foi até o quarto

– Karla, você está doente?

Libertou-se do torpor que a dominava, olhou para a tia...

– Tia Nana, preciso fazer uma ligação, depois conversamos. Ligou o celular.

– Dr. Maciel, avise à presidência que minha tia passou mal, ontem à noite e o médico mandou-me levá-la para um local isolado e tranquilo. Vamos, agora mesmo, para uma pequena propriedade, que ela tem no interior. Muito obrigada por sua compreensão.

– Karla, um momento – pode ir tranquila, você tem cadeira cativa na empresa. Fique o tempo que for necessário. Como envio seu pagamento?

– Itaiçaba é uma pequena cidade, que fica próximo, basta atravessar a ponte. Mais uma vez, imensamente grata, Dr. Maciel

Tia Nana olhava-a espantada. Por que a mentira? Karla nunca omitia a verdade...

Karla guardou o celular, foi até a porta e trancou-a.

A expressão intrigada de tia Nana assemelhava-se a um grande ponto de interrogação

– Tia, desculpe as mentiras que criei, mas, eu preciso agir desse modo, e logo esclarecerei o que está acontecendo. Enquanto conversamos, quem bater à porta, não será atendido.

Tia Nana respirou profundamente, puxou uma cadeira e sentou-se.

– Tia Nana, no dia em que esteve doente e Denise levou-a para o hospital, eu havia esquecido minha chave. Por causa da chuva e ruas alagadas, não tinha para onde ir. Edson me deu uma carona,

levou-me para o seu flat. Eu estava arrasada, nervosa, cansada e a senhora sabe sou apaixonada por Edson, embora escondesse esse amor à sete chaves...

Ao entrar no calor do pequeno apartamento, tudo desapareceu da minha mente. Só existiam Edson e eu. Não preciso acrescentar mais nada...

– Por que não me contou, Karla

– Jamais lembrei que podia haver consequências

– Consequências?!

– Sim. Preciso de sua compreensão, avisei ao Dr. Maciel que estava levando a senhora para o interior, a conselho médico. Vamos para sua propriedade, no interior. Estou grávida

– Você deve procurar o Dr. Edson e contar-lhe a verdade

– Jamais – explodiu Karla com veemência

– Minha filha, as coisas não se resolvem assim, principalmente, uma gravidez que envolve uma criança...

– Tia Nana, ninguém pode saber, ninguém. Prometa-me que jamais revelará esse segredo...

– Prometo, mas, você está cometendo um erro muito grave, do qual você pode arrepender-se

– Tia Nana, eu amo Edson. Para mim, só existe ele e mais ninguém. Mas, não quero, nem aceito que ele case comigo por uma condição moral, por quase... sentir-se obrigado. Entendo o amor como um sentimento livre. Ele quis anunciar nosso noivado, e o casamento na festa de quarenta anos da empresa. Na hora, eu fiquei feliz, agora, não posso mais...

– Karla, minha filha, ainda há tempo de recuar, pense melhor, por que essa fuga desesperada?

Karla ouviu em silêncio. Em seguida levantou-se e discou no celular, em seguida sentou-se novamente e falou:

– Tia Nana, contratei um carro de fretes para as 15hs. É tempo suficiente para arrumarmos o que precisamos levar

– Karla, como podemos entrar numa casa, que está fechada há muitos anos

Karla suspirou profundamente, então respondeu

– A senhora entra em contato com sua amiga, pede para que ela mande limpar a casa, receba nossos volumes do carro de entrega, e chegaremos lá amanhã à noite.

– Então só viajaremos amanhã, Karla? Perguntou tia Nana cheia de esperança

– Não, tia. Antes de chegarmos na propriedade, procuraremos um hotel e pernoitaremos e ficaremos lá até a tarde, quando reiniciaremos nossa viagem.

– Karla, me explique apenas uma coisa, que me deixou muito confusa – se o Dr. Edson ia anunciar o casamento de vocês, na festa de aniversário da empresa, por que você não aceita?

– Em seis meses, eu estarei imensa... serei motivo de comentários, o mais leve será “sonsa”. Ninguém saberá de nada...

– Está certo, eu cuido do resto

Nesse momento, o carro de fretes parou à porta. Os carregadores desceram, começaram seu trabalho. Quando a última mala subiu, Karla disse

– Vamos, tia Nana...

A tia suspirou profundamente com expressão resignada.



Batem à porta

– Entre!

Maciel entra. Senta-se na poltrona de couro, entre as duas mesas: Roberto e Edson

– Tenho uma notícia meio bombástica, ou uma bomba, como queiram..

Os dois homens olharam para ele intrigados

– Karla vai acompanhar a tia, ao interior, até que ela se recupere totalmente, à conselho médico...

Edson ao ouvir o relato, levantou-se.

– Maciel, desculpa, lembrei agora que tinha marcado o dentista. Explica a situação para papai...

Saiu vestindo o paletó

– Você vai precisar de alguém para substituir a Karla? Examine esse currículo e dê-me sua opinião

Entregou a pasta ao Presidente, que recebeu, abriu e leu. Fechou-a e devolveu-a em seguida à Maciel

– Se tudo isso for verdade, teremos uma super assessora

– Vou deixar a pasta na mesa do Edson, se ele tiver sua opinião, podemos contratá-la...

– Deve, meu amigo, deve contratá-la.



Após alguns quilômetros, as duas mulheres entraram na velha casa

Karla exclamou ainda na soleira da porta de entrada. –

Realmente um autêntico estilo rústico!

– Se você quer rusticidade, venha explorar o resto da casa, que está do mesmo jeito como minha avó a deixou

– Que malas engraçadas, tia, são quase quadradas. O couro pregado com tachas. Veja só, tem até as iniciais do dono: JPB

– João Paulo Barbosa, o nome de seu tetravô, ou tataravô, como o povo diz...

– Meu nome tão diferente, Karla Studart

– A descendência vai se unindo a novos sobrenomes, os sobrenomes de raiz, ficam no passado

Na sala de jantar Karla parou diante de uma porta que dava para o terraço

– Tia, olha a espessura desta porta – quatro ou cinco centímetros

– Do outro lado, há uns caixões para guardar farinha, feijão, milho e rapadura, que tem a mesma espessura, e são altos, um metro e meio de altura, muito grandes. Karla caminhou alguns passos e entrou na cozinha.

– Tia. Que é isso?

– São cuias, para apanhar caju

– Isso é fruto de árvore. São duas metades. E esse tacho?

– Para fazer mel de caju

– Precitaria de uns cinco quilos de açúcar

– Nem um grão de açúcar. Você põe o suco do caju, no tacho, com fogo muito forte e mexe, até que ele se transforme em mel, escuro e grosso, dizem, muito rico em ferro

– Esse velho fogão a lenha, não combina com o fogão a gás

– Ah! Minha filha, nem a geladeira, nem o televisor, combinam com essa velharia que temos aqui...



Edson está em casa de Flávia

– O que está me contando, Edson. Então você e a Karla, terminaram por se entender

– Flávia, você não está entendendo, Karla viajou sem me ligar, sem dizer “tchauzinho”. Você acha correto? Eu estou furioso! Sentindo-me, como um sapato velho descartado...

– Edson, Karla é uma pessoa sensata, ponderada. A tia é mais do que mãe, é a sua salvadora... procure compreender...

– Quando Maciel, deu a notícia, se eu fico no escritório, eu ia explodir, por isso, saí e vim desabafar com você, mas não adianta, você está do lado dela.

– Meu querido, eu torço por vocês. Essa nuvem vai passar e você ainda vai rir, desse desapontamento. Dê um voto de confiança à Karla...

– Eu poderei dar um voto de desconfiança, de raiva... nem sei mais de quê

– Tudo ainda vai se esclarecer... dê tempo ao tempo... confie na sua velha amiga, Fafá

– Já desabafei um pouco, agora vou trabalhar.

Flávia abraçou-o carinhosamente, acariciou-lhe os cabelos, e Edson saiu

Enquanto ele se afastava, comentou consigo mesma

– Que será que aconteceu de verdade? Vou guardar minhas ideias, em segredo, o tempo dirá...



Edson entrou no escritório e viu a pasta sobre sua mesa

– Edson, Maciel pede para você examinar esse currículo, e pede sua opinião.

Edson respirou fundo para dissimular o mau humor

– A sua opinião é favorável, meu pai?

– Sim, aprovei plenamente

– Diga para Maciel que tem sinal verde – sentou-se e retomou seus cálculos





CAPÍTULO | 5

Dia útil. Rotina de trabalho, a mesma, Maciel se anuncia e entra acompanhando Gizele

Roberto e Edson, trouxe-lhes a recém-contratada de Becker, Srta. Gizele, que está inteirada de suas funções. Bom trabalho – com licença

Maciel sai.

Gizele começou a falar!

– Muito agradecida, pela confiança, creditada a mim. Esforçar-me-ei bastante para ser merecedora dessa confiança

A nova secretária aproximou-se da mesa da presidência

– Dr. Roberto, as suas ordens!

A moça abriu seu bloco de anotações

Em seguida, dirigiu-se à mesa de Edson, olhou-o como se estivesse hipnotizada, controlou-se, recebeu as instruções e regressou à sala

A primeira semana decorreu célere e tranquila. Gizele representava a competência personificada: tinha espírito de iniciativa, digitação perfeita.

Pai e filho, estavam completamente extasiados com a nova secretária. No final do expediente, Gizele bateu à porta da sala de Maciel

– Entre!

– Dr. Maciel, vim agradecer-lhe tudo o que o senhor fez por mim no hospital. E agradecer-lhe a oportunidade de trabalhar, fazer parte de uma conceituada empresa.

– Nada tem a me agradecer, surgiu uma vaga, repentinamente, por isso foi chamada

– Eu sei, entendo, mas, mais uma vez muito obrigada



Flávia vem até o portão e o abraça

– Edson, que surpresa! Pensei que estava brigado comigo

– Brigado com minha querida mãe Fafá? Jamais

– Entra, quer um refresco de graviola?

– Não, quero conversar, desabafar

– Quer uma cerveja bem geladinha? Com sanduiche...

– Isso eu quero, cerveja sem sanduiche. Flávia entrou e retornou rápida

– Flávia, preciso contar um segredo, embora já esteja duvidando das minhas faculdades mentais

– Menino, pelo amor de Deus, não diga isso, nem de brincadeira

– Então, ouça e me dê uma explicação, certo?

– Pode falar. Não vou interrompê-lo.

– Karla e eu estávamos namorando, em segredo total, como ela queria

– Mas, por que isso, meu Deus? Ambos solteiríssimos...

– Na noite daquela chuva torrencial, foi aí que começamos...

– Sei, ela me contou sobre a doença da tia, que, ela precisou dormir na casa da vizinha...

– Propus anunciar o nosso noivado e marcar o casamento para a festa de quarenta anos da Fábrica. Ela concordou, mas... foi embora para o interior, sem deixar endereço, sem uma simples palavra de adeus. Como se explica, uma atitude dessas? Ainda falei com ela por telefone, mas, me atendeu, naquele tom formal, que eu detesto. Saliento para você que Karla me declarou seu amor, que ela mantinha preso a sete chaves. Nós estávamos loucamente apaixonados um pelo outro. Conheci uma nova Karla, alegre, descontraída, carinhosa e amorosa. Agora me explique essa nova atitude da Karla...

– Quando foi a última vez que vocês se encontraram?

– Segunda e terça-feira, estava muito feliz, nós estávamos muito felizes – ontem, eu tinha treino de vôlei, ela sabia e aprovava com entusiasmo. Hoje, pela manhã, a notícia que Maciel nos trouxe. Saí do escritório e liguei. Respondeu-me, apressadamente, sem me dar explicações, apenas ordens médicas, para a tia. Tão diferente da Karla do nosso último encontro. Desliguei o telefone, atordoado, zozzo, e é assim que me encontro até agora

– M^a Fernanda, tinha conhecimento do envolvimento de vocês?

– Não, ninguém

– É uma atitude bem estranha para não dizer misteriosa. Será que uma antiga namorada, não foi à casa da Karla provocá-la e fazer “barraco”, confusão?

– Isso também não. A Karla me deixou abandonado, tal uma caneca quebrada.

– Não pense assim. Edson, essa história está mal contada, deve haver uma explicação, uma moça sensata como a Karla, não agiria desse modo, sem um motivo, muito sério

– Faz pouco mais de um mês, que estamos namorando, num clima bacana, legal, estávamos muito bem, de repente... Para

piorar, Maciel afirma que ela não deixou endereço para onde foi, nem sinal de telefone é possível...

– A Karla tem renda para dispensar seu ordenado mensal?

– Não, perto de onde está, há uma pequena cidade chamada Itaiçaba, no baixo Jaguaribe. Maciel enviará seu ordenado mensal, para a agência de Itaiçaba

– Por que tanto mistério? Flávia falou pensativa

– Não entendo... desculpe, todo mundo fala o mesmo: “cabeça de mulher ninguém entende”

– É porque nós somos especiais – em cada uma de nossas decisões, as mulheres, levam em conta: o amor, a prudência, o altruísmo, o sentimento do outro; pesamos muito devagar, o pró e o contra de cada questão...

– Você não se zangou? Perguntou Edson ansioso

– Por que deu a entender que nós somos complexas? Essa frase, soa como um elogio...

– Que me diz sobre a Karla?

– Edson, não a tratou mal? Em nenhum momento?

– Nós nos entendíamos, muito bem

– Então, o tempo, explicará a atitude da Karla

– E eu? Como fico?

– Do jeito que você vivia antes de namorar a Karla

– Boa resposta! Exclamou Edson em tom irônico

Ficou pensativo por instantes, levantou-se da cadeira:

– Eh! Flávia, acho que tem razão...

Edson acariciou os cabelos da amiga

– Fui!



Edson está sozinho, pois é quinta-feira, dia do sagrado jogo de xadrez de seu pai, Maciel entra visivelmente nervoso.

– Que aconteceu, velho? Está vermelho, nervoso

– E não é pra menos: Edson recebi uma chamada da Fiscalização Federal, um dos nossos caminhões, foi detido – droga escondida na carga...

– Felizmente, meu pai não está.

– Cães farejadores descobriram. Estou esperando a chegada do Duarte

– Que contratempo, rapaz...

– Aí vem o Duarte. Depois te conto, ...

Assim que Maciel e Duarte afastaram-se, Edson ouviu distintamente uma espécie de soluços, vindo da sala das secretárias.

Edson se sentou à mesa e tocou o interfone. Gizele entra com os olhos e o rosto vermelhos

– Dr. Edson, desculpe meu descontrole, estou muito aflita com meu irmão – o caminhão dele, foi detido, e está sendo investigado pela Polícia Federal...

– Como soube? Interrogou Edson

– Meu irmão ligou... estou terrivelmente preocupada...

– Maciel já seguiu, acompanhado pelo nosso advogado, Dr. Duarte Martins. Tudo será esclarecido, sem maiores consequências

– Boa noite, Dr. Edson, suas palavras me confortaram. Vou aguardar notícias de Juan em casa. Obrigada!



Maciel e o advogado, encaminharam-se para a sala do delegado

– Boa noite, doutor. Estou profundamente chocado, com a detenção desse veículo

O delegado ergueu-se, dizendo

– Venham comigo, por favor

Chegaram ao pátio onde o caminhão de Juan estava estacionado

– Vejam bem, falou o delegado, os cães farejadores, indicaram droga na carga

– Impossível?! Exclamou Maciel.

O delegado continuou impassível.

– Mandei investigar as digitais dos pacotes de cocaína – um funcionário aproxima-se e entrega ao delegado uma folha impressa. O delegado fez sinal para que Maciel e Duarte o acompanhassem à sala de depoimento.

Juan, ao ver o administrador, falou.

– Dr. Maciel, por favor, explique que sou um estrangeiro que tem a sorte de ser contratado por uma excelente firma, como

Becker&Becker, não iria pôr em risco o meu emprego; sem contar com a prisão, além de que, minha irmã também trabalha na mesma empresa, há uma semana, apenas. Eu sou uma vítima...

O delegado entregou à Maciel a folha impressa

– Realmente, Juan, foi esclarecido que suas digitais, não conferem com as digitais dos pacotes de cocaína

– Ah! Ficou tudo claro, eu não tenho nada a ver com a maldita droga

– Calma, Juan, nada está claro, não é tão fácil. Por que alguém escondeu a droga na carga? Será averiguado, sobre quem ocultou a droga, de onde veio, qual o destino, por que o caminhão ficará retido para investigação.

O delegado acrescentou

– O caminhão só será liberado quando tudo ficar devidamente esclarecido e provado

– Doutor delegado, sabemos que nosso motorista, está a salvo de suspeitas, mas, isso é apenas um detalhe, o resto do problema precisa ser resolvido...

– Exatamente, a empresa é a primeira a ser responsabilizada – afirmou categórico o delegado

– Vou fazer-lhe uma proposta, que dará bons resultados. Escolha investigadores que pesquisarão no nosso arquivo de funcionários, para encontrarem as digitais que coincidam com as digitais do pacote

– Evidentemente, confirmou o advogado

– Juan, você está livre, pode tirar um dia de folga – avisou o administrador



Edson sentia falta da presença de Karla, um sabor amargo de saudade e tristeza. Pela janela, viu a velha espirradeira, coberta de cachos de flores avermelhadas. Olhou para o céu azul, onde as nuvens passavam devagar, a brisa entrava pelas janelas abertas, refrescando o ambiente

Edson estava triste. Não conseguia entender a fuga da namorada. Seu relacionamento parecia haver se transformado em fumaça. Era uma névoa que se dissipava com o sol. Nenhuma palavra, nenhuma mensagem. Bateu com o punho fechado no peitoril da janela. Por quê? Por quê? Um desaparecimento tão misterioso? Olhou novamente, observou o retalho da natureza, que tinha diante de si e falou a meia voz

– Atitude dos humanos é difícil de ser prevista, tal a de Karla. E os outros, que preferem a droga, que entorpece, que alucina, que os transforma em farrapos humanos; outros ainda poluem os rios, lagoas e o mar. Sem falar nos que matam e assaltam, todos os dias, ainda. Realmente, um compêndio, por mais intrincado que seja, torna-se mais fácil de entendê-lo, do que o ser humano. Infelizmente, de todos os seres vivos, a raça humana é a mais sanguinária, vingativa, dominadora, porque tem o dom da razão, mas, a grade maioria, prefere seguir seus instintos animais, por quê?

Após um instante de silêncio, Edson viu a aproximação de Maciel e foi ao seu encontro, abrindo-lhe a porta.

– Edson, estamos com um problema sério, felizmente, Roberto não está presente, do contrário seria difícil conter sua indignação

– A história da droga, continua...

– As digitais do Juan, diferem das digitais, encontradas nos pacotes de droga

– Que fez com o Juan?

– Dei folga para ele, por todo dia de hoje. Os investigadores estão pesquisando em nossos arquivos, as digitais idênticas às digitais do autor da “bagunça”

– Que pretende fazer?

– Descobrir quem é o autor da confusão. Quero saber de onde veio. Preciso descobrir tudo

– Não houve falta de funcionários hoje? Perguntou Edson

– Não, nenhuma falta... é inacreditável a ousadia desse cara, seja lá quem for...

– Desde que Juan está limpo, suas desconfianças sobre ele desapareceram?

– Que nada! Aumentaram...

Eles observaram pela porta do escritório, o movimento da saída dos investigadores e Duarte, dirigia-se para eles, com uma folha impressa, e entregou-a a Maciel.

Maciel, olhou a ficha, entrou na sala, e deixou-se cair em uma cadeira

– Impossível! Impossível!!! Exclamou em voz surda

– De quem é a ficha, Maciel? Indagou Edson

– Murilo, o melhor funcionário que temos: pontual, responsável, nunca comete um deslize... não pode ser..

– Os investigadores, tem certeza, Duarte? Perguntou Edson

– Absoluta, respondeu o advogado

– Edson, Murilo Paiva, é chefe do departamento de cargas, tem sete anos de empresa, está casado há dois anos, o primeiro filho tem seis meses de vida. Trabalhador, responsável, um cara em quem se pode confiar..

– Ele está ciente do que aconteceu? Indagou Edson

– Não, Duarte e eu guardamos sigilo, dei folga para o Juan

– Se o Duarte fosse agora mesmo – são sete horas, e trouxesse o Murilo aqui... você vai para sua sala. Duarte fica com você, eu o chamarei quando terminar minha conversa, com esse rapaz. Eu não o conheço, neutralidade perfeita. Se não melhorar, pior não poderá ficar

– Duarte, vá chamar o Murilo para falar com o vice-presidente, por favor.



Em questão de um quarto de hora mais tarde, Murilo batia à porta da vice-presidência

– Entre, ordenou Edson

– Boa noite, Dr. Edson

– Seu nome é..

– Murilo Paiva, às suas ordens

– Quantos anos de empresa, sr. Murilo?

– Sete anos, doutor

– Gosta do serviço?

– Nosso ambiente aqui na fábrica, é muito bom

– Tenho a impressão, que você está feliz com seu departamento?

– Muito, Dr. Maciel é um excelente gerenciador. Sinto prazer em trabalhar para Becker&Becker, bom ambiente de trabalho, bom salário, boa comida, sinto-me feliz

– Então, me responda, como tentou prejudicar a empresa, escondendo dez quilos de cocaína no carregamento do caminhão, sob a responsabilidade de Juan Sanchez?

Edson observou a reação do funcionário

Passava a impressão de que ele fora nocauteado, estava em pé, firmou-se na cadeira para não cair.

– Dr. Edson, não entendo o que o senhor fala... exclamou o rapaz atônito

– A Polícia Federal reteve esse carregamento, os cães farejadores detectaram droga. Dez quilos de cocaína e suas impressões digitais foram identificadas no involucro da droga

Edson observou-o novamente

– Desculpe, sr. Vice-presidente fazer uma pergunta idiota, e muito séria: essa acusação em sua sala, é uma pegadinha? Falou Murilo com voz trêmula

– Acusação?!

Edson entregou a folha ao rapaz, que a recebeu com as mãos trêmulas. Olhou e devolveu.

– Senhor, diante de provas que posso dizer? Sinto muito pelo meu tempo de trabalho honesto, responsável, pontual, nunca mereci uma única advertência. O senhor me apresenta provas. Eu só tenho a minha consciência de funcionário que veste a camisa desta empresa, que respeita e ama – que vale tudo isso, diante de

provas concretas? Entrego-me, sem resistência, nada mais tenho a fazer

Murilo sentou-se, porque as pernas não o sustinham mais

Edson ligou o interfone para Maciel. Maciel e Duarte entraram

– Murilo, já está ciente do que está acontecendo?

– Dr. Maciel, só tenho a meu favor minha consciência, contraprovas recolhidas pela Polícia Federal, sou um homem banido, liquidado...

– Murilo, trabalha comigo há sete anos, nunca desmereceu minha confiança... e acabamos neste impasse. Quero apenas que confie em mim, do mesmo modo que confio em você, Murilo

As faces do rapaz se coloriram de repente, e ele respirou como se estivesse se afogando, retomou o domínio, de si mesmo

Maciel falou em tom preocupado

– Suspeito de alguém, mas, não tenho provas. Terei de descobrir a verdade, por outros caminhos

– Com uma boa estratégia, será possível, apanhar o traficante.
– explicou Edson

– Faremos o seguinte: Duarte acompanhará você Murilo, que se apresentará ao delegado. Edson e eu, estaremos lá, para explicarmos que estamos preparando um alçapão, para apanhar o meliante, e você, Murilo, é a nossa isca...







CAPÍTULO | 6

Maciel está em sua mesa, girando pensativamente, uma caneta entre os dedos. Fala a meia voz:

– Os fatos apontam para Murilo – mas, eu me pergunto, por que um chefe de departamento, com um salário razoável, com um filhinho de seis meses, põe em risco esse trabalho, de modo tão evidente? Por que suas impressões digitais surgiram tão claras?

Batem à porta e Edson entra

– Maciel, como ficou resolvido o problema do Murilo? Na mesma?

– Edson, eu não quero comunicar o ocorrido à Roberto, conto com sua discrição, pode ser?

– Claro, mas... por quanto tempo?

– Se Roberto, tomar conhecimento ele pede a demissão dos dois... e jamais descobrirei a verdade. Se Murilo é inocente, como eu acredito, estaremos cometendo uma grande injustiça, demitindo-o, por justa causa

– Em sua opinião, Juan é culpado? Perguntou Edson

– Infelizmente, não tenho provas...

– Por que, dúvida desse cara?

– Como um homem casado, com o filho de colo (o primeiro) com um emprego de sete anos, chefe de departamento de cargas, se lança na aventura de ser demitido, sem nenhum direito? Esse problema foi uma armação, para que Murilo, fosse demitido...

– E como o administrador, é um louco, não o demitiu – concluiu Edson

– Você tem razão. Mas Murilo é inocente!



Maciel tocou o interfone

– Murilo, chame o Juan, e venham a minha sala

Instantes depois, batem discretamente

– Entrem, falou Maciel

Entraram os dois rapazes, mesma estatura, mesma compleição física, Juan moreno, olhos e cabelos pretos, Murilo quase louro, rosto simpático, Juan com expressão arrogante no rosto

– Chamei-os para acertar alguns itens dessa história. O caso está suspenso porque Murilo, era um funcionário exemplar. Espero que, ambos guardem absoluto segredo sobre o fato

– Podem retirar-se!

Ao se encontrarem a alguma distância da porta do administrador, Juan com voz de mal contida raiva, exclamou:

– Aos “peixinhos”, nada acontece... metido com droga e sai numa boa...

Murilo não olhou para Juan, continuou de cabeça erguida. Juan afastou-se em passadas vigorosas e entrou no galpão de cargas. Murilo entrou em seguida, apanhou seu bloco de conferência e reiniciou seu trabalho.



O telefone tocou e Maciel atendeu:

– Bom dia, sou assessora do Dr. Alfredo Pinheiro. Estou falando em nome dele, porque a esposa dele sofreu um acidente fatal!

– A senhora poderá explicar melhor o que aconteceu? Pediu Maciel

– Desculpe o meu nervosismo, estou ligando em nome do Dr. Alfredo Pinheiro – porque dona Maria de Lurdes, a esposa dele sofreu um acidente fatal. A família pediu para avisar a irmã e ao cunhado do Dr. Alfredo. Explicou a assessora

– Como aconteceu esse desenlace? Perguntou Maciel

– Ela havia combinado com o esposo de se encontrarem no fim do expediente, pra jantar e irem ao cinema. Antes, ela fez compras, quando saiu do estabelecimento, um carro desgovernado, subiu a calçada. Ela teve morte instantânea

– Deus do céu! Exclamou Maciel

Maciel encaminhou-se para a sala da presidência e entrou. Sentou-se na primeira cadeira que encontrou e respirou fundo

– Acabo de receber uma notícia que vai abalar Flávia profundamente

– Que aconteceu, Maciel? – perguntou Edson, enquanto olhava intrigado para o administrador

– A cunhada da Flávia, a Maria de Lurdes – fez uma pausa – sofreu um acidente muito sério

– Está hospitalizada? Indagou Edson

– Ela fez compras numa loja e quando saiu, um carro subiu a calçada e a atropelou – morte instantânea...

– Vai ser um terrível choque para Flávia!

Maciel respirou profundamente

– Preciso levar essa notícia, não sei que palavras usar, o caso é chocante demais..

Roberto abraçou Maciel:

– Lamentamos, do fundo da alma, essa tragédia, que se abateu sobre você, Flávia e Alfredo

– Flávia deve viajar imediatamente para Olinda. Ela e a cunhada eram tão amigas – exclamou Maciel

– Vou avisar, M^a Fernanda, afirmo-lhe que ela desejará, acompanhar vocês, ela tinha um carinho muito especial para com M^a de Lurdes – afirmou Roberto

– Infelizmente, eu não posso acompanhá-las – declarou o administrador com voz triste.

Maciel saiu, como se carregasse o mundo nas costas



O encontro entre as duas amigas, foi penoso. Flávia, em prantos, chorava a morte trágica da cunhada; M^a Fernanda nutria um carinho especial, por M^a de Lurdes, porque passara em sua casa um período de tempo em que fez um curso de MBA em função da ONG, e havia recebido um tratamento principesco.

Flávia chorava copiosamente no ombro da amiga, incapaz de conter-se.

– Flávia, pense como os livros infantis, através de seus escritores, referem-se àqueles que concluíram sua missão na terra – como uma estrela, que surge no céu...

– Do que está falando? Perguntou Flávia soluçando

– À noite vamos procurar a estrela mais brilhante do céu, e a batizaremos com o nome da Lurdinha, assim, sua luz estará sempre em nosso coração.

– Sua intenção é maravilhosa, M^a Fernanda, mas – exclamou enxugando os olhos – minha grande preocupação é meu irmão. Eles não tinham filhos, então todos os passeios, lá iam os dois, inseparáveis. (nova crise de choro). Como Alfredo, vai enfrentar

a vida, daqui para frente? É pensando nele que meu coração se comprime.

– Flávia, se demorarmos mais, perderemos o voo – alertou-a M^a Fernanda

– Você vai viajar comigo? Fernanda disse que sim e Flávia lançou-se nos braços da outra

– Nessas horas é que a gente conhece os verdadeiros amigos

Mal entraram no saguão do aeroporto, ouviram o anúncio do voo. Levantaram-se e se encaminharam para o portão de embarque



Gizele ligou a copiadora dando início às cópias de documentos. Estava tão absorta que, não percebeu a presença de Maciel a observá-la

– Gizele, foi o Dr. Roberto que lhe pediu para copiar esses documentos?

– Dr. Roberto me autorizou a atualizar o arquivo, sempre que houvesse tempo disponível – respondeu muito segura de si mesma

– Esses documentos não são exclusivos da fábrica, pertencem às filiais de outros Estados e outras áreas de investimentos

– Mais uma razão, Dr. Maciel, para que existam cópias, em número suficiente e perfeitamente arquivadas. Sugiro até que as mais importantes, sejam guardadas em cofre à prova de fogo – replicou a moça com grande segurança.

– Vou até bater na madeira, como manda a superstição – disse Maciel sorrindo. Você, trabalha há pouco tempo, não sabe que temos brigada de incêndio, que faz nova capacitação de dois em dois anos

– Folgo em saber, Dr. Maciel

Maciel sorriu e afastou-se.

Gizele sacudiu os cabelos, falando baixinho

– Velho ranzinza, cuide de seus interesses, os meus, ficam por minha conta. Seu idiota...



– Gizele, por favor, avise ao Dr. Roberto que vou esperar Flávia e meu cunhado que chegam de Olinda, não sei exatamente o horário

– Ok! Dr. Maciel.



Maciel impaciente, ligou o televisor e se sentou para assistir o jornal do meio dia. Antes deu uma verificada na mesa, posta para o almoço. Mal começara o jornal, quando o portão se abriu e ele ouviu a voz da esposa

– Oh! Querida, que saudade! Abraçou-a, em seguida voltou-se para o cunhado

– Alfredo, sinto imensamente. Os dois homens trocaram um abraço em silêncio

Em seguida voltou-se para Maria Fernanda e a abraçou fortemente

M^a Fernanda, o abraçou fortemente, perguntando: – Roberto e Edson se esqueceram de mim? Perguntou Maria Fernanda com um sorriso

– M^a Fernanda, não seja injusta com aqueles marmanjos, estão se aguentando bravamente

– Alfredo, disse Flávia, seu quarto está do jeitinho que você deixou... mas, agora, vamos almoçar. Antes de sentarem-se à mesa, chegaram Roberto e Edson.

– Vocês nem imaginam a guerra que eu enfrentei para arrancar o Alfredo de Olinda, mas, consegui – os parentes não queriam deixar que ele viesse.

– Flávia, está exagerando – o Tribunal de Contas, deu-me quinze dias – dentro de uma semana deverei retornar à Olinda, pois deixei muitas pendências. Tentarei então, reorganizar o que resta da minha vida. Se me fosse possível, teria feito o tempo parar – finalizou com voz muito triste

O almoço decorreu em silêncio, na sala, na hora do cafezinho, Maciel perguntou:

– Alfredo, alguns jornais, teceram comentários que, deixou a todos nós muito intrigados..

– Alfredo não gosta de tocar nesse assunto, deixem por minha conta: vocês sabem, meu irmão, trabalha no Tribunal de Contas. Ao examinar as contas de um Prefeito, detectou desvio de verbas. O “tal” chamado para explicar ou apresentar defesas, ofereceu propina pro Alfredo, que não recebeu e avisou que se ele insistisse o denunciaria. Esse é o resumo do terrível acidente, no qual perdeu a vida, a minha querida amiga e cunhada Lurdinha – concluiu Flávia com os olhos cheios de lágrimas.

Fez-se silêncio à bombástica revelação de Flávia

Maciel quebrou o silêncio.

– Alfredo, sei que você está muito abalado no momento, mas quando regressar à Olinda, não seria aconselhável providenciar uma investigação memorável e “dar nomes aos bois”, botar pingos nos “is”?

– Maciel, em outro País, seria a atitude correta, mas não aqui. A cúpula alta, o círculo administrativo e jurídico é talhado para

defender a elite que está acima do bem e do mal. Se não pertencer a essa elite, não tem vez e nem voz...

– Alfredo, concordo com seu pensamento, temos exemplos que ilustram esses casos, mas como falou Maciel, uma investigação profunda deveria ser feita, para que os cidadãos honestos, sejam respeitados neste País – exclamou Roberto.

– Exatamente. Só para conhecer a verdade, sem sombras, nem dúvidas – concluiu Edson.

– Vocês estão corretos, raciocínio lógico – mas, estou apático, triste, sem ânimo, sem aspirações – Alfredo concluiu tristemente

Edson ergueu-se, retirou de uma mesinha uma garrafa de vinho.

– Trouxe um Cabernet, para termos forças de vencer as vicissitudes da vida...

Encaminharam-se todos para a varanda, e Alfredo abriu o coração:

– Agradeço o empenho e o encorajamento que vocês me emprestam, mas nada trará a minha M^a de Lurdes de volta, nossa vida a dois, nosso companheirismo, tudo terminou daquela maneira cruel, horripilante tragédia... vou pedir exoneração do cargo, porque estou sem fé, sem ânimo, sem nada..

– Sugiro que você aceite minha sugestão: peça licença para tratamento de saúde, pelo tempo que lhe convier, depois decidirá o que é melhor para você – aconselhou Maciel.

Nesse momento, Edson pediu licença e afastou-se para atender o celular. Voltou em seguida.

– Sinto muito, mas, a nossa nova secretária, estava só em sua casa, quando caiu, segurando uma garrafa, torceu o pé, recebeu um grande golpe na perna, sangrando muito. Vou socorrê-la... abraçou Alfredo fortemente

– Sinto muito por você. Flávia estava com muita saúde. Mãe, pai à noite conversamos. Tchau!



Edson consultou o endereço pelo celular, parou diante do número. A porta não estava trancada, entrou e avaliou a situação. Gizele pressionava o talho com uma pequena toalha que já estava vermelha de sangue e a outra perna apoiada numa cadeira. Edson carregou-a nos braços, deixou-a aos cuidados da enfermeira na emergência e foi providenciar um apartamento simples: cama, pequeno armário, cadeiras, um frigobar e uma janela aberta para uma área livre, guardou a documentação e foi falar com Gizele.

– Gizele, você deverá permanecer no hospital, por cinco dias, quando os ferimentos cicatrizarem. Quanto à torção no pé, demorará mais tempo. O médico dirá a melhor tática

– Oh! Dr. Edson, estou simplesmente arrasada... não poderei trabalhar...

– Não se preocupe, Aurélia, tem muito tempo de escritório, e muita experiência, o trabalho não sofrerá descontinuidade...

– Sei, Aurélia é muito competente, mas, isso não me impede de sentir-me um estorvo...

– Oh! Menina lamurienta, seu problema impede-a de andar, mas não apresenta nenhuma gravidade – concluiu Edson, animando-a

– Que falta de sorte, a minha. Gemou a moça, cobrindo os olhos

– Nem fale assim... outras pessoas têm problemas, muito mais sérios – consolou-a novamente o rapaz

No dia seguinte, visitando-a – Edson entregou-lhe uma caixa de chocolates. Enquanto ela recebia os doces, envolveu-o num longo olhar de ternura apaixonada

– Oh! Dr. Edson, você não existe!

– Não existo? Quem sou eu, então? Indagou o rapaz em tom irônico e divertido

– O chefe mais gentil, mais maravilhoso, que eu poderia imaginar – colocou o doce na mesinha de cabeceira e segurou suavemente as mãos de Edson. Continuou – sou órfã, por isso sua ternura me comove tanto...

– Tantas qualidades para quem não existe? – respondeu Edson em tom irônico.

– Sabia que está infringindo as regras? O hospital não permite guloseimas para os pacientes – concluiu a moça com o mais belo sorriso.

– A senhorita é uma paciente especial. Ele perguntou em tom grave e formal – Quando Juan regressa?

– Depois de amanhã – em tom amuado continuou – então trocarei meu gentil chefe, por meu irmão, grosseiro e carrancudo. Que falta de sorte...







CAPÍTULO | 7

Gizele apertou suave e longamente as mãos de Edson

– Desejo-lhe sorte, senhorita, para recuperar-se rapidamente. Não posso demorar-me, porque hoje temos trabalho dobrado, no escritório. Tchau. Até amanhã

Edson dirigiu-se direto para o estacionamento, entrou no carro, mas, não deu partida

Recostou-se no banco

– “Pelas onze mil virgens!” está acontecendo comigo a repetição do amor que sinto pela Karla – ela, que, atraíçoou os meus sentimentos, pisoteou o meu amor próprio, enfim, fez misérias comigo... desapareceu da minha vida, como uma sombra, sem deixar rastros. Acho que estive apaixonado por duas mulheres em um só corpo. Qual seria a verdadeira, a autêntica Karla? A companheira alegre e descontraída dos últimos dias? Ou a mulher rígida e fria, que era a secretária? Agora, me aparece Gizele – só doçura, só envolvimento, suave, inteligente e amorosa. Está aos poucos, esvaindo as lembranças de Karla, que relembro com gosto amargo de frustração. E se tudo for mentira? Se, o semblante apaixonado, não passar de um jogo? Edson! Edson! Invente um pretexto para não voltar ao hospital. Foge, seu malandro, enquanto é tempo”...

Ligou o carro, resolutamente, partiu assoviando a música de Vandré: “quem sabe faz a hora, não espera acontecer...”



Flávia está no jardim podando suas queridas plantas. Soa a campainha do portão. Ao abri-lo, exclama

– Deus do céu! – Estende os braços para a amiga – Andréa! há quanto tempo! Abraçam-se efusivamente

Flávia afasta-se um pouco, olhando-a.

– A mesma Andréa, o tempo parece que congelou para você..

– Ah! Eu me cuido... exercícios e hidroginástica – rematou a recém-chegada. Você está muito bem, Flávia! Antes de sair de casa, pensei... – Flávia deve estar toda enrugada, andando com uma bengala! Mas você está bem de verdade!

– Eu te juro, Andréa, se eu estivesse velhinha, enrugada e de bengala, eu te receberia com o maior orgulho... sinal que eu havia recebido a graça de envelhecer...

– Flávia, você me conhece, estou sempre provocando, mas com espírito de brincadeira. Lembra do comprimido na quarta série

– Quase chamam tua mãe, para saberem que comprimido era aquele...

Andréa começou a rir: com uma gilete nova retirei uma fatia do giz, esculpi tão bem, que parecia verdadeiro

Flávia completou – a professora quase caiu... bons tempos! Exclamou Flávia

– Alfredo, está aqui, vou chamá-lo...

– Essa voz... – exclamou Alfredo, aproximando-se

– Andréa, que prazer encontrá-la...

– Fico feliz de ver o meu amigo tão bem-disposto. Sinto imensamente essa tragédia, principalmente do modo como aconteceu

– Quando fecho os olhos, Andréa, parece que foi ontem... eu me levanto, ando, me alimento, mas meu corpo parece que não tem alma, sou um corpo vazio..

– É natural que pense desse modo, retiraram parte de sua

vida. Alfredo, li algumas reportagens sobre o caso, há algum fundo de verdade, ou é apenas especulação jornalística...

– São especulações sim, porque até hoje só tenho curtido minha dor...



Ao retornarem à sala tia Nana segurou a mão de Karla e convidou-a a sentar-se ao seu lado, e pediu que ela a escutasse

– Karla, minha filha, sabe quanto te quero bem, quanto me preocupo com você, prometo que jamais revelarei o seu segredo, mas preciso alertá-la: ainda está a tempo de recuar, pense melhor, reflita com mais calma e verifique se não seria mais adequado você revelar esse fato ao Dr. Edson? Meu coração me diz, que ele é um rapaz de bons sentimentos, um “rapaz direito”, não quer pensar assim

Karla deu um suspiro profundo – Tia, meu coração também me fala exatamente o contrário do que a senhora acabou de me dizer. Ele me diz que estou agindo de uma maneira correta. Só o futuro dirá qual de nós duas estava certa ou errada

Karla então ergueu-se, olhou para tia Nana e disse

– Temos muito trabalho pela frente, esvaziar essas malas e organizar tudo nas gavetas

– Ainda bem, que a velha cômoda vai ser novamente ocupada. E encaminhou-se para o quarto à esquerda no corredor, entraram

– Tia Nana, veja só a altura desta cômoda, e o tamanho dos gavetões, meu Deus! E o verniz dessa cômoda, parece laca, ainda brilha apesar do tempo

Ambas trataram de organizar o quarto.



Dias mais tarde, Flávia, sentou-se perto de Andréa – eu tenho uma história que vou precisar da sua opinião para entender.

– O vice-presidente, que é meu grande amigo, confessa seu amor por uma mulher, vejam bem, ela é secretária da diretoria. Mantém-se numa posição profissional, onde sentimentos não existem. O vice presidente que já a amava há muito tempo, confessa seu amor e ela, no início não dá a menor importância

– Até aí, nenhuma novidade – exclamou Andréa

– Certo dia, o dedo do destino, “mexeu os pauzinhos”, e eles, de repente se declararam, começaram a namorar. Ele quis ficar noivo, mas, ela pediu segredo. Resolveram, então, que anunciariam o noivado e se casariam na festa dos quarenta anos da fábrica. Ficou então, tudo acertado, entre eles, que continuavam a se encontrar, na maior felicidade.

Só que um dia, a secretária pede à Maciel, que avise à presidência que, por ordens médicas, ela vai acompanhar a tia, ao interior, que não tem acesso à celular, nem telefone fixo. E sumiu... sem dizer adeus, sem dizer nenhuma palavra... mistério. Que conclusão, você tira dessa história?

– Não se aborreça, com meu palpite: essa moça conheceu um fazendeiro rico, ou um proprietário rico, fez-lhe proposta de casamento e ela aceitou... afirmou Andréa

– Andréa – exclamou Alfredo, deixar um vice-presidente, por um rico caipira...

– Se a futura sogra, a humilhasse, porque ela era moça pobre

– Penso diferente – explicou Alfredo – ela está querendo testar o amor que ele confessava. Foi para longe, a espera que ele vá buscá-la...

– Não pode, meu irmão, ela não deixou indicação de onde está...

– Nenhuma pista...

– O local fica perto de Itaiçaba – confirmou Flávia.

– Então, irmãzinha, o cara é rico, contrata dois investigadores, descobrem rapidinho. Ele pega um helicóptero, e em poucos dias, vocês verão os dois de braços dados...

– Eu queria tanto, que isso acontecesse!!! – exclamou Flávia, Karla não é uma mulher fria e calculista.

– Como é mesmo, que ele a chamava?

– “Estátua de gelo” – afirmou Flávia

– Então, querida, ela fez um cálculo e espera dar certo, retrucou Alfredo.

– É que vocês não a conhecem, ela é verdadeira, simples, acreditem, ela conquistou meu coração. Sinto como se ela fosse minha filha! Exclamou Flávia, com lágrimas nos olhos.

– Ai! ai! ai! Já estou com ciúmes. Essa tal Karla, vai tomar meu lugar, no seu coração? – falou Andréa, fingindo zanga.

– Boba! Nossa amizade é igual as rochas de granito, não se desmancham nunca!

– Qual a opinião de Maciel? Alfredo perguntou

– Ele tem certeza, que Karla fala a verdade, e que tão logo a tia melhora, ela estará de volta à fábrica...

– Flávia, minha grande amiga, só o tempo dirá!

Flávia consultou o relógio e avisou: – Edson está vindo para cá, talvez chegue em 10 minutos.

– Minha irmã, pelo amor de Deus, quando ele chegar, não

faça perguntas... deixe a critério do rapaz. – aconselhou Alfredo.

Flávia permaneceu calada

A campainha soou, e Alfredo prontificou-se em abrir o portão. Edson foi entrando, cumprimentou Alfredo, abraçou Flávia e sorriu para a visitante.

– Edson, apresento-lhe minha amiga de infância, Andréa

– As amigas de Flávia, também são minhas amigas – comentou o rapaz, beijando-lhe a mão.

– Já o conhecia, através de fotos em revistas – comentou Andréa

– Eu nem devia estar aqui, mas, naquele almoço, saí muito apressado. Agora, quero desculpar-me.

– Não se preocupe, Edson, somos amigos, os amigos se entendem – esclareceu Alfredo.

– A propósito, Flávia perguntou frisando bem as palavras – como passa a secretaria que sofreu aquele acidente

– No pé torcido, fizeram uma bota de gesso, e a perna, que levou oito pontos, está em processo de cicatrização, cinco dias, aproximadamente, diz o médico

– Acidente, nas duas pernas? Indagou Andréa. Como poderá andar

– O irmão vai providenciar uma auxiliar, quando estiverem em casa

– Edson, você é como se fosse meu filho, tão grande é a minha afeição. Meu coração é dividido em duas partes – uma do Maciel, meu marido, a outra, do Alfredo, meu irmão. Mas você está encravado de um lado e a Karla do outro

– Nem me fale nesse nome – estou tentando esquecer essa mulher...

– Sei que Karla continua agindo por amor – afirmou Flávia

Edson deu uma risada. – Que amor mais estranho – amor que desaparece, que vira ar? Aquele coração é incapaz de amar – ela é realmente a “estátua de gelo” que a apelidei...

– Edson, apesar de querer esquecê-la, continua ressentido e isso não é bom.

– Mas, vai passar eu te garanto, Flávia. Aos oito anos, tentei subir numa árvore. Segurei o galho e um espinho entrou no meu dedo. Corri para casa, Júlia tentou retirar o espinho, não conseguiu. Durante um tempo, esse espinho doeu. Mais tarde, deixou de doer, e no local ficou como uma semente de tomate ou de goiaba, mas sem dor. Com o passar de tempo, desapareceu o carocinho, hoje o meu dedo está livre. Acredito que os meus sentimentos pela Karla vão ter fim semelhante...



– Dr. Edson que alegria vê-lo – meus dias são tão tristes, quando não ouço sua voz... falou a moça segurando as mãos de Edson com um sorriso a iluminar lhe o rosto

– Gizele, você está muito bem, Juan conseguiu uma ajudante, então nada lhe falta. – comentou Edson com voz pausada

– A minha auxiliar é tão extraordinária que precisa de trinta dias, para trazer-me um copo de água

– A secretária Gizele, tanto tem de competente quanto tem de exigente

– Agradecida, pelo competente, mas falando sério Dr. Edson, poderia levar-me ao hospital, para a retirada desta bota horrorosa? Ao seu lado, sinto-me tão protegida! Por favor, não me negue essa felicidade...

– A que horas quer ir? Edson perguntou

– Agora, se for possível, para diminuir a perda de tempo. – Exclamou a moça sorrindo.

– Estar ao seu lado não é perda de tempo, é prazer. – Afirmou Edson

Pegou-a nos braços e a levou-a para o carro.

Gizele acomodou-se no banco e colocou a mão sobre a perna de Edson

– Estou tão ansiosa para livrar-me desta bota horrível! Nem sei como consegui dormir esses dias. Não sei quem me incomoda mais, esse horror, ou a lesma que meu irmão arranhou, como minha auxiliar

– Calma, menina, mais quinhentos metros, e estará livre..

– Dr. Edson, será que estando livre deste tormento, uma sessão de cinema fará mal a uma convalescente?

– Eu acho que você descende daquele cara que “fez a sopa de pedra”

Gizele soltou uma gargalhada tão inesperada que Edson riu descontraído

– Por que diz isso? Perguntou Gizele

– Arranca-me do trabalho, faz-me acompanhá-la ao hospital, sugere sessão de cinema...

Edson desligou o carro, no estacionamento do hospital. – Exclamou então:

– Socorram-me as onze mil virgens

Gizele lançou-se ao pescoço de Edson e trocaram beijos ardentes.



À noite, ao voltar da fábrica, Juan encontrou Gizele, hidratando as mãos e pernas

– O filhinho de papai, está fisgado – exclamou ela.

– Já não aguentava mais a sua incompetência.

– Você é demais Juan! Eu devia estar trabalhando sozinha, não com você...

Juan soltou uma gargalhada

– Iria conseguir muita coisa? No máximo, um flat na orla, até que ele se cansasse

– Porco nojento! Exclamou Gizele furiosa

– Já me acidentei duas vezes, e você ainda reclama

– Você demorou demais a fisgar esse cara, se é que está fisgado mesmo...

Gizele levantou-se, saiu batendo a porta do quarto e Juan ouviu ruído da chave na fechadura. Entrou para o banheiro e o som de água caindo, encheu o aposento.



Flávia estava no jardim, cuidando de suas plantas, quando Alfredo, veio ao seu encontro, muito animado

– Flávia, acabo de receber uma mensagem do meu cunhado Mário. Ele me afirma que talvez posso pedir transferência, que com alguma ajuda, eu posso vir trabalhar no Tribunal de Contas

daqui. Já providenciei passagem aérea, voo das 21 horas

– Hoje ainda, Alfredo?

– Não posso viver às custas do meu cunhado, concorda comigo? – perguntou Alfredo



Maciel está em sua sala, diante de um mapa repleto de sinalização, falando ao celular

Batem à porta

– Entre! falou Maciel

Um rapaz da limpeza, entrou deixando seus apetrechos ao lado da entrada. Aparentava pouco mais de dezesseis anos. Parecia tímido e inseguro

– Que deseja, rapaz? – perguntou Maciel de semblante franzido

– Dr. Maciel, desculpe ter vindo sem ser chamado, meu nome é Ronaldo, trabalho na limpeza...

– Afinal, o que quer? Perguntou Maciel impaciente

– Não vim pedir nada, vim, porque acho que é meu dever.

– Seu dever? Perguntou Maciel em tom intrigado

– Sei que é muito feio ser “dedo duro”, mas se vejo alguma coisa perigosa, eu penso que, devo avisar

– Fale de uma vez, rapaz, não tenho tempo a perder...

– O motorista Juan, tem amigos do meu bairro; os caras são procurados pela polícia. Ninguém diz nada, porque eles matam,

tomam as casas, fazem todo tipo de maldade, eu tenho minha mãe e minha irmã...

– Juan frequenta a casa deles? Perguntou Maciel, bastante interessado

– Não, senhor. Só estou narrando essas coisas porque um é assassino, o outro traficante. Fui encarregado de limpar o galpão que foi desativado para reforma, o último. Eu estava limpando e subi numa escada para limpar as janelas. Aí vi alguém subindo o muro. Prestei atenção e ia alarmar, quando vi o Juan se aproximando, o cara pulou no chão e entregou-lhe os pacotes. Eles conversaram, subiu outro cara, o “Barriga”, pulou o muro, discutiram os três um pouco, os dois escalaram o muro novamente e foram embora. E o Juan caminhou na direção daquela portinha de emergência. Devia ser droga, Dr. Maciel, porque eles vivem nas “bocas de fumo”.

– Ronaldo, é seu nome? Você tem certeza de que está falando a verdade?

– Tenho, Dr. Maciel! A gente vive aqui, tão bem, para deixar essa coisa entrar, tirar o sossego, como acontece, onde eu moro? Estou contando ao senhor o que eu vi, e conheço os dois caras que escalaram o muro



Na manhã seguinte, estão reunidos na sala de reunião, Maciel, Edson, Roberto e Duarte, equacionam problemas da empresa, e sugerem inovações.

Edson ia desligar o computador, quando uma manchete de reportagens, lhe chamou a atenção

– Puxa! Que situação!

– Que aconteceu, Edson? Indagou Duarte

– A reportagem sobre um protetorado encravado entre

Letônia e Lituânia. Diz que o território é rico em mineral, que há muitos milhões de euros, nos cofres públicos, e acreditem treze milhões de desempregados em Lisbra. Pasmem, agora, o Ministro da Economia impede, que se faça um único investimento, para dar trabalho e dignidade a esse povo. Agora eles estão em calamidade pública

– Eles deviam apelidar o Ministro da Economia de Lisbra de “toupeira”. – Comentou Duarte

– Talvez, eles têm uma boa administração e já usufruem de todos os investimentos, o dinheiro está sobrando – foi o comentário de Maciel

– Que nada, Maciel – as unidades de saúde, verdadeiras sucatas – faltam leitos de UTI, faltam médicos e enfermeiros. Mais da metade da população, não tem saneamento básico, professores mal pagos, e investimento zero total

– Continuam sob a tutela desse Ministro? Perguntou Roberto

– O presidente dá apoio ao ministro “toupeira” – afirmou Edson

– O povo, não devia aceitar esse simulacro de Ministro. O pior aconteceu, para incrementar a situação insustentável, surgiu uma epidemia virótica. – Afirmou Duarte

– Coitados! Exclamou Maciel

– Além da calamidade do ministro, ainda surge uma epidemia virótica! Esse ministro da economia de Lisbra devia chamar-se “desastre da economia” – comentou Roberto







CAPÍTULO | 8

Começo de expediente, Ronaldo acabara de chegar, quando uma funcionária apareceu à porta da “limpeza” e chamou

– Ronaldo de Souza?

– Sou eu, disse o rapaz.

– Venha ao RH, por favor...

Um colega pergunta

– Será que vão te demitir?

Ronaldo um pouco nervoso respondeu:

– Não fiz nada errado... e saiu

Nos Recursos Humanos, falou com a funcionária mais próxima

– Sou Ronaldo Souza!

– Bom dia. Entre aqui um momento...

Ronaldo seguiu-a. entraram em uma pequena sala, repleta de arquivos

– Sara, esse é o Ronaldo. Disse a funcionária

– Ronaldo, acabo de ler a sua ficha, está tudo bem com você?

– Sim, respondeu o rapaz resolutivo

– Amanhã você não vem para a fábrica, seu ponto será abonado...

– Que quer dizer isso? Perguntou.

– Não será considerado falta, porque você vai estar nesse endereço...

Sara entregou à Ronaldo um envelope

– Em uma folha de papel está o endereço, o dinheiro, que cobrirá suas despesas de transporte. Não precisa prestar contas dos gastos, e se houver troco, pertence a você...

– Sim, senhora

– Prefiro que o envelope fique aqui, no RH, ao sair você o apanha, sozinho. Deve guardar sigilo sobre a entrevista comigo, sobre o envelope, sobre sua falta de amanhã, nenhum comentário, isso é muito importante!

– Sim, senhora

– Se houver insinuações ou perguntas, diga que seu nome estava errado, precisava ser corrigido...

– Sim, senhora!

Ronaldo devolveu o envelope

– Com licença...



Flávia e Alfredo lanchavam no terraço que dava para o quintal. Toque de campanha. Flávia apressou-se em atender

Voltou ansiosa

– Alfredo, há quatro cavalheiros de terno e gravata. Na testa deles está escrito assim: “políticos”.

Alfredo abanou a cabeça

– Essa minha irmã... vou recebê-los, não esqueça que, há políticos bons e... outros, nem tanto...

Convidou-os a entrar.

– Dr. Alfredo, boa tarde – sou Paulo Fontenele, relações públicas do meu partido, o qual sirvo com muito orgulho; Roberto Seixas, presidente do nosso partido, o secretário Afonso Severo, e André, cinegrafista, de nosso jornal em Olinda

– Muito prazer em conhecê-los, Alfredo Pinheiro – apertaram-se as mãos e Alfredo convidou-os a sentar

– Ficamos consternados, com o desenlace trágico que vitimou sua esposa, lamentamos profundamente. Nesses casos precisamos tomar o máximo de cuidado, porque, as sondagens policiais, prejudicam mais do que ajudam. Sabemos que é um homem nobre, viemos solicitar-lhe algumas palavras para o nosso jornal de Olinda.

– Posso adiantar-lhes, o esboço de Alfredo Pinheiro: após a tragédia: sinto-me como se houvesse morrido, meu mundo desabou, perdi o foco... um sujeito motorizado, sobe um passeio, no centro da cidade e colhe uma mulher com uma sacola de compras. Em que mundo estamos? Essa mulher, era minha esposa...

– Por esse motivo é que nos encontramos aqui, solidários com o seu sofrimento. Nosso cinegrafista registrará sua imagem sofrida e desalentada – falou Seixas

– Senhores, um momento, não permitirei nenhuma fotografia – exclamou Alfredo em tom enérgico

– Não seja por isso, Dr. Alfredo. Compreendemos que, para um homem sentimental, como acaba de se definir, após um sofrimento tão intenso, considere que uma estadia em outro lugar, o lugar de seus sonhos, seja a cura para sua alma ferida tão duramente!!! Algumas semanas, no estrangeiro fará muito bem.

– Certos políticos, estão inteiramente equivocados quanto aos cidadãos de bem: entre nós, civis, não funciona o sistema “toma lá dá cá” a consciência do cidadão de bem, não se corrompe

com algumas vantagens, uns cargos políticos, milhares de reais. Os senhores prestem atenção ao que vou dizer – na próxima semana, por questão de trabalho, retorno à Olinda, e irei diretamente à Polícia, registrar o ocorrido, na qualidade de esposo. Exigirei a placa do carro (mesmo que seja fria), nome do motorista (mesmo que seja falso), nome do proprietário do carro (mesmo que tenha sido roubado) e se alguém tiver ligação com partidos políticos, exigirei o nome do partido. Essa investigação que quero fazer, podem publicar no jornal. Acrescento ainda, se a Polícia, dentro de seis meses nada conseguir apurar, colocarei um investigador, meu amigo da Reserva, que fará uma varredura, gratuitamente. Garanto-lhes que, os leitores, vão adorar a minha decisão. Boa tarde para os senhores...

Alfredo ergueu-se

– Minha irmã, os acompanhará à porta. Passem bem!

Flávia os acompanhou à porta e em seguida, falou para o irmão, muito emocionada

– Adorei, Alfredo. Você pegou-os escancarando a porta da armadilha, que eles armaram para você. Adorei, meu irmão, e comovida, abraçou Alfredo



Ronaldo chega em casa, no começo da noite. Sua mãe, está ao fogão, terminando de preparar o “baião de dois”

Sua irmã assiste televisão e ele se senta à mesa e diz

– Mamãe, eu queria que a senhora olhasse esse envelope

– Naldo, você sabe que não sei ler... para que me mostrar esse papel? Também não gosto desses segredos. Que tanto segredo é esse? Você me conte logo o que andou aprontando... preste atenção, não é toda empresa, que paga como essa... tem vizinho da gente, que ganha só o salário-mínimo “chorado”. Esse dinheiro

que você ganha, é importante pra gente, sem ele como vamos viver? Exclamou a mãe desesperada, com as mãos na cabeça

– Meu emprego não corre perigo, mãe, se acalme, deixe eu lhe contar tudo...

A mãe sentou-se, respirou fundo

– Outro dia, houve uma investigação da polícia

– O que? Gritou a mãe

– Vi que era encrenca. Dr. Maciel conversou com Murilo, um cara muito legal, depois falou com um motorista, mais novato do que eu, não vou com a cara dele

– Menino, toma juízo, ninguém pode se dar a esses luxos, de ir com a cara do outro... a gente dá graças a Deus viver...

– Outro dia, fui limpar o galpão, que fica perto do muro da fábrica. Subi na escada para limpar uma janela, aí eu vi o Tião pulando o muro, depois o “Barriga” pulou também. Eu já ia alarmar, quando vi o motorista Juan, conversando e discutindo com eles, e recebeu dois pacotes. Aí eles pularam o muro e foram embora

– Tião e Barriga! Valha-me Nossa Senhora. Tem certeza de que eles não te viram? Perguntou a mãe horrorizada, com as mãos na cabeça.

– Aí, eu criei coragem e contei tudo para o Dr. Maciel, o Administrador

– O que tem nesse envelope?

– Não sei, a senhora começou a brigar comigo, não me deu tempo de abrir o envelope...

– Abra de uma vez – pediu a mãe

– Esse dinheiro é para o almoço e transporte. E eu devo ir para esse endereço amanhã...



M^a Fernanda lê um livro perto da janela na sala de jantar. Um raio de sol, que escoia pelas folhagens das árvores, toca os cristais finíssimos, que enchem as prateleiras de mármore rosa, cintila, iluminando a prateleira fronteira, que sustem vasos de várias culturas, colecionadas nas viagens, empreendidas por ela e Roberto, ao redor do mundo

Edson entra, usando camiseta esportiva, balançando suavemente os óculos escuros

– Bom dia, mãe – inclina-se e a beija afetuosamente – Mãe, vou à praia, pernoito e só regresso amanhã à noite. Ok? Avise ao meu pai. Sai

Entra Roberto com um jornal. Sentou-se na outra cadeira ao lado da janela.

– Estamos com problemas na montadora de motos, e deve ser resolvido o quanto antes

– Que tipo de problema, querido?

– A crise, abala as estruturas, dissemina o receio de perda – respondeu Roberto contrariado.

– Há motivo para isso?

– O motivo, minha querida, é que, se um se retrai, os demais investidores querem fazer o mesmo

– Compreendo – confirmou M^a Fernanda preocupada.

– A mídia, não ajuda, só contribui para aumentar o pânico – concluiu o marido, no mesmo tom preocupado.

– Que você pretende fazer?

– Pela lógica, eu deveria embarcar amanhã, mas Maciel também está com problemas... apesar de guardar segredo.

– Sério? – indagou a esposa. Que tipo de problemas?

– Não sei, sabe como é o Maciel, ele tenta resolver, só pede ajuda se não consegue solucionar, por seus próprios meios.

– Houvesse um Maciel, em cada filial – exclamou M^a Fernanda.

– Eu não estaria com esse abacaxi nas mãos.

– Você deve mandar o Edson.

– Onde ele está?

– Saiu para a praia, só regressa amanhã à noite.

– Meu bem, mande a Júlia preparar uma valise para o Edson, e eu vou adquirir uma passagem aérea. Assim, ganhamos tempo e ele embarca na manhã seguinte muito cedo...

Ambos se levantaram para programar a viagem do filho.

Ronaldo desceu do ônibus, ajeitou a mochila, consultou o endereço novamente e foi caminhando seguindo as indicações do envelope, que Sara lhe entregara. Tocou a campainha e foi atendido por uma funcionária, simpática, que o convidou a segui-la. Ela bateu discretamente à porta e Ronaldo tomou um susto, ao reconhecer a voz de Maciel.

– Pode entrar, Ronaldo. Sente-se.

– Obrigado dr. Maciel.

Maciel sentou-se à sua frente e um senhor grisalho, sentou-se ao seu lado.

– Marcos, esse é o rapaz do qual lhe falei, ele viu um de nossos

funcionários, conversando com traficantes de drogas próximo ao muro da fábrica, envolvido com traficantes, assaltos e homicídios. É meu dever proceder uma investigação rigorosa. Ronaldo, este senhor é Marcos Pontes, um competente investigador particular. Você trabalhará auxiliando o dr. Marcos, não correrá nenhum risco, desde que não faça comentários, com ninguém.

– Rapaz – falou o detetive – não tenha receio, sei que é menor de idade, porém, sua tarefa é simples, mas, da maior importância – abriu a caixa que estava sobre a mesa. Isto é um rastreador – venha cá, um instante.

Os dois homens seguidos por Ronaldo, levantaram-se e foram para uma moto estacionada num pequeno pátio.

– Fique atento, ele vai ensiná-lo como colocar esse aparelho na moto – explicou Maciel.

Ronaldo ouviu atentamente as instruções do detetive, repetiu a operação como ele pediu, com sucesso.

– Mas, Juan não vai me ver instalando o rastreador?

– Marcos vai usar roupa de segurança da fábrica, com crachá – explicou Maciel.

– Você ficará oculto por trás de um biombo, com uma caixa de ferramentas, boné e óculos de proteção. Quando eu olhar o relógio, pela terceira vez, você vai para junto da moto do Juan, onde eu estarei, entendeu? – perguntou o detetive.

– Para facilitar a operação, farei uma palestra com os motoristas, vocês terão tempo suficiente para resolver o problema sem surpresas. – Concluiu Maciel.

– A finalidade desse aparelho é localizar o Juan, aonde ele estiver, eu poderei segui-lo sem ser visto. Estamos entendidos? – perguntou o detetive, mais uma vez.

– Claro, vai dar certo – confirmou Ronaldo.

– Agora, você está livre, só vai retornar à fábrica amanhã. Quando terminar sua tarefa, vá ao RH e fale com a D. Liduína. Ela lhe dará novas instruções.



É noite, Gizele entra em casa. Ao fechar a porta, seu semblante muda completamente. Joga a bolsa numa explosão de raiva, tirar os sapatos, e exclama

– Ai que ódio... que ódio! Esmurra o sofá, com violência.

Juan entra e ao ver a fúria da companheira, explode numa gargalhada. – Não foi capaz de seduzir o cara? A superinteligente? Deu com os burros n’água? Estou estranhando, só Juan é incompetente... estou adorando esse gol do babaca..

– Não me irrite... não me provoque... ou eu não respondo por mim... gritou Gizele fora de si

– Vem cá minha boneca – Juan puxou-a do sofá. Essa viagem repentina vai servir para ele sentir falta... Pior é a minha situação – vejo minha mulher, seduzir o meu patrão, isso é dureza!

Juan abraçou Gizele fortemente e trocaram muitos beijos



Edson ao desembarcar no Aeroporto, seguiu diretamente para a filial

– Dr. Edson, não o esperava tão cedo

– Olá Antunes, como vai essa força?

– Muito fraquinha, pois precisei pedir ajuda ao presidente. Os jornais só falam em crise. A única coisa que sabem fazer: põem mais lenha na fogueira...



Alfredo, ansioso porque aproxima-se a hora do embarque, e Maciel não chega

– Flávia, tem certeza, que Maciel está com o meu bilhete de viagem?

– Alfredo, fica calmo, você está muito nervoso – ralhou a irmã. Está com seu bilhete, sim. Ele foi ao porto, resolver um problema. Em minutos, estará de volta

Flávia parou perto da mesa. Foi ao quarto, voltou com a bolsa e as chaves do carro.

– Quer saber, meu irmão, se Maciel estiver na fábrica, vou trazê-lo, pela orelha...

– “Canta, laranjeira” ... vai trazê-lo aos beijos e abraços ciciando no ouvido: – “Meu amorzinho, meu xuxuzinho” – replicou o irmão sorrindo..

– Ora, disse Flávia, ficando vermelha – preciso cuidar do meu patrimônio, com zelo e muito carinho...

Acenou para Alfredo e saiu.







CAPÍTULO | 9

Introduzida na sala da presidência, por Gizele, Flávia foi recebida por Roberto, afetuosamente.

– Surpreso com a minha intromissão, Roberto?

Ele retrucou com um sorriso

– Você é sempre bem-vinda! Quer tomar alguma coisa?

– Não, Roberto, obrigada. Vim procurar meu marido...

– Maciel ainda não regressou das docas, chegará em quinze ou vinte minutos. Como passa o Alfredo?

– Ah! Roberto, apareceram lá em casa, três engratados, solidários com o sofrimento dele. Para resumir a conversa, que foi longa, ofereceram-lhe uma viagem, em qualquer lugar paradisíaco, para meu irmão, curar-se da perda da esposa

– Que desfaçatez – exclamou Roberto

– Ah! Alfredo zangou-se e com muita firmeza, disse-lhes que iria a Olinda, procuraria fazer o BO, na qualidade de esposo da vítima. Acrescentou ainda, que exigiria todos os nomes ligados ao carro atropelador, mesmo que fossem falsos, e se nada fosse esclarecido, entregaria o caso, a um investigador particular...

– Esse é dos meus... aplaudiu o presidente.

– Talvez, esperando que o motorista fosse preso, comecei a pensar: deveriam ser confinados nos presídios, apenas, os homicidas e os praticantes de crimes hediondos. Excluindo esses, todos os presidiários, iriam trabalhar nas praças em jardinagem, na pintura de escolas, no saneamento básico, na reconstrução de estradas, etc... etc..

– Operação difícil, Flávia. Precisariam contratar dez vezes mais agentes penitenciários, para acompanhar os detentos nessa lida

– Que mal haveria nessa contratação – indagou Flávia – haveria sim, um resultado ultra positivo, encarcerados trabalhando à luz do sol, aprendendo a serem responsáveis e respeitarem a lei, haveria então, menos desempregados no País. A meu ver – muitos lucros!

– Em um país de bom senso, essa seria, a ação correta. Porém, nosso povo, a massa popular, não admite o raciocínio lógico. Basta alguém, começar a correr, na rua, imediatamente, muitos o seguirão. Nenhum deles, perguntará: “Por que estamos correndo? Para onde vamos? Para que finalidade estamos a correr? Nosso povo, pode ser resumido naquela frase banal: “Maria vai com os outros – ou José vai com os outros”

Roberto continuou

– Flávia, o povo não sabe pensar. Nos momentos críticos, eles são solidários, em todo caso, não sabem lutar pelos seus direitos – trabalho e moradia...E emprego para todos!

Nesse momento, Maciel entra, surpreende-se com a presença da esposa

– Flávia, que surpresa! Exclamou ele

– Estou fugindo do Alfredo, está uma “pilha”!

– Atrasei-me um pouco, mas, temos tempo. Vamos buscar o Alfredo e levá-lo para o Aeroporto

– O bilhete está contigo?

– Claro, meu bem. Vamos

– Tchau, Roberto, adorei nossa conversa, no meu entender, muito produtiva! – exclamou Flávia acenando.

– Roberto, nas docas, tudo resolvido!

– Ok, Maciel

Roberto comentou consigo mesmo

– Casal perfeito, ambos têm senso administrativo, bastante desenvolvido.



Juan entra no estacionamento, apanha a moto, e afastasse em boa velocidade.

O detetive observa-o, meio escondido, em seu carro cinza, embaixo de uma árvore.

Espera alguns momentos e segue-o. Após curvas e curvas, Juan estaciona diante de um portão de madeira, com restos de pintura, aqui e ali. A rua acanhada e sem movimento. Uma grande cana fístula, plantada a dois metros do portão, sombreava toda a extensão, da casa velha e desbotada. Em questão de dez minutos, Juan, entrou e o portão fechou-se.

Marcos Pontes, postou-se ao pé do muro, ouviu o ruído de vozes, afastando-se

Resolveu escalar o muro. Agachou-se atrás de um avantajado “Pingo de Ouro”, oculto pela folhagem, observou o motoqueiro, confabulando, com outro homem

O detetive preparou sua máquina e pôde flagrar com precisão, o momento em que Juan passava às mãos do outro, um maço de notas e recebia cinco pacotes, de aproximadamente cinco quilos em cada. O motoqueiro, colocou sua carga, no baú da moto. Viu-os depois, bebendo cerveja. Enviou as fotos para Maciel, e calculou que, poderia escalar o muro sem ser visto.

Aconteceu um imprevisto, seu pé pisou num galho seco, que fez estalo forte

– Quem está aí? – vociferou o dono da casa.

Enquanto falava, o comparsa, por sinais, indicou a Juan, vigiar a rua.

Marcos, sem fazer mais ruídos, passou para o outro lado do muro. Mas, antes que seus pés, tocassem o chão, foi agredido violentamente por uma coronhada que Juan lhe desferiu

Amordaçaram-no, ligaram mãos e pés do detetive desacordado. Retiraram todos os documentos, inclusive a máquina fotográfica, depois, o jogaram na mala do carro.

Após a tarefa, Juan partiu pilotando a moto, logo atrás do comparsa dirigindo o carro de Marcos

Em uma praia bastante deserta, Juan esvaziou os pneus do carro, destravaram o porta malas, e Juan exclamou com desprezo – Aprendeu a lição, investigadorzinho, de meia tigela! Aqui é Juan. Olha para o comparsa e sugere: – É melhor liquidarmos de vez..

– Não, um tiro chamaria atenção e eu não quero envolvimento com a polícia. Nunca fui indiciado

Juan olhou para o companheiro

– Vamos

Partiram na moto



Com a cabeça latejando, o detetive, tentou coordenar as ideias, e se deu conta de sua situação. Procurou sua máquina, documentos, nada encontrou. Vasculhou dentro do carro, nada. Olhou para baixo do carro, então, percebeu os pneus vazios. Desconsolado, sentou-se sobre o capô, e falou para si mesmo. – Se uma patrulha passasse por aqui, na situação em que estou, a detenção é o que me espera, e até que eu prove minha identidade,

não sei quanto tempo levará. Preciso comunicar-me com Maciel...

Assim pensando, foi até a pista mais próxima, a espera de um carro que passasse, e um motorista que o escutasse. O quinto carro atendeu seu sinal de pedido de carona, então Marcos aproximou-se do motorista

– Por favor, envie uma mensagem para o número 96543002: de Marcos Pontes para Maciel: por favor, estou em situação difícil. O carro com pneus vazios, sem documento, sem dinheiro. Aguardo você

– Por favor, que praia é essa

– Praia do Sossego

– Acrescente, por favor, esse endereço na mensagem

O motorista seguiu viagem e Marcos dirigiu-se ao seu carro, falando consigo mesmo

– Que situação! Eu acho que aquele menino Ronaldo, teria se saído melhor que eu..

Assim pensando, Marcos Pontes, sentou-se sobre o capô do veículo, para melhor ser visto. O detetive calculou que deveria ser dezessete horas

A tarde esfriou bastante, o sol já começava a tingir de rosa e dourado, as palmas dos coqueiros. O detetive se impacientava e esperava.



Maciel, tamborilava na mesa, estudando as fotos que o detetive lhe enviara. Consultou o relógio

– Cinco e quarenta e cinco! Marcos Pontes, já devia estar aqui; para me falar pessoalmente sobre sua investigação

Foi ao departamento de cargas

– Murilo, tudo em ordem? Juan está de folga, certo

– Exatamente, Dr. Maciel. Amanhã ele deverá estar aqui, muito cedo.

– Boa noite, já estão encerrando?

– Sim, senhor.

Maciel voltou para sua sala. O celular tocou e ele leu a mensagem

– Ainda bem, Marcos. Enquanto lia a mensagem, coçou a cabeça preocupado. Apanhou o telefone

– Flávia, vou demorar um pouco. Não se preocupe. Entro em contato com você, em uma hora. Beijo



Pouco depois os dois homens entravam na delegacia, onde Marcos registrava um BO sobre a aventura que vivera, naquela tarde

– Dr. delegado, recorda-se do caso? A cocaína escondida na carga?

– Como poderia esquecer? Um chefe defendendo a inocência de um cara, com evidência de sua culpa...

– Eu, tinha quase certeza que o culpado era o Juan, que armou para a demissão do Murilo. Estou vendo que tinha razão. O depoimento do detetive, declara Juan como culpado, de sequestro, roubo e tráfico...

– Delegado, preciso que a empresa Becker&Becker fique fora do caso. Agora mesmo, vou assinar a demissão por justa causa: entrego-lhe seus dados e endereço, peço que todas as sindicâncias sejam fora da empresa, pode ser?

– Graças à rapidez com que elucidou esse caso, com provas documentais, penso que seria notável em nosso corpo de

investigadores – concluiu o delegado sorrindo.

Maciel sorriu e agradeceu. – Fico feliz, ao deixar a empresa desvinculada desse caso



Sala de reuniões da montadora de motos, filial importante de Becker&Becker

Edson sentado a igual distância das duas pontas da mesa, e Antunes, à sua direita. Ao redor, seis acionistas majoritários

– Meus amigos, muito boa tarde. – Começou Edson. Acredito que me conhecem, sou Edson Becker e sempre acompanhei meu pai, às reuniões de produtividade, etc, etc., etc. A empresa está radiante, com a produtividade desta importante célula, em nossa organização. Os relatórios, apontam e é exatamente a linguagem, que adoramos. Essa é a minha modesta opinião, desejaria ouvir a de vocês. O debate é a parte mais interessante e esclarecedora de qualquer reunião. Estejam à vontade

Um dos acionistas levantou a mão.

– Por favor, senhor Queiroz

– O senhor falou bonito, muito blá...blá...blá... mas a realidade do País, não deixa muitas dúvidas. Estamos à beira de uma recessão, só se comenta, sobre a crise...

– Senhor Queiroz, talvez os seus meios de informação sejam melhores do que meus... senão vejamos, segundo sei, nosso País é o quinto maior do Mundo, nossa costa, vai de norte a sul, num País de proporções continentais, temos o maior mar doce do mundo; temos imensas riquezas, minas, petróleo, e temos energia solar, porque temos enormes áreas, onde o sol castiga realmente, e à noite, o vento percorre nossas praias, fazendo girar as pás da energia eólica, para grifar, temos turismo e duzentas milhas de água salgada, Norte e Sul, repito. Que País apresenta esse potencial?

– Edson, me permita chamá-lo assim. O senhor está se assemelhando a um folheto publicitário. Mas, com esse colorido, o senhor, não pode esconder a crise que se abate sobre o País

– Alguém está de acordo com Queiroz?

Quatro acionistas ergueram as mãos, em sinal afirmativo

– Muito bem, vamos por partes: preparei para os senhores um gráfico – gastei toda manhã trabalhando nele...

Antunes ergueu-se e projetou o gráfico, na tela, diante dos acionistas

Edson, arregaçou as mangas e com uma régua, foi analisar cada item. – Temos aqui empresas fechadas que produzem? Zero. Seus funcionários, onde estão? Nas filas, procurando emprego, ou nas ruas, porque não puderam pagar aluguel. Lojas comerciais fechadas; não podem vender produtos industrializados, porque as indústrias fecharam as portas. Estradas mal-cuidadas, que prejudicam o livre trânsito dos caminhões que transportam as riquezas da terra. Marquei apenas esses itens. Os industriais optam por colocar seus valores monetários, na Bolsa de Valores. Em contrapartida, o número de assaltos, a infiltração dos traficantes, estão perturbando a sociedade. Se os valores monetários estivessem aplicados nas pessoas, trabalhando, comprando nas lojas, indo ao cinema, fazendo turismo, onde estaria a crise? Se temos energia: hidrelétrica, solar, eólica, para fazer girar fábricas, montadoras, pesquisas e tudo o que se pode obter através da energia, onde se coloca a crise?

– O senhor quer negar que, não há uma crise mundial? Perguntou André Vidal.

– Depende de como o senhor vê a questão: um país com nevasca é uma grande crise, como também com epidemia. O mundo hoje tem recursos que não tinha nas epidemias da peste bubônica. Podemos evitar epidemias. Agora, nevasca, num país tropical, é bem pouco possível. As erupções de um vulcão? Um

gravíssimo problema. Não temos vulcões em atividade. Digo-lhes, com toda seriedade, não existe crise em nosso país. Nossa montadora pode aumentar sua produtividade, se os senhores quiserem, estou aqui para isso. Nossa produção está parada ou continuamos a vender bem? As vendas estão favoráveis. Vou dar-lhes um exemplo, bem simples: esse teto, que sustenta esse lustre – se por acaso, à esquerda dele, houver uma rachadura, que devemos fazer? Se alguém, não profissional vier fazer o conserto, pode até danificar tudo – se um bom profissional, examinar com atenção, substitui as partes estragadas com argamassa, recupera o teto. Esta é a crise do nosso País. Se formos competentes, nossas empresas, continuarão fortes, fazendo o desenvolvimento do País. Se formos oportunistas e covardes, comércio e indústria, fecharão as portas, por falta de dinheiro, o povo fará o que vizinhos fazem – abandonam o País, em grandes levas. Um tesouro como o nosso, à deriva, não faltarão gaviões para apoderarem-se de pedaços... em minha opinião de publicitário (como me classificaram) essa não é uma boa política. Sugiro que os senhores avaliem com calma, o que lhes falei e amanhã na reunião geral de acionistas, poderão apartear, fazer perguntas, ou se for o caso, escolham um representante de vocês e ele transmitirá o desejo dos senhores, durante o nosso debate

Puderam observar que fui conciso, não lhes tomei tempo desnecessário e afirmo-lhes, as minhas palavras, são convicções verdadeiras. É só, por hoje, tenhamos um boa noite e... reflitam





CAPÍTULO | 10

Marcos e Maciel saem da delegacia.

– Marcos, depois nos falamos com mais calma, ligue amanhã e marcaremos uma hora

– Obrigado por me salvar da Praia do Sossego. Tchau!



Maciel entrou rapidamente no carro, e ligou o celular, enviando mensagens para Roberto

– Roberto, deve agora saber toda a história. As notícias vão correr o mundo, amanhã, se não já estiverem ao alcance de todos

Roberto esperava-o no pequeno terraço lateral, onde havia apenas uma pequena mesa de vime com tampo de vidro e duas cadeiras de vime

– Olá, Maciel, você me parecia bastante nervoso

– Roberto – Maciel falou enquanto se sentava – tive sérios problemas na fábrica e deixei você fora deles...

– Por essa razão, não embarquei para solucionar o problema da montadora. Sabia que estava até o pescoço com os problemas da fábrica, abra o jogo, meu amigo, quero tomar conhecimento nos mínimos detalhes. Diga-me, conseguiu solucionar o rolo inteiro, ou só partes

– O rolo inteiro...

– Então, comece...

– Murilo é meu chefe de departamento, muito responsável, de minha inteira confiança. Certa manhã, um dos nossos caminhões foi detido, porque havia cocaína escondida na carga, descoberta pelos cães da Polícia...

– Cocaína? Exclamou Roberto

– Feitas as averiguações, ficou evidente que, as impressões digitais do pacote pertenciam à Murilo...

– Você o demitiu, ...?

Maciel contou detalhadamente, todo o ocorrido, desde o início.

– Foragido, roubo, falsidade ideológica, traficante de drogas. Que ficha monumental, hein?

– Era exatamente esse o rolo, que eu desejava contar-lhe, e queria que soubesse por mim, não por outras fontes...

– Meu irmão, que novela desenrolou. Eu sabia que você estava com problema sério, mas, esse ultrapassou qualquer coisa que eu imaginasse...

– Agora, podemos respirar aliviados. – comentou Maciel respirando profundamente.

– Será? Roberto perguntou intencionalmente

– Não, considero um bom sinal. Você já tomou providências para ressarcir os prejuízos do detetive?

– Amanhã, nos encontraremos

– Não preciso dizer, que você tem carta branca.

– Roberto, o que me chamou atenção nesse caso, foi a capacidade de iniciativa do garoto Ronaldo. Não fosse a presteza dele em observar e denunciar, talvez a empresa tivesse um novo produto para trabalhar – a droga.

– Esse garoto promete. Fiquemos de observação



Gizele em casa, mal-humorada como sempre, arruma as almofadas

– Aquele velho idiota, trata-me com fria formalidade... mal sabe ele que eu “vou dar as cartas” – serei a dona daquele império... o velhote Maciel, a metida a engraçada da Flávia e o irmão que deve ser um “porre” – vão todos para o quinto dos infernos

Outro celular para ocasiões graves toca.

– Alô, quero que você vá agora a rodoviária, retire a pick-up. Quando sair daí, leve minha mochila preta, veja se o vestuário está completo: roupa, peruca, bolsa, sapato e maquiagem. Na pick-up você vai para a igreja, perto do supermercado atacadista. Eu estarei no primeiro degrau, enrolado numa manta. Você buzine três vezes, o resto é comigo. Ande menina, agora, rápido

– Você é mesmo um imbecil Juan. E ainda desliga na minha cara...



– Eu não devia estar preocupada, se meu marido diz que vai demorar, a coisa é séria. De qualquer modo, já passa de meia noite... são cinco horas após o fim do expediente, onde está Maciel? Flávia falando consigo mesma

O telefone toca. Ela atende na segunda chamada

– Alô! Gizele?! Pergunta com estranheza

– Não, Maciel não está

– Aconteceu alguma coisa na empresa? Perguntou Flávia apreensiva.

– Não, estou preocupada com meu irmão – nos maiores atrasos, ele sempre está em casa, por volta das dez horas... e hoje... Flávia ouviu um soluço.

– Ora, Gizele, são coisas de rapaz, daqui a pouco ele estará em casa, acalme-se, não fique aflita

Gizele desligou.

– Meu Deus, aconselho a outra ficar calma, enquanto eu..

Ela ouviu distantemente o clique do portão e precipitou-se para a porta

– Chegou um pouquinho tarde, querido – Flávia tentou falar normalmente

– Nem tente disfarçar sua ansiedade, Flávia. Vou contar-lhe com detalhes o ocorrido, mas sem comentários, certo?

– Pela sua expressão, a coisa é séria!

– Seríssima. Juan Sanchez, o irmão da Gizele, é um “gangster” traficante de drogas, um sujeito perigosíssimo – se não e apresentar na Polícia, nem for encontrado em casa – será um foragido...

– Deus do céu! Por isso a Gizele estava tão aflita ao telefone. Queria muito falar com você. Disse que o irmão estava demorando muito e que isso, não era o feitio dele...

– Até onde essa moça merece nossa confiança? Perguntou Maciel com uma ruga de preocupação. Vejamos, que explicação ela dará, porque o irmão, agiu como um bandido frio... Até agora, não entendi, porque ele não liquidou Marcos Pontes. Deve haver um propósito grave. Ele poupou a vida do detetive, não por ser bonzinho, mas, ele ou eles lucraram alguma coisa com a vida de Marcos Pontes.

Flávia olhou o relógio – uma e meia da manhã.

– Está passando um pouquinho da hora, não é querida?



Manhã cedo. Flávia e Maciel tomam café na cozinha. Flávia sobressalta-se com o toque da campainha

– Quem será?

– Seja quem for, nós de nada sabemos, não estava em casa, ontem à noite, porque fui deixar uma encomenda para Edson, no Aeroporto. Aconselhou Maciel

Maciel foi abrir o portão

– Gizele! Que houve? Perguntou intrigado

– Dr. Maciel, desculpe vir sem avisar, mas, estou tão aflita. Ontem liguei, mas a dona Flávia disse-me que o senhor não estava

– Fui ao Aeroporto

– Dr. Maciel, estou preocupada com Juan. Ele não voltou para casa, tenho medo de que ele haja se envolvido em uma briga. Juan é tão estourado...

– Ele estava de folga ontem, deveria entrar hoje às oito horas

– Serei franca, Dr. Maciel. Meu irmão é incorrigível. Durante esses meses, julguei que, finalmente tomara juízo, e daria valor ao seu trigésimo emprego. Juan sempre se acompanhou com o que há de pior, os piores elementos, desde os doze anos...

– Talvez sua angústia não tenha razão de ser

Maciel consultou o relógio

– Faltam vinte para oito horas, o horário de início do trabalho no departamento. Talvez ele tenha bebido um pouco mais, preferiu ficar num bar, para não a preocupar. E agora, poderá estar se dirigindo para a empresa

– Suas palavras me deram alento. Obrigada, Dr. Maciel. Talvez, ele ligue para o escritório, e no fim eu possa rir das minhas

preocupações. Tchou, muitíssimo obrigada, por me receber e me confortar com palavras sábias...

Gizele saiu

Flávia, aproximou-se do marido

– Pobre moça. Passa a impressão que está sofrendo muito... se o irmão “apronta” desde os doze anos, ela é uma vítima do mau caráter do irmão. Não entendo por que, meu maridinho prefere fazer de conta, que está tão surpreso quanto a irmã.

– No seminário Flávia, havia uma catequista, a “Maria Mal Feita”

Flávia não suportou, o inédito apelido e começou a rir

– Era bem idosa, só usava branco, mangas compridas e meias, ela costumava dizer em algumas ocasiões: “cautela e caldo de galinha, não fazem mal a ninguém”...

– Vai ver que, “Maria Mal-feita” tem razão.



Roberto senta-se à sua mesa de trabalho. Batem à porta e ele convida a entrar

– Dr. Roberto, bom dia – Gizele tinha os olhos e nariz vermelhos, maquiagem ligeiramente manchada

– Estou entrando agora, mas cheguei no horário – fui ao departamento de cargas, para saber de meu irmão...

– Algum problema, com seu irmão? Perguntou Roberto curioso

– Dr. Roberto, preciso confessar-lhe algo muito grave – queira Deus que eu esteja me precipitando, e essa demora do Juan, não esteja ligada a complicações...

– Senhorita, não estou entendendo... confessou Roberto

– Meu irmão, aos doze anos, era um delinquente. Meu pai gastou tudo o que possuía, para resgatar Juan. Pagou psicólogos, pagou fiança várias vezes, quando ele foi preso...

– Desculpe, interromper sua narrativa, seu pai, não devia haver pagado fiança...

– Ele pagava por causa de minha mãe, que chorava noite e dia, quando ele era preso

A moça parou um instante, respirou fundo e continuou

– Por fim, ela morreu de tanto desgosto. Menos de um ano depois, meu pai também faleceu

Juan deu uma trégua nas suas maluquices. Pensei que ele estava arrependido. Foi então que decidimos atravessar a fronteira, e viemos para cá. Fiquei feliz, quando ele começou a trabalhar na empresa. Acreditava realmente, que havia se arrependido de ser causa dos sofrimentos de nossos pais

– Farei uma pergunta indiscreta: seus pais perderam tudo, como conseguiram instalar-se em nosso País

– Juan vendeu a casa de nossos pais

– O dinheiro, a senhorita, resolveu administrar? Perguntou Roberto

– Na realidade, não cheguei a ver o dinheiro. Juan resolveu tudo o que precisávamos; eu tinha certeza de que, agora meu irmão era um “cara legal”

– A senhorita já falou com Maciel?

Nesse instante, batem discretamente. Maciel não esperou convite e entrou, com um jornal semiaberto

– Oh! Desculpe, Gizele. Roberto voltarei mais tarde..

Gizele ergueu-se.

– Por favor, Dr. Maciel, esse jornal... notícias de meu irmão? Oh! Desejaria mil vezes chorar por ele e vestir luto, do que saber que ele enveredou novamente, no caminho da delinquência...

– Sinto muito – Maciel, enquanto falava, abriu o jornal diante de Roberto. Srta. Gizele, Juan agrediu um investigador particular, recuperado dos golpes, fez boletim de ocorrência, e acusou Juan de tráfico e droga e a polícia espera que ele se apresente espontaneamente, caso contrário, será considerado foragido

Gizele cobriu o rosto com as mãos. Os dois homens suportaram o sofrimento da moça em silêncio

Gizele ergueu-se, seu rosto parecia uma máscara de tão rígido.

– Dr. Roberto, o único caminho que me resta; agradecer comovida a confiança que me creditaram e pedir minha demissão

Maciel observou atentamente a fisionomia de Roberto, e percebeu que a garota, alcançara o seu objetivo. Roberto a imaginara, chorando, pedindo desculpas, implorando por seu emprego, jamais pedindo demissão...

– Gizele, você não pode ser responsabilizada, pelas atitudes perniciosas de seu irmão. De tudo o que ele destruiu em sua família, a senhorita não pode baixar a cabeça e permitir que o mal prevaleça.

– Maciel é possível conter essa história, para que não respingue na nossa secretária

– Sem dúvida, Roberto, poderemos classificá-la como mais uma vítima. Nenhum boato circulará pela empresa. Eu lhe asseguro

– Gizele tire folga, pelo resto do dia. Aurélia a substituirá. Amanhã a senhorita estará de volta, mais tranquila, mais serena

– Dr. Roberto, devo-lhe minha vida! Que faria desempregada, com um irmão, cujo horizonte é um presídio. Repito, comovida, devo-lhe a vida...

O rosto da moça banhou-se de lágrimas. Colocando um lenço na boca, como a conter os soluços, a secretária, cumprimentou ambos, com um aceno de cabeça e saiu



Maciel abriu a porta do carro, e esperou que o advogado e Murilo descessem na porta da Delegacia

– Bom dia, doutor – exclamou Maciel, sentando-se. O caso Murilo Paiva, foi finalmente esclarecido. Juan pôs as evidências que apontavam para Murilo, no intuito de afastá-lo. Murilo é chefe do departamento de cargas, muito ativo, muito atento, precisava ser descartado. Agora, ele pode provar sua inocência, perante a Polícia, porque na empresa ele não sofre restrições. As provas são claras, não restam dúvidas.

– Parabéns ao rapaz, mas confesso que fiquei surpreso, com a rapidez que tudo aconteceu... o rapaz que jurava inocência, em menos de duas semanas, foi obrigado a arrancar a máscara e revelar-se... vocês estão de parabéns!

– Obrigado, doutor. Tenho outro compromisso, o advogado Dr. Duarte, acompanha Murilo, nos procedimentos usuais. Tenham todos um bom dia



Maciel estaciona diante de uma pequena casa na periferia. Uma senhora observa o carro à sua porta e curiosa, aproxima-se

Maciel dá dois toques e a porta abre-se:

– Bom dia, senhora!

– Bom dia!

- Procuo a senhora Zenaide Souza
- Sou eu, o que o senhor deseja?
- O garoto Ronaldo é seu filho?
- Santo Deus! Que foi que aquele menino fez
- Podemos entrar e conversar um instante? Pediu o administrador gentilmente
- Entre, por favor...

Ela lhe apresentou uma cadeira e Maciel sentou-se

- Antes de abordar o assunto que me trouxe, desejo parabenizá-la pelo filho magnífico, que é Ronaldo Souza

Os olhos da mulher encheram-se de lágrimas..

– Sou Maciel Freitas, administrador da Becker&Becker. Ronaldo prestou um grande, notável serviço à empresa. Eis porque vim procurá-la. A direção da empresa em sinal de agradecimento, adquiriu uma casa modesta, mas, confortável, num local, ainda não infestado pelos traficantes

– Dr. Maciel, conheço demais o seu nome, pelo meu filho – o senhor falou em casa? O que quer dizer isso? Perguntou levando as mãos à cabeça.

– A empresa Becker&Becker, resolveu premiar o seu filho dando-lhe uma casa, em local livre de traficantes e milícias.

– Deus seja louvado! Um milhão de vezes. Deus seja louvado! Não precisar pagar aluguel! Uma casa nossa! Nunca sonhei isso ser possível! O senhor sabe, somos pobres... Deus abençoe o senhor e toda a empresa, é a única coisa que posso dizer.

– Ronaldo receberá um prêmio, para o seu futuro: foi aberta

uma conta de poupança, a qual ele só terá acesso, após sua maioridade, vinte e um anos. Hoje Ronaldo trará um formulário onde ele registrará seus dados pessoais, e a seguir, no momento da escritura pública, a senhora será chamada para assinar. Agora muita atenção: não faça comentários sobre minha visita, nem sobre o que falei. Vocês moram em local perigoso e Ronaldo denunciou um traficante, agora, procurado pela Polícia. Todo o silêncio em torno desses fatos é mais que indispensável. Trata-se de sua vida e seus dois filhos. Muito cuidado. Acredito que, em vinte dias, a senhora providenciará sua mudança.



– Boa tarde, Antunes. Atrasei-me de propósito, com receio de que a sala de reuniões, estivesse às moscas

Antunes deu uma risada

– Competente e modesto, vejam só. Todos estão aguardando sua chegada. Vamos

– Com força total

Entraram na sala, Edson preferiu não se sentar à mesa, e indicou a cadeira central ao Antunes

– Bom dia, amigos...

– Bom dia!

Antes que Edson, começasse a falar, André Vidal, ergueu a mão

– Bem, senhores, vamos ouvir o nosso amigo André Vidal

André Vidal agradeceu

– Somos acionistas desta empresa, com maior ou menor número de ações. Que queremos? Que nossas ações se valorizem,

que a empresa cresça, que tenhamos bons lucros. Durante todo o ano, nós estivemos pressionados pela mídia, que convidava economistas, para delinear a crise. O pavor havia tomado nosso raciocínio, nossa lógica. Precisou Edson Becker, deixar seus compromissos pessoais e profissionais, pois ele é simplesmente o vice-presidente da nossa empresa. Movido pelo otimismo dos jovens, ontem, ele dissertou longamente, fazendo-nos ver que, a tal crise é um pretexto da cúpula administrativa, para cruzarmos os braços e não fazermos nenhum investimento. O único desejo da cúpula administrativa, (sabemos pela mídia) é vender o patrimônio nacional, desempregar trabalhadores, numa campanha incansável – vender, vender, vender – perceberam o raciocínio errado dos dirigentes máximos? Se não fosse a preleção de Edson Becker, estaríamos fazendo o mesmo. Meus amigos, o maior investimento não é estocar dinheiro: é fazê-lo, aumentar a produção, vender produtos, jamais o patrimônio. Quem vende patrimônio ou é um demente, ou um rematado. Mas quer auferir os lucros, deixando o povo na miséria. Perde o teto e mergulha num caminho sem volta? Então, que decidem? Produção em média produtividade, e conquista de novos mercados, dentro e fora do País. Pergunto: estão comigo?

Os acionistas ergueram a mão...

– Obrigado, amigos. Edson, é com você

– Nosso País é imune à crise, porque a natureza o dotou com recursos excepcionais, livrou-nos da maioria dos flagelos que castigam outras regiões do Planeta. Nossa terra, é uma terra abençoada. Obrigado pela atenção que me dispensaram. Faço minhas despedidas, porque embarco, amanhã de volta à Fábrica. Boa tarde, até breve

Edson saiu e Antunes acompanhou-o

– Antunes, foi um prazer trabalhar com você. Aproveito esse fim de tarde para desaparecer pela cidade. Tchau







CAPÍTULO | 11

Edson consultou a hora

– Muito cedo para jantar. Preciso comprar livros – esqueci de perguntar a Antunes... ah! Bem próxima, só atravessar a rua

Edson dirigiu-se à livraria. Separou alguns livros para seu pai

– Para minha mãe... vejamos – do velho Eça de Queiroz “A Relíquia”. Reverencio Eça. Sua verve é estupenda. Oh! Aqui está ele, “O Caravaggio” de Daniel Silva. Já ouvi falar muito bem, e ainda não havia adquirido

Edson apanhou os livros recolhidos, quando um funcionário, aproximou-se

– Posso ajudá-lo?

– Sim, leve ao caixa, por favor.

O rapaz afastou-se e Edson demorou mais uns minutos, lendo os títulos nas prateleiras. Ao entrar noutra espaço, foi de encontro a um cliente

– Por favor, desculpe... mas, sua voz morreu na garganta. Fechou os olhos, abriu-os novamente, meneou a cabeça e disparou para o caixa. Edson pagou o preço dito pela funcionária, recebeu a sacola e pediu

– Por favor, preciso falar com o gerente...

– Alguma reclamação, senhor?

– Não, preciso apenas falar com o gerente...

– Acompanhe-me, por obséquio.

– Dr. Pedrosa, com licença, o cliente deseja falar-lhe

Edson observou que estavam em uma sala envidraçada, então falou:

– Dr. Pedrosa, farei a pergunta mais estranha, até certo ponto indiscreta, se não nos valesse Eisenhower – “tudo é relativo”. Poderia dizer o nome daquele senhor que caminha em nossa direção

– Ah! O gerente sorriu – é um dos nossos melhores clientes. Toda semana ele visita a livraria, a procura de novos lançamentos. Aliás, eu tenho um cartão de visita, ele é investigador particular e dos bons

O gerente entregou ao rapaz um cartão

– Muitíssimo obrigado, senhor. Estou realmente precisando de ajuda

Ao chegar ao hotel, ligou para Maciel.

– Que aconteceu Edson?

– Tudo sob controle Maciel. Mas preciso “para ontem”, que você escaneie e envie para mim, uma foto sua, ainda hoje

– Eu acho que essa viagem derreteu sua massa cinzenta. Uma foto minha! E deu uma gargalhada

– Maciel, não brinque. Ficarei, se preciso for, a noite inteira esperando o que pedi...

– Está bem, mas, depois vai explicar-me, direitinho essa história...



Edson nem mesmo prestou atenção às ruas, avenidas e praças da bela cidade, seu objetivo era desvendar a história do sócia de Maciel. Quase lhe fizera pagar um “mico”, se houvesse confundido o sócia, com Maciel. Afinal, chegou ao seu destino, desceu do táxi, pagou, em seguida tocou a campainha do escritório de investigação

O investigador abriu a porta, convidou-o a entrar e em seguida, apresentou uma cadeira ao rapaz

O recém-chegado apresentou ao investigador seu cartão de visitas e sentou-se

– Deseja água, café ou capuccino?

– Capuccino?

Edson observava-o discretamente

– Senhor Edson Becker, o que o traz ao meu escritório

– Desejo que me faça uma investigação – explicou ao profissional

– Deixe-me, primeiramente, falar sobre meu plano de trabalho. Antes de iniciar uma investigação, preciso de dados completos, e o motivo da investigação

– Julguei que uma foto fosse o suficiente... respondeu Edson

– O investigador não é adivinho. Ele se baseia em fatos, com os quais compõe o relato final. Deseja uma investigação sobre...

– Um senhor salvou-me de uma enrascada terrível, nunca mais o vi... o amigo que estava comigo, tirou a foto. Desejo agradecer-lhe pessoalmente. Por isso quero encontrá-lo..

– O senhor trouxe uma foto?

– Sim, esta

O investigador segurou a foto e empalideceu

– Quem é o senhor, afinal de contas? Perguntou em tom quase agressivo

– Grande amigo deste homem, que se chama Maciel Freitas, administrador da empresa Becker

– Meu irmão – falou com um soluço quase imperceptível

– Dei um encontrão no senhor, na livraria. Precisei me dominar, para não perguntar...

– “Que faz aqui, Maciel?”. Falei com o gerente, que me deu seu cartão

– Sou Marcelo Freitas. A última vez que vi meu irmão, ele estava com a batina de seminarista, e muito zangado porque eu estava abandonando o seminário. Somos gêmeos idênticos

– Como veio parar aqui? Perguntou Edson – desculpe minha indiscrição...

– É uma longa história. Tinha dezoito anos e uma esposa, da mesma idade. Ela faleceu há cinco anos. Não tivemos filhos

– Outra coincidência notável, Maciel não tem filhos.

– Sou muito grato a essa Cidade. Após breve pausa, continuou, há quarenta anos, essa cidade me acolheu. Para a Polícia, fiz cursos, hoje estou aposentado como capitão reformado da Polícia. Meu trabalho era muito ligado a investigações, aposentado, abri um escritório de investigação particular

– Capitão Marcelo, embarco hoje à noite. Você é meu convidado especial

Marcelo ficou em dúvida

– Está ligado a algum caso grave?

– Não. Meu último trabalho foi na semana passada

– Então? A esposa de Maciel, chama-se Flávia – é uma criatura excelente.

Marcelo olhou a sua volta, como se estivesse avaliando a situação e estendeu a mão para Edson

- Aceito seu convite, a que horas parte o avião
- Quatro horas da manhã
- Duas horas antes do embarque, estarei no aeroporto



Andréa examinou uma revista de modas, na saleta da chácara cercada de jardins, e ao fundo um pomar de diversas árvores frutíferas, da região. Sua família restringe-se a um irmão, que reside na cidade do Cabo, África do Sul, na qualidade de missionário.

– Ainda recordo a surpresa de meu pai e minha mãe quando Afonso, no dia de sua colação de grau, no final do curso de Medicina, trouxe para jantar conosco Frei Beto. Apresentou-o a meus pais, então frei Beto quem tomou a palavra: – “Parabenizo os senhores por terem um filho de alma tão nobre quanto Afonso. Ele tem se dedicado à Pastoral da Juventude, tentando conquistar os jovens para encontrarem um sentido melhor para suas vidas. Ele sabe quanto os senhores, sentiam-se orgulhosos, de um filho médico. Mas ele me afirmou que tratar só do corpo e a mente, não preenche a sua vida. Ele quer também tratar da alma. Por esse motivo, eu estou aqui, como seu intermediário, para lhes dizer que Afonso pretende fazer o seminário e em seguida, ser missionário na África”. – Meu Deus, o choque de minha mãe foi terrível! Mas, meu pai consolou-a e a fez entender que a atitude de meu irmão devia ser respeitada apesar do sofrimento dos pais se separarem do filho. Felizmente, minha mãe entendeu, que, meu irmão sairia de casa como missionário, ou, faria o mesmo quando se casasse

Na chácara, Quinha, a cozinheira que, representava uma segunda mãe, quando jovem, fora sua babá. Seu Antônio que acumula as funções de porteiro, segurança e caseiro e uma auxiliar de limpeza, sempre novatas no serviço, por implicância da Quinha

O telefone toca

Andréa atende

– Alô! Alfredo, que boa surpresa! O que? No Aeroporto? Já avisou a Flávia? Não avise! Espere por mim, Flávia vai morrer de inveja



Gizele vai à sala de Maciel

– Dr. Maciel – falou com voz aflita – Juan não deu nenhuma notícia, hoje faz três dias que não sei por onde anda meu irmão, sei que ele age errado, mas é meu irmão, meu único parente – desabou a chorar convulsivamente. – Dr. Maciel, pelo amor de Deus, ajude-me a encontrar meu irmão – suplicou

– A carteira de trabalho, após o oitavo dia, será assinada como demissão por abandono de trabalho. Posso sugerir-lhe que vá à Delegacia. Lá, eles instruirão você como procurar seu irmão

– Mas, meu trabalho...

– Eu justificarei sua saída

Gizele limpou os olhos com um lenço, guardou-o na bolsa e pôs os óculos escuros

– Obrigada, Dr. Maciel – saiu



Roberto fala no telefone fixo e sua conversa é agradável.

Gizele entra com um envelope na mão e aguarda a uma pequena distância

Roberto percebe-a, em seguida, desliga o telefone e chama-a

Gizele aproxima-se

– Dr. Roberto, desculpe apresentar-me desse modo, mas o Dr. Maciel liberou-me para ir à Delegacia, obter informações sobre Juan. Infelizmente o delegado revelou na íntegra a situação atual do meu irmão. Em poucas palavras, pode ser resumida: “foragido, traficante, mau caráter”. Por esse motivo, vim entregar-lhe o meu pedido de demissão, na minha opinião, é a conduta que devo adotar, do contrário, estaria sendo cúmplice do Juan

Ela entregou ao presidente, um envelope

O presidente recebeu, balançou a cabeça, em discordância. Abriu, leu, tornou a colocá-lo no envelope

– Senhorita Gizele, não pode, nem deve determinar sua vida, pelas atitudes de Juan Sanchez. Ele tinha todas as oportunidades, para ter uma vida normal e segura. A senhora também tem todas as chances para viver uma vida normal e segura. Se deixar-se influenciar pelo desequilíbrio social, de seu irmão, e jogar tudo para o alto, estará cometendo uma grande injustiça contra si mesma. Se a senhora houvesse recebido uma oferta de emprego, com melhor salário, a senhorita, poderia assumir desde já o novo trabalho, sua carta, seria arquivada, como todos os documentos da empresa

-Não, Dr. Roberto, sinto-me envergonhada, humilhada, por isso a carta – respondeu Gizele, com lágrimas nos olhos

– A senhorita, não cometeu nenhum deslize, erga a cabeça, e vamos trabalhar

– Dr. Roberto...

– Não precisa agradecer, trabalhe com competência, como faz até agora

– Gizele saiu, secando os olhos com um lenço.



Andréa ansiosa espera Alfredo para levá-lo para a casa da irmã. Ao avistá-lo, acenou e caminhou em sua direção.

Alfredo que trazia apenas uma valise de mão, ofereceu-lhe o braço, e seguiram para o estacionamento

– Andréa, prepare-se, Flávia bombardeará você com uma tonelada de reclamações, umas duas dúzias de lágrimas, por não ir buscar-me no Aeroporto

– Ora, ora, Alfredo quando éramos crianças, acontecia puxões de orelha, de cabelo, empurrões e beliscões, “ficávamos de mal”, em menos de três dias, estávamos rindo e brincando como se nada houvesse acontecido. E na catapora, foi terrível! Havíamos brigado feio, Flávia amanheceu com catapora, e durante quinze dias, minha mãe, não me deixou visitá-la. No dia exato que ela saiu da quarentena, eu caí e torci o pé, estava de cama. Em sala de aula, comentaram que eu havia torcido o pé e estava acamada. Então Flávia veio me trazer uma revista que eu adorava. Queria que você visse, Alfredo, ela entrou no meu quarto, com a cara bem fechada, colocou a revista na cama, eu peguei no braço dela, convidando-a sentar-se. Flávia deu um safanão no braço e bradou bem azeda: – “Estou de mal com você”. Nesse momento, minha mãe, entrou trazendo refresco e biscoitos, e disse: “-Ah! Minha filha, fiquei com tanta pena de vocês, por conta dessa bendita catapora! Andréa chorava todo dia, para visitá-la”. Ao ouvir essa declaração da minha mãe, Flávia me abraçou chorando e acabamos as duas, chorando juntas

– Eu me lembro, da confusão de vocês e parece que a minha amiga, está com saudade desse tempo. Vai “cutucar a onça, com vara curta”

Estavam diante da casa de Flávia, Alfredo abriu o portão, os dois entraram e Flávia, surpresa, perguntou

– Vocês viajaram juntos?

– Não – respondeu Andréa – regressamos juntos, isso é o que importa. As duas amigas, trocaram um longo abraço, só depois

Flávia abraçou o irmão

Nesse momento, Flávia recebeu uma mensagem no celular e disse em voz alta: – Mensagem do Edson, já está perto do Aeroporto, ele faz questão da presença do Maciel, do Roberto e de Maria Fernanda, para um almoço em família

– Alfredo, você acaba de chegar de viagem, está cansado, mas meu irmão, preciso de ajuda, Andréa, vamos ter sete pessoas para o almoço. Você pode ir com Alfredo e escolher um bom cardápio? Confio plenamente em você

– Com o maior prazer, Flávia. Vamos Alfredo



– Marcelo, vamos combinar seu encontro com Maciel. Vou levá-lo para a casa dele, mas, vou deixá-lo num quarto lá atrás. Quando o almoço for servido, Maciel vai me interrogar sobre aquela foto. Guarde-a no bolso. A porta de trás vai ficar aberta, Flávia atarefada, nem vai perceber. Quando você ouvir a palavra “foto”, vou repetir bem alto, então você entra, tira a foto do bolso e pergunta

– É esta foto, meu irmão? Edson deu uma risada – vai ser um choque. Combinado? Perguntou com muita alegria

– Evidente! Sempre pensei em Maciel como sacerdote. Nunca o imaginei casado, dono de casa



O almoço transcorria alegre, Edson deixava os pais muito felizes, ao declarar que tinha ganho a batalha da crise, que a filial caminhava com entusiasmo. Alfredo também, relatou que pedira afastamento por dois anos, receberia bônus pelo seu desempenho no Tribunal de Contas, o que deixou Flávia e Andréa sorrindo com o vento

– Está tudo ótimo, tudo maravilhoso, mas senhor vice-presidente, Dr. Edson, quero que me explique, o preto no branco, porque exigiu minha foto?

Edson pergunta em tom muito grave e em voz alta: – Foto?! Você está se referindo a que?...

Marcelo aproximou-se da mesa, apresentou a foto de Maciel e perguntou

– É esta foto, meu irmão?

Houve um momento, tão impactante que o silêncio, parecia ter voz

– Marcelo! Exclamou Maciel, com a voz estrangulada pela emoção

Os dois homens abraçaram-se e irmanados nos mesmos sentimentos de afeição e saudade

– Como me encontrou? Como chegou aqui?

– Esse rapaz, o Edson, que tem alguma coisa de mágico ou gênio

– Meu irmão – falou Maciel – há quanto tempo...

– Quarenta anos... jamais imaginaria vê-lo casado, dono de casa, administrador

– Meu pai, minha mãe, Andréa, Alfredo, Flávia – apresento-lhes o irmão gêmeo do Maciel, Capitão Reformado da Polícia – Marcelo Freitas – investigador particular. Encontrei-o, por pura coincidência, em uma livraria. Com a foto do Maciel, ficou desvendado o mistério

Após os cumprimentos ao recém-chegado, Maciel, perguntou-lhe

– De que maneira, você foi morar no Pará?

– Ah! Meu irmão, é uma longa história

Flávia aproximou-se com um cálice de vinho – Muito prazer em recebê-lo, meu cunhado, adoramos histórias

– Ah! Meus amigos, como erramos querendo acertar... nos despedimos, com quinze anos, na porta do Seminário – e eu, estava furioso, com o Marcelo, porque ele estava desistindo da carreira religiosa, e eu também, desisti, três anos mais tarde

– Fui morar com tia Cecília, estudava à noite e trabalhava durante o dia. Lara era minha colega de classe, ficamos muito amigos, ela me contava seu sofrimento com um pai grosseirão e constantemente bêbado. Ao terminarmos o terceiro ano do Ensino Médio, segurei-lhe a mão, e jurei que a partir daquele instante, ela não voltaria mais ao barracão do pai. Levei-a para a casa de tia Cecília. Deixei-a na sala e fui chamar minha tia. Quando ela viu Lara, teve uma reação horrível – voltou para a sala de jantar, sentou-se rígida, fechou os olhos e disse rispidamente: – “Tire aquela criatura da minha casa” – Percebi que ela não aceitaria nenhum argumento. Lara é descendente afro-brasileira. Dei-lhe o braço e saímos de cabeça erguida. Mas, minhas economias, só deram para pagar um quarto, por uma noite. Pela manhã fomos para o cais do porto. Eu lhe disse: – Tem coragem de enfrentar a vida ao meu lado? Pegaremos o primeiro vapor e partiremos nele. Aceita? Lara abraçou-me, nos beijamos. Realmente consegui entrar no navio, como ajudante de limpeza. Mas, como pagar a passagem da Lara? Então, embarcou uma senhora com cinco crianças. Contei-lhe a nossa situação, e ela contratou Lara, como babá, de uma criança de colo. Lara permaneceu com essa senhora por três meses, tempo que usei para sentar praça na Polícia. Com o soldo de soldado, aluguei uma kitnet, nos casamos e tocamos a vida. Fiz vários cursos, e cheguei a Capitão. Comprei casa, vivemos muito bem. O amor era o nosso forte, o nosso rochedo. Há cinco anos, preparamos um trajeto para o Círio de Nazaré, à noite, acordei e não vi Lara. Fui até a sala – ela estava no sofá, deu-me a entender, que estava com falta de ar. Segurei-lhe as mãos, levei-a para nosso quarto, lá chegando, ela tombou sobre a cama. Chamei a ambulância, e tentei reanimá-la, com os primeiros socorros. Os paramédicos também,

mas o médico informou infarto agudo do miocárdio. Assim perdi a minha querida Iara. Às vezes, a saudade dói, como se fosse uma dor física

– Enquanto ouvia o relato do reencontro dos irmãos, comecei a pensar – exclamou Flávia, em tom muito concentrado – às vezes, diz-se “foi por acaso” – mas, é ilusão. Penso que nada é por acaso..

– Maciel, se não intervém, tua mulher envereda pelo misticismo e termina por fundar uma Ordem religiosa, estou avisando... Edson comentou sorrindo, em tom brincalhão

– Não brinque, seu menino, você está no centro do que vou dizer..

– Esse encontrão, que aproximou o Edson do Marcelo – tem algo de especial – vocês vão ver... Há outro fato, também, que me intrigou muito... tenho uma amiga, que foi salva pela tia, de uma morte iminente, sem que ela tivesse a menor noção do que aconteceria a seguir... houve um acidente, os pais morreram no local, e a criança foi salva, por premonição. São fatos isolados, mas, existe uma lei, que rege esses eventos..

– Flávia, se eu escorregar nesse capacho, ao sair da sala, estou manipulado, por essa lei invisível? Indagou Edson com desdém

– Não, meu querido, se tal acontecesse, seria por falta de atenção, por falta de cuidado... afirmou Flávia em tom grave

– Meu filho, Flávia, tem razão, embora nós não saibamos, as regras desses mecanismos, que regem as coincidências – concluiu M^a Fernanda

– Marcelo, você está sem compromisso em Belém. Por que não se transfere? Flávia perguntou ao cunhado.

– preocupo-me com a casa e o escritório, preciso tomar algumas providências...

– Correto. Aliás, Maciel e Flávia, poderiam acompanhá-lo, e, enquanto, resolve, os dois, viajarão em férias pelos nossos Países

vizinhos.

– O que está falando, Roberto? Flávia perguntou

– Uma decisão corretíssima – afirmou M^a Fernanda

– Exatamente, Maciel, quando você tirou férias pela última vez?

Flávia deu uma sonora gargalhada – ele nunca tirou férias!!!

– É verdade – exclamou Edson

– Está decidido – quando querem partir? Flávia e Maciel, essa viagem é presente da Empresa. Roberto afirmou

– Mas, assim de repente? – indagou Maciel

– Claro, querido, caso contrário, você arranjará um pretexto para jamais faltar um dia que fosse ao trabalho. Flávia afirmou rindo e abraçando o marido

– Roberto, eu estava tão enraizado em Belém, que, jamais, tive esse pensamento. Comentou Marcelo

– Deveria estudá-lo, se optar por voltar e residir aqui, temos ocupação para você...

– Deveras

– Entre as inúmeras funções de seu irmão..

– Que nem sei, como ele dá conta... aparteou Edson

– Como eu ia dizendo – continuou Roberto – há os nossos seguranças, sob a direção de Maciel – se desejar será o chefe de segurança. De acordo, Maciel?

– Será um prazer, entregar esse departamento – afirmou Maciel.

– Aceito e agradeço a confiança. Espero nunca a desmerecer.







CAPÍTULO | 12

Edson entra em casa, e encontra os pais, no pequeno terraço lateral

– Parabéns, filho – exclamou Roberto

– Que é isso, pai. Não é meu aniversário

– Antunes me enviou uma mensagem – quatro acionistas, vem estudar com Maciel, o projeto, de uma filial, no sul do Estado

– Ótimo, seguiram minha sugestão

– Meu filho – interveio M^a Fernanda – com essa capacidade de persuasão, você faria brilhante carreira diplomática

– Ah! Minha mãe – meu elemento natural é o comércio – nas outras áreas, sou um peixe fora d’água

– Edson, peça a Gizele para fazer reservas num restaurante, e leve-os a um almoço dependendo do horário, em que chegarem..

– Leve-os? Negativo. O senhor, minha mãe e Maciel, todos participaremos da ágape..

– Ih! Falando difícil – exclamou Roberto rindo



– Oh! Meu amor, demorou tanto, estava morrendo de saudade – exclamou Gizele – abraçando e beijando Edson

– Querida, hoje não almoçaremos juntos – vieram investidores para fazerem um projeto com Maciel, de uma nova filial e à noite, nos encontraremos

– Não posso ir com você

– Sinto muito, meu amor, é um almoço de negócios, seria cansativo para você. O motorista da Empresa vai te levar a um restaurante e te trará de volta. Tchau amor!

Abraçou-a e beijou-a com intensidade

Edson saiu

Logo a seguir um carro buzinou à porta

Era o motorista que a aguardava

Gizele, mal-humorada entrou no veículo



Já se passara um mês das férias de Maciel e Flávia, quando Andréa sentou no banquinho do jardim, triste e raivosa, enquanto tentava mudar uma roseira amarela.

– “Alfredo é muito engraçado! Acontece, que eu não sou mais aquela bobinha de dezesseis anos, conheço a vida e não me deixo enganar jamais... ele parecia tão alegre, tão feliz, nós estávamos tão bem sintonizados, de repente, ele diz: “amanhã vou à Olinda”. Andréa repete, com imenso desdém, “amanhã vou à Olinda”. Muito bem, senhor Alfredo, você foi à Olinda, no dia que você chegar, na mesma hora, eu vou ao Aeroporto, viajar para a Suíça; quem sabe, o gelo dos Alpes, conseguirá acalmar a minha fúria...

Andréa está tão concentrada nos seus pensamentos que, não percebe a entrada de um carro na alameda da chácara, igualmente não escuta passos que se aproximam às suas costas. Ela imbuída daquele sentimento raivoso, puxa o grande chapelão para trás

Alfredo caminha silenciosamente e chegando por trás, abraça-a pela cintura e pergunta no seu ouvido: – Quer casar comigo?

Andréa dá um grito e se ergue num pulo. Exclama

– Alfredo??? Você não pode me ver assim, estou horrível, roupa velha e esse chapelão pavoroso

Alfredo novamente pergunta com ternura:

– Quer casar comigo? Alfredo fala novamente com suavidade

Andréa, volta-se para ele, coloca a mão nos seus ombros e sussurra

– Sim, sim, sim..

Riem, abraçam-se com ternura e trocam um beijo que demorara vinte anos para acontecer. Caminharam abraçados, em direção ao banco verde embaixo dos bulgaris

Na porta da cozinha, Quinha enxuga os olhos com lágrimas de alegria. Alfredo e Andréa aproximam-se de Quinha e abraçam-na, ao mesmo tempo

Quinha dando vazão as lágrimas livremente, exclama

– Deus seja louvado! Vocês nasceram um para o outro, nada neste mundo, poderia separar vocês. Que Deus os abençoe!



Gizele entra, tranca a porta e joga-se no sofá. – “Preste atenção, excelentíssimo senhor Edson, almoçar sozinha, num restaurante vai lhe custar caro... caríssimo. Ele com seu jeito de cavalheiro, está sempre me deixando para trás... a secretária Gizele, não o acompanha a trabalho, em outro Estado, a noiva, não o acompanha em almoço de negócios... pois sim, vai plantando, Edson, depois, não chore na hora da colheita... vou a um salão de beleza, dar-me uma repaginada”

Chamou um carro pelo aplicativo.



– “Eu me gabava, de meu plano perfeito – era mesmo perfeito, sem brechas. Dei azar, por causa daquele maldito Maciel, que me

arranjou o “trouxa” do investigador. Se não fosse o Vicente, com “sua ficha limpa”, eu estaria numa boa, bolando um novo plano – é isso aí, Juan – pensa como virar o jogo. Todas as peças do quebra-cabeça estão espalhadas – precisa apenas encaixar, umas nas outras, e tomar de assalto o império dos Becker e fechar na palma da minha mão. Por outro lado, tem Gizele – até que ponto, posso confiar inteiramente em Gizele? Vou descobrir”



Gizele antes de ir ao salão, passou na joalheria e pediu um catálogo de joias

Ao voltar para o apartamento, colocou o catálogo, bem visível sobre a mesinha da entrada

O celular toca

– Oi, meu amor!

– No Centro de Eventos? Ok! Te aguardo, meu coração explodindo de amor

Em menos de meia hora, Edson chega – trocam beijos e abraços e Gizele tem o cuidado de deixá-lo diante do catálogo

– Vou apanhar minha bolsa...

Edson aproxima-se da mesa e lê: Marilu da Costa

Gizele volta sorrindo

– Gizele, quem é Marilu da Costa?

– Oh! Eu não devia ter deixado esse catálogo à vista

– Explica melhor, querida

– Essa menina é cabelereira, mas só trabalha dois dias por

semana. A mãe está com esclerose múltipla. As irmãs, se revezam cuidando da mãe...

– E o catálogo

– Ela oferece joias às clientes, em parcelas para ajudar a renda – uma vez que ela só trabalha duas vezes por semana

Edson folheou o catálogo e observou

– Ela consegue boas vendas...

– Que engano, querido. Esse catálogo está com ela, desde o ano passado – há três meses, ela não vende nada. Praticamente ela me empurrou esse caderno de joias... eu lhe disse que tinha errado, em pegar joias verdadeiras, se fosse bijuterias, a venda seria bem mais fácil

– Se fosses comprar, qual seria a escolhida?

– Ah! Mas eu não vou comprar, de jeito nenhum

– Gizele, qual seria a escolhida?

– Ah! Mas eu não vou comprar, de jeito nenhum

– Gizele, qual seria? Essa marcada com tinta vermelha

– Não, essa a freguesa “enrolou” em muitos meses, e não comprou

– Querida, por favor...

Gizele apontou para um conjunto – uma gargantilha de ouro, com um pingente – um rubi. Brincos no mesmo estilo, argolas de ouro pequeninas, sustendo um rubi.

Edson preencheu um cheque no valor indicado

– Vamos

Gizele abraçou-o, guardou o cheque e o catálogo

Retornando, enxugou os olhos

– Marilu, pobre menina, será capaz de desmaiar, de tanta felicidade...

Edson enlaçou-a pelos ombros e saíram.







CAPÍTULO | 13

Gizele acaba de chegar da fábrica, o telefone toca

– Alô! Juan? (falou em tom firme). Escute rapaz, você não pode me ligar, a toda hora. Se Edson estivesse aqui? Eu teria, que engendrar um fato plausível, e isso é muito ruim. O que você quer? (pausa). Não me venha com essa... não sou mais a ingênua sobrinha de tia Mercedes. Reconheço seu mérito, ensinou-me a pensar grande... (pausa). Você só se elogiava, falando no seu plano perfeito. O que você é agora? Um foragido da polícia, procurado como traficante de drogas, sequestro... não me venha com ameaças. O plano está em andamento, graças a mim, que tenho a cabeça no lugar. Trate de acalmar-se, e só ligue se for absolutamente necessário. Tchau!

Gizele desliga o telefone guarda-o e tranca a gaveta

– Não vou permitir que ele envenene a minha vida. Edson está quase nas minhas mãos... vou tentar viajar com ele; se formos para uma praia, nós dois e o mar, não tinha para ninguém – ele só ouvirá a mim – só eu estarei certa, preciso empenhar-me mesmo, para que, ele acredite, que o mundo gira à minha volta – eu sou o centro do universo. Preciso chegar a esse resultado... na praia, longe daquela Flávia...

Batem à porta

Gizele murmura: – pontual, como sempre! Abre a porta e Edson, entra com expressão preocupada

– Gizele querida, que aconteceu? Sua voz me soou tão estranha ao telefone... que houve?

Gizele lançou os braços sobre os ombros de Edson, beijaram-se

Então, ela falou, com imensa suavidade

– Meu querido, há coisas que a gente guarda com avareza, no íntimo da alma, não quer revelar para não se sentir inferiorizada,

mas, nem sempre é possível manter segredo

– Sinceramente, Gizele, está me deixando preocupado...

Ela beijou-o novamente e continuou

– Você viajou, eu me senti tão mal... as horas arrastavam-se, pareciam não ter fim. Meu coração, ora parava, ora disparava. Sofro de depressão, que surgiu pela primeira vez, aos doze anos. Morro de vergonha, de ter que confessar... essa doença...

Gizele inclinou a cabeça e lágrimas caíram de seus olhos. – Esse problema agravou-se com a viagem que precisou fazer. Eu sei que é uma criancice, mas, senti-me tão desamparada, que nem sei como consegui arrastar-me até a Fábrica. Minhas mãos ficavam geladas, e eu pensava que morreria a qualquer momento...

– Menina maluquinha! Você é tão saudável!

– Nessas crises, minha mãe, levava-me para a praia, e me deixava aos cuidados de uma amiga, esposa de um pescador. Em oito ou quinze dias, eu voltava, totalmente curada

– Gizele, meu amor, ouça... Maciel vai fazer uma turnê com a esposa por três meses, nos países vizinhos. Não poderei viajar, mesmo que fosse por oito ou quinze dias. Impossível. Mas conte comigo, juntos, venceremos essa depressão. Vamos, nesse momento jantar e dançar. Que lhe parece o programa?

– Parece ótimo, não sei se vou conseguir o resultado desejado

– Conseguirá, tenho certeza!

Ao regressarem, despedem-se amorosamente

Gizele entra, fecha a porta. Joga os sapatos para o alto, põe o joelho em uma cadeira e desabafa

– O que este “carinha” está pensando? Será que está se

fazendo de difícil? Não pode ir para a praia comigo, porque aquela antipática vai viajar, vai ser “turista” (exclamou com desprezo). Tudo para atrapalhar os meus planos... É a segunda vez que esse “babaca” me deixa para trás. Vou me acalmar, raciocinar com frieza, não permitirei que meus planos sejam arruinados. Nunca! Edson vai convencer-se que sou a pessoa mais inteligente, hábil, generosa – minha palavra será lei – sem discussão, nem reticências... conseguirei fazer a cabeça dele, então, o que eu disser, será a única verdade – bateu o pé, finalizou: – Essa parada está na minha mão, ai de quem se enfiar pelo meio..

Entrou para o quarto e fechou a porta, raivosamente



Marcelo sentado em uma cadeira de balanço, bebe uma cerveja.

– Flávia, minha cunhada, que, me recebeu com tanto afeto, vejo-a animada com os preparativos das férias e meu irmão, da mesma forma. Ao mesmo tempo, passam-me a impressão que partilham um problema muito grave.

Flávia riu, meio sem jeito. Mas, obedecendo ao seu temperamento, muito franco, resolveu pôr as cartas na mesa

– Marcelo, é muito bom observador. A empresa é como se fosse uma extensão da nossa casa. Não temos filhos, por conseguinte nossas preocupações, quase não existem, então a fábrica é o nosso foco. Roberto, M^a Fernanda e Edson são como se pertencessem à nossa família

– Percebi, pela maneira que o Edson, referiu-se a meu irmão

– Está se desenhando um horizonte, que nos deixou preocupados...

Nesse momento, Maciel vem tomar parte na conversa, abrindo uma cerveja

- Maciel, vai lhe explicar melhor
- Contratei um motorista paraguaio, por sinal, excelente motorista, mas traficante de drogas
- Demitiu-o de imediato
- Não, ele se desmascarou completamente e fugiu
- Menos mal, retrucou Marcelo
- Agora é que começa o problema – afirmou Flávia

Maciel continuou

– O cara, tem uma irmã, muito bonita, e é secretária da Presidência

– Ambos foram contratados ao mesmo tempo?

– Não. A irmã do motorista, sofreu um acidente de moto. O irmão viajando, eu o substituo – hospital, hospedagem, essas coisas. A mulher fala com muita suavidade, e disse-me, que estavam entre nós, em busca de trabalho. Um mês depois, surgiu uma vaga – o curriculum dela, excelente. Foi contratada...

– Edson está se envolvendo com ela...

– De corpo e alma – exclamou Flávia. Nossa preocupação é que ela tenha o caráter do irmão, e Edson, você o conhece... Merecia uma melhor chance, porque é um rapaz de caráter nobre, um verdadeiro tesouro, como pessoa humana, igualzinho ao pai e a mãe...

– Vejam, é possível, que a moça em questão seja generosa, bom caráter isso é possível, como, também é possível que seja igual ao irmão, ou ainda pior... preocupar-se de nada vai adiantar, observem, ela revelará o que pretende. Como chegou à conclusão que o cara era traficante?

– Um funcionário da limpeza, que mora na periferia, viu dois caras procurados pela polícia por homicídio e tráfico, pulando o muro e entregando a Juan pacotes de cocaína. O que é pior, Marcelo, ele próprio colocou no carregamento dele, pacotes de cocaína, com as impressões digitais do chefe de departamento, um funcionário excelente

– Quem o denunciou afinal?

– Coloquei um investigador na “cola” dele, mandou-me fotos, mas, foi descoberto. Felizmente não pagou com a vida, a aventura

– Sujeito ousado e perigoso!

– Por isso, o nosso receio, o nosso medo...

– E os pais do Edson?

– Sofrem, com temor pelo filho. Afirmou Flávia

– Edson é um homem, se estiver apaixonado, nada o deterá... meu conselho é simples – observem atentamente, as atitudes da moça, com neutralidade. Aproveitem as férias, com muita alegria e entusiasmo. Evitem a preocupação, tomem, como exemplo, a estátua de Rodin “O pensador”, não constrói, nem destrói, bela como escultura, mas inócua – finalizou Marcelo

– Tentaremos seguir seu conselho, mas, é uma tarefa difícil – comentou Flávia. Prometo seguir seu conselho e até ajudar M^a Fernanda, mas, quero relatar o mais novo acidente dessa moça

– Mais um acidente, em tão pouco espaço de tempo? Estranhou Marcelo

– No dia que, voltamos de Olinda, Roberto, M^a Fernanda e Edson, estavam conosco, Edson saiu apressado para socorrer Gizele, que, estava só em casa, torcera o pé, e havia recebido um golpe na perna, por causa de uma garrafa quebrada

– Edson, precisou ajudá-la, outras vezes...

– Claro, e foi nesse período que se iniciou o namoro, entre os dois...

– A propósito – perguntou Marcelo, com uma ruga na testa – no acidente com a moto, ela ficou muito machucada

– Não, recebeu alta no dia seguinte, mas, teve fratura no braço

– Posso estar enganado, talvez a irmãzinha do traficante, haja feito treinamento de “dublê”...

– Se essas suspeitas, tiverem um fundo de verdade, vocês estarão com um problemão, num horizonte, bem próximo. Mesmo assim, meu conselho continua inalterado

– Não há outro jeito – suspirou Flávia, observar um passo por vez

– Quando partimos? Marcelo perguntou

– Amanhã, às dezoito horas, respondeu-lhe o irmão

Flávia acrescentou

Viajaremos alegres e despreocupados, tem de ser assim...



– Flávia, Roberto nos convidou, inclusive, Alfredo, Andréa e Marcelo, para jantarmos em sua casa, hoje às 21hs

– Algum motivo especial, meu bem?

– Talvez retribuir o almoço da vinda de Edson e Marcelo. Está muito feliz, com o desempenho do Edson, na filial e nossa despedida

– Vou ligar para Andréa, assim me ajuda a escolher o que devo vestir – exclamou Flávia

– Não acha que está exagerando, minha querida? Perguntou Maciel



Após o jantar regado a brindes, momentos alegres, a única nota que deixava um vazio, era a ausência do Edson. Esse fato, trazia uma nuvem de tristeza aos olhos de M^a Fernanda

Em seguida, sentaram-se no deck da piscina, as luzes refletindo-se na água, a brisa perfumada com o odor dos bulgaris do jardim, embalsamava o ar e M^a Fernanda, Flávia e Andréa, saboreavam café, os homens preferiram o vinho

– Marcelo, qual sua opinião sobre essa corrida tecnológica, em procura do aperfeiçoamento de robôs? Perguntou Roberto.

– Boa pergunta – comentou Alfredo.

– Roberto, gosto do desenvolvimento, do progresso, das pesquisas, mas na minha opinião real, os cientistas deveriam ousar com cautela, porque avançam velozmente, no sentido de criarem robôs, em detrimento dos homens, ao mesmo tempo, esses mesmos cientistas, são encurralados vergonhosamente, por um mosquitinho e vírus. Os hospitais ficam superlotados, funcionários acamados, faltam em suas funções, a economia emperra, e as fábricas deixam de produzir, vejam a ironia – simples máscaras cirúrgicas...

– Exatamente assim eu penso, Marcelo. Afirmou Roberto

– Há muito pouco tempo, o mundo quase parou, por conta de um vírus – minimamente menor do que o mosquito – um vírus – de que adianta fabricar homens que simulam pessoas, mas que na realidade não tem vida própria, bonecos que, satisfazem a imaginação das crianças. Afirmou Andréa

– Faço parte do grupo de vocês, do desenvolvimento científico que, melhore a vida humana, na Terra. A cura de doenças, vacinas poderosas, desenvolvimento em todos os rincões da Terra, para que não existam miseráveis, nem marajás. Distribuição equilibrada de rendas. Afirmou Maria Fernanda, em tom grave

– Enquanto uns, querem aparecer como superinteligentes, criando robôs, na mesma hora, nas movimentadas avenidas, um homem empurrando uma carroça de reciclagem, dá-me um aperto no coração – exclamou Flávia

– Só lhes restam esse meio de vida, porque a sociedade, não lhes apresenta outro modo de suprir suas necessidades, de alimento, moradia, medicamentos, enfim, os elementos necessários, que permitem ao homem, manter sua dignidade. Afirmou Maria Fernanda

– Infelizmente, querida, o ser humano, apesar de sua inteligência, sua razão, seu livre arbítrio, é um ser encarcerado, dentro do egoísmo. Por esse motivo, tantas guerras, tantos conflitos. Não acredito que a humanidade, mude algum dia! Afirmou Roberto

– Sua utopia não seria tão difícil M^a Fernanda, bastava os empresários seguirem o exemplo de vocês – funcionários super bem tratados, com dignidade e decência – concluiu Maciel

Fez-se uma breve pausa, ouvindo-se distintamente o ciciar do vento, nas folhagens

Roberto perguntou: – Gostariam de um pouco de música

Ato contínuo, ele girou uma chave, ao lado de sua cadeira, e os sons dos “Beatles” encheram o ar, para alegria do grupo, fãs incondicionais dos “Beatles”



Edson ligou para Gizele. A moça está tão nervosa, que não consegue falar

Edson desliga o telefone, apanha as chaves do carro, e dá partida apressadamente

– Júlia, chamou M^a Fernanda

– Sim, patroa

– Edson saiu?

– Sim, senhora

– Eu ouvi, quando ele entrou...

– Ligou o celular, desligou e saiu daquele jeito. Sabe o que é isso, patroa? Isso é “rabo de saia”...



Edson bateu com os nós dos dedos na porta da casa de Gizele, ela abre a porta.

Edson, abraça-a fortemente e pergunta:

– Que aconteceu, meu amor?

Após tentar controlar os soluços, ela respondeu

– Juan! – nova onda de soluços

– Que houve com seu irmão, fora o que é do conhecimento de todos

Entre soluços, ela falou:

– Ele diz que não é justo, ele ser caçado pela polícia (mais soluços) e a irmãzinha dele, se dar muito bem, andando com o vice-presidente, nas pistas de dança. Disse que vai pôr um fim nisso, e que vai me matar

Edson ergueu-se:

– Você está sendo seguida? devo comunicar à polícia. Querida, apanhe sua bolsa, prepare uma pequena valise, e venha comigo, rápido...

Empurrou-a gentilmente para o interior da casa

– Ligou o celular: – Maciel, estou numa emergência, posso contar com você? Em seguida, desligou o telefone, segurou o braço de Gizele e partiram.



– Maciel, Flávia, desculpem, incomodá-los, na véspera da viagem... é uma emergência, só por hoje à noite. Flávia, você se encarrega da Gizele, pelo resto dessa noite

– Claro, Edson, venha Gizele, venha comigo

As duas entraram.

Edson continuou

– Juan jurou-a de morte e a está seguindo

Marcelo e Maciel, entreolharam-se desconfiados

– Amanhã vou levá-la para os apartamentos da empresa. Lá estará segura, temos vigilância constante, e há dois ou três, desocupados...

– Pode ficar despreocupado, Edson, estarei vigilante – afirmou Marcelo

– Meus amigos, muito obrigado. Vou à Delegacia. Até amanhã!







CAPÍTULO | 14

Flávia ansiosa, segura as passagens aéreas, como se fossem um talismã milenar. Alfredo, junto à porta, aguarda Maciel e Marcelo

Finalmente entram no carro

– Alfredo – diz Flávia.

– M^a Fernanda te convidou tanto para você ficar em sua casa, você e Edson poderiam tornar-se bons amigos. Com sua experiência, poderia influenciar, prevenir o Edson, fazê-lo ficar mais “esperto”...

– Maciel, essa minha irmã, se não existisse, teria que ser inventada... Flavinha, não nasci ontem, para intrometer-me em casos de amor, de um cara de trinta... não ficaríamos amigos, nos tornaríamos inimigos, pelo resto da vida..

Flávia dispunha-se a responder com uma tonelada de razões, porém, já estavam no estacionamento do Aeroporto

Abraçou e beijou o irmão

– Alfredo, cuide-se bem. Até a volta. Disse Flávia

Os três homens abraçaram-se e desejaram boa sorte. Eles foram para o portão de embarque, Alfredo consultou o relógio, e ligou para Andréa

– Andréa, topa ir à praia? A lua parece uma redoma de cristal – o luar que se espalha, dá a impressão de um manto prateado; vim trazer Flávia e companhia ao Aeroporto, e a lua insiste, me chamando. Depois, você poderá comer seus sagrados caranguejos. (pausa)

– Não sabia de tamanha paixão pelo mar – Andréa falou com ironia

– Sim, senhora. Tudo do mar me atrai. Os peixes e sua

imensidão. Em meia hora chego em tua casa...



Mais tarde, sentados em uma jangada, de folga. Andréa pergunta:

– Alfredo, lembra das nossas brincadeiras? Dos trotes que passávamos nos outros

– Ah! Nunca poderei esquecer o rosto da pobre Quinha..

Andréa dá uma gostosa gargalhada

– Você muito afogueada, entrou na cozinha, e disse para Quinha que eu tinha caído do pé de pitomba e estava morto!!

– Quase matamos a coitada da Quinha de susto

– Também pudera. Ela vem assustada, me encontra estirado no chão e quando chega perto, eu grito: “Buuu”

Os dois começaram a rir e Andréa continuou

– Quero passar um trote na Flávia, confessou Andréa

– Olha o que você vai fazer

Só posso falar com Flávia, amanhã à tarde..

– Concordo, mas quero saber o teor do trote

– Vou dizer o seguinte: com voz trêmula, começa – Flávia, não quero te preocupar, mas a casa está toda fechada, mesmo à noite eu fui com a Quinha para saber se Alfredo precisava de alguma coisa – tudo escuro, parece uma casa abandonada. Fiquei com muito medo que, Alfredo sentindo-se sozinho, haja entrado em depressão...



Dois dias mais tarde, Andréa recebe uma mensagem de Flávia. Estava com Alfredo, numa lanchonete e mostra para ele o recado da irmã

– Andréa, se a situação é essa, peço-lhe por favor que chame um chaveiro e peça que você possa entrar na casa. Não se preocupe, eu me entendo com Maciel. Depois me avise como tudo ficou

Andréa desligou o telefone e sorrindo, falou para Alfredo

– Tua irmã é terrível. Mandou que chamasse um profissional para abrir a casa

– Flávia, é assim mesmo, sempre foi muito decidida

Andréa escreve mensagem para a amiga, em voz alta, para Alfredo ter conhecimento

– Flávia, estou feliz por você – nossas preocupações evaporaram-se. Chamei o chaveiro, quando se preparava para iniciar o trabalho, Edson encosta o carro, Alfredo, desce, todo bronzeado, estava na praia com Edson e Gizele. Deu-me uma grande alegria vê-lo tão saudável e bem-disposto

Andréa desligou o celular, segurou a mão de Alfredo e confidenciou

– Outra maluquice?! Indagou Alfredo

– Não, agora é sério... vamos preparar um álbum, ou um quadro, opção será sua, com as fotos e os cartões-postais, que ela nos envia..

– Ótima sugestão!



Andréa e Alfredo aninhados passavam a impressão que estavam, em uma nuvem cor de rosa, que o entardecer, não abria espaço para a escuridão

Alfredo tinha consciência que sua felicidade presente, não apagaria jamais, o vazio que ficara no passado, quando ambos, estavam despertando para a vida

“O acerto de contas, tornava-se imperioso, urgente”. Pensou Alfredo

– Querida, estou pensando numa bela surpresa para você, acompanhe-me...

Entraram no carro e em breve estavam no interior da joalheria

Andréa estava grave, circunspecta; o momento do compromisso definitivo, sempre causa alegria, entusiasmo e medo..

Escolheram as alianças que Alfredo guardou no bolso interno do paletó e o anel de noivado

– Lindo, Alfredo – maravilhoso!

No restaurante, no lugar reservado, enquanto esperavam o garçom, Alfredo começou:

– Andréa, preciso retornar a algum tempo... que “o vento levou” ...

– Não concordo, Alfredo, o que passou, esvaiu-se na poeira do tempo

– Andréa, quando viajei para Olinda, deixei a clara impressão que não te amava o suficiente, que, nosso amor fora apenas uma ilusão

– Mês após mês, foi a essa conclusão que eu cheguei..

– Fugi, daquele modo, sem despedir-me, exatamente, porque te amava demais

– Difícil de entender, meu querido!

– Você filha única, de um poderoso homem de negócios, digo única, porque seu irmão, ao decidir ser missionário, renunciou a todos os seus direitos, então, eu um pobretão, que podia oferecer à moça rica, acostumada a todos os requintes? Se seu pai me ajudasse, com um emprego, ou financeiramente, seria humilhante, para um rapaz, com a cabeça cheia de sonhos. Se eu tentasse explicar, você nunca entenderia minhas razões, por esse motivo, fugi como um covarde, mas, aos meus olhos, fui um super herói.

– Certo, mas esse “rapaz com a cabeça cheia de sonhos”, num instantinho arranhou um casamento...

– Ah! Não senhora, na faculdade, uma das minhas colegas de nome Maria de Lurdes passou a ser uma grande amiga. Havia uma grande afinidade entre nós – mesmo nível social, mesmos gostos, mesmo modo de entender a vida – com o passar do tempo, a amizade se concretizou em um casamento sólido. Formávamos um casal perfeito, havia entre nós, camaradagem, harmonia, mas, o meu amor verdadeiro, guardado profundamente em meu coração, era Andréa, que, tinha suas raízes numa terra fértil e carente de água, enquanto eu tinha um casamento sólido e carente de meu amor verdadeiro

Alfredo continuou: Flávia nunca falava a seu respeito, eu, a imaginava casada, com uma intensa agenda social. Se, houvéssemos seguido em frente, nosso relacionamento, talvez, eu me houvesse transformado num marido intolerável, espezinhado pela humilhação, traído, antipático, enfim, um marido detestável. Fui covarde, reconheço, mas para evitar um desgaste moral e emocional

– Encontrar-te novamente, ler em teus olhos, o mesmo Alfredo, dos meus dezesseis anos, assemelhou-se a reaver, um tesouro perdido. Desculpas aceitas, meu querido – concluiu Andréa emocionada

O garçom trouxe os pedidos, os dois apaixonados, abandonaram o tom grave e retomaram o bom humor, que os caracterizava

– Meu pai percebeu minha tristeza e sua ausência, então planejou fazermos uma viagem ao Egito. Estava tudo programado por ele, partiríamos na manhã seguinte, muito cedo

– Meu bem, a Andréa, precisa avisar ao Alfredo – disse minha mãe.

Meus olhos encheram-se de lágrimas

Meu pai, retrucou prontamente

“– Surpresas, servem para incrementar um namoro. Andréa enviará para ele cartões postais, que achar interessantes. Partimos e viajamos por três meses.”

Andréa bateu palmas e exclamou

– Fim da sessão nostalgia

– Falemos de coisas práticas – você era excelente em desenho, não quis tentar arquitetura? Ou enveredar pelas finanças do seu pai?

– Quando regressamos, minha mãe sofria de uma cardiopatia grave. Todos os nossos cuidados, era para que tivesse uma boa qualidade de vida, enquanto a tivéssemos ao nosso lado. Infelizmente, meu pai partiu antes – infarto fulminante. O estado de minha mãe, agravou-se, em menos de três meses, ela partia... eu, fiquei com Quinha e seu Antônio. Mas, sempre agradei a Deus, a graça de cada amanhecer

Alfredo segurou-lhe as mãos, carinhosamente, e trocaram beijos, consagrando aquele amor imbatível, como o classificara Alfredo.



Marcelo acompanhado de Flávia e Maciel, que retornavam da viagem turística, estão em um restaurante para jantar

Flávia, com um profundo suspiro, comentou

– Será que eu tenho mesmo a idade que, acusa minha RG? Porque me sinto como se tivesse quinze anos!

– Não se impressione querida, essa sensação, logo passará – afirmou Maciel, sorrindo e apertando-lhe a mão

– Empreguei o tempo da viagem de vocês, resolvendo os problemas da casa e do escritório. Aluguei-os ambos, mobiliados como estavam. A imobiliária encarregou-se de tudo. Agora é a vez de vocês conhecerem a cidade, que me acolheu tão bem

– Marcelo, estou afastado do trabalho a três longos meses... não posso demorar-me mais..

– Calma, senhor meu marido, não é possível, que depois de viajar tanto por países de língua espanhola, eu fique sem conhecer o “Mercado Ver o Peso”, que ouço falar desde criança. Esse mercado me recorda, tia Simina, que morou muitos anos, em Santarém, e em Belém

– Paciência, exclamou Maciel, em tom conformado



Andréa abriu a janela de seu quarto, era uma linda manhã, ensolarada, a brisa ligeira brincando nas folhas das árvores, e o cheiro de cajus maduros, circulando pelo ar e os bem-te-vis faziam coro, com as coisas inimitáveis da natureza

Abandonou a janela, porque o celular tocava

– Alô! Flávia! Hoje, que alegria

Mal teve tempo de desligar o celular, e percebeu o carro d Alfredo, passando pelo portão

Quinha bate à porta

– Andréa, Alfredo acaba de chegar

– Quinha, prepare um excelente lanche para ele, enquanto me preparo para sair



Em pouco tempo, Andréa estava em casa de Alfredo

– Querido, você vai ao restaurante e despacha essa nota, é tudo que precisamos, vou deixar a casa do jeito que Flávia gosta – não do modo como, um certo irmãozinho, deixou jornais por toda parte..

– Ora, agora estou solteiro, guardar coisas dá um trabalho

– Alfredo, precisamos combinar: quero que Flávia, descubra por si mesma, que estamos noivos. Certo?

– E se ela não descobrir?

– Deixe comigo. Siga o plano

Nem acabara de falar, chegaram os viajantes. Muitas saudações e muita alegria. Os homens encarregaram-se de levar as bagagens, para os seus respectivos quartos, em seguida, reuniram-se todos, na sala de jantar

– Alfredo, estou admirada, a casa está em perfeita ordem – você que é o “bagunceiro, número 01 da Paróquia”. Sim, senhor, flores nas jarras, tenho certeza de que você teve ajuda de um “espírito santo de orelha”, confesse

– Ora, Flávia, deixa o Alfredo em paz. Está feliz, vendo a casa bem-organizada! – exclamou Maciel

– Bravíssimo, Maciel, Flávia, tanto mata, quanto cura – exclamou Alfredo

– Ingratos! – exclamou a irmã – eu estava elogiando

Após o almoço, passaram para a varanda e Andréa serviu licor de pitanga

Em seguida, sentou-se um pouquinho afastada, e começou a abanar-se vigorosamente, com um leque

Flávia foi até a amiga, preocupada

– Não está se sentindo bem, Andréa

– Estou com calor, Flávia, somente – e continuou a abanar-se, vigorosamente

Flávia deteve-se a observá-la, exclamando

– Andréa, que anel bonito – esse eu não conhecia – deixa-me ver... Segurou a mão da amiga – é um anel de noivado

Flávia olhou atentamente, para o irmão, em seguida, para Andréa. – Vocês estão noivos? Verdade!

Segurou a mão da amiga e abraçou os dois ao mesmo tempo

– Ah! Como estou feliz! – exclamava enxugando os olhos de emoção. Maciel, Marcelo – Alfredo e Andréa estão noivos

– Que falta faz um espumante neste momento. – exclamou Maciel

– Não seja por isso – exclamou Alfredo, afastando-se

Retornou em seguida com uma garrafa no balde de gelo

Maciel pegou as taças e o noivado foi comemorado, com brindes e muita animação





CAPÍTULO | 15

Karla diante da janela aberta, observa com tristeza sobre aquela cena campestre, tão diversa, dos atropelos da cidade. Vacas e cabritos, pastam tranquilamente, a orquestra é composta pelas vozes dos animais: mugidos, balidos, cocoricós, latidos e cantos de pássaros. Karla passa a mão pelos cabelos e fala baixinho: – um ano de reclusão... mas valeu a pena, meu filho, é meu tesouro. É maravilhoso só ter preocupações com ele, cuidar só dele, é gratificante, infelizmente, a vida não permite parar... quem pára tomba. É urgente seguir adiante. Preciso voltar, retomar ao trabalho...

Nesse momento, tia Nana fala baixinho para não acordar o bebê, que dormia no berço, protegido por um cortinado de tule branco.

Karla aproximou-se da tia, que parara junto à mesa do centro. Tia Nana abre uma revista diante da sobrinha. A moça viu a foto de Edson e Gizele, numa página inteira, a legenda abaixo explicava

“Edson Becker e Gizele Sanchez, são par constante, na pista de dança, com tal entusiasmo, que contagiam os frequentadores”

Karla exalou um longo suspiro

– É a vida, tia Nana, uns ganham, outros perdem...

– Você perdeu porque quis... será que um dia, não será questionada por essa criança, que dorme como um anjo

– Cada coisa a seu tempo, tia Nana. Se houver cobranças, saberei como responder. Espero que, meu filho seja competente, para conquistar seu espaço, por seus próprios méritos, e que seja independente e feliz

– Está decidida a regressar?

– Com certeza, tia Nana, faz um ano que estamos reclusas... mas, valeu a pena – disse olhando para o filho, com ternura. Devo ainda levar em conta, que durante todo esse tempo, Maciel

depositou meu ordenado mensal, na minha conta, provou ser um amigo verdadeiro, um grande amigo

– É minha filha, não se deve explorar a boa vontade de um amigo, por mais leal que ele seja. Depois, como dizia minha mãe: “quem tempo tem e tempo espera, vem o tempo que o diabo leva”

– Karla, nossa casa, precisará de uma boa limpeza, acho melhor eu viajar amanhã, para cuidar de arrumar o ambiente, para nosso príncipe. Verificar a despensa, lavar roupa de cama, enfim, essas coisas de dona de casa. Você vai ficar sozinha com o bebê. Acredito que em dois dias a casa estará em condições de receber até um rei, quanto mais um príncipezinho dorminhoco

Karla olhou muito séria para a tia

– Tia Nana, não vá “meter os pés pelas mãos”. Você jurou, jamais revelar o meu segredo. Se dá valor a mim, à amizade, a minha consideração, me deixe, seguir o traçado que eu decidi percorrer...

– Jamais faltarei ao meu juramento – disse a tia com serenidade e firmeza

– Obrigada, tia Nana, confio inteiramente na senhora

Karla abraçou-a e beijou-a



M^a Fernanda está na biblioteca, a conferir as contas da ONG, da qual é provedora. Edson entra, cumprimenta-a com um beijo na testa

– Bom dia, mãe, tudo bom?

– Sim, meu filho, tirando a dor de cabeça, destas contas, está tudo bem-fazer milagres para cobrir todas as despesas, é uma “dureza”...

– Julia disse-me que a senhora estava na biblioteca, vim falar-lhe porque é assunto sério

A mãe fechou o caderno, desligou o celular e fitou o filho

– Tenho saído com a Gizele, nossa secretária. Há uma grande afinidade entre nós, e confesso, estou profundamente apaixonado por ela...

– Tem certeza, filho? Será que se trata de paixão mesmo? Ou será piedade, desejo de protegê-la por causa do irmão?

– Minha mãe, por favor... vim falar-lhe porque desejava agendar um jantar, em família, com a Gizele....

– Compreendo meu filho, a sua ansiedade, deseja a nossa aprovação ao seu relacionamento. Por um lado, você está certíssimo... mas, minha experiência de vida conta muito meu filho. Façamos um trato: se dentro de três meses, seus sentimentos continuarem os mesmos, e for totalmente correspondido por sua namorada, nem precisa me consultar. Você olha para mim e diz: “amanhã!”. Concordarei sem restrições, prometo.

– Oh! Mãe, eu pensei que a senhora receberia essa notícia com muita alegria, mas vejo que a senhora tem receios..

– Não, meu filho. Não se trata de receios – mas de prudência. A prudência é a mãe de toda felicidade. Concorda comigo, filho?



Gizele sai do banho, num roupão branco e se põe a escovar os cabelos

Para a escova e fala para si mesma

– Edson está me saindo um fracote, não sabe questionar, impor suas decisões – enfim um boneco mimado. Saiu há duas noites, afirmando que domingo à noite, ao jantar anunciaria nosso

noivado. Grandíssimo idiota – “a mamãe me aconselhou pôr à prova o nosso amor, por três meses” – e ele concorda! Estou muito bem arrumada – um paspalhão, e um estúpido, cheio de bravata, e de uma burrice de doer... Juan, por sua vez, se tivesse liquidado o investigador, ele estaria trabalhando normalmente. Embora Maciel apresentasse as fotos – como poderiam ser comprovadas? Ficariam sem efeito. Ainda há um pormenor: como Maciel, colocou um investigador, no encalço de Juan? Não havia prova sobre o Juan: por que foi investigado? A autoestima de Juan, é igual a um balão de hélio. Se pipocar, se esborracha no chão. Nesse jogo de xadrez, a dama está contra mim... o pai do Edson, em cima do muro – nem contra, nem a favor. Maciel é a torre para defender a rainha. Preciso elaborar um plano cuidadoso para tirar a rainha do tabuleiro e paralisar o Maciel. Vou examinar a bolsa que aquela velha cigana me deu... pode ter alguma coisa interessante



Alfredo e Andréa fazem um pequeno lanche no jardim, entre samambaias e roseiras. Alfredo circunda os olhos pela fachada da casa. Em seguida, segura a mão da noiva.

– Querida, você não acha esta chácara muito antiquada para receber recém-casados, que regressam da lua-de-mel?

Andréa reagiu imediatamente: – chácara antiquada? Esse é o problema? Então, escolha o térreo ou o pavimento superior para modificá-lo, sob a orientação de um arquiteto, nos modelos supermodernos do mercado imobiliário

Alfredo deu uma grande risada, abraçou Andréa e beijou-a

– Menina tonta! Não vê que estou te espinafrendo? Ah! Passar “trote” nos outros é uma delícia! Mas, sofrê-los, não tem graça alguma...

– Ora, menino tonto! Eu sabia que você estava blefando

– Acredito, para não perder a amiga. Queria ver a sua reação. Adoro tua casa, Andréa

– Nossa casa! Eu não a trocaria por nenhum palácio! Exclamou Andréa

– Venero coisas antigas. Andréa, deixando de lado as brincadeiras, quando marcamos a data do nosso casamento...

– Quero falar sobre uma questão muito importante, Andréa explicou com paciência

– Fala, teu escravo te escuta

– Meu pai levou-me para passar férias na pequena fazenda de um amigo. Eu ainda estava arrasada com sua partida para Olinda. Pedi a papai que construísse para mim um chalé suíço, vizinho a uma gruta chamada “Gruta da Mocinha”, que dista de dois quilômetros da fazenda. Meu pai, exagerado, como você recorda, construiu o chalé rodeado por um jardim. No lado direito de quem entra, fez uma linda piscina. Ao fundo, as instalações do caseiro, tudo isso fica ao pé da Serra do Ererê. Preciso te confessar uma coisa, e estou envergonhada

– Fala de uma vez, é o melhor remédio – aconselhou-a o noivo

– Fiz um juramento, no chalé: se eu me casasse, ali haveria de ser celebrada a cerimônia nupcial – na gruta. Se, morresse solteira, ali seria o meu túmulo

– A gruta só se interessa pela primeira parte – Alfredo abraçou Andréa com muita ternura – que pensamento trágico, mórbido – e abraçou-a novamente

– Nossa lua de mel será no chalé suíço, em pleno sertão tropical...

– Provavelmente, precisará contratar um decorador

– Já tenho a minha decoradora...é a Flávia!

– A decoração vai ficar a critério de Flávia. Vou contratar serviço de “buffet” e costureira...

- Tudo ótimo, tudo esplêndido, quero saber a data
- Quando a gruta estiver pronta..
- Quando? Insistiu o noivo
- Pergunte a sua irmã...
- Nesse caso, almoçaremos com Flávia e acertaremos os detalhes...



Maciel está ao computador, examinando um boletim de exportações, quando batem discretamente à porta

– Entre!

Karla entra sorrindo com as mãos estendidas para ele

– Karla, que prazer...

Apertaram-se as mãos, num clima de simpatia e camaradagem

– Sua tia recuperou-se?

– Inteiramente, Maciel. Está muito saudável. Devo agradecer, nem sei como, o depósito que me fez todos os meses. Sentia-me mal de receber dinheiro, sem estar trabalhando

– Está de volta, não se fala mais sobre isso. Está de volta para trabalhar?

– Com certeza, em qualquer departamento

– Gizele substituiu-a, mas, como há um recente relacionamento entre ela e Edson, ele achou que ela não deveria continuar como secretária da presidência. Eu pretendia anunciar a vaga. Vou te acompanhar. Está disposta a começar agora?

– Claro, quanto mais cedo melhor

Maciel bateu a porta. Entrou exclamando:

– Olha quem eu encontrei perdida na fábrica!

– Seja bem-vinda, Karla. Quanto sentimos sua falta – exclamou Roberto

– Quanta bondade, Dr. Roberto. Sinto-me em falta com a empresa, mas há situações realmente imperiosas.

– Não fique constrangida, Karla, você sempre foi uma funcionária exemplar...

Nesse momento, Edson entra

– Oi Karla – apertou-lhe a mão – de volta?

– Sim, Dr. Edson, estou de volta



Após o expediente, Karla apanhou um táxi e foi à casa de Flávia

Esta, ao abrir o portão, exclamou cheia de surpresa

– Karla! Que surpresa, menina!

As duas mulheres abraçaram-se afetuosamente

-Ah! Eu não devia abrir o portão... uma grande amiga passa o ano fora, nunca me deu um telefonema...

– Perdão, perdão, perdão – exclamou Karla. O lugar onde estávamos era muito congestionado: vacas, cabritos, galinhas e passarinhos

Flávia dá uma risada

– A civilização não chegou lá, Flávia. Um dia com mais calma, mostro as fotos. Vim apenas dar-te um abraço e avisar que voltei

– Temos tantas novidades, Karla, vem jantar comigo e então conversamos

– Sábado, venho almoçar contigo







CAPÍTULO | 16

Sábado

Flávia e Karla após terminarem o almoço, sentaram-se em cadeiras de balanço, sob a sombra deliciosa do jambeiro, tomando suco de cajá

Entraram Andréa e Alfredo. Flávia emocionada, fez as apresentações

– Flávia, pronta para conhecer o cenário de seu trabalho? – indaga Andréa

– Andréa, essa ideia é muito maluca! De que jeito eu vou decorar um local, para uma cerimônia nupcial! Será um desastre! Me ajuda, meu irmão, a tirar esse pensamento da cabeça da tua noiva

– Eu? Me meter em briga de mulher! Vocês duas que se entendam, disse Alfredo sorrindo

Karla, voltando-se para Flávia pergunta: – Quais as novidades que você me falou? Estou muito curiosa

– Edson, no Pará, a serviço da empresa, encontrou numa livraria um sócia do Maciel. Curioso, ele descobriu que esse sócia era o irmão gêmeo do Maciel. O mais interessante, um não sabia do outro, separaram-se há quarenta anos

– Meu Deus, que coisa maravilhosa...

– Tem mais, e agora você não vai gostar: Edson está quase noivo da Gizele, ela inclusive, já está morando nos apartamentos da empresa e não trabalha mais como secretária...

– É verdade, estou exatamente substituindo a Gizele...

– Alfredo e Andréa, ficaram noivos. Karla, existem coisas quase inacreditáveis. Alfredo, quando rapazinho, namorava Andréa. Onde estava um, o outro também estava. Ele era muito

querido pela família. Mas certo dia, depois que ele completou dezessete anos, foi embora para Olinda, a convite de um primo. Sem dar nenhuma satisfação a Andréa e nem à família dela. Eu fiquei morrendo de vergonha, e apesar de sermos muito amigas, nunca mais me encontrei com Andréa. Alfredo, por um golpe do destino, ficou viúvo, a esposa morreu atropelada. Alfredo voltou para casa, reencontrou-se com Andréa, e o amor que estava adormecido, acordou com ímpeto total. Estão noivos, vão se casar em breve. O irmão do Maciel, se chama Marcelo, é capitão reformado da Polícia e investigador particular.

– Há uma questão, muito grave.... disse Flávia. Karla, você é amiga de Flávia. Convidei Flávia para decorar o local de meu casamento

– Vamos ver, quem sai ganhando... opinou Karla

Alfredo serviu-se de um copo de suco, e encarapitou-se em um tronco de palmeira

– Está bem, concordo, mas, com uma condição

– Qual? Perguntou Andréa

– Karla será minha assistente

– Ok! Ótimo – exclamou Andréa

– Alfredo – exclamou Karla – sobrou para mim...

– Agora, são três, que se entendam – exclamou o noivo com um sorriso divertido

– Andréa pôs os braços nos ombros de Alfredo

– Pronto querido, tudo acertado. Agora vamos levar a decoradora e sua assistente, para conhecerem o local, que precisam transformar

Karla pediu licença para telefonar

– Tia, tudo bem? Vou demorar um pouquinho mais, mais tarde eu lhe explico...



O carro estacionou ao pé de uma pequena serra, com mais ou menos oitenta metros de altura

Desceram do carro

– Meu Deus – exclamou Karla. Assemelha-se a uma joia incrustada nessa região árida e tão pobre de vegetação. Desculpe, Andréa, estou cometendo um erro gravíssimo, os frondosos jambeiros o jardim do chalé, são lindos... mas, dez metros adiante, o terreno seco, a vegetação mirrada..

Andréa levou-as ao interior do chalé

– Dona Andréa, pensava que a senhora só viesse amanhã

– Não se preocupe, Ponciano, nossa visita é rápida

– Alfredo, não acha muito interessante essa construção

– Claro, Flávia, durante o dia, a claridade invade a casa

– Essa é a marca registrada, de meu pai. Ele copiou o modelo do chalé, porque eu pedi... a planta ainda estava no papel, quando ele me explicou

– Filha, esse é um modelo primoroso para as montanhas geladas. Aqui nos trópicos, o calor nos castiga – então todas as paredes não passam de um metro e vinte de altura, iremos colocar à semelhança de venezianas, moldados de um centímetro e meio, à distância de dois centímetros um do outro. Desse modo, teremos ambientes iluminados, com o ar renovado

– Realmente, há uma linda claridade e cadê o calor? Não existe. Afirmou Flávia

Ponciano voltou trazendo uma cesta de frutas, e um saco de côco verde.

– Para que isso, Ponciano? – indagou Andréa

Tirando o chapéu e coçando a cabeça, o caseiro, respondeu

– Dona Andréa, não é justo, a senhora vir na sua propriedade e voltar de mãos abanando...

– Está bem, Ponciano, mas, eu lhe avisei, não precisava se preocupar: – Escute com atenção: minhas amigas, dona Flávia e dona Karla virão aos sábados – com certeza irão encarregá-lo de fazer várias coisas. Esteja atento, para fazer tudo bem-feito, com perfeição. Sabe dizer se a gruta ainda tem um pouco de claridade ou se já está muito escuro

– Vou pegar uma lanterna para a senhora

– Um momento, Ponciano

– Este senhor, Doutor Alfredo Pinheiro, é meu noivo. Vamos nos casar na gruta

– Na gruta? O homem falou num fio de voz

– Temos lanterna, não precisa ir buscar. Afirmou Alfredo

– E as frutas, dona Andréa?

– Ponha-as no porta malas do carro...

Todos saíram – Alfredo ajudou Ponciano com as frutas, depois seguiu o grupo que subia os degraus, escavados na pedra. Ao chegarem ao topo, Flávia pôs as mãos na cabeça

– Ah! Meu Deus, como estive enganada, durante tantos anos..

– Que houve, minha irmã? – perguntou Alfredo, com voz de lamentação

Flávia replicou

– Acreditava piamente, que Andréa era minha amiga – que nada! uma grande inimiga...

Assustada, Karla perguntou com voz cheia de apreensão

– Por que fala assim, Flávia?

– Veja a trabalhadeira penosa e difícil que vamos ter!

– Não seja esse o motivo de seu desespero – está descartada de um bom desafio. – Andréa respondeu gravemente

– Não me faça essa desfeita, quando eu desisto, de um bom desafio?

Karla perplexa, olhava para uma e para a outra muito confusa

– Karla, procure acostumar-se, essas duas não tem jeito – e abraçou com ternura a noiva. – Alfredo comentou

Flávia tirou foto, examinou detalhadamente o cenário que devia projetar

– Tire fotos aí, à esquerda, de vários ângulos – pediu Flávia

Após alguns instantes, disse

– Podemos ir. – Andréa afirmou sorrindo

Andréa adiantou-se, abraçou-a e estalou um beijo na testa de Flávia



– Karla, já estava preocupada – falou tia Nana, ao vê-la chegar

– Meu filho...?

– Já está dormindo..

– Tia, agora, tenho três funções: mãe noturna (só fico com meu filho à noite), secretária durante o dia, e... decoradora aos sábados

– Minha filha, não precisa arranjar outro emprego, para ajudar na despesa. O que você ganha dá muito bem, para a nossa manutenção – tia Nana falou com voz triste

Karla começou a rir

– Tia, Flávia..

– Esposa de Dr. Maciel.

– Exatamente – convidou-me para ajudar na decoração de uma gruta – ajudá-la a transformá-la em um lindo ambiente para uma cerimônia nupcial

Karla mostrou a tia as fotos que tirara

– Fazer dessas pedras velhas e sujas, um local, para uma festa de casamento? Duvido!

– Eu também duvido, tia – mas, Flávia é capaz de tirar leite de pedras!

– Karla está lembrada do cartão de vacinas do Lucas

– Jamais poderia esquecer... amanhã, saímos juntas, a senhora e meu filho, ficam no posto, eu sigo para o trabalho

– Ah! Eu ia esquecendo – exclamou tia Nana, – você precisa comprar novas roupinhas para o seu filho. Todas estão ficando pequenas, para ele

– A noite, eu trago – respondeu Karla





CAPÍTULO | 17

Gizele, de roupão, penteia os cabelos, diante do espelho – fala consigo mesma: – “já devia ter pensado nisso há mais tempo. Por que a futura senhora Edson Becker e futura proprietária da empresa Becker&Becker se obriga a morar num apartamento horrível, como este? Ah! Está errado! Preciso de cartões de crédito, e uma conta no banco, para os primeiros passos. Devo estudar com cautela, para que ele insista em me presentear, com essa bagatela. Sim, não estou exagerando, quando for a única proprietária dessa empresa, Juan vai dançar feio. Vou transformá-la em milhões de dólares ou euros. Não quero ocupar minha linda cabecinha com leis trabalhistas, insumos fiscais, nada para cansar minha beleza. O dinheiro será muito bem empregado em cruzeiros, estadias em hotéis de luxo, nos mais badalados pontos turísticos do mundo, em cassinos, etc.



Marceneiros trabalhavam ativamente, transformando a residência que fora de Juan e Gizele, em um mercadinho de frutas e verduras. No fim do dia, após o término do serviço, ajustaram a tabuleta, com as inscrições: “mercadinho de frutas e verduras”

Os dois ocupantes da “venda” eram um idoso, de cabelos e bigodes brancos, que mal podia andar apoiando-se em uma bengala, e um rapazinho, que devia ser seu neto, pela dedicação de que demonstrava com o idoso

Curiosos, vieram bisbilhotar a novidade

O neto falou ao avô

– Vô, vou buscar o jantar. Quer que eu feche a porta?

O velho sorriu para os vizinhos. O rapaz dirigiu-se aos vizinhos

– Amanhã temos verdura e frutas, ao gosto do freguês

Em seguida fechou a porta e seguiu pilotando a bicicleta

Marcelo colocou, a bengala de lado, tirou o casaco e jogou numa cadeira.

– Espertos como são os dois, duvido, que hajam deixado alguma pista. Começou revirando o quarto, cama, gavetas, armários, tudo. Nada encontrou. Ronaldo chegou e riu

– Vai ser sempre assim... depois do almoço, colocamos a bagunça em ordem, explicou ao investigador



M^a Fernanda, ficou pensativa após a saída do filho. Ligou o celular.

– Bom dia, Maciel. Preciso muito falar com você. Agradeço-lhe muito, estou aguardando

– M^a Fernanda, vim com a maior brevidade. Algum problema grave?

– Receio que você me classifique como supermãe, e ciumenta, asseguro-lhe, nem uma coisa nem outra. Não falei nada ao Roberto, porque só tenho suposições, medo e insegurança

– Pode falar, M^a Fernanda...

– Edson saiu a vinte minutos, e confessou-me que está apaixonado pela Gizele...

– Exato, ele até me pediu, para que a substituísse como secretária. Ela já não trabalha na fábrica.

– Meu Deus! Não tenho nada contra ela, Maciel, mas o irmão traficante, acusado de sequestro e roubo, tudo isso me deixa muito preocupada. Não conhecemos os antecedentes deles, porque são estrangeiros. Lembrei-me de seu irmão, que é investigador. Será que ele poderia ajudar-nos a desvendar o que esses irmãos deixaram para trás

– M^a Fernanda, você não quer preocupar o Roberto, e ele por sua vez, não quer preocupar você

– Que quer dizer, Maciel?

– Roberto, chamou o Marcelo e encarregou-o de uma investigação. A casa onde os irmãos moravam, está transformada num mercadinho de frutas e verduras. Dois caras tomam conta desse mercadinho – um velho, que mal anda, e um rapazinho, seu neto

– Tudo bem, Maciel, mas eu preciso do Marcelo – exclamou M^a Fernanda, quase suplicando

– Pois então, Marcelo já iniciou suas investigações, é o velho que anda se arrastando...

– Ah! – Exclamou começando a entender... e o neto? – pergunto

– É o rapaz, nosso funcionário, que ajudou a desmascarar o irmão de Gizele – o Ronaldo

– Ora viva, eu não queria perturbar Roberto, e ele já trazia as “castanhas torradas e descascadas”

– Você e Roberto, formam um casal perfeito, mesmo sem combinarem, trabalham no mesmo sentido. Não se preocupe, meu irmão dará conta do recado. Trarei notícias, tão logo, apareçam...

– Maciel, vou pedir um café para você.

– Obrigado M^a Fernanda, preciso voltar



– Olá, Maciel – saudou Marcelo entrando

– Olá, está renovado, pintou o cabelo? – Maciel perguntou sorrindo, fazendo alusão ao velho do mercadinho

– Minha investigação lá, não obteve êxito. A única coisa que encontrei foram papéis picadinhos, onde só salvei três sílabas, que não fazem nenhum sentido: lo-nha-quez

– Vai ser difícil reuni-las

– Vou continuar uns dias, por lá, quem sabe o tal Juan, não dá uma incerta, e eu consiga alguma pista...

– Conhecendo o cara como eu conheço, acho impossível

– Ah! O Ronaldo está apaixonado pela vida de vendeiro, de comerciante... ele afirma, que se tiver chance, não larga o comércio.

– Será bom ele continuar – se Juan der uma “incerta” como você diz, não desconfiará que está sendo investigado...

– Não me sai da cabeça aquela pantomina armada, na véspera de viajarmos. Aquela mulher é um perigo latente

– Você também não acreditou naquela história? Maciel perguntou

– Se ele a quisesse matar, porque não agiria, ela estando sozinha na casa onde eles moravam? Na minha opinião, foi um golpe, bem visível que ela armou para o Edson

– Tem razão, Marcelo, quem será louco, ao ponto de argumentar com um homem apaixonado?

– Esses dois irmãos, são uma boa bisca. Maciel, o pai e a mãe, estão inteiramente corretos, quando querem uma investigação detalhada...



Sábado. Fim do expediente na fábrica

Karla almoça com Flávia, na pequena mesa da cozinha

Karla, eu preciso te contar uma coisa interessante: meu irmão namorava Andréa quando ainda eram adolescentes. Com o passar do tempo, Alfredo percebeu que seria um contraste muito grande – um rapaz pobre casar-se com uma moça rica, muito rica. Então meu irmão, sem comentar com ninguém, sem se aconselhar com ninguém, vai estudar em Olinda. Casou-se, enviuvou e voltou. E agora ele e Andréa reataram e vão se casar, para a minha felicidade. Uma lágrima escapou de suas pálpebras, Flávia continuou: – Edson está quase noivo da Gizele! Uma imensa dor de cabeça para os pais. O irmão, está foragido da polícia e é traficante de drogas, e o pior, Edson está apaixonadíssimo por essa moça

– Deus do Céu! Exclamou Karla horrorizada

– Nosso receio, Karla é que essa Gizele seja tão bandida quanto o irmão. Ah! Se Edson me ouvisse falar assim, nunca mais olharia na minha cara...

– Flávia, ela não pode ser culpada pelo mau caráter do irmão – ponderou Karla.

– Espero do fundo do meu coração que eu esteja totalmente errada. Mas, as novidades não param por aí... e seu regresso, que é também uma esplendida novidade.

– Ah! Eu não sou novidade, mas há mais acontecimentos na minha ausência? Perguntou Karla cheia de curiosidade

– Edson foi à filial de Belém, a trabalho

– A... Gizele acompanhou-o?

– Não, ele foi sozinho, não voltou sozinho

– Arranjou outra namorada?

Flávia deu uma risada

– Encontrou, num passe de mágica, o irmão gêmeo de Maciel, que não se encontravam há mais de quarenta anos, e nem faziam

ideia onde cada um se encontrava. O irmão gêmeo de Maciel, era um sócia perfeito, sem tirar nem pôr..

– Irmão gêmeo? Karla falou com perplexidade.

– Os dois se separaram na porta do seminário, quando tinham quinze anos. Foi um reencontro tão emocionante, Karla

Flávia enxugou os olhos e continuou

– Roberto nos deu uma viagem turística para os países vizinhos

– Muito bem, dona Flávia, fazendo turismo! E seu cunhado, onde está?

Flávia pôs a mão em concha e falou baixinho: – investigando a noiva do Edson, continuou em tom normal. – Ele é capitão reformado da polícia e investigador particular. Pronto, terminei, meu relatório de novidades, agora suas novas

– Flávia, vou mostrar umas fotos, do tempo em que a iluminação vinha do lampião a querosene, conforme aprendera com tia Nana

– Inacreditável como tudo mudou... se o teu tetravô que mandou fazer esses caixões de metro de altura, por um metro e meio de comprimento, com a espessura de cinco cm, que diria ele se visse as caixas de maçãs dos supermercados? – correria para a cama, e gritaria: “estou ficando louco”...







CAPÍTULO | 18

Andréa está em seu quarto, preparava-se para sair com Alfredo, quando, da janela observou seu Antônio abrir o portão e um grande carro entrou na alameda

– Meu Deus! – exclamou Andréa. Tia Laurinha e seu jovem carro de vinte primaveras! Correu para receber sua tia Laurinha.

Tia e sobrinha abraçaram-se, empurrando para longe, a saudade de muitos anos.

Após beijar tia Laurinha, várias vezes, Andréa falou:

– Tia Laurinha, que surpresa deliciosa...

Abraçaram-se ambas, com expressões felizes, e algumas lágrimas de alegria.

– Venha tia, vamos tomar café, na cozinha...

Sentaram-se num terraço, na porta da cozinha, que dava para o jardim.

– Andréa – exclamou a tia – e esse anel, de noivado?

– Seu convite para a cerimônia está na gaveta – queria fazer-lhe uma grande surpresa – respondeu Andréa sorrindo.

A tia levantou-se, abraçou a sobrinha, com os votos de felicidade plena.

– Dou-lhe um doce, se a senhora adivinhar o nome do meu noivo...

– Para essa aposta, significa que eu conheço..

– Talvez, quem sabe...

Quinha entrou trazendo uma bandeja com torradas, bolo, tapioca, requeijão e manteiga.

Piscando para Dona Laurinha, fez-lhe sinal, que ele frequentava a casa, há muito tempo

Tia Laurinha fingiu concentrar-se bastante.

– Será aquele garoto, Alfredo, com quem você foi lá em casa, várias vezes?

Andréa olhou para ela, com incredulidade

– A senhora... conseguiu adivinhar? Ah! Já sei... Quinha, você é muito espertinha!

– Eu?! Estou aqui no meu serviço, não sei nem do que vocês estão falando...

– Quinha, “passa a mão na testa, e conta a camarada desta”... Tia Laurinha deu uma risada

– Ainda se lembra, dessas expressões interioranas, Andréa?

– Como esquecê-las, tia, são cheias de sabedoria...

– Então, é com o Alfredo?

– Sim, ele me disse que foi embora, porque eu era rica e ele era pobre...

– Provavelmente, ficou rico...

– Não, tia Laurinha, ele trabalha num ministério, é economista e ficou viúvo...

– Quantos filhos?

– Nenhum

– Meu bem, só posso te desejar muitas felicidades. Que o casamento de vocês seja uma benção!

Alfredo entra, beija a noiva, e estende a mão, para a velha senhora

– Bom dia, tia Laurinha, seja muito bem-vinda – veio abrilhantar a cerimônia de nosso casamento?

– Desde que o noivo, não fuja novamente...

– Ah! A senhora não sabe? Tem três capangas, me seguindo noite e dia...

Andréa retirou o anel de noivado e jogou-o para Alfredo, que o apanhou elegantemente no ar.

– Que é isso, minha filha? Indagou tia Laurinha

– Não quero um noivo preso a mim, por medo...

Alfredo ajoelhou-se diante de Andréa

– Querida, deixa-me colocá-lo novamente, para selar nosso amor, que será eterno!

Andréa sorriu, acariciou os cabelos de Alfredo e riram os três

– Alfredo, você sabia que a tia é uma grande benfeitora da comunidade em volta dela?

– Está exagerando, Andréa...!

Andréa continuou

– Um casal trabalha na casa há muitos anos e são os dois que desempenham as tarefas no pomar e na horta. Acredita, querido, que ela tem um grande galinheiro e todos os dias, às 6 horas da tarde, ela vai para o portão, Cambraia, seu braço direito, fica pouco distante dela e ao seu lado, Rosita, sua mulher. Cambraia distribui hortaliças e frutas e Rosita, distribui ovos e uma vez por semana, frangos, isso diariamente

– Tia Laurinha, por que você não se candidata a vereadora?
Pergunta Alfredo

– Meu filho, o Cambraia e a Rosita já têm tanto trabalho, para atender uma pequena comunidade, por que eu iria enfrentar os problemas de uma cidade, sem ter condições de resolvê-los

– Tia Laurinha, a senhora precisa conhecer a irmã do Alfredo, ela vai conquistá-la, é uma criatura maravilhosa. E agora, vamos almoçar – afirmou Andréa



Após a sesta, depois do almoço, Andréa a pedido de tia Laurinha, foram ao Shopping.

Tia Laurinha escolheu presentes para as núpcias de Andréa, Alfredo encontrou-as um pouco mais tarde, fizeram um belo lanche na praça de alimentação. Andréa perguntou

– Tia Laurinha, topa um cinema?

– Minha filha, não tenho mais idade de ir à cinema, ouço péssimo, vejo pior ainda, e estou cansada das compras. Quero ir para casa e dormir



Nove horas da manhã, Andréa consulta o relógio e fala intrigada:

– Tia Laurinha ainda está dormindo... ela disse que estava cansada, vou deixá-la dormir mais um pouco, para o nosso passeio à casa de Flávia...

Andréa ajeitou umas flores na mesa, verificou o café na mesa da cozinha, estava tudo em ordem. Consultou novamente o relógio e disse: “Vou chamá-la”!

Nesse momento, Alfredo chega e pergunta: Cadê tia Laurinha

Andréa responde: – eu vou chamá-la agora, estava fazendo uma horinha, mas você chegou, vou chamá-la...

Andréa dirige-se ao quarto onde a tia estava dormindo, bateu na porta levemente. Não obteve resposta. Bateu uma segunda, uma terceira vez, nenhuma resposta. Com o rosto aflito, olhou para Alfredo como se pedisse conselho

Alfredo então, bateu ele mesmo à porta, e chamou um pouco mais alto – tia Laurinha?

O silêncio continuava

Andréa encheu os olhos de lágrima.

Alfredo abraçou-a fortemente e disse-lhe: – quer que chame um médico

Andréa, segurando com força as mãos do noivo, replicou: – não, ela deve estar dormindo, ela precisa estar dormindo, eu quero que ela esteja dormindo...

Com decisão, abriu a porta devagar e aproximou-se da cama onde tia Laurinha estava inerte.

Alfredo, procurou o pulso da velha senhora. Estava fria, gelada, não havia mais vida em seu corpo

Andréa começou a chorar, quase com desespero. Com palavras entrecortadas, indagava-se: – como pode acontecer isto? E continuou chorando desconsoladamente

Alfredo pôs a mão em seu ombro e disse: – querida, compartilho de sua dor, mas há práticas que não podem ser omitidas. Vou chamar o médico, e tratar, como você sabe do... funeral

Andréa levantou os olhos e disse para ele: – Tia Laurinha, queria ser velada na sua chácara. E queria também que todos da comunidade a vissem antes do final... ela me disse isso várias vezes



Na chácara, alguns dias depois, Alfredo perguntou à noiva:

– Como ficam os caseiros de tia Laurinha? Sabe se tem alguma orientação sobre isto

Andréa enxugou os olhos, porque estava chorando novamente, e respondeu: – Alfredo, eu vou procurar nos papéis de Tia Laurinha para ver se há alguma definição sobre esse assunto. Mas uma coisa eu lhe digo, eles não vão ficar desamparados, pela memória da minha tia, isso eu prometo

Andréa entrou e foi em direção à velha cômoda no quarto de sua tia. Procurando pastas, papéis, documentos, deu de cara com um caderno, onde estava escrito: “Meu diário”

Andréa pegou o diário e pôs-se a ler

“Ano 1948 – meus irmãos e eu, estávamos de férias – meus pais, resolveram que fossemos todos passar as férias na chácara dos meus avós...

Nos meus quinze anos, eu estava feliz com aquela quietude, aquela sonolência da zona rural. Ao lado da chácara, tínhamos o rio, para nadar e passear de barco – dez quilômetros adiante. Estava o mar, com suas praias de areias faiscantes, e os coqueiros meneando à brisa, as longas palmas, e ainda tínhamos a cidade, circundada pelas lindas praias...

Havia três dias que desfrutávamos desse paraíso, quando chegou um neto de minha avó, portanto meu primo – usando o uniforme da Marinha

Meu Deus, quando vi aquele homem de olhos verdes, bigodes

louros, na minha frente, recebi um impacto tão forte – como se eu fosse grega e tivesse visto Apolo, personificado na minha frente

Controlei meus sentimentos, disparados e confusos, e com formalidade apresentei-me.

– Laura Barbosa, muito prazer

– José Amazonino

Olhei-o admirada – mesmo sobrenome

– Somos primos, meu pai é irmão de sua mãe, nós somos netos de dona Dinah Barbosa e de Joaquim Viana

– Que interessante, exclamei. Ah! Recordo agora... Tia Leônia, tinha um filho, que entrou para a Escola de Aprendizes de Marinheiro...

– Asseguro-lhe, prima, que já não sou aprendiz – marinheiro e dos bons – afogando a modéstia.

Minha avó e minha mãe fizeram uma festa – meus irmãos, cercaram-no, um queria uma âncora, o outro queria saber se já tinha enfrentado tempestades e outro, se o seu navio já tinha naufragado

Ele respondeu o bombardeio de perguntas e expressões de afeto, mas, não tirava os olhos de mim, aqueles olhos verdes que me deixavam louca...

À noite, meu pai chegou, foram novos tiroteios de perguntas de como era a vida no mar, qual a ilha que mais lhe chamara atenção...

No dia seguinte, no café da manhã, ele me perguntou se eu o acompanharia num passeio de barco.

Meu primo morava com os pais do outro lado do rio, todas as

tardes, ele vinha me visitar, passeávamos ao longo do rio, de mãos dadas. Meus pais estavam felizes com esse romance. A diferença de idade entre nós era pequena, e ele parecia de um excelente caráter

Três semanas após nossos encontros, nos quais eu me sentia acima do céu e acima da terra, José Amazonino me disse com voz muito grave:

– Laurinha, minhas férias terminam na próxima semana, e eu tenho um problema sério, na minha vida. Não posso permanecer sempre no mesmo lugar. Dá-me a impressão que me falta o ar, que não consigo respirar. Eu te amo, Laurinha, quanto – você nem pode imaginar e tenho a impressão, real e verdadeira, que sou correspondido. Nosso amor é daqueles que não tem limite, não pode ser medido, nem pesado. Ele existe tão forte quanto o ar que nós respiramos

Ele me abraçou, me beijou e disse: até amanhã, meu amor!

Três dias após, ele me abraçou forte e me perguntou: Laurinha, seu amor é tão grande que pode me acompanhar, pelo resto da vida?

Eu respirei profundamente, beijei-o várias vezes, e respondi com voz estrangulada: somos o oposto um do outro. Você não pode permanecer no mesmo lugar, e eu sou como vegetal, gosto de criar raízes onde estou. Meu amor, por você é imenso, Amazonino, mas não posso ir

Ele me abraçou novamente, trocamos um beijo longo e apaixonado. Ele então me disse: “Até um dia, Laurinha”

Havia uma grande pedra perto do portão da minha casa, sentei-me na pedra, e chorei tanto que as lágrimas secaram, depois entrei em casa. Minha mãe, vendo o meu rosto transtornado, perguntou-me o que havia acontecido

Contei-lhe o nosso breve romance, ela olhou para mim, com tristeza, e disse-me: “Paciência, minha filha, paciência!”



Certo dia, estava eu na chácara pertinho do poço de São José, quando Rosita abriu o portão e fez entrar um moço. Simpático, olhos verdes, sorriso amplo. Estendeu-me a mão, e disse-me, sou José Amazonino Neto, minhas pernas tremeram e eu cambaleei, sendo amparada por ele. Sentei-me na cadeira, o moço muito educado, pediu-me desculpas, por não ter avisado com antecedência sua visita. Sorri, já refeita da surpresa, e estendi-lhe a mão, Laura Barbosa, muito prazer em recebê-lo. Ele me abraçou com muita ternura e nos sentamos

Ele falou-me que sua visita seria breve e que eu precisava ir com ele ao banco, pois ele tinha urgência de fazer uma transferência. Estranhei e disse-lhe que eu não tinha dinheiro para transferir, o rapaz sorriu bondosamente, e pediu-me que eu acompanhasse ao banco. Ele precisava obedecer às ordens de seu avô. Fiquei mais intrigada ainda, “que ordens seriam essas, de seu avô?”

Mais uma vez o rapaz sorriu, um sorriso engraçado.

Sentando-se novamente, ele explicou que seu avô casara com a dona de uma mina de diamantes, na África do Sul, e que, viúvo, queria presenteá-la com uma soma em dinheiro.

Disse-lhe então, que jamais receberia esse dinheiro, não era justo, nem coerente com sua vida de solteira. O rapaz tirou da pasta, uma pequena caixa, e dela retirou um anel, com um brilhante que faiscava, pediu-me permissão para colocá-lo em meu dedo. Mais uma vez a minha recusa, e ele retrucou que se tal acontecesse, seria como se eu enterrasse uma faca no coração de seu avô.

Ele continuou dizendo que o avô sempre lembrava que tinha um grande amor em terras distantes e que se sentia como se fosse o marido daquela menina maravilhosa que tanto amava. Não tive mais como recusar.

José Amazonino estava realmente em meu coração, do mesmo jeito que eu havia conhecido, seus olhos verdes ainda me encantavam do mesmo modo, apesar da distância, apesar do tempo, apesar da ausência. Eu me sentira sempre unida a José Amazonino, nunca houve correspondência entre nós, mas o amor ficou intacto. E ao que parece, ele também me amava. Isso me fez sorrir, envaidecida, feliz. Se hoje ele era um homem tão rico e tão generoso, eu só tinha a agradecer.



Andréa fechou o diário e respirou profundamente, Alfredo aproximou-se e perguntou: – encontrou alguma coisa?

– Você não faz ideia do que eu acabo de encontrar. Tia Laurinha, teve um grande amor, José Amazonino, seu primo. Ela recebeu de presente de José Amazonino uma fortuna de dez milhões de reais. Aquele anel que estava em seu dedo, Alfredo, foi presente de José Amazonino, ela o recebeu em 2015 – contou Andréa

Alfredo segurou a mão da noiva e disse: – Meu Deus! José Amazonino, o magnata dos diamantes! Ele conhecia tia Laurinha?

– Quase se casaram, respondeu Andréa. Não se casaram porque ele tinha dentro dele o gênio aventureiro e minha tia, era aquela doméstica grudada à terra

– Então, disse Alfredo, o futuro de Cambraia e Rosita estão super garantidos...

Andréa ergueu-se, guardou o diário na bolsa, e falou para Alfredo: – Precisamos ir ao banco para colocar Cambraia e Rosita como os beneficiários dessa conta. A única exigência é que eles continuem o mesmo que tia Laurinha fazia – a distribuição de frutas, hortaliças, ovos e frangos. Você, Alfredo, avisa ao Cambraia que ele tem que gerir esse dinheiro com muita sabedoria, para nunca vir a faltar. Você estipula um ordenado para eles retirarem todos os meses essa quantia. Que devem cuidar da chácara, como se tia Laurinha estivesse aqui. Duas vezes por ano, nós viremos

verificar a situação da casa. Se precisa de reparo, se precisa de pintura, essas coisas. Eu vou falar com Cambraia e Rosita para eles nos acompanharem ao banco.

Os quatro foram ao banco, o gerente recebeu-os com muita distinção

Ao sair do banco, Rosita abraçou fortemente Andréa com o rosto banhado em lágrimas. Cambraia também disfarçou, mas seu rosto estava molhado de lágrimas. Rosita num sussurro disse?

– quando eu podia imaginar que teria tanto dinheiro, com a minha assinatura...

– Dona Laurinha, era uma pessoa muito especial. Eu acredito que era a única, no mundo. Me sinto orgulhoso de ter trabalhado para ela, e prometo que vou seguir fielmente o traçado de vida de dona Laurinha. Dona Andréa, a senhora pode ficar despreocupada, vou fazer tudo direitinho, como se Dona Laurinha, estivesse na sua cadeira de balanço, perto do poço de São José – foram as palavras emocionadas de Cambraia

Rosita, juntando as mãos exclamou entre lágrimas: Dona Laurinha era uma santa!





CAPÍTULO | 19

Nesse dia, esperado por amigos e parentes, aconteceria o enlace matrimonial de Andréa e Alfredo. O sol descamba lentamente, pulverizando com poeira dourada as árvores e a vegetação rasteira, até que as sombras da noite, anulem os últimos raios de claridade. A “Gruta da Mocinha” foi decorada com requinte. Flávia usou todos os seus secretos dons de decoradora, e seu trabalho poderia competir com a criatividade de profissionais. Pela trilha coberta com tapete verde, cor de relva, subiam pausadamente Roberto e M^a Fernanda, em seguida, Edson e Gizele, secundados por Marcelo e Flávia logo atrás, Karla e Aurélia. Por último, a noiva conduzida por Maciel, e ovacionados por uma vibrante salva de palmas

Andréa, seguindo sua personalidade independente, usava um vestido cor de palha, de cetim justo e longo, com um decote em V, orlado de apliques de renda em tom escuro, uma túnica de musselina transparente, a envolvia terminando com um drapeado na cintura, preso com uma orquídea, tendo ao centro, um topázio

Os olhos de Karla, encheram-se de lágrimas, no exato momento em que as mãos dos noivos, se entrelaçaram, espontaneamente, como se o mundo houvesse deixado de existir, restando apenas eles e o amor que os unia. Karla controlou suas emoções – ver Edson e Gizele juntos, representava, que para Edson, ela era, talvez uma vaga e amarga lembrança. Colocou-se pensando no filho, o filho de um amor impossível e condenado às trevas

Durante a cerimônia, a música preferida por Andréa, “Fascinação”, preenchia a gruta. Em seguida, surgiu a música de Alfredo,

As taças entrechocaram-se no tim-tim, alegre dos cristais. Os noivos partiram o bolo, e desapareceram. Aos poucos, os convidados retiraram-se, Marcelo gentilmente, aproximou-se de Karla e Aurélia

– Vocês, aceitam uma carona?

– Com o maior prazer, respondeu Karla

Desceram a trilha e entraram no carro

Karla percebeu um leve entendimento entre Aurélia e Marcelo...

Karla não pôde evitar um pensamento meio sinistro: “todos saíram aos pares, a única pessoa que representava o número ímpar, era ela”

Seus pensamentos continuavam a maltratá-la.

– “Será que tia Nana, tem razão, será que até o meu tesouro, o meu filho, poderá voltar-se contra mim? Karla, Karla”, disse para si mesma, “tudo vai dar certo”!



À noite, sentados no jardim, M^a Fernanda e Roberto, trocam ideias

– Ah! Meu bem, tive oportunidade de observar Gizele. Não sei quanto de preconceito havia em minha observação, mas, vi uma bela atriz, sorridente, sofisticada, representando o papel de mulher apaixonada por meu filho...

Roberto apertou a mão da esposa, carinhosamente.

– Minha querida ainda estamos envolvidos pela magia da celebração nupcial de nossos amigos. Precisamos com muita urgência, ir a um cinema, depois jantar e dançar. Há quanto tempo não nos dedicamos a nós mesmos... dançando, deixando a música levar-nos; será um esplêndido momento de lazer e felicidade – nós precisamos...



– Maciel, estou muito feliz com o casamento de meu

irmão. Andréa é a minha melhor amiga dos tempos de criança e adolescência, levando-se em conta que, Andréa foi o primeiro amor de Alfredo...

– Realmente, foi uma bela cerimônia e meu cunhado, parecia feliz, como se estivesse plenamente realizado – completou o marido.

– Meu bem, você viu a Gizele fora do ambiente de trabalho, qual a sua opinião, sobre essa moça, quase noiva do Edson?

– Marcelo continua investigando – disse o marido.

– Não se faça de sonso, querido, quero saber a sua opinião...

– Flávia, preste atenção nas minhas palavras, quando um homem e uma mulher decidem ficar juntos, nada poderá separá-los – nem pais, nem amigos, nada os impedirá. Flávia, procure entender, ter ou não ter opinião sobre a Gizele, é um fator desnecessário, porque não exercerá nenhuma influência. Nesse caso, tanto Roberto como M^a Fernanda, terão que usar de muita diplomacia ao tratarem com Gizele e Edson

– Pode ser, que esse mal-estar, que ela nos causa, seja um simples preconceito, por causa da sombra que o irmão projeta sobre ela...

– Vamos aguardar os acontecimentos e torcer para Marcelo decifrar algo... Só uma coisa me deixa incomodado – Gizele copiou todos os documentos da empresa, todos...

– Roberto sabe?

– Sabe, mas não deu muita importância...



Karla atravessava o pátio, em direção ao portão externo, no fim do expediente, quando Edson estacionou a sua frente. Abriu a porta, desceu e perguntou

– Karla, quer uma carona? Nós te deixamos em casa

Enquanto Edson falava, Gizele desceu e enlaçou o rapaz pela cintura

– Obrigada, Dr. Edson, estive tanto tempo no interior, que preciso dar uma renovada no guarda-roupa. Vou ao shopping

– Oh! Querido, sussurrou Gizele, não atrapalhe os planos da Karla – assim falando, beijou o noivo com grande entusiasmo

Edson desvencilhando-se da exuberante noiva, despediu-se

– Tchau Karla, boas compras. Até amanhã!

– “Deu-me a impressão de que nossa Gizele não se sente muito segura... Karla o que é isso? Não esqueça que você é cartafora do baralho. Juízo!” pensou ralhando consigo

– Que está acontecendo? Falando sozinha? Indagou Maciel, passando à frente e fazendo retinir as chaves do carro

– Quer uma carona? Passo em casa, apanho Flávia e jantaremos no shopping

– Obrigada, é a segunda carona que recuso hoje

– De quem foi a primeira?

– De Edson e Gizele...

– Ah! Ela está ocupando um dos nossos apartamentos da empresa



Edson entra em casa, de mãos dadas com Gizele, sorridente e de bem com a vida.

Dirigem-se para a piscina

– Querido, viemos jantar com seus pais, será mais conveniente descartar um mergulho na piscina...

– Como quiser, querida...

Edson beijou-a de leve, dizendo: – aguarde-me aqui, volto em instantes.

Afastou-se suficientemente para não ser ouvido, falou com Júlia, por telefone.

– Júlia, em alguns minutos, um moço vai trazer uma caixa. Coloque-a, por favor, no vestiário feminino, ok?

Gizele se senta em uma cadeira de lona, à borda da piscina. Observando Edson afastar-se, murmura: – todo “certinho” dentro do esquadro – é muito idiota! Igualzinho aos paspalhões dos pais. Sem contar Maciel, aquele abelhudo e a antipática da Flávia (dá uma risada breve) mal sabem eles que dentro de pouco tempo, serei a dona absoluta, desse patrimônio. Vou transformar em dólares ou euros (a melhor cotação). Funcionários, filiais, jogo tudo para o alto, quero dinheiro em espécie, dinheiro para cruzeiros, lugares sofisticados, cassino – é assim que eu quero viver. Juan que vá para o quinto dos infernos... este está riscado... foi..

Gizele ouve os passos de Edson, aproximando-se. Enxuga, furtivamente uma lágrima

– Gizele, que aconteceu? Por que esse semblante tão triste? Você estava chorando?

– Não, Edson – explica com voz chorosa – foi só um cisco

– Cisco que nada... por que essa tristeza?

– Ah! Edson, sou uma tola... ao ver essa piscina, tanta água, lembrei de algumas reportagens de pessoas carentes que sofrem

a falta de água, terras crestadas pelo sol, lugares infinitamente dolorosos sem vegetação, sem rios; animas mortos, nos terrenos ressequidos... lembrei e fiquei comovida...

Edson abraçou-a fortemente..

– Felizmente querida, alguns governos conseguiram reverter essa situação. Mas, para alguns bem-sucedidos, na vida, esse flagelo que você descreveu tão bem, não tem importância para eles, não sofrem na própria carne, e taxam os governantes que se preocupam com o povo de “populistas”. Ah! Minha querida, o mundo é de grande diversidade e muito difícil de ser compreendido...

– Realmente já ouvi esse termo “populista”...

– Para que você compreenda a incoerência, “populista” vem da palavra povo – quem elege os governos, numa democracia? O povo. A elite, os que possuem boa renda, não precisam do governo – tem dinheiro, pagam os serviços que precisam. Enquanto o povo com baixíssima renda, precisa do saneamento, do emprego, da moradia, postos de saúde e hospitais, etc, etc... se o Governo providencia essa infraestrutura, para o povo desamparado, teríamos uma Nação equilibrada, porque, no momento atual, temos a impressão de morarmos em duas Nações distintas, uma só se aproxima da outra em raros momentos e usando ponte quebrada...

Gizele soltou uma risada

-Ah! Querido, você falou tão bonito que teria esquecido a tristeza, não fora essa tragédia que você acaba de narrar

Gizele soltou um longo suspiro, e pôs os braços em volta de Edson:



– Oh querido, meu amor, sem você eu não respiro, não existo! Estamos na hora do jantar, amor da minha vida. – Vou retocar a maquiagem..

Gizele entrou no vestiário feminino, e Edson ouviu o que esperava, um grito de surpresa.

– Edson, meu amor, que coisa maravilhosa, vejo aqui... Só um momento, disse Gizele

Em instantes, ela reapareceu com um vestido de cetim preto, que a deixava como uma deusa.

Desfilou diante de Edson, que a olhava, completamente apaixonado

– Nunca vesti nada igual...

Lançou-se nos braços do noivo, selaram o momento com um beijo apaixonado. Atravessaram o jardim e entraram na sala de jantar. M^a Fernanda os recebeu à porta

– Muito prazer em recebê-la, Gizele – M^a Fernanda, abraçou-a e trocaram beijinhos

– Boa noite Gizele, seja bemvinda – saudou-a Roberto

Sentaram-se à mesa farta em iguarias, simples e sem sofisticação

– Mãe, a Gizele deixou-me convicto que, ela, será como sua filha, na maneira de ver o mundo, no modo de compadecer-se das pessoas, tal como a senhora...

– Fico feliz, meu filho, que a sua noiva e eu, tenhamos afinidades de pensamento

– AH! Que exagero meu amor, comparar-me com alguém tão especial como sua mãe...

– Se as duas fazem doação em dobro, teremos que trabalhar muito, filho...

Durante o jantar, Edson observou que a noiva, estava muito

emocionada, furtivamente, secava o canto do olho, com um guardanapo. Colocou a mão no braço de Gizele e perguntou-lhe baixinho: – não está se sentindo bem, meu amor?

– Não se preocupe querido, é uma emoção passageira

– Certo, mas fico preocupado...

– O jantar assim, em família, faz-me recordar meus pais. Tínhamos uma vida feliz e harmoniosa, como sua família. Depois, com os problemas do Juan, tudo ruiu por terra – felicidade, harmonia e paz. Eles tentaram o impossível para resgatá-lo... eu mesma, julguei que ao ser contratado, por essa esplendida empresa, ele tomaria juízo, e regressaria ao caminho que meus pobres pais, sempre lhe indicaram. Mas, nada me resta, senão vergonha, e vexame, por meu infeliz irmão. Perdoem-me por favor

Gizele enxugou uma lágrima que fugia de seus olhos, Edson abraçou-a ternamente

– Você não tem culpa, minha querida. Um dia ele voltará à razão...

– Seu irmão é responsável por suas próprias escolhas, você não é responsável pelas atitudes de seu irmão, do mesmo modo que seus pais não foram culpados. Olhe para frente e viva sua vida com retidão e felicidade, concluiu Roberto

Continuaram a jantar com alegria e descontração



Dias depois, Gizele recebeu uma mensagem da mãe de seu noivo, convidando-a para acompanhá-la à ONG. Ao que respondeu com muita estima e consideração. Em seguida, retocando a maquiagem, murmurou: – A hora de agir se aproxima. É evidente que devo ser muito cautelosa... serei perfeita!



– No jantar da última sexta-feira – Gizele os comoveu, pediu desculpas pela atitude criminosa do irmão – sei de tudo isso por M^a Fernanda, confessou que os pais fizeram o impossível para transformá-lo num rapaz ajuizado e responsável – comentou Flávia.

– Essa deve ser a verdade, Flávia, nós a julgamos, pela atitude do irmão. Meu único desejo é que Edson seja muito feliz ao seu lado – concluiu Karla.

– Não consigo te compreender, Karla – quantas vezes você me afirmou aqui nesta sala, que, amava o Edson, que para você ele era como o ar... sem ele nada existia. E agora, deseja que ele seja feliz ao lado de outra...

– Existem coisas tão poderosas, Flávia, que escapam à compreensão...

– Karla, sinto a impressão que você guarda um segredo, e um segredo caríssimo ao seu coração – disse Flávia olhando-a fixamente.

Karla sentiu o peso do olhar da amiga, mas resistiu bravamente

– Que pensamento! Que segredo eu poderia ter, Flávia? Deu uma breve risada. Minha vida é um livro aberto, querida, você é que tem uma tendência por mistérios...

– Falo assim, porque o amor não gosta de dividir, o amor é possessivo!

– Flávia, o sentimento que eu sentia pelo Edson, permanece inalterado. Mas, se o sentimento não é recíproco, não haverá felicidade. Por esse motivo, desejo que ele seja feliz... eu o amo muitíssimo para vê-lo infeliz, não suportaria...

– Sua atitude, foge à minha compreensão, eu, minha querida, sou “pão, pão, queijo, queijo”, não compreendo, mas a admiro extraordinariamente, por esse sentimento, vigoroso e altruísta!

– Às vezes, Flávia, confesso, nem eu me entendo

– Ora, Alfredo fez o mesmo que você, por razões diferentes. Amava intensamente Andréa, desde a adolescência, os pais dela o adoravam, mas na idade adulta, fugiu para Olinda sem despedir-se. Foi terrível para Andréa. Apenas, porque não podia oferecer a ela, a vida que desfrutava ao lado dos pais

– Como a vida é engraçada! Há uma semana estávamos no casamento deles, ambos numa felicidade inigualável!

– A vida obedece a regras que não conhecemos, sentenciou Flávia, muito pensativa. Temos novidades com os recém-casados. Os dois ficaram no chalé só até hoje. Amanhã, partem para a Holanda, em seguida outros países da Europa...

– Como você falou, Flávia, “a vida tem regras que não conhecemos e regras caprichosas”!



Maciel, o advogado Duarte, reunidos com Roberto, discutem problemas, referentes à Empresa

Edson ao computador observa a tela, com atenção. Em alguns minutos, desliga e volta-se, para os demais

– Novidades, para nós? Perguntou-lhe o pai.

– Tema que se arrasta, há anos – a herança de Getúlio...

– Refere-se à empresa petrolífera? – Maciel indagou com muito interesse

– Exatamente, velho! É a cantiga de grilo, vender! Vender! Vender!

– Qual será o motivo, porque, desejam tanto vender, uma empresa que tem trazido tanto lucro, para o País, tantos empregos – entre concursos públicos e terceirização. A pergunta principal deve ser: “a quem interessa essa venda?” perguntou Duarte

– Boa pergunta, Duarte – exclamou Roberto, e continuou: uma riqueza do subsolo do País, se, a Nação procurasse, o petróleo bruto com o fim de vender os derivados de petróleo, quanto lucraria? Será que, as refinarias trabalhando a todo vapor, haveria algum desempregado no País? Indagou Roberto

– Se há a desculpa que não tem dinheiro, peça aos bancos internacionais, a própria empresa resgataria esse empréstimo, em pouco tempo – afirmou Duarte

– Simples, semear fiscais administrativos, para acompanharem rigorosamente o desempenho das obras e a quitação do débito... – afirmou Edson.

– Outro problema, são os economistas, que falam a mesma linguagem, defendem o indefensável. Por exemplo, vender a matéria prima, o petróleo, o ferro, a preços modificados, e comprar os derivados de petróleos de outros países, a preços exorbitantes. – falou Roberto.

– Analisando por esse ângulo, deve haver uma organização encarregada de importar derivados de petróleo, e deve ser essa organização que põe “o dedo no suspiro” – desenvolvimento para brasileiros idiotas, negativo, progresso para nós, classe alta. – Afirmou Edson categórico.

– É esse o motivo porque nosso País, tem um índice tão elevado de desemprego e de jovens integrados ao tráfico de drogas – concluiu Maciel.

– Quanto a essa organização, eu desconheço, vocês também, mas, a cúpula administrativa, conhece, sabe os nomes – afirmou Duarte.

– Na minha opinião, os economistas, não intervêm por dois motivos, estudam Economia, na teoria, mas, não sabem aplicá-la na prática. O segundo é que eles não têm conhecimento profundo de inglês. Vão estudar nos “States” ou no Reino Unido, o professor explica, eles entendem pelo avesso. Voltam para o

País, e a desculpa do nosso atraso, é que nossa Nação é um País emergente. Como poderá o País, emergir de vez, se organizações fraudulentas, estão na crista da onda. Se adquirissem maquinário, suficiente, teriam como processar a preços muito baixos. Na minha opinião, os economistas que aparecem nas entrevistas da mídia, e (aqui para nós, que ninguém nos ouça), inclusive o Ministro atual da Economia, faz parte desse bando: eles arranham inglês, não o conhecem profundamente, vão estudar em Havard, e o desastre está feito, o professor e os livros, falam uma coisa, eles entendem outra, totalmente diferente. – exclamou Edson, em tom irônico.

– Às vezes, tenho a impressão que os nossos economistas estudaram livros judiciais e não compêndios de economia e finanças. – Maciel sentenciou

– Acho que, todos eles, são míopes, não puderam ler, o nome das salas e acabaram nas salas do judiciário

Roberto falou pensativamente: – O tesouro nacional deveria adquirir e financiar valores suficientes para a compra de maquinário.

– Explicação tremendamente plausível, porque não se compreende que possuidor da matéria-prima, venda-a provavelmente, barato para outros Países. Depois, irão comprar sua matéria-prima devidamente processada, e a preços caríssimos – exclamou Maciel, abanando a cabeça.

– Maciel tem razão, porque vender matéria-prima para outros países processem os produtos, e em seguida, vendê-los ao país de origem, por preços altíssimos, – isso é um absurdo!!!. Nossos economistas aconselham vender a matéria-prima porque um país imenso como o nosso, tem milhões de desempregados, petróleo bruto nas refinarias, e o transforme nos caríssimos produtos, derivados de petróleo. Resultado lógico: “a galinha dos ovos de ouro, não deverá ser extinta, jamais”. O último questionamento: a cúpula administrativa e governamental, conhece os nomes dessa organização fabulosa e deve receber “bons quinhões” para concordar com o desgoverno da grande empresa, criada para o

desenvolvimento nacional. A super organização põe o dedo no “suspiro” – vocês nunca terão desenvolvimento – o resultado dessa política malsã são os milhões de desempregados. – Sentenciou Duarte.

– Enquanto vocês se preocupavam com esse assunto, super sério, fiz-me alguns questionamentos: que organização forte, calcada em dólares, promove as importações de derivados do petróleo para o nosso país? Para essa organização a empresa nacional, representa a “galinha dos ovos de ouro”, para não perder sua renda fixa, impede, pagando altas propinas, que o país procure solução. – Aparteou Roberto

Edson bateu palmas e assobiou forte.

– Vamos mandar o Duarte, dar essa aula de economia para os economistas que entenderam os compêndios de finanças e economia pelo avesso...

– Bravo, bravíssimo, meus amigos, vamos trabalhar – exclamou Roberto.

– Concordo, plenamente, mas a aula do Duarte deve ser secundada pela aula do Edson. Viu o resultado de sua palestra na filial? Aumento de 12% da produção e 15% nas vendas – brincou Maciel

– Parabéns, Edson – cumprimentou-o Duarte.

– Exagero de Maciel, não dei palestras, apenas conversei...

Duarte repete em tom irônico: – que rapaz modesto!





CAPÍTULO | 20

À mesa do café da manhã, Flávia lê a mensagem que Andréa lhe enviara.

– Maciel – exclama cheia de entusiasmo – olha só, onde os dois espertinhos estão:

– Puxa! Veneza, Praça de São Marcos, são realmente um casal muito romântico!

– Olha a mensagem atrevida: próximo itinerário – Holanda! (só para te fazer inveja)...

– Você queria conhecer a Holanda? Perguntou o marido, curioso

– Não, isso é maluquice da Andréa; eu tinha uns dez ou doze anos e li um livro que narrava a história do menino que salvara a Holanda...

– De que maneira?

– Eles têm diques para impedir o avanço do mar. Esse garoto, estava brincando, quando viu um barquinho no dique, de onde jorrava água. Ele tampou a vazão com o dedo, e gritou para os colegas que corressem a pedir ajuda. – Essa história me impressionou bastante, comentei durante vários dias, e naturalmente Andréa lembrou...

– O importante, querida, é que você está feliz, seu irmão e sua amiga, muito felizes, isso é sinal positivo. Mas, – beijou-a de leve – estou quase atrasado. Tchau!



Um pouco mais tarde, estava cuidando das plantas quando ao ouvir a campainha do portão, foi ver quem era. Deparou-se com uma senhora desconhecida

– Bom dia!

– Bom dia, eu quero falar com a dona Flávia, esposa do Dr. Maciel...

– Bem, esteja à vontade, pode falar..

Indicou-lhe uma cadeira na varanda, a senhora acompanhou-a e sentou-se também.

Flávia observou que era uma mulher ainda jovem, muito sofrida, mas seu olhar era franco e comunicativo

– Meu nome é Zenaide Souza, e sou mãe do Ronaldo, que trabalha na Becker...

– Ah! Exclamou Flávia – sei de quem se trata. Meu marido só tem elogios para o seu filho

– O Dr. Maciel é um homem muito generoso. Em agradecimento, a um favor que meu filho prestou à Empresa, ele doou para nós uma casa. A senhora não pode imaginar a alegria, a felicidade de não precisar pagar aluguel. E nós, devemos essa felicidade ao seu marido. Por isso pensei em lhe trazer um agrado, para mostrar nossa gratidão.

Assim falando, retirou da sacola, um pacote envolto em colorido papel de presente. – Fiz esta colcha de cama em crochê. Não sei se será do seu gosto, mas era de meu desejo agradecer. Entregou-a à Flávia.

– Meu Deus! Que linda! A senhora trabalha bem em crochê. Flávia comentou envaidecida.

–Esse amarelo, cor de manteiga, com essa safena de aplicações em marrom dourado, ficou maravilhoso, de muito bom gosto. A senhora não precisava se dar esse trabalho. O desempenho do seu filho foi muito importante, para a empresa. Maciel em acordo, com a presidência, foi justo. Muitíssimo obrigada dona Zenaide. Fiquei muito contente com o meu presente, que desejo fazer o mesmo, para duas grandes amigas, quero duas colchas, pode ser

do mesmo modelo, mas em cores diferentes. Veja bem, não tem pressa, ok? Flávia ergueu-se e disse: – aguarde um instante

Entrou e retornou em seguida, entregando à mãe do Ronaldo uma nota.

– Esse dinheiro é para a compra do material, quando a senhora trouxer, nós acertaremos o valor exato

– Sim, senhora!

Zenaide Souza, levantou-se e Flávia acompanhou-a até o portão, renovando seus agradecimentos

– Meu filho, minha filha e eu, somos muitos gratos ao seu esposo.



– Maciel, Gizele está morando nos apartamentos, atrás da fábrica? Quis saber Flávia

– Sim, esqueci de contar as novidades mais recentes

Flávia deu uma risada

– Para disfarçar a investigação de Marcelo, a casa de Gizele e Juan, foi transformada num mercadinho de frutas e verduras; Ronaldo – aquele garoto que lhe falei – está à frente do comércio, na qualidade de neto de Seu Juca (claro que é o Marcelo)

– E Marcelo? Eu queria vê-lo com cara de avô...

– Quer vê-lo?

Maciel procurou a imagem do irmão no celular. Flávia olhou com atenção, as prateleiras, o nome do estabelecimento depois disse:

– Não acredito que Marcelo tenha se transformado nesse velho bigodudo! Exclamou Flávia, com uma risada. Ele tem esperança de encontrar alguma pista? Aqueles dois irmãos, são espertíssimos – continuou.



Maria Fernanda atende a ligação de Flávia, avisando-a que vai à igreja começar uma novena de Santa Edwiges

– Claro, Flávia. A que horas saímos? Preciso saber, para avisar ao motorista

– Às dezessete horas, está bem para você, Maria Fernanda

– Ok, querida! Consultou o relógio. – respondeu Maria Fernanda

– Meu Deus! Exclamou M^a Fernanda, estamos quase na hora. Chama Júlia – Júlia, fique atenta para a chegada do carro, que eu acabei de pedir ao motorista. Vou sair com Flávia

Em pouco mais de meia hora, subiram os degraus da igreja. Pouquíssimos fiéis

– Vamos ficar nesse banco – afirmou Flávia

– Está bem. Eu prefiro os primeiros, mas sou sua convidada...

Nesse momento, um rapaz empurrando a cadeira de rodas, com um ancião de rosto sério, aproxima-se

– A senhora me dá licença, por favor? O rapaz ajudou o idoso a sair da cadeira de rodas, e ia fazer uma observação, mas percebeu que Flávia erguia-se, deixando espaço para o recém-chegado sentar-se

M^a Fernanda nada falou, passou apenas a observar

O ancião, sentado entre as duas senhoras, abriu uma Bíblia

– Dona M^a Fernanda, vim prestar contar do início da investigação – da Bíblia, retirou algumas páginas impressas

– Por favor, guarde-as em sua bolsa. Infelizmente a vida dos irmãos, desde que aqui chegaram, é de uma normalidade impressionante. Nada os desabona. Ela fez vários cursos enquanto ele trabalhou sempre como caminhoneiro. Continuo a investigação em casa deles.

Entraram novos fiéis e teve início a missa.



Após o jantar e a saída do Edson, Roberto quis se inteirar do andamento das pesquisas de Marcelo

– Vocês foram à igreja?

– Flávia e eu. Meu bem, queria que você visse o Marcelo, um idoso carrancudo, em cadeira de rodas e acompanhado por um neto

– Maciel me falou, o Ronaldo. Interessante, querida que o garoto tem propensão para o comércio. São muitos fregueses

M^a Fernanda pôs diante do marido os impressos que recebera na Igreja

Roberto leu as informações recebidas e a esposa esclareceu

– Desde que entraram em nosso País, a conduta dos dois irmãos é irrepreensível – estudo e trabalho

–É...de acordo com essas informações, pessoas normalíssimas. Maciel me tem informado, ele está procurando dentro da casa. Vejamos se encontra alguma coisa..

– Ou será que estamos sendo preconceituosos? Indagou M^a Fernanda, com um tom de receio na voz.

– É possível! Como é aquele ditado que Júlia gosta de dizer?

– “Quem anda aos porcos, por toda parte, ronca” – disse M^a Fernanda, sorrindo.



– Marcelo, onde esteve? Nos States?

– Que nada, meu irmão, vida de velho cansado, fraco. – Em outro tom continuou – domingo, Ronaldo está de folga – um pouco de lazer, é muito saudável

– Alguma novidade? Indagou Maciel

– Nada. Meu faro não me engana, está tudo errado...

– Explica, cara, não entendo o que falou – tudo errado?

– Essa menina, Gizele, um primor de pessoa, bem-intencionada, todas as informações bitoladas, dentro das linhas competentes... seu único problema – um irmão não muito convencional. Em menos de dois anos, está noiva do herdeiro – vice-presidente. Essa Gizele é supercompetente, Maciel, daí nascerem nossas dúvidas...

– Algumas vezes tenho refletido sobre esse ponto

– Ela simplesmente deu a volta por cima, e com tanta perfeição que só merece elogios...

– Que sugere?

– É que todos continuem a inocentá-la, para que não desconfie, que está sendo investigada...

– Mas, você não descobriu nenhuma pista, por menor que fosse?

Marcelo sorriu

– Descubri, mas você vai rir da minha ingenuidade...

– Isto. Marcelo retirou do bolso uma folha de papel, na qual estava estavam coladas sílabas de palavras

Maciel olhou desanimado. – Você já me mostrou essas sílabas. Com esse material não vai a lugar nenhum

– Concordo, mas quero retomar a investigação nos países vizinhos, e principalmente do país de onde vieram – “nh” não pertence a nome espanhol



Algum tempo depois. Flávia à tardinha lê encantada com a criatividade do escritor, e na leveza de sua linguagem, ouve vozes, e o barulho do portão. Ergue-se vivamente e exclama: Alfredo e Andréa – estende os braços para ambos, mas ao ver a criança, nos braços do irmão, fica confusa

Andréa toma o pequeno e se aproxima

– Rodrigo, meu bebê dá um beijo na titia...

Foi mais do que suficiente para Flávia estender os braços e abraçou os três em um único amplexo forte e feliz

Em seguida, gaguejado um pouco, pediu

– Me contem essa história direito!

– Faz alguns anos que eu entrei na lista de adoção, mas conhece os preconceitos – solteira, sem renda comprovada oficialmente, sempre havia uma desculpa. Então, convidei Alfredo, fomos ao “Lar da Criança”. Alfredo escolhe Rodrigo e Rodrigo também à primeira vista. Rapidamente toda burocracia foi resolvida e Rodrigo é nosso filho e seu único sobrinho...

Flávia olhava enternecida para a criança, que esfregava os olhinhos, prenunciando sono

– Flávia, viemos te dar um abraço, avisar que regressamos, mas a prioridade é nosso filho, e ele está com sono.

– Compreendo, Alfredo, fico feliz que vocês pensem assim. Levo vocês...

Flávia foi à garagem e em poucos minutos, dava partida ao carro, levando sua família, acrescida agora, de um lindo bebê



Em uma tarde de sábado, os recém-casados, resolveram convidar os amigos, para um encontro em família

Após um delicioso e farto jantar, sentaram-se no jardim, perto da fonte

Rodrigo brincava na grama, não longe deles, sob o olhar vigilante da Quinha

– Rodrigo, é um amor, Andréa, você deve estar muito feliz – exclamou Karla.

– Tanto que me belisco, para saber se estou acordada ou sonhando – concluiu Andréa, sorrindo

– Esses dois, são muito espertinhos – primeiro, lua de mel no chalé, depois viajaram o mundo inteiro, depois foram buscar o filho! – Flávia comentou em tom bastante irônico

– Alfredo e Andréa estão de parabéns, agora, vocês são uma família completa

O velho sino do portão, soou. Seu Antônio abriu-o. Entraram Maciel e Marcelo.

Flávia tomou a palavra, enquanto eles se aproximavam

– Minha gente, meus amigos, deixem-me apresentá-los ao “seu Juca”

Alfredo e Andréa, entreolharam-se surpresos.

– Interessante, eu o conheço como Marcelo, irmão de Maciel, teu cunhado, Flávia

– Andréa, por conta de uma investigação, adotei o personagem “seu Juca” que tem um mercadinho de frutas e verduras, aos cuidados do seu neto Ronaldo

– Ah! Exclamou Andréa, agora está explicado.

– Meus amigos e amigas, hoje vim despedir-me

– Decidiu viajar assim, repentinamente, Marcelo? Perguntou Karla.

– Pretende voltar para o Norte, não se aclimatou na sua velha terra? Perguntou M^a Fernanda, em tom triste.

– Não, prefiro viajar por terras desconhecidas...

– Roberto, vou explicar a decisão de Marcelo, mas quero que ele mesmo fale... aquela quantia que você depositou para essa investigação, vai ser útil para ele, nos primeiros meses... Marcelo é melhor você explicar... afirmou Maciel

– Roberto, nada descobri em casa dos irmãos. As informações que recebi e entreguei à M^a Fernanda são provas de pessoas normalíssimas, gente comum, que estuda e trabalha. – explicou Marcelo

– Foi exatamente o que pensei – confirmou Roberto

Marcelo continuou

– Por outro lado, o aparecimento de Gizele no cenário, não foi nada convencional... o irmão, no passar dos dias, apresenta-se com as piores qualificações, como é do conhecimento de todos. Gizele entra em cena com uma derrapagem de moto, depois com torção no pé, e perna ponteada, sutura de oito pontos, dá uma guinada na vida, de desempregada, em busca de trabalho, como explicou meu irmão, apresenta-se agora como noiva do vice-presidente da Empresa

– Realmente, subiu igual a um foguete – comentou Alfredo

– Resolvi procurar as pegadas deles, no nosso vizinho Uruguai, se não encontrar rastros, irei ao Paraguai, de onde consta que vieram...

– Ah! Pensei que você estava desistindo, Marcelo – exclamou M^a Fernanda – com voz alegre

– Pensei do mesmo modo, Marcelo – concluiu Roberto

– Roberto, quando inicio uma investigação, só desisto depois de ligar todos os elos da corrente, nos mínimos detalhes...

– Como fica o mercadinho, Marcelo?

– Ronaldo está entusiasmado com a vida de comerciante. Tem uma boa freguesia e parece que nunca fez outra coisa na vida, atender aos clientes é sua maior alegria...

– Maciel, esse menino já deu mostras que é responsável, empreendedor e trabalhador. Se for esse o desejo dele, ponha o mercadinho em consignação, por um ano... se o “barco” pegar impulso, torne a transação oficial – seu único pagamento será abastecer a ONG da minha esposa.

– Falarei com ele, Roberto.

– Quando viaja, Marcelo? Perguntou Andréa

– Às quatro horas da manhã. Quero pedir que digam que voltei para minha antiga casa. Desejem-me sorte e eu desejo a todos calma e serenidade. Estranharão meu silêncio, porque pretendo dar notícias quando conseguir informações concretas. Não é do meu feitio dar falsas esperanças. Apertou a mão dos amigos, cumprimentou as senhoras e partiu

– Sinto como se enxergasse uma luzinha no fim do túnel – disse M^a Fernanda, com um leve suspiro.

– Essa luzinha vai transformar-se num clarão para dissipar as trevas – foi a expressão da Flávia.





CAPÍTULO | 21

Andréa e Alfredo resolveram convidar os amigos para um jantar informal. Após o jantar reuniram-se no jardim. Nesse momento Maciel ergueu a mão e em tom grave começou a falar.

– Depois de conversarmos muito, Marcelo e eu, baseado nas observações de Marcelo, cheguei à conclusão de que o Juan e companhia são uma dupla perigosa, cheia de astúcia e dissimulação, praticamente, impossível combatê-la, são apenas especulações, deduções, nada concreto.

– Marcelo tem certeza de que realmente são bandidos

– Sim, meu bem, Marcelo tem certeza, mas não pode provar...

– Meu coração diz que meu filho caminha para um abismo
– foi a lamentação de M^a Fernanda, que deixou a todos muito comovidos.

– A proposta que pretendo fazer, depende do consentimento dos nossos amigos, Andréa e Alfredo.

– Maciel, você tem “carta branca”, tudo o que pudermos fazer, para ajudar Roberto e sua família, nós faremos.

Roberto e M^a Fernanda entrelaçando as mãos, agradeceram a boa vontade dos amigos.

– Desejo que façamos nessa chácara, o nosso quartel general. Qualquer notícia de Marcelo, ou se alguma coisa nova aparecer, será aqui que receberemos todas as notícias. Só um detalhe Juan pode ter comparsas, que nos sigam como medida preventiva para evitar essa situação, sugiro que, ao nos dirigirmos à chácara, venhamos de taxi.

– Muito lógico, Maciel – concluiu Roberto

– Proposta aceita, Maciel – concordou Alfredo, segurando a mão de Andréa

– Marcelo montou um esquema, digno de nota – primeiro, ele investigou as entradas e saídas da fábrica, fazendo-se passar por um aposentado, meio maluco, que vinha ler na esquina do nosso prédio; infelizmente, continuou sem as respostas que ele queria, em seguida, se apresentou como um desportista, corretor de imóveis, com crachá, pilotando uma moto “incrementada”. Na casa, onde os irmãos moravam, colocou a placa ALUGA-SE. Dias depois, “seu Juca”, um velhinho, amparado pelo neto, veio para a casa e transformou a sala numa venda de frutas e verduras...

– Maciel, para afastar-se da casa, como se arranjou? Andréa estava interessadíssima no relato de Maciel.

– Maciel, você me deixa contar? Perguntou Flávia.

– Como prêmio, pelo seu silêncio, a palavra é sua...

– À noite, lá pelas sete e meia, Ronaldo chamou uma ambulância do Samu. Mas, tinha um problema – numa ambulância normal, levaria “seu Juca” para o hospital, e o plano vinha água abaixo. Então Maciel contou com a ajuda de um médico, que se vestiu de motorista, Maciel de enfermeiro, Murilo e o irmão de paramédico. Os vizinhos apareceram, Ronaldo trocou com eles, algumas palavras, entrou na ambulância acompanhando o avô, a ambulância partiu com sirene ligada..

– O mercadinho ficou fechado? Era Andréa ainda muito interessada.

– Por três dias, Ronaldo voltou muito triste, com a morte do avô...

– Plano perfeito – concluiu Alfredo

– Não adiantou. Marcelo não descobriu nenhuma pista...

– E as sílabas, Maciel?

– Ora, meu bem, aquilo não leva a nada..

– Quais eram essas sílabas? Andréa continuava com o interesse vivo

– Lo-vas-nh

– Realmente não fazem sentido, exclamou ela

– Não foi muito perigoso para vocês? Usar uma ambulância, com uma equipe tão maluca? Quis saber M^a Fernanda.

– Em parte, sim. Por outro lado, meu amigo médico topou ajudar, sem nenhuma preocupação, vestíamos a roupa do hospital e a vizinhança se reuniu em volta, para ver a remoção de “seu Juca” – foi a explicação do Administrador.

– Ninguém se dispõe ir para uma guerra, levando os poemas de Vinícius de Moraes – sentenciou Flavia.

– Só uma coisa me preocupa – se depois de tanta diligência, chegarmos à conclusão: Gizele é uma moça digna, e que toda essa confusão, foi puro preconceito – como poderei olhar para vocês? Pelo amor de Deus, que Edson não sonhe jamais que a sua amada está sendo investigada – suplicou M^a Fernanda.

– Sossegue seu coração querida, Marcelo está enfrentando essa dureza, porque não acredita na inocência dessa pessoa. Ele acha que ela ficou noiva do herdeiro de nossa Empresa Becker&Becker com muita rapidez. – Roberto consolou-a, segurando-lhe a mão com ternura.

– Será mesmo, que Edson, não alimenta a menor desconfiança? Perguntou Andréa.

– Homem apaixonado é cego e surdo – sentenciou Roberto

– Essa menina está me acompanhando à ONG, nada tenho a falar contra – pelo contrário, é amável, prestativa, muito querida pelo pessoal que trabalha conosco, é um amor – suspirou a mãe de Edson.



– Edson vem jantar e apresentar-me a noiva. Fica comigo Karla, assim serão quatro olhos a observarem

– Sinto muito, Flávia, mas não posso. Tia Nana me espera para irmos ao supermercado

– Ah! Karla, vou vigiar essa menina, não vou deixar escapar o menor vestígio – exclamou Flávia.

– E depois que vai fazer com suas observações? É melhor ter calma, Flávia. Vamos esperar que Marcelo nos conte uma bonita história dos manos Sanchez. Tchau!

Karla saiu rapidamente, Flávia foi à cozinha, fez uma revisão na mesa

– Maciel não vem, se tudo o que pensamos for verdade, como poderei abraçá-la, beijá-la..

Soou o toque da campainha

Flávia abriu o portão, sorrindo

– Flávia, apresento-lhe minha noiva, a mulher que preenche minha vida com uma onda de felicidade!

– Muito prazer, Gizele, já a conhecia ligeiramente, agora é a noiva do Edson, que para mim, representa um filho. A mulher que esse menino escolher como esposa, é de tal importância que vale muito mais do que uma megasena acumulada várias vezes.

– Flávia, menos, por favor – exclamou Edson

Flávia continuou, – Parabéns, querida, você escolheu o homem certo para fazê-la plenamente feliz.

– Edson é sempre muito carinhoso. Entre outras coisas, ele sabe preservar as amizades – comentou a noiva.

Sentaram-se à mesa para o jantar.

– Já marcaram a data do casamento? Ela perguntou.

– Marcaremos em breve, Flávia.

– Digamos em três meses – sentenciou Gizele.

– Desculpa a intromissão, Edson, já providenciou o apartamento?

– Dona Flávia, preferi que continuemos na mansão. Não quero privá-lo de seus antigos hábitos...

– Muito louvável de sua parte, Gizele!

– Acompanhei, Dona M^a Fernanda à ONG algumas vezes, mas, agora, ela pediu-me para acompanhá-la todas as manhãs. Estou adorando...



Edson e Gizele almoçam no reservado de um fino restaurante, na orla.

– Querida, precisamos abordar pontos práticos, sobre o nosso casamento: mês, dia, hora, padrinhos e convidados

– Oh! Meu querido, meu amor – sou inteiramente sua, tudo que decidir, eu aceitarei sorrindo...

– Negativo. Devemos expor nossas opiniões, e tentar uni-las para que, formem um contexto perfeito – explicou Edson.

– Como você imaginaria a cerimônia do casamento?

– A noiva tem prioridade, fale você – respondeu Edson.

– Vi uma reportagem sobre um casamento cigano, achei uma loucura...

– Num acampamento cigano misturado, com porcos, cavalos, cabras e ovelhas?

– Bobinho, o casamento cigano é muito sofisticado...

– Essa página é muito confusa, vejamos outras...

– Mudemos então de cenário: a cerimônia nupcial será celebrada tan-tan-tan a moça imitou a marcha nupcial e fez uma pausa – num luau...

– Aprovado! Exclamou Edson. Perfeito!



Gizele desliga o celular e guarda-o na gaveta

– Estou encurralada pelo Juan. Afinal, qual é a dele? No momento em que dou um passo decisivo – ele me vem com essa... Gizele jogou a cabeça para trás, repetindo várias vezes.

– Não... não... não pode ser... Se obedeco ao Juan, ponho minhocas na cabeça do meu noivo. Se não obedeco, ele é suficientemente louco para cumprir a ameaça e revelar a verdade para o Edson. Bateu com o punho fechado na mesa. – Como sair dessa encrenca? Fechou os olhos, apoiou a cabeça na mão. Em questão de segundos, levanta-se, apanha uma pasta, no criado mudo, volta para a mesa, retira papel e envelope, caneta de uma caixinha, tira alguns selos.

– Querido primo Juan

Estou escrevendo do hospital onde está internada nossa Tia Sabina, com quase nenhuma esperança de vida. Soube de você, pelo motorista da ambulância que nos trouxe. Ao ver meu desespero, prontificou-se a ajudar-me, se fosse possível. Falei então sobre você, meu primo, que era caminhoneiro. Soube que você trabalhava na Becker&Becker. Por favor, não me deixe tão desamparada, nesse momento, em que nossa tia está às portas da morte. Suplico, não nos abandone nesse momento. Fico

aguardando sua visita. Abraços da prima, Morgana Perez. Em 08/08/2000

Na folha seguinte, ela recomeçou a escrever

“Querida Karla: Sei o grau de admiração que, lhe devotam os funcionários da fábrica, como é do conhecimento geral, a alta estima que desfruta junto à Presidência. Você é a única pessoa capaz de fazer o Edson, entender essa minha viagem repentina. Confio tanto em você, que vou revelar-lhe minha história, e sei que será minha advogada de defesa. Ocultei do Edson minha verdadeira origem. Sou de família muito pobre, paupérrima mesmo. Ocultei por vergonha, para não me sentir humilhada diante do meu noivo nascido em “berço de ouro”, que não conhece as dificuldades de vida. Não queria jamais que ele conhecesse as minhas origens humildes. Mas, recebi uma carta de uma prima, que acompanha nossa tia no hospital. Nossa prima está desesperada, súplica que Juan não a deixe desamparada – nossa tia não tem esperanças de recuperação. Não posso dar as costas a uma súplica tão veemente. Pode explicar ao Edson a minha vergonha e humilhação – você é minha advogada. Salve-me, Karla, é minha alma que implora. Se Edson ficar muito aborrecido, com minha ausência, e quiser romper nosso noivado, diga-lhe que morrerei de tristeza, de desalento, mas que a imagem dele jamais se afastará de meus olhos, enquanto eles tiverem vida, que nunca deixarei de amá-lo. Entrego-me nas suas mãos, Karla! Um beijo, querida, salve-me. Gizele.

Em seguida colocou-a num envelope, endereçou-a à Karla. Depois colocou os dois envelopes num grande envelope, escrevendo

“Querida vizinha Simone, peço-lhe encarecidamente que faça este envelope chegar às mãos da Karla. Depois lhe explicarei. Beijo e abraços de Gizele.”

Fechou o envelope grande e consultou o relógio

– Ela já deve estar dormindo. Foi à porta da vizinha, colocou o envelope pela veneziana. Em casa preparou uma bolsa de mão, com algumas peças, apanhou a bolsa e saiu.

Evitou o portão principal, para não ser vista pelos seguranças e buscou um portão de emergência, que só abria pelo lado interno

Olhou em volta e desapareceu na meia penumbra da rua



Antes de sair de casa, Karla recebeu o telefonema de Simone que dizia:

– Karla, a “tubaroa” teve o “desplante” de soltar um envelope pela veneziana. Só o apanhei do chão porque vi o seu nome

– Meu nome?

– Esse envelope deve ser entregue em suas mãos – leu Simone

– Simone, já estou saindo de casa, em meia hora estarei em seu apartamento. Karla consultou o relógio

– Tenho uma hora e meia. Antes do Dr. Roberto chegar, Edson só meia hora depois

– “Que será que Gizele quer comigo?”

Enquanto falava consigo mesma, fechou a porta e deu sinal para um táxi, que passava naquele momento



Em sua sala, Karla leu a carta endereçada por Gizele. Ficou um instante parada, pensando.

– Onde vou entregar essa carta de Gizele, sem chamar a atenção? Já sei, na sala da enfermaria. A atendente está fazendo curso de capacitação, só retorna na outra semana

Ligou então para o Edson

Em menos de vinte minutos, ele entrava na enfermaria

– Bom dia, Karla. Engraçado, por que na enfermaria?

– Edson, por favor, sente-se, tenho algo muito importante a lhe contar

Edson sentou-se e olhou firme para Karla.

– Para iniciar, preciso muito de sua compreensão...

– Que está acontecendo, Karla?

– Por favor, não tire deduções precipitadas. Ouça-me quando eu terminar o relato, você pode falar o que quiser.

Edson obedeceu. Karla narrou com detalhe as súplicas de Gizele

– O envelope é esse?

Karla entregou-lhe a carta da prima de Gizele

– Para onde ela foi?

– Não disse. Ela afirmou que não lhe contou sobre sua família porque se sentia humilhada e com muita vergonha. Insistiu que lhe fizesse ver que, se você, injuriado, rompesse o noivado, ela morreria de tristeza e desalento, e o amaria enquanto vivesse

– Edson fez um movimento brusco com a cabeça.

– Sabe como se chama isso, Karla? Falta de confiança. Estamos de casamento marcado, e ela não me credita um mínimo de confiança. Mas você não tem culpa do meu humor e muito obrigado por intermediar esse impasse, e fazer tão boa defesa de quem você mal conhece. Vou ler isto com calma...

Edson saiu.

Karla correu ao banheiro, tinha o rosto em fogo. Quando conseguiu relaxar a tensão, as lágrimas correram-lhe, livres pelo rosto. Que luta teve de enfrentar consigo para continuar falando em tom normal, quando seu coração batia com tanta força, que ela receava que Edson ouvisse. Fora uma dura prova.

Controlou-se, retocou a maquiagem, e dirigiu-se para o escritório. Ao chegar no escritório, Edson comentou para o pai:

– Karla tem novas funções, pai...

– Como assim?

– Aconselhamento de casais

– Verdade, Karla

Karla ficou muito vermelha e respondeu

– Dr. Edson está zombando de mim, Dr. Roberto

– Pai, a Gizele viajou sem me consultar, sem dar o itinerário e ainda encarregou a Karla de me fazê-la perdoar...

– Você conquistou a confiança da Gizele

– Gizele foi justa com você, Karla, pois merece toda confiança

– Karla, não sabe mesmo para onde Gizele viajou? – perguntou o Presidente

– Nem falei com ela, Dr. Roberto. Ela pediu a Simone que me entregasse um envelope. Li e passei todas as informações para o Edson

– Compreendo, concluiu Roberto

– Vou em casa da Flávia, vocês dois são muito comedidos, muito sensatos. A Flávia vai fazer um escarcéu, pior que a Hiroshima

– No mínimo vai pedir o rompimento do noivado – advertiu Roberto.

– Com certeza. Eu estou muito zangado...





CAPÍTULO | 22

Gizele desceu do taxi, na praia que Juan indicara. Revoltada com a exigência descabida do comparsa, nem reparou, no maravilhoso quadro que se exibia à sua frente – um mar verde azulado, rolava manso, na areia da praia. O céu sem nuvens e na linha do horizonte, jangadas pescando; a brisa ora mais fraca, ora mais forte, baila no alto dos coqueiros farfalhando, como se homogeneizassem o novo dia que se iniciava.

Gizele bateu à porta da casa que se abriu incontinenti.

Juan abraçou-a e beijou-a com sofreguidão. A moça conseguiu soltar-se: – Você está pondo em risco seu plano perfeito!

Gizele empurrou Juan com força: – De que lado você está? Quero saber! Vim para resolver essa patifaria! Você pode continuar com ameaças, eu equilibro novamente o desenrolar do plano, e você ameaçando dedurar a história completa para meu noivo. Pois, muito bem, escrevi uma carta contando tudo nos mínimos detalhes, e entreguei a uma pessoa de total confiança

– Você está blefando, esse blefe não cola... zombou Juan.

– Quer pagar para ver? Eu realmente era uma tonta, não sabia o que fazer da minha vida, você me abriu os olhos – agora, sei que posso me dar muito bem... Quer realmente, contar para o Edson, como arquitetou seu fantástico plano? – Ela perguntou de queixo erguido, com profunda ironia – vá em frente – eu tenho meu próprio plano simples e eficiente – me mando para outro estado, conquisto outro babaca, e vou ser rica, que é o meu sonho. Duvida?!

– Está louca, sibilou Juan, furioso

– Deixando de lado as suas idiotices, corremos realmente, um grande perigo. O irmão de Maciel, é investigador. Para não ser seguida, fiz o motorista, dar mil voltas, “porque eu sempre me enganava, no caminho a seguir”. Dá uma breve risada.

– De onde ele veio?

– Edson o encontrou em Belém

– Preciso dar um jeito nele. Não quero xereta nos meus calcanhares...

– Tome cuidado, ele é capitão da polícia reformado. Não deixe acontecer o caso daquele outro investigador. No final de contas, você foi obrigado a fugir.

– Por culpa do Vicente Sena. Impediu-me de acabar com o cara. Agora é por minha conta...



Juan ainda dormia: Gizele começou a caminhar pela praia, indiferente ao belo panorama de uma praia repleta de coqueiros e dunas alvíssimas e falésias da cor de corais. O sol começando a projetar-se, dourando de fios de ouro, o contorno das nuvens tingindo outros de um irreal tom violeta. Gizele apenas caminhava na praia deserta – casas distantes umas das outras entre dez e vinte metros. Avistou uma barraca, onde parecia haver movimento. Encaminhou-se para lá

– Bom dia. Será que pode dar-me uma informação? Procuo um hospital público, nessas imediações..

– Pode seguir em frente, quando avistar um muro branco e grande – é lá mesmo...

– Obrigada, quero fazer uma compra para um desjejum – pago, o senhor põe em uma sacola, eu apanho na volta.

– Como a senhora quiser

Gizele escolheu bolo, frutas, queijo, pão e refrigerante

– Tenho um entregador, quando a senhora voltar, ele leva suas compras...

– Ok! Qual o total?

Gizele pagou e seguiu. Enquanto caminhava,

– Juan com fome, é intragável. Preciso entretê-lo, para fugir de suas manhas. Se alguém estiver me seguindo, estou à procura do hospital onde Tia Sabina está nas últimas... tudo perfeitíssimo...

Finalmente sua caminhada chegou ao fim. À sua frente, o muro branco do hospital onde sua querida Tia Sabina está nas últimas...

Parou na portaria ampla e vazia, àquela hora. O segurança de cara amistosa, estava em pé, ao lado da porta aberta, observando-a. Dirigiu-se a ele

– Bom dia, sou estrangeira e procuro minha tia, que segundo minha prima, está hospitalizada aqui. Meu caso é um pouco complicado – Tia Sabina veio numa leva de refugiados e foi registrada com outro nome. Ela está muito mal, os médicos não deram esperança de vida. Minha prima está desesperada. O senhor permitiria que eu procurasse minha tia, nas enfermarias?

O segurança ficou pensativo, depois disse

– Um instante...

Dirigiu-se a uma enfermeira que saía de uma sala e falou algumas palavras

A enfermeira olhou na direção de Gizele, que a cumprimentou gravemente.

– A senhorita pode fazer sua pesquisa, a ala das enfermarias é segunda porta à esquerda.

– “Bem, Gizele, você precisa agora encontrar tia Sabina e Morgana”. Pedindo desculpas e sorrindo docemente, Gizele foi vasculhando as enfermarias, uma a uma. Finalmente sorriu vitoriosa.

– Bom dia, posso entrar?

A moça olhou-a intrigada, mas aquiesceu

– Que bonito ver uma jovem tão dedicada... como se chama?

– Michele.

– Você estuda, Michele?

– Terminei o Ensino Médio, agora quero trabalhar

– Já conseguiu uma promessa de trabalho?

– Até agora, nada!

– Qual o diagnóstico dos médicos, sobre sua avozinha

– Pneumonia, mas o perigo já passou, eles dizem que ela reagiu bem. Se, continuar melhorando, em cinco dias, voltaremos para casa

– Moram muito distante?

– Não, caminhada de meia hora...

– Sua avozinha suportará essa caminhada?

– Uma enfermeira é nossa amiga, prometeu que conseguirá uma ambulância

– Michele, sou estrangeira, como você deve haver percebido, e às vezes gosto de brincar, apostar, gosto de desafios... fiz uma aposta com meu primo como encontraria nossa tia, que veio para cá há muitos anos..

– Ele acreditou?

– Não, por isso fizemos a aposta, e eu não gosto de perder, não tolero perder... quer me ajudar a ganhar essa aposta?

– Não estou entendendo – respondeu a jovem

– Você deve ser sobrinha neta, estou certa?

– Sou neta

– A minha tia que veio imigrante, chamava-se Sabina, a filha que veio com ela chamava-se Morgana...

– Minha mãe chamava-se Suzana, desapareceu no mundo, minha avó que me criou desde pequenininha...

– Será fácil ajudar-me a ganhar a aposta, e eu pago por isso... digamos, dois mil?

A moça não esboçou nenhuma reação

– Você teria que dizer, se alguém aparecesse, perguntando coisas sem sentido, você diria apenas que seu nome é Morgana e sua avó – Sabina. Ponho cinco mil em sua mão. Que me diz

– Quando recebo o dinheiro?

– Agora. Para fazer-lhe uma visita em agradecimento, por favor dê-me seu endereço.

– Rua Coronel Alexandrino, 25. Fica a uma meia hora de caminhada...

Gizele resolveu testar sua cúmplice: – Como você se chama e sua vizinha

– Morgana e Tia Sabina

Gizele retirou do bolso da calça, contou as notas e passou-as à Michele. Michele conferiu

– Pode deixar, Morgana e Tia Sabina, são nomes sagrados

Gizele sorriu.

– Posso confiar, Morgana?

– Com certeza!



Flávia abre o portão e se depara com M^a Fernanda

– Minha querida, que surpresa! Entre para fugir desse sol de brasa. Vou buscar um refresco de graviola para minimizar o calor

-Ah! Flávia, graviola, cajá e goiaba, não fariam diferença, ao meu paladar... falou Maria Fernanda com um profundo suspiro

Flávia fitou a amiga, com olhar interrogativo, mas continuou em silêncio

– Estou angustiada!

– Desabafe, se não lhe fizer bem, mal não fará...

– Edson e Gizele já marcaram local, mês e hora do casamento. E acredite, querida, Gizele viajou sem a mínima consideração por meu filho!

– Você tem certeza, querida, que eles não viajaram juntos?

– Foi o próprio Edson que me falou, tentando disfarçar o mau humor. Viajou sem deixar endereço, sem avisar, em minha opinião, é uma total falta de consideração e respeito...

– Será que não é uma “pegadinha” do Edson?

– Ela encarregou a Karla de entregar uma carta a meu filho – uma história fantasiosa, que não merece o menor crédito – Karla explicou ao Edson, a viagem súbita de sua noiva. Eu estava me esforçando ao máximo para aceitá-la com carinho, você sabe, aquele adágio popular: “por causa do santo, se beija o altar”, mas as minhas desconfianças voltaram duplicadas, depois dessa viagem misteriosa...

– Ela deve ter saído à noite ou pela madrugada, e se os seguranças não a viram, ela deve ter usado a porta de emergência – concluiu Flávia, pensativa.

– Ah! Meu desejo é que Edson retire a venda dos olhos e encerre esse noivado...

– Quem sabe, não é esse o pensamento dele? Quando ela vier explicar-se – ele dirá: “fim do nosso compromisso”. Mãe Fernanda, desejo sinceramente que esse mal-entendido seja um equívoco puro e simples.

Flávia acompanhou a amiga até a entrada do carro. Voltando à sala, deixou-se cair pesadamente no sofá.

– Ah! Se Marcelo ainda estivesse aqui... por certo ele encontraria o fio da meada. Mas, como – se ela não passou pelos seguranças, não deixou uma única pista? Temo que Edson vai cometer um grande erro... um rapaz tem tudo para ser feliz e caminha passo a passo para a infelicidade! É demais! Demais!



Gizele retornou à casa de Juan. Ele estava no mar, avistou-a de longe e veio ao seu encontro

Gizele percebeu sua aproximação e pensou consigo mesma: – “tenho de convencê-lo que preciso voltar para continuar salvando nosso plano...”

Juan abraça-a e tenta levá-la para o mar.

– Juan, preciso que me escute com atenção!

– Mais tarde, agora o marzão nos espera...

Enlaça-a pela cintura e Gizele se deixa levar.

– Só dois mergulhos Juan...

Pouco depois, estão os dois na cozinha da casa de Juan

– Essa imposição que você fez para que eu viesse, precisei pagar duas vezes:

– Pagar? A quem?

– Para meu noivo, inventei uma história de minha origem humilde, e uma carta escrita, por uma prima que, estava num hospital. Só vou saber a reação do Edson quando regressar...

– Aquele “bobo da corte” vai cair como um patinho – afirmou Juan com uma gargalhada

Gizele continuou:

– Precisei procurar no hospital, duas pessoas que se assemelhassem às descritas na carta do Edson, e paguei cinco mil para que a mocinha aceitasse os personagens que criei... portanto, controle esse mau gênio e não me faça perder a cabeça. Se você me ameaçar novamente, peço, à pessoa de minha confiança, que lhe falei, eu revelo a verdade sobre nós e desapareço, nunca mais vai ouvir meu nome, e seu plano “babau”, vai para o espaço. Está avisado...

– Estou farto dessa vida medíocre, dessa pasmaceira – disse Juan com raiva

– Se tudo estiver bem, aviso-lhe, dia e mês e hora do meu casamento. Preciso voltar imediatamente e lembre-se do meu aviso – sem ameaças!



Karla deixou o departamento de contabilidade, quando ouviu seu nome, quase num sussurro. Olhou em volta, e avistou Gizele meio escondida na esquina da contabilidade.

Gizele chamou-a com um aceno de mão, repetidas vezes. Karla foi ao seu encontro

– Edson já chegou?

– Há meia hora

– Por favor, minha amiga, diga-lhe que estou esperando-o, no apartamento, muito preocupada

Karla balançou a cabeça afirmativamente seguindo em direção ao escritório

Ao entrar, mal havia fechado a porta, Edson perguntou-lhe

– Gizele voltou?

– Está esperando-o no apartamento



Flávia recebe Karla, com animação:

– Finalmente, a funcionária difícil, se permite contar as últimas novidades acontecidas na “penumbra da noite...”, ao visitar a humilde residência de sua grande amiga

– Flávia, não venho todo sábado como eu vinha antes, por causa de Tia Nana. Ela está bem, mas já fica toda a semana sozinha

Flávia sorriu divertida, enlaçando-a pela cintura, convidou

– Vamos almoçar?

E seguiram para a cozinha. Durante o almoço, Flávia relatou-lhe a visita de M^a Fernanda. A ansiedade de ambos, a preocupação com o tempo presente e o tempo futuro do filho.

– Ah! Karla, tivesse uma “varinha de condão”, das histórias das fadas – disse Flávia com um suspiro.

– Eh! Flávia, você está vendo uma história real, e escrita por uma “bruxa”...

Flávia deu uma risada

– Viva, até que você demonstrou um pouco de sangue humano. Ainda bem, batizou essa criatura, com um nome lindo: “bruxa”

– E eu, do lado dela, acobertando os erros dela. Ah! Flávia, naquele dia Edson disse que, em minhas veias, corria linfa vegetal! Eu acho que tinha razão. Todos pensamos iguais... quem sabe não estamos todos redondamente enganados? Karla fala pensativamente

– Para o bem de Edson, espero que você esteja certa – aquiesceu Flávia

Nesse momento, tocam a campainha do portão. Flávia estava colocando o vasilhame na máquina de lavar louça. Voltou-se para a amiga, perguntando

– Se incomoda de ver quem é, Karla

Karla apanhou a chave e em minutos, entrava Alfredo, todo orgulhoso, com o filho no colo, dormindo como um anjinho, seguido por Andréa de mãos dadas com Karla.

– Meu Deus! A casa cheia de gente querida! Vou fazer um café – afirmou Flávia

– Ótimo, retrucou Alfredo, levando o garoto para sua antiga cama

Sentaram-se para saborear o café, Alfredo retornando à saleta, disse...

– Vocês não imaginam o que Andréa me aprontou na última quarta-feira. Invadiu uma Universidade...

– Teu irmão é muito exagerado, Flávia. Não consigo correr atrás do Rodrigo, e ele precisa caminhar, mexer-se porque é um menino saudável...

– Andréa, quero que você me explique tintim por tintim essa tal invasão, mas parece que Alfredo quer dizer alguma coisa

– Recebi a resposta do Tribunal de Contas concordando com minha exoneração. Vou seguir o conselho do Roberto que me ofereceu a chefia da contabilidade – concluiu Alfredo em tom grave.

– Ah! Que maravilha! Maciel é quem dirige esse departamento, fora todo o resto que ele faz. Ótimo, meu irmão, muito bom para todos nós.

– Realmente é muito cansativo para Maciel, às vezes ele me pede uma pequena ajuda – ajuntou Karla.

– Bem, e afinal, que história é essa de invasão à Universidade?!

– Flávia, nós dois, Alfredo e eu, estamos impossibilitados de dar ao nosso filho a atenção que ele exige. Por esse motivo, visitei a Universidade e encontrei uma menina muito simpática e ofereci o emprego de babá no seu período livre – explicou Andréa

– Ela teve tanta sorte, pois paga um pensionato com o trabalho que ofereci, tem teto, alimentação e salário mensal, aí já viu, não é? Se tem teto e alimentação, só tem a ganhar... concluiu Alfredo

– Como se chama? Flávia pergunta muito interessada

– Adriana, assim que Rodrigo acordar, iremos buscá-la...

– Ah! Veja, Karla, quando há boa vontade e generosidade, tudo se arranja – disse Flávia com um sorriso.





CAPÍTULO | 23

– Andréa, vim almoçar na casa de Flávia, trouxe a Karla comigo, tudo isso para ganhar tempo no meu primeiro dia como chefe da contabilidade. Mando um beijo para você e três para Rodrigo. Tchau!

Karla despediu-se e saiu.

Flávia acompanhou-a até o portão. Ao retornar, olhou para Alfredo, com um sorriso maroto.

– Alfredo, vou conversar com Andréa em particular. Assunto muito sério, muito grave e sei, com a máxima certeza, que você vai reprovar, e fazer a cabeça da Andréa para não “topar” meu convite. Lembra uma quadra do seu livro do 3º ano primário, nos Maristas? “Não tenho medo de homem, nem do ronco que ele tem. O besouro, também, ronca, vai-se ver, não é ninguém”. Pois é isto aí, meu irmãozinho, se a Andréa topar...

– Grande novidade! Quando você encasqueta algo, não respeita nem a tropa de choque – foi o comentário de Alfredo, com um sorriso – sinceramente, fiquei curioso – Flávia e Andréa, em surdina, vem bomba!!!

– Exagerado! É somente uma dúvida que eu tenho e quero tirar a limpo...

– Toma juízo, minha irmã – sentenciou o irmão ao sair



No jardim da chácara, as duas amigas se encontravam

– Andréa, vim te chamar para visitarmos um lugar ultrassecreto, para o qual não fomos convidadas

– Quanto mistério, Flávia...

– Topas ir comigo, desvendar esse mistério?

– Deixe-me ver o Rodrigo. Conversamos já.

Andréa entrou e em poucos segundos, voltou, de óculos escuro e bolsa

– Rodrigo está dormindo e a Adriana, está vigilante. Para onde vamos?

– Descobrir um grande segredo – respondeu Flávia, cheia de mistérios

Entraram no carro e Andréa indagou:

– Você descobriu onde a Gizele está?

– Ah! A esta hora, ela deve estar nos braços de Edson, narrando uma grande fantasia...

– De quem é esse segredo?

– Calma, amiguinha, faz tempo que eu desejava te convidar, mas o Rodrigo, precisava tanto de você que eu não quis sobrecarregá-la...

– Você é sempre a mesma, os outros em primeiro lugar. Não queres mesmo, contar-me as caraminhas que estão em tua cabeça?

– Não, querida, vamos descobrir juntas, se houver algo a ser descoberto – apartou Flávia, no mesmo tom misterioso

– Gizele voltou e já se encontrou com Edson?

– Karla foi a intermediária de tudo – ida e volta, pobrezinha...

– Karla, tinha um caso com Edson?

– Tinha, mas afastou-se da Empresa, por um ano – tratamento da mãe adotiva...

– Não existe só um mistério, são dois. O primeiro porque uma mulher jovem termina o relacionamento com um jovem, rico e bonito? O segundo mistério, por que uma mulher apaixonada, se permite ajudar o noivado, do homem que ama?

– Karla é essa pessoa, digna de toda confiança... afirmou Flávia

– Mas, muito misteriosa, em suas atitudes... disse Andréa, pensativa.

Pararam num posto de combustível.

Andréa ligou para o marido.

– Alfredinho, meu amor, sua mulherzinha foi sequestrada por sua irmã, quando saí de casa, Rodrigo estava dormindo, Adriana muito atenta, e Quinha fez mímica, dizendo que estava de olho. Quando tiver um tempinho, ligue para Quinha para saber como está nosso filho...



Gizele vestindo um “negligée”, cor de vinho, diante do espelho, prende o cabelo, cuidadosamente, dando-lhe um toque ligeiramente despenteado, aguarda Edson

Ao ouvir o som do carro estacionando, abriu a porta do apartamento, meio escondida

Edson entrou com as pálpebras abaixadas, ela sussurrou:

– Não sei como falar depois do papelão que aprontei. Juro pelo que há de mais sagrado, se houvesse uma toca, onde eu pudesse esconder-me, sem jamais ver a luz do sol, nela eu me meteria...

– Gizele, o problema é muito mais complexo, muito grave, por esconder sua origem, suas raízes, e pela falta de confiança

no homem com quem tem casamento marcado. Essa falta de confiança é imperdoável, foi uma falta gravíssima, imperdoável, torno a dizer...

– Meu amor, você entendeu por um lado do problema, mas o que me fez agir assim foi... a outra face da moeda...

– Que quer dizer?

– Eu confio cegamente em você, sei que, quaisquer que fossem meus parentes, você os aceitaria, porque seu coração é generoso. O que eu não tinha coragem de enfrentar, de suportar, era a humilhação que eu própria sentia. Você é um homem superior, minha família se coloca na última linha da escala social

– Sou compreensivo, tolerante, procuro sempre entender as razões do outro, mas, sua atitude, como uma noiva, casamento marcado, foi totalmente errada, inadmissível! Representou falta de confiança em seu futuro marido. Essa falta de confiança é imperdoável.

– Meu amor, confio em você cegamente, o problema é que você interpreta minha atitude por um lado, e eu agi exatamente ao contrário...

– Explique melhor, não estou entendendo...

– Agora não tem mais jeito, você já sabe de tudo – o que me impediu de contar-lhe sobre minha família, foi – vergonha – comparando as duas famílias, senti-me humilhada; não queria que você conhecesse a minha verdade.

– Bem, não importa a interpretação que se dê aos fatos, quero deixar claro que, qualquer assunto que lhe pareça problemático, compartilhe comigo, juntos, encontraremos a solução! Não esqueça de enviar um convite de casamento para sua tia e sua prima. Agora vou trabalhar. À noite sairemos para jantar...

Edson ligou o motor e partiu

Gizele fechou a porta abruptamente, exclamando

– Idiota! Mil vezes idiota! Ainda se põe todo formal, todo importante e ainda ousa castigar-me – convidar Tia Sabina e Morgana! Estúpido, imbecil, as duas são criações minha... são uma pontinha insignificante do que eu posso fazer... (dá uma risada). Vou deixar esse bando de incompetentes, de boca aberta, incapazes de agirem.... até de pensarem... – frisou bem as palavras – breve, muito breve, vão aprender a me respeitar... vão até tremer só de ouvir meu nome...



Andréa dirigia e Flávia indicava o trajeto, pois, ambas se atrapalhavam um pouco com o GPS

– Flávia, tem certeza de que chegaremos ao endereço certo? Não sei porquê você faz tanto mistério. Estamos rodando há tanto tempo! – exclamou Andréa preocupada.

– Certeza, não tenho, mas se der errado, voltaremos para casa... completou Flávia.

– E entregaremos ao Alfredo e ao Maciel as nossas cabeças, para eles colocarem as tiaras: “incompetentes”... completou André

– “Incompetentes”!!!... nunca... Então, minha querida, não me faça perguntas difíceis – Flávia sentenciou com firmeza.

– Já sei... é a talzinha “pão, pão, queijo, queijo”..

– É isso aí, menina – concluiu Flávia sorrindo.

– Andréa, chegamos: Rua Guaratinguetá, estamos no número seiscentos e noventa e sete. O número da casa é 85

– Uf! Que alívio – apenas cinco quarteirões – exclamou Andréa reduzindo um pouco a marcha do veículo

Estacionaram diante do número 85, desceram ambas

– Estou com as mãos geladas, Flávia. Parece que estou fazendo uma coisa errada – sussurrou a amiga.

Flávia tocou a campainha, decidida

Uma senhora de sessenta e poucos anos, de fisionomia simpática, grisalha, abriu a veneziana e falou

– Boa tarde

– Boa tarde. Somos amigas da Karla, viemos visitá-la

Ambas perceberam um leve estremelecimento na fisionomia que as observava

– Karla quase não recebe visitas... quase não tem amigas..

– Meu nome é Flávia, a senhora é a tia Nana? Eu sou amiga de Karla...

– A esposa do Dr. Maciel

– Sim, a amiga ao meu lado chama-se Andréa, e também é amiga da Karla

– Por favor, entrem – disse abrindo a porta.

Percebia-se claramente sua indecisão e angústia

As duas amigas, sentaram-se à convite da anfitriã

– Vou chamar Karla – falou tentando sorrir.

Nesse momento, um garotinho, rosado, de sorriso aberto, pôs a cabecinha fora do cômodo, engatinhando.

Tia Nana colocou-o nos braços, levando-o para o interior da casa, sob protestos frenéticos do guri

– Andréa olhou a amiga, que parecia quase assustada.

– Que aconteceu, amiga?

Flávia abriu a bolsa e retirou de um bolsinho interno um chaveiro. Apresentou-o

A cunhada olhou atentamente, e disse

– Esses dois garotos se parecem...

– Não se parecem – disse Flávia são semelhantes como se fossem dois irmãos, mas, não são irmãos, são pai e filho!

Andréa levou a mão à boca, vermelha como um camarão, disse apenas

– Meu Deus!

Karla aproximou-se, beijou Flávia e Andréa e sentou-se

– Vocês me fizeram uma agradável surpresa. Olha que a distância é grande...

– Pensei que Flávia estava perdida, e nunca chegaríamos – confirmou Andréa.

– Está muito quente, vamos tomar refrigerante com bolo de macaxeira. Sei que Flávia adora um fresco de graviola, mas não fomos avisadas...

– O refrigerante é uma boa pedida – afirmou Flávia para destravar o nó que a estrangulava

Karla, ouviu a pergunta de sua tia, e respondeu:

– Nós vamos para a sala, Tia Nana, olhou para as amigas, sorrindo e convidou-as. Vamos?

Abraçou ambas pela cintura e encaminharam-se para a mesa do lanche.

– Karla, você nunca comentou que tinha em sua casa um pequerrucho tão fofo e lindo! Mas, o meu Rodrigo é o mais lindo do mundo!

Tia Nana começou a falar:

– Minha sobrinha neta, não foi feliz no parto e..

Flávia exclamou intempestivamente

– Karla, pelo amor de Deus, poupe Tia Nana

– Por que fala assim, Flávia? Perguntou gravemente Karla.

Flávia tirou da bolsa o chaveiro e apresentou-o à Karla, depois entregou à tia Nana

– A foto deste chaveiro é antiga, mas veja as feições desse garotinho. Conhece um igual? Tia Nana, sinto muito pela surpresa, de vir assim sem avisar, peço que nos perdoe. A senhora conhece aquela frase: “o coração pode mais que a razão?”; pela razão, seria impossível estarmos aqui, se estamos, é pelo coração – afirmou Flávia emocionada

Os olhos de tia Nana, encheram-se de lágrimas

Karla continuava impassível

– Tia Nana, essa foto que a senhora tem nas mãos é do Edson. Explicou Flávia.

As lágrimas desceram livremente pelo rosto da dona da casa.

– Flávia, sempre soube que você é terrível, mas nunca receei que chegasse a descobrir um segredo tão bem guardado, tão secreto e impossível de ser revelado – afirmou Karla, abraçando Flávia.

– Faz muito tempo, Karla, que meu coração me revelava a verdade.

– Flávia, você realmente me surpreendeu... como chegou a essa conclusão? Perguntou Andréa intrigada

– Porque conheço a Karla muito bem, porque sabia que ela amava Edson, ele correspondia a esse amor...

– Que belo amor! – exclamou Karla. Já está noivo e de casamento marcado!

– Karla ausentou-se durante um ano, e Edson nunca recebeu uma palavra da secretária Karla. Você Karla, afastou-se por um ano. Edson reclamou, ficou mal-humorado. Substituiu-a por Gizele, com os sentimentos em desordem, foi alvo fácil, nas mãos daquela espertalhona – acrescentou Flávia, com muita tristeza.

– Você devia ter se dedicado a ser detetive, ou cartomante – exclamou Karla, enxugando rapidamente os olhos – sua impassibilidade caiu por terra.

Flávia continuou

– Karla regressa, revestida de algo diferente, que eu não conseguia decifrar, conhecendo-a, como a conheço, percebi que o amor que ela sentia por Edson não morrera como fogo de palha – estava vivo e intacto. Amava-o com maior intensidade... fiz minha dedução, precisava apenas provar...

– Quem mais sabe meu segredo? Perguntou Karla, com voz trêmula

– Ninguém – afirmou Flávia com séria gravidade

– É verdade, Karla. Flávia chamou-me, mas não disse nada... eu pensei que ela pesquisava sobre a Gizele...

Tia Nana pediu licença para cuidar do garoto

– Karla sabe que pode contar conosco, incondicionalmente, mas, sem querer ser intrometida, como tudo aconteceu

Karla parou um instante, em seguida narrou sua história sem esquecer nenhum pormenor.

– Deus do Céu! Exclamou Flávia

– O que a motivou guardar ferozmente esse segredo? Perguntou Andréa intrigada.

– Eu sentia vergonha de aparecer grávida, assim de repente. Esse o principal motivo: – vergonha – tia Nana ainda hoje não aceita a minha decisão...

– Como se chama o filho de Edson? Perguntou Flávia

– Lucas, mas ele é meu filho unicamente meu..

– Karla, você não deseja livrar o seu grande amor das mãos daquela vigarista? Perguntou Andréa.

– Quero, desejo que ele se livre daquela mulher!

– Então, querida, essa criança é a salvação do Edson. Sabendo que tem um filho, ele virá para você...

– Ele pedirá guarda compartilhada, eu não pretendo perder duas vezes, para a mesma mulher... meu filho passará tempo com eles, mais tarde, que serei para meu filho? Uma desamparada, mãe solteira, que não merecerá respeito, nem carinho...

– Karla, mesmo depois de havermos descoberto a verdade, você não mudará de atitude? Não acredito! – exclamou Flávia contrariada.

– Edson estava livre e desimpedido, e eu, mantive o segredo, do nascimento do meu filho, por que ele estava de casamento marcado, com essa piranha, vou deixar meu filho ficar com eles? Nunca!

– Então você não permitirá que o pequeno Lucas conheça o próprio pai e os avós, o tio Maciel, a tia Flávia?

– Sinto muito, mas assim será...!

– Karla, você é uma mulher sensata, vai privar o ser filho da herança que, por direito, lhe pertencerá? Perguntou Andréa, com firmeza.

– A herança dele será esta casa, que por direito também lhe pertence. Espero que ele conquiste seu próprio espaço, seu lugar ao sol, por seus próprios méritos.

– Karla, desculpe-me intrometer-me em sua vida, mas você está errada... exclamou Andréa.

– Vou acrescentar um pequeno lembrete: se alguém descobrir algo sobre meu filho, vou embora com ele para nunca mais ninguém ouvir falar de mim – exclamou Karla, com determinação.

– Karla, Karla, pelo amor de Deus, acorde desse pesadelo. Quando seu filho crescer, quando estiver estudando, se acontecer que outro filho do Edson tenha a fisionomia do Lucas? Os colegas vão notar... vão azucrinar a vida do Lucas. Ele vai reclamar, o que você vai responder? – raciocinou Flávia, com ansiedade na voz

– Cada coisa a seu tempo. Se realmente posso contar com as amigas, respeitem minha decisão, como tia Nana, tem respeitado até hoje...



Fim do expediente. Roberto, Maciel e Duarte estão reunidos resolvendo os problemas surgidos

Edson regressa do banco. Ao entrar na sala, vendo os três reunidos, pergunta: – Qual assunto vocês estão debatendo?

– Relembrando o caso do Juan, um cara de boa aparência,

segundo Maciel, escreve razoável, por que entrar num caminho sem volta, a troco de quê? – indaga Roberto

– Pai, o caso do Juan, é o avesso do caso do jornalista que comentei outro dia. O coitado escrevia puxando a brasa, para os brasileiros, de modo geral, e um tiro – liquidou sua vida

– Esse jornalista, bem intencionado, foi escolher a “menina dos olhos” da elite – adiantou Maciel

– A elite, não dá “ponto sem nó”. A lei que eles estabeleceram é – “um real para o povo – nove para nós”. Daí dois Brasís – um dos carros elegantes outro dos ônibus e metrôs superlotados e os carrinhos de recilcagem cresceu Maciel

– Esse assunto é muito importante, mas primeiro vamos debater os nossos problemas, senhores – exclamou Roberto sorrindo

– Só um instante, meu pai – falou Edson sentando-se Sobre o birô. Para haver mudança, verdadeira, real, haveria necessidade de desmontar tudo, porque se a nossa democracia está sobre três Poderes, nenhum deles, se voltará contra os outros, permanecerão unidos...

– Teremos de encontrar um meio novo para remodelar nossa República – Maciel finalizou gravemente







CAPÍTULO | 24

– Demorou, hein, Karla! Pensei que nem vinha mais... suspirou Simone.

– Precisava terminar uns trabalhos. Segunda-feira, quando eu chegar, já estarão prontos. Que aconteceu? Me pareceu tão nervosa ao telefone...

– Por culpa, dessa “tubaroa”, respondeu a moça, com um muxoxo. Karla deu uma breve risada.

– O que ela aprontou contigo?

– Comigo, nada. Mas ela e Juan conversam por telefone. Eu acho que eu devia contar ao Dr. Maciel

– Calma, menina. Como sabe dessa comunicação

– O muro lá atrás é baixo. Antes de dormir lavei roupa e fui estender no varal. Ouvi Gizele conversando ao telefone, como se estivesse conversando com uma amiga – Marina, esse o nome que ela falava. Aí ela falou muito baixinho, depois disse: “calma, amiga, vai dar tudo certo. Falta tão pouco – se quer a guerra, já sabe o resultado – saio limpa, numa boa”. – Tenho certeza, Karla, era com o Juan que ela falava... você não acha que eu devia falar com o Dr. Maciel?

– Não, Simone, vou te revelar um segredo, que poucas pessoas conhecem. Há um investigador trabalhando na pista desses dois...

– Bah! Exclamou Simone, não será como aquele, que foi aniquilado pelo Juan?

– Esse é diferente – tenha calma, vamos aguardar... Simone, guarde segredo do que lhe contei, se ela descobre que está sendo investigada, ninguém tem ideia do que poderá fazer – ela pode até matar Dr. Maciel com um tiro, no estacionamento e esconder o revólver na minha bolsa. Ela é perigosa. Simone – advertiu Karla – tome cuidado, para que ela não perceba, sua antipatia. Desconfio que essa criatura seja capaz de armar uma intriga pesada igual àquela que o irmão armou contra Murilo...

– Não tenho medo daquela “tubaroa” – exclamou Simone, sacudindo os cabelos com raiva – ah! Se eu pudesse, falaria com dona M^a Fernanda, que, não acreditasse em nenhuma palavra, daquela mentirosa, de uma figa!

O tom de Simone não deixava dúvidas do asco que Gizele lhe causava.

– Agora, respiro mais aliviada: um homem tão bom, tão distinto, tão amigo, como Dr. Edson, não podia ter a sorte infeliz de cair nas mãos dessa “piranha”...



À noite, os Becker, Maciel, Flávia e Karla estão reunidos na chácara de Andréa.

– Maciel – quis saber Alfredo – Marcelo deu notícias?

– Ele tem percorrido ruas, cidades, vielas, parado em esquinas com pequenos grupos, mas ninguém ouviu falar de Juan e Gizele Sanchez – explicou Maciel.

– Aquelas sílabas encontradas na casa, onde eles moravam, adiantaram alguns passos? Indagou com ansiedade Andréa.

– Ele pediu-me uma lista de sobrenomes com essas sílabas, mas depois, ele disse-me que, ia focar na amostragem das fotografias

– Maciel, sobrenomes com nh! Façanha, Peçanha, Aranha... Maciel, só recordo esses. Mas o meu maior desejo é que ele nos ajude a nos livrarmos dessa mulher, concluiu Roberto.

M^a Fernanda ergueu as mãos e abraçou ternamente o marido.

– Karla, contou o milagre, mas, não revelou o nome do “santo”. Senhorita Gizele, está sendo acompanhada por todos os lados. Karla, apresenta o relatório de sua amiga – pediu Flávia.

– Simone contou-me, que ouviu sem querer, uma conversa de Gizele, com uma suposta amiga. Mas, ela desconfiou do teor dos diálogos – ora falava em surdina, ora com raiva, e no final, ela ouviu nitidamente. “Vai dar tudo certo”. Minha amiga tem certeza de que ela falava com Juan – e ouviu outra frase com nitidez: “saio limpa, numa boa”...

– Que linguajar! Exclamou Andréa.

– Minha situação não é nada interessante. A partir de amanhã, ela irá comigo à ONG, todos os dias, faço esse sacrifício, por meu filho – suspirou Maria Fernanda, com tristeza.

– Será que ela falava direto com o irmão? Perguntou Andréa

– Sem falarmos na viagem misteriosa, que a fez evitar os seguranças – lembrou Flávia.

– Marcelo vai permanecer no Uruguai, por mais dez dias, se não houver resultado favorável, ele se dirige para o Paraguai – afirmou Maciel.



Gizele entra em contato com Edson, pelo celular

– Oi, meu amor... não estou me sentindo bem... parece que aquele prato de frutos do mar, não foram aprovados pelo meu organismo... (pausa) não se preocupe, se com o repouso, não houver melhoras, ligo para você imediatamente (pausa). Fique tranquilo, lamento muitíssimo por hoje. Beijos, meu amor. – Que sorte! Juan não ter ligado ainda. Mas se houvesse ligado, será que daria para ouvir? Não, minha bolsa, abafaria o som.

Desligou o celular, colocou-o na mesinha, abriu a gaveta, retirou o celular de contato com Juan. Foi até a porta verificou que estava realmente trancada, o celular tocou.

– Alô! (pausa)... mais reclamação, Juan? Precisei desmarcar

um jantar com meu noivo, para esperar tua ligação. (pausa). Como é? Vão noticiar tua morte? Tem certeza? (pausa). Sei, entendi, você só vai entrar em contato comigo, cinco dias antes do meu casamento, certo...

Com voz cansada e impaciente, Juan responde

– Entendi muito bem. Tchau

– E fica se gloriando de sua competência! Como será que ele vai arranjar essa morte simulada? Importante é o resultado positivo...

Abriu a bolsa que estava sobre o celular oculto, de dentro da bolsa, ela retirou um pequeno frasco, cheio de um líquido escuro

– Acredito que já consegui conquistar a confiança da minha sogra. (Dá uma risada) – o ataque vem de todos os lados, atacando a sogrinha querida, o filhinho enfraquece e perde a capacidade de raciocinar claramente. Amanhã dedicarei uma amostra de amor e dedicação aos sogros...



A família estava reunida para o desjejum, quando uma das auxiliares, pede permissão para entrar

– A senhora Gizele está à porta – avisou.

– Peça-lhe para entrar.

Edson recebeu-a e beijaram-se.

– Recuperou-se, totalmente, querida.

– Sim, meu amor, recuperei-me totalmente... Bom dia, Roberto. Bom dia, M^a Fernanda...

– Venha, sente-se e sirva-se

– Oh! Não meu amor, tomei mingau de aveia, não quero fazer extravagâncias, meu pensamento está correto, M^a Fernanda?

– Corretíssimo – a interpelada respondeu com um sorriso

– Vim assim de surpresa, porque há três dias, não acompanho minha futura sogra à ONG. Quero recuperar as horas perdidas...

– Ora, querida, é sempre bem-vinda! – respondeu a sogra, sorrindo.



Praia de Melancias. Bonita e hipnotizante como todas as praias de areias brancas e belas falésias, sem omitir coqueiros farfalhantes, “onde a graúna canta ao nascer da aurora” (José de Alencar)

Uma casa pequena, isolada, deixa escapar um samba, que se espalha pelo ar.

No primeiro cômodo, vizinho à cozinha, uma mesa, garrafas de cerveja supergeladas e Juan, ao fogão, fritava um peixe. Batem à porta. O rapaz convida, em tom amistoso e divertido.

– Entra aí, meu chapa. Hoje, você vai comer o melhor peixe, que já experimentou em sua vida. Está com sede?

O recém-chegado é nada mais, nada menos do que Vicente Sena, o comparsa que ajudou a nocautear o investigador Marcos Pontes.

– Estou morrendo de sede. Não imaginava que era um Mestre Cuca – comentou Vicente.

Juan afastou-se do fogão, encheu uma caneca de cerveja, ofereceu-a ao amigo e voltou rapidamente para o fogão.

Vicente bebeu a cerveja, com sofreguidão; a caneca escapou-

lhe das mãos crispadas, ele levou a mão à garganta e tombou no chão

Enquanto o amigo agonizava, Juan retirou-lhe a roupa, os documentos, vestiu nele, suas próprias roupas. Espalhou óleo no fogão, no bujão de gás, derrubou cadeiras, virou a mesa, fez um cenário de briga violenta.

Vicente estava hirto. Juan arrastou-o para perto do fogão que, encharcado de óleo, a garrafa, rolando perto do gás, o fogão em chamas, alimentado pelo óleo. Juan pegou a caneca de cerveja, lavou-a rapidamente, colocou-a numa sacola, e escondeu-a no baú da moto do “amigo”.

Juan já metido nas roupas de Vicente, montou a moto, afivela o capacete com a mão envolta num lenço. Deixou seus documentos na pia do banheiro.

Juan partiu em disparada, parando alguns quilômetros bem distante, e viu o rolo de fumaça saindo da casa e pouco depois a explosão do gás. Ligou novamente a moto e partiu a toda velocidade.



No escritório, trabalham em silêncio, em seus computadores, Roberto e Edson. O celular de Edson vibra. Mensagem de sua mãe.

– Pai, minha mãe pede para que liguemos o televisor.

Edson liga e se senta na poltrona em frente à tela

– É uma reportagem

Pai e filho assistiram as cenas apresentadas.

O repórter explicava com detalhes que o corpo de Bombeiros e a Polícia haviam sido acionados por populares. O incêndio fora debelado e os policiais encontraram o corpo de um homem carbonizado. Acrescentou ainda, que fora encontrado na pia do

banheiro, os documentos de Juan Sanchez. Suspeitavam que no meio de uma refeição, regada a cerveja e peixe, tinha surgido uma desavença. No meio da confusão o companheiro de Juan, teria fugido – o fogo completara o resto da cena.

O repórter continuava sua função de informar: transmitia que a pequena casa sinistrada, na praia de Melancias, fora alugada por Juan Sanchez, há uns seis meses, e o senhorio (que morava a menos de cinquenta metros) nada tinha contra ele... pontual nos aluguéis e a casa estava sempre em ordem. Seguiam-se algumas entrevistas, mas Edson desligou o aparelho.

– Mais uma atitude desse rapaz que desconcerta. Bandido consumado, por que essa pontualidade nos aluguéis

– Ah! Meu pai, um fato é inegável, se Juan tivesse atitudes normais, trabalhando honestamente, buscando a felicidade nas coisas simples, ao seu alcance, mas, preferiu o mundo do crime, que tem ceifado a vida de tantos jovens. Seria um homem digno de confiança...

– Infelizmente, essa é a verdade, filho. Uma coisa é certa – ele devia ser pontual com os aluguéis, aliás, isso é um trunfo na sua manga...

– Pai, vou ficar ao lado da Gizele. Nesse momento, ela deve estar perdidamente chocada e arrasada. Ela precisa de mim

– Ok! Edson, vá, meu filho!





CAPÍTULO | 25

Dias depois a sogra e a noiva do filho, estão na ONG, sentadas à mesa de conferências, com tampo de vidro. Diante de M^a Fernanda havia uma placa “provedora”.

– Ah! Está muito quente – exclamou Gizele – vou ao refeitório pegar um suco bem gelado, para a senhora...

– Gizele, agradeço sua boa vontade, mas as meninas estão muito atarefadas com as crianças...

– Eu mesma farei, não se preocupe, é um prazer trazer-lhe um suco supergelado

Gizele sai sorrindo.

Em instantes, volta com um copo grande, servido pela metade de um aromático suco de cajá.

Maria Fernanda depois de degustar o suco, tentou devolver o copo à Gizele, mas uma voluntária prontificou-se a levá-lo para a copa

– Gizele, ao sairmos, devemos almoçar no restaurante próximo ao atelier de Edméa...

– Edméa é a chamada “tesoura de ouro”

– Ela mesma. Avisou-me que seus vestidos estão em ponto de prova...

– Tudo quando minha querida futura sogra ordena, obedeço incontinenti – replicou Gizele, com um sorriso, quase celestial.

– Falta um mês para o seu casamento, está muito próximo... disse M^a Fernanda, tentando parecer natural

– Nem tanto quanto meu coração deseja. Amo demais o Edson, acordo contando os dias, em que seremos marido e mulher, diante de Deus e dos amigos.

– Casamento com amor, sempre dá certo. “O amor é o cérebro de uma união entre duas pessoas que decidiram viver juntas”

Maria Fernanda consultou o relógio e disse: – Vamos, querida?

Saíram de braços dados



Ao entrarem no atelier, Edméa veio ao encontro das duas.

– Querida – saudou-a a “tesoura de ouro” e abraçou M^a Fernanda afetuosamente – trabalhar com uma dama verdadeira, faz toda diferença. Venha ver o que nossas costureiras estão confeccionando – um verdadeiro sonho – você experimenta, e pode pedir as alterações que julgar necessárias. Nossa meta primordial é “trabalho perfeito”!

– Minha sogrinha não quer ver como estão os vestidos?

– Não, Gizele, sinto-me um pouco cansada...



Karla estava em sua sala, separando a correspondência, o telefone toca

– Alô! Júlia! – exclamou Karla, preocupada (pausa)

– Meu Deus! Exclamou Karla

Ergueu-se e foi à sala da Presidência.

– Dr. Roberto, preciso avisá-lo de um pequeno problema... não me considere intrometida, peço-lhe que fique calmo... A Júlia me ligou...

– Júlia ligou para você, Karla? O que aconteceu? Perguntou Roberto, em tom preocupado...

– Júlia disse que encontrou dona Maria Fernanda desmaiada no quarto, mas segundo ela, já está bem...

– Que? Exclamou o marido

Ergueu-se rapidamente, fechou a pasta. – Karla, avise ao Edson... ache-o, por favor...

Saiu imediatamente.



– Júlia, chamou M^a Fernanda

– Estou aqui, dona Fernanda

– Para quem você ligou? Perguntou em tom firme.

– Para Karla – Júlia respondeu com voz medrosa.

– Eu lhe proibi de preocupar Roberto. A patroa ralhou muito séria.

– Peço que me perdoe dona Fernanda, mas se a senhora sofrer um problema mais grave, minha consciência não vai me acusar...

– Vou desculpá-la, porque sei que agiu com a melhor das intenções. Traga-me leite quente com canela...

Nesse momento Roberto entra no quarto, com expressão aflita.

Aproximando-se da esposa, perguntou:

– Meu bem, que aconteceu?

– Júlia me desobedeceu. Você está assoberbado de trabalho, ela não tinha o direito de preocupá-lo. Vou despedi-la...

– Karla disse-me que ela a encontrou desmaiada! – exclamou Roberto.

– Um desmaio bobo, sem maiores consequências... vou despedir a Júlia...

– Júlia agiu corretamente. Se não me avisasse então eu a demitiria

Batem à porta.

– Entre, disse o marido.

Júlia entrou trazendo o leite com canela

Roberto sentou-se na poltrona. Quando a esposa devolveu o copo, à Júlia, perguntou ainda aflito

– Como está se sentindo agora?

– Muito bem, meu querido, apenas um pouco sonolenta

– Precisamos ir ao médico!

– Com essa dose de sono, que estou sentindo? Se entro dormindo no hospital, eles me levam para a UTI, para averiguações e... adeus, Maria Fernanda! Vou dormir bem despreocupada, quando acordar, mandarei a Júlia avisá-lo, como estou, ok?!

Roberto inclinou-se, beijou-a e saiu fechando a porta suavemente.

Enquanto Júlia afastava-se, M^a Fernanda falou para si mesma:
– Não me recordo de haver sentido essa fraqueza, esse desânimo, esse mal-estar incômodo, durante toda a minha vida. Precisaréi, realmente de médico? Vejamos quando eu comecei a sentir-me mal...

Sentada na poltrona, em seu quarto, começou a lembrar, dia por dia

– Ah! A primeira vez que senti um leve mal-estar foi na ONG! Não! Não! Foi no salão da Edméa. Lá não bebi nem água. O restaurante é meu velho conhecido, já almocei lá várias vezes, sozinha, ou com meu marido, ou com meu filho. Todos os dias, desta semana Gizele serve-me um copo de suco e cada dia sinto-me mais fraca e desanimada

M^a Fernanda sentou-se na cama, e consultou o relógio. O despertador acordou-a

– Ainda estou sonolenta...

Sentou-se na poltrona ao lado da janela que dava para o jardim

– Há pessoas, que não se sentem bem com o cheiro dos bogaris. Mas eu adoro o perfume dessas flores A primeira vez, que senti esse mal-estar foi no atelier da Edméa, isso me faz pensar seriamente a causa desse mal estar...



No dia seguinte, Roberto disse-lhe

– Querida, você precisa de um médico. Vou chamar o Newton, agora mesmo...

– Roberto, meu bem, ouça-me... nenhum médico pode me curar essa doença..

– M^a Fernanda, você está me deixando nervoso..

– O que eu tenho são ciúmes de mãe, que vai casar o filho único. Preocupações de mãe, apenas isto. Newton vai confirmar meu diagnostico, pergunte-lhe...

– Querida, ouça-me. Se eu não ouvir o parecer de um médico, continuarei muito preocupado!

– Dê-me três dias, querido, só três dias... ok

– Está bem... no terceiro dia... concordou o marido.

M^a Fernanda com um sorriso, completou: – Irei ao consultório do Dr. Newton Otacílio Amaral, prometo!

– Com esse jeitinho doce, só faz o que quer... disse o marido com um meio sorriso

– Meu querido, diga para Edson avisar para Gizele que não irei à ONG, por esses dias. Agora, vou dormir um pouco mais...

Foi para o leito e puxou as cobertas. Roberto ajeitou-lhe o travesseiro, beijou-a e saiu.

Ao perceber que havia total silêncio na casa, tocou a campainha.

Júlia surgiu imediatamente

– Está sentindo alguma coisa, dona Fernanda? Perguntou aflita.

– Estou sentindo a falta de uma amiga em quem possa confiar de olhos fechados..

– A senhora quer que eu chame dona Flávia? Júlia perguntou ingenuamente

– Oh! Júlia, eu preciso de alguém, junto a mim, que mereça minha total confiança

– Eu a desobedeci, mas foi para o seu bem... pode confiar em mim...

– Confio totalmente, em você Júlia e vou precisar de sua cooperação...

– Sim, senhora!

– Ninguém pode tomar conhecimento do que vou lhe dizer agora, Júlia. É segredo absoluto, tanto para meu marido, quanto para meu filho. Nem Flávia. Agora preste muita atenção: pretendo ficar no quarto, por alguns dias, Gizele deve vir visitar-me, e se oferecerá para me servir algum alimento. Você não vai permitir, tem carta branca para agir como quiser, mas ela não poderá chegar perto de nenhum alimento, nem para mim, nem para o Roberto. Isso é muito importante, Júlia. Você entendeu bem?

– Sim, senhora, não vou deixar que ela chegue perto de nenhum alimento, pode ficar descansada...!





CAPÍTULO | 26

Juan entrou em casa de Vicente e tomou posse, sem restrições.

O telefone toca..

– Alô! (...) vá logo dizendo o que quer... desembuche... o ouro chegou?... traga... a bufunfa... já mandei... aqui se resolve tudo... desligou o celular. Ouviu um baque surdo nos fundos do quintal. Abriu a fresta de uma janela observou um homem baixo e muito forte, que pulou o muro. Usava apenas uma bermuda, tinha o dorso, pernas e braços cobertos de tatuagens

O homem pôs sobre os ombros o pacote e se encaminhou para o interior da casa.

Abriu a porta bruscamente.

– Só isso Zé Louro? Cadê a bufunfa?

O interpelado pôs o pacote no chão, retirou do bolso um maço de notas e entregou

– Melhorou!... guarde o “ouro no cofre”...

Ficou contando o dinheiro, até o outro fechar o cofre, com a parafernália, de tonéis e cordas, para a camuflagem

– Pois é, meu chapa – falou olhando diretamente para o outro – as coisas aqui mudaram e para melhor... Vicente e eu, trocamos de identidade – ele foi para o Paraguai – e eu vim para cá

Zé Louro, olhava-o, com um olhar de raiva, e desdém, como se estivesse zombando.

Juan percebeu, modificou o tom de voz

– Sei que sentirá saudades de seu irmão, mas, não seja por isso, pago sua passagem, para você ir ao encontro dele...

Ato contínuo, retirou o revólver do coldre, com displicência e soprou o cano

– Pode ir, rapaz, se quiser ver o seu irmão, dou-lhe o endereço...

Zé Louro, deu-lhe as costas, sem dizer nenhuma palavra

Em seguida Juan, foi até o cofre embutido na parede e camuflado com perfeição

– Muito competente, meu amigo Vicente era um sujeito muito competente...



À noite, Maciel e Flávia, visitam M^a Fernanda. Cumprimentam Gizele sentada no sofá ao lado de Edson – na saleta fronteira ao quarto

– Flávia, você chegou em boa hora – saudou-a Gizele, estendendo-lhe a mão – para convencer minha querida sogrinha a fazer a felicidade de seu filho

– Que quer dizer? Perguntou Flávia

– Edson, está implorando para sua mãe consultar um médico, mas, não obteve êxito...

Flávia sorriu, bateu levemente à porta, respondeu sorrindo:
– deixe comigo...

Ao entrar no quarto da amiga, Flávia abordou o assunto imediatamente

– Ora, M^a Fernanda, o melhor amigo de quem não se sente bem, é o médico! Em dois tempos, ele põe paciente em pé e, com a saúde restaurada. – Afirmou Flávia, em tom persuasivo.

– Flávia, mocinha ainda, fiz um cursinho para a Faculdade de

Medicina (não fui aprovada no vestibular) – havia um professor, muito simpático, que nos contou uma piada...

Roberto e Maciel passaram a prestar muita atenção à conversa.

– Ele nos contou que, há muito tempo, os médicos nem tinham estudo suficiente, nem recursos. Em certa cidade, um médico tinha um empregado de nome Cina, o qual para aumentar os poucos recursos, de que dispunha, fabricava caixões mortuários

Ao visitar um doente, Cina sempre acompanhava o médico

Quando havia um doente, sem condição de recuperar-se, o médico olhava para o empregado e dizia;

– “Mede, Cina. Essa a origem do nome Medicina”

Maciel deu uma risada.

– Ora, M^a Fernanda, você disse quando os médicos não tinham recursos. Hoje é diferente, mesmo que seu caso seja simples, é sempre aconselhável procurar um médico – exclamou Flávia

Edson e Gizele acompanhavam a cena na porta do aposento – Veja, mamãe. O conselho de sua amiga. Dr. Newton, já deu provas que é um médico competente...

– E não tem empregado chamado Cina – concluiu Roberto sorrindo.

– Pedi ao Roberto, uma carência de três dias, no terceiro dia vou ao consultório do Dr. Newton – confirmou a paciente, submissa

Flávia aproximou-se de M^a Fernanda, para despedir-se. A amiga segurou-lhe a mão pressionando, um pouco. Sentiu que ela, tinha algo importante a dizer-lhe. Voltou-se então para Edson e falou-lhe:

– Edson, é bom que sua mãe repouse. Às vezes, o repouso faz milagres. Não a pressione muito. Deixe-a à vontade...

– Até quando, Fafá?

– Os três dias, que ela pediu, certo? Gizele, fico feliz ao notar quanto é gentil e solidária, com sua futura sogra

– Querido, sua mãe precisa alimentar-se corretamente, para melhorar sua saúde. Posso ir à cozinha preparar alguma coisa, para a sua mamãe...?

– Claro, minha querida, faça isso!

Gizele entra na cozinha, enquanto Júlia, punha em uma bandeja uma tigela de canja

– Ah! Julia, pode deixar, eu mesma levo essa canja, que parece estar deliciosa! Quero servir com muito carinho, minha sogrinha...

– Dona Gizele, não permito que ninguém faça o meu trabalho
– Júlia falou com firmeza, enquanto tampava a tigela.

Em seguida, encaminhou-se ao quarto para servir a patroa

Gizele rodeou os ombros de Edson, com os braços e encostou o rosto em seu ombro.

– Ah! M^a Fernanda, estou tão triste e frustrada, porque a Júlia, não permitiu que eu trouxesse o seu jantar – comentou com voz sentida.

Júlia ainda estava à porta, para sair, Edson interpelou-a

– Júlia, você poderia ter deixado, Gizele trazer o jantar da mamãe, que mal há nisso?

– Dr. Edson, uma moça fina e elegante como sua noiva, não está acostumada a esse trabalho, poderia derrubar a bandeja, ia ser um vexame e eu não ia me perdoar nunca...

– Veja, Gizele, Júlia é o nosso anjo bom... ela pensa em tudo...

– É, de certo modo, ela tem razão – concordou a noiva sorrindo



Batem ligeiramente à porta.

Edson exclama surpreso?

– Flávia?

– O Maciel, me apelidou de “amiga da onça”. Disse que, você e sua noivinha, precisavam sair, e que eu devia fazer companhia à minha amiga, para que vocês fossem liberados

– Mamãe, você está melhor

– Estou ótima, filho. Podem ir despreocupados

Recebeu beijos do filho e da futura nora, eles saíram abraçados e sorrindo.

– Depois te faremos uma visita, Flávia – despediu-se, Edson com um breve aceno.

– Flávia, fecha a porta, com a chave – pediu Maria Fernanda, em voz baixa.

Flávia olhou-a com curiosidade, e obedeceu, sentando-se na poltrona.

– Ah! Desvendei um enigma, que pode não ser da Esfinge, mas, pode salvar minha vida...

– Santo Deus – exclamou a amiga

– Gizele me acompanha à ONG há alguns dias. Ela sempre trouxe um suco do refeitório, como gentileza. Acostumei-me a

essa atitude e achava interessante, mas depois da viagem, ela nos fez uma surpresa, veio espontaneamente, para acompanhar-me. E me serviu o suco, como de costume. Houve a prova dos vestidos na Edméa, e eu me sentindo cansada, desanimada, mas não comentei com Roberto. Nos dias seguintes, a mesma rotina, suco e eu cada vez me sentindo pior... até o dia do desmaio...

– Meu Deus!

Flávia olhava para a amiga, horrorizada

A partir desse momento, relembrei desde o primeiro dia, que me senti mal, e descobri que a doença está ligada ao suco que a Gizele me serve...

– Mas, querida, se ela servia antes, você não adoecia, por que agora? Perguntou curiosa

– No início, ela queria ganhar minha confiança...

– Ah! Tem razão

– Flávia, só quem sabe desse detalhe é você e a Júlia, nem Roberto, nem Edson, podem saber...

– M^a Fernanda, isso é muito grave... eles precisam ter conhecimento...

– Se Roberto sabe, a coisa vai ficar feia! Ele vai falar com Edson. Meu filho não vai acreditar na minha história, ela ainda vai convencê-lo que estou com esquizofrenia, vai haver trovoadas e raios, e eu vou terminar numa clínica psiquiátrica. Não, não, você é minha amiga, eu confio em você. Me deixa terminar – falei com a Júlia, e disse-lhe para não deixá-la, aproximar-se de alimento para o Roberto e para mim. Ela está cumprindo fielmente as minhas instruções...



Edson e Gizele confabulavam em um janelão, entre conversas, beijos e segredinhos.

Aproximaram-se de Flávia que ensinava um novo ponto de tricô à M^a Fernanda.

Os noivos, de mãos dadas, chegaram junto às amigas.

– Minha mãe, ouça a proposta de sua nora: Gizele propôs que, passássemos a próxima semana na praia...

– O ar marinho, deve lhe fazer um grande bem – exclamou a nora

– Acho que vocês têm razão – afirmou M^a Fernanda.

– Eu lhe prometo passar o dia inteirinho a cuidar da senhora – afirmou Gizele.

– É maravilhoso ter uma nora tão amável, M^a Fernanda. Parece que você teve sorte, porque se diz por aí que nora e sogra vivem às turras...

– Você irá conosco, Flávia, para o grupo ficar animado, convide em meu nome, Andréa, Alfredo e Rodrigo, não aceito desculpas. Edson continuou: temos uma função muito especial para nosso amigo Alfredo – será o “guardião de nossos tesouros”, concluiu Edson. Proponho que papai, Maciel e eu, pernoitaremos todos os dias, e de manhã, nos “mandamos” para a Fábrica

Flávia observava Gizele, viu o rosto da moça endurecer como pedra, depois viu-a esboçar um sorriso e encostar-se no peito de Edson, que a abraçou carinhosamente

Flávia teve a comprovação das desconfianças da amiga.

– Meu filho, se voltar ao escritório, peça a seu pai que venha em companhia de Dr. Newton. Desse modo, viajaremos com segurança – pediu a mãe

– Gizele, te deixo em casa, e retorno ao escritório. – Afirmou Edson, beijando-a.



– Com licença, dona Fernanda. José Raimundo, já arrumou tudo, na Hillux. Eu pretendo levar a Marieta, posso?

– Na cozinha, quem manda é você. Gosto de seu jeito, de seguir os esquemas direitinho, sem mudar uma vírgula – comentou a patroa.

De longe, disfarçadamente, Gizele prestava atenção em M^a Fernanda e Júlia

Júlia percebeu e respondeu apressadamente

– Sim, senhora!

M^a Fernanda compreendeu a mudança de tom da fiel amiga Júlia. A linguagem silenciosa, às vezes, é mais eloquente que a linguagem falada.

Edson avisou:

– Vou na frente com Gizele e vocês me seguem – avisou o rapaz.



Chegaram a uma linda casa de praia, rodeada de alpendres, varrida pelo vento fresco, vindo do mar, inundada de sol, pelos janelões.

Alfredo estacionou o carro na garagem e, desceu com Rodrigo para a praia. O garoto tentava correr na areia fofa e levava os primeiros tombos.

Devidamente instalados em seus respectivos quartos,

bagagens guardadas – eles caminhavam para o mar.

Gizele diz para si mesma: – Vamos enfrentar a anta...

Júlia começava a preparar a refeição. Gizele entrou na cozinha.

– Júlia, querida. Edson e eu conversamos, posso perfeitamente levar para minha futura sogra, um copo de leite, um copo de suco, sem atrapalhar...

– Sei que a senhora pode e quer ser agradável, para sua futura sogra, isso é muito bonito de sua parte – concluiu Júlia

Gizele retirava do armário da cozinha, um copo e uma pequena bandeja.

Júlia encostou-se na porta da geladeira

– Dona Gizele, me deixe continuar – eu não suporto, ninguém xeretando, na minha cozinha. Me desculpe pela franqueza, mas, se a senhora continuar insistindo, com muita tristeza, peço minhas contas – a senhora ficará com a cozinha completa...

– Júlia, Edson fica triste com sua atitude. Sei que ele é precioso para você, por que entristecê-lo?

– Com o meu menino, eu me entendo

– Não consigo entender essa atitude tão radical. Quero apenas levar um leite, um suco, não lhe atrapalho em nada. (pediu com meiguice). Vamos Julinha, me deixa levar um copo de leite para minha sogra...

Júlia continuou colada à geladeira e não disse uma palavra

– Júlia, não quero ser antipática com você... vamos ser amigas, certo

Júlia continuava impassível.

– Sinto muito, não estar sendo razoável, note-se ainda, com a noiva do filho único de sua patroa

Júlia assemelhava-se uma estátua pregada na porta da geladeira

– Você não me permite, outra alternativa. Vou queixar-me à M^a Fernanda. Tentando dominar a raiva crescente, Gizele saiu batendo a porta.



Maria Fernanda e Flávia, encaminhavam-se para as redes no alpendre, tangidas incessantemente pelo vento.

Gizele aproximou-se

– M^a Fernanda, posso falar-lhe um momento?

– Claro, minha filha, Flávia e eu somos irmãs de coração (abraçou-a).

– Eu não queria incomodá-la, mas, a Júlia me tira do sério – é muito intransigente...

– Ah! Minha filha, Júlia morre de ciúmes da sua cozinha. Eu, não posso pegar um copo com água! Não reclamo, porque ela é idosa e eu não quero magoá-la...

– Está bem, tentarei entender – exclamou a moça com um profundo suspiro.

– Faça isso – exclamou beijando a moça.



Após alguns mergulhos, deitada de bruços sobre a toalha, Gizele desabafa com a areia branca faiscante do sol.

– Não vou conseguir... Juan vai me chamar de incompetente. Preciso falar com Edson, para quebrar os dentes, daquele “cão pastor” – a Júlia.

À noite, após o jantar, Edson e Gizele desceram para a praia

Gizele sentou-se na areia ao lado de Edson, cercou os joelhos com os braços, com expressão amuada...

– Meu amor, sinto-me tão deslocada – lamentou-se enxugando o canto do olho disfarçadamente.

– Que aconteceu? Você estava tão animada, parecia tão feliz com a perspectiva dessa semana na praia...

– Não quero preocupá-lo, esqueça o que falei...

Edson envolveu-a nos braços, encheu-a de beijos, por fim, falou:

– Meu bem, transparência é o primeiro requisito para um relacionamento estável e equilibrado. Que está acontecendo?

– Nada grave, amor de minha vida, apenas eu queria demonstrar à minha sogra o afeto que ela me inspira – fui à cozinha, preparar um copo de leite..

– Minha mãe, recusou? Perguntou Edson em tom de alarme

– Não, meu amor. A Júlia é que não permite que eu entre em sua cozinha...

– Ainda hoje, falarei com a implicante da Júlia... tudo voltará a sorrir. Vamos dar uns mergulhos e voltar para casa...

A lua parecia que envergonhada da intriga de Gizele e se escondeu atrás de umas nuvens, em seguida, surgiu brilhando, iluminando o mar, o areal branco, as dunas e as falésias, testemunhas silenciosas de amores e ódios, verdades e falsidades

Voltaram para casa correndo, Gizele foi direto para seu quarto...

Edson pôs a cabeça na janela da cozinha

– Júlia, tem alguma coisa para comer? Vou por um roupão e volto já...

Júlia preparou um sanduíche com zelo, e colocou sobre a mesa.

Edson entrou, sentou-se e começou a comer o sanduíche

– Está delicioso, minha flor, obrigado!

Júlia sorriu

– Júlia, deixa a Gizele agradar a mamãe... tão pouca coisa, que ela pede... faz isso por mim, faz... – Insistiu o rapaz.

– Para Flávia do Maciel e para mim, você é um filho. Eu quero todo o bem do mundo, mas conheço o meu lugar, sou cozinheira, então, meu lugar é na cozinha. Dona Gizele é linda, tem ares de rainha, é fina, educada, o lugar dela é na sala, com pessoas de seu nível. Não é por mal, é porque sei separar as coisas. Você entendeu a velha Júlia?

Edson abraçou-a calorosamente, foi à geladeira, pegou um copo de água

– Quem pode com a Júlia?!!!

Júlia começou a rir, murmurando: – menino maluquinho!



Na manhã seguinte, Gizele veio tomar seu desjejum ao lado do noivo. Ouvia-se o burburinho das conversas, as risadas da Flávia junto à garagem, na saída de Roberto e Maciel.

Gizele sentou-se, tomou o suco de laranja e pegou uma torrada com requeijão.

– Querida, sou péssimo advogado de defesa. Júlia me embrulhou direitinho. Usou o argumento das classes sociais: cozinheira na cozinha, patrões na sala. Diante dessa lógica, tão simples, fiquei sem argumentos. Minha área de atuação é mercado de trabalho, em qualquer outra área, sou um zero à esquerda...





CAPÍTULO | 27

Continuamente, Gizele e Edson eram os últimos a tomarem o café da manhã. Nesse dia, Júlia caprichou na regionalidade: tinha tapioca com leite de coco, pamonha, cuscuz e mugunzá.

Edson sentou-se ao lado de Gizele, que sorria servindo-se de tapioca com leite de côco.

– Para esta mesa, estar tipicamente regional, falta o pé de moleque, o “nosso” que é preparado com carimã, rapadura, castanha de caju e farinha de mandioca – foi o comentário de Edson.

– Não sabia que você era tão versado, em assuntos culinários...

– Ora, quantas vezes fui ao Mercado com Flávia, para comprar os ingredientes do pé de moleque?

– Meu amor, estou com saudade da civilização, leva-me contigo, hoje, preciso fazer umas compras...

– Ok, vamos, querida?

– Estou de volta em instantes, vou apanhar minha bolsa. Logo juntaram-se ao grupo, que, não parava de tagarelar. Despediram-se dos amigos, Edson partiu na frente, seguido de seu pai, e Maciel no banco do passageiro.

Era quase meio-dia, quando a campainha do portão, tocou, de modo brusco e insistente

Alfredo foi até o portão e abriu a janelinha e perguntou: – Que deseja?

O estranho respondeu, em tom arrogante:

– Quero falar com o dono da casa. O senhor é o dono da casa

– Diga o que quer – retrucou Alfredo, em tom seco

– Quero alugar aquele quarto, lá dos fundos!

– O senhor deve ter recebido informação errada – aqui não é pousada, é residência...

– Eu sei, sou um cidadão de bem, preciso do quarto, porque meu carro quebrou, só sai da oficina em três dias, e esse lugar infame, não tem pousada...

– Sinto muito, nada posso fazer

O homem começou a praguejar, batendo violentamente no portão

O celular de Alfredo tocou. Ele atendeu – era Andréa

– Alfredo, vem... esse cara pode atirar em você...

Alfredo tentou ser persuasivo

– Sinto muito pelo seu problema, infelizmente nada podemos fazer – aconselho-o a acalmar-se, porque, se persistir em nos perturbar, poderemos acionar a Polícia!

Alfredo deu as costas, em direção à casa, mas uma pedra certa o atingiu na cabeça

Voltou-se, o sujeito havia desaparecido. Então, ele ouviu o grito de Andréa. Passou a mão na cabeça e viu-a cheia de sangue

Flávia e M^a Fernanda, uma segurando a mão da outra, estavam de boca aberta, olhos estupefatos

Andréa correu ao encontro de Alfredo, e conduziu-o para o banheiro

Júlia aproximou-se com uma caixa de primeiros socorros e uma jarra de água

Flávia cobrando a presença de espírito, perguntou

– Será que precisa de ponto, Andréa?

– Vou pressionar, para estancar o sangue, então veremos...

– Provavelmente, ninguém poderá chamar-me de cabeça dura – retrucou Alfredo – com um sorriso zombeteiro.

Flávia e Andréa não puderam esconder um breve sorriso

– Dona Fernanda, a senhora está se sentindo bem

– Estou ótima, Julia. Vou para o quarto do Rodrigo...

– Júlia, faça um chá de camomila, e leve-o para M^a Fernanda, sim

– Vou fazer para todos nós, minhas pernas, ainda estão tremendo...

– Nunca imaginei que essa semana na praia, tão tranquila, pudesse sofrer essa reviravolta – disse Flávia

– Por que esse sujeito, implicou tanto com a casa? Por que atingiu Alfredo, com uma pedra? Indagava Andréa, pressionando a cabeça do marido.

– A impressão que dá, é que ele tinha o propósito de arreliar, fazer raiva gratuitamente

– É verdade – exclamou Alfredo – porque se ele tem “maus bofes”, teria atirado na fechadura do portão, e entrada. Até que a Polícia chegasse, ele poderia ter atirado e se apossado da casa...

– Deus nos livre – exclamou Flávia.

– Sabemos agora que M^a Fernanda, está curada – diante dessa cena dantesca, ela não desmaiou – sinal que está curada – concluiu Alfredo, enquanto Andréa enfaixava sua cabeça

Andréa e Flávia, começaram a rir.

– Você tem razão, meu irmão, preciso ir ver o Rodrigo e saber como passa a M^a Fernanda...

Andréa ajudou o marido a tirar a camisa, com as costas ensopadas de sangue

Júlia aproximou-se.

– Flávia, a patroa pede que avise o Dr. Maciel, do que aconteceu aqui, e ele informe ao Dr. Roberto e Dr. Edson

Flávia não se fez de rogada, contou em detalhes a ocorrência, finalizou, afirmando, que estava tudo normal



– Zé Louro – chamou Juan.

O interpelado apareceu à porta, em silêncio.

– Cara, quero que me arranje dois caras bons no gatilho – pode conseguir? Perguntou.

O outro balançou a cabeça afirmativamente

– Um tem que representar um empresário, bem-sucedido, que tenha “gogó” para cantar e dançar. O segundo, bom no gatilho, e na moto

Zé Louro, fez mímica de gravata, paletó, e um sinal com o polegar, afirmando

O segundo, ele fez a mímica de um motoqueiro, balançou a cabeça negativamente, e apontou para ele mesmo, após, fez a mímica de dinheiro e enfiou a mão no bolso.

– Você é bom na moto, tem certeza?

Zé Louro ficou impassível

– Preciso do cara, o mais tardar amanhã, à noite.



Antes das dezesseis horas, Roberto e Maciel estacionaram na casa de praia.

Entraram envoltos pelo grupo e observaram Alfredo com cabeça enfaixada e Rodrigo dando tapinhas na faixa.

– O caso foi sério mesmo... se fosse um tiro...

– Acredito, que ele queria apenas assustar... – argumentou Alfredo

– Se não fosse pela notícia da morte de Juan, eu diria que tinha sido o próprio – completou Maciel

– Foi uma cena horrível! Alfredo falou que aqui era residência, ele procurasse outra solução. O cara tentava sacudir o portão, com violência, e abriu uma torneira de palavrões, Nossa Senhora! – exclamou Flávia – e continuou – por fim, acertou a cabeça do Alfredo, com uma pedrada.

– Vejam bem, disse Alfredo, essa confusão, serviu para duas coisas – a M^a Fernanda não desmaiou, nem se sentiu mal, portanto, está curada. E eu, descobri que minha esposa é uma das melhores enfermeiras do País...

– Estamos aqui, há cinco dias, o motivo dessa pequena mudança, era melhorar a saúde de minha adorada mulherzinha, vocês concordam em encerrarmos a temporada e voltarmos para a cidade

– Eu concordo – afirmou Flávia.

– Olha gente, ela não me consultou, resolveu tudo sozinha, nem perguntou minha opinião – Maciel falou em tom tristonho.

Flávia fingiu dar-lhe um beliscão, depois abraçou-o e beijou-o

– É melhor empacotarmos nossas coisas para poupar tempo amanhã. As mulheres saíram, ficaram os três homens, na sala

– Maciel, seria bom registrarmos a ocorrência, alertar as autoridades para que outros não sejam vítimas? Sugeriu Roberto.

– Assim que chegarmos, vou com Alfredo à Delegacia, ele fará exames de corpo de delito...

Nesse momento, Andréa bate palmas, no meio da sala. Todos olham para ela

– Vamos jogar cartas, sugeriu...

– Ah! Eu pensei que ela ia declamar “Castro Alves” ou “Antônio Drumond” – comentou Flávia

Roberto dirigiu-se a uma porta, ao lado, destrancou-a, abriu

– Aqui temos tudo que precisamos, para um excelente carteado...



Antes do jantar, chegaram Gizele e Edson, que foi inteirado das novidades.

– Mas que audácia desse sujeito! – exclamou Edson irritado

– Alfredo foi muito decidido – avisou que se ele não fosse embora, iria chamar a Polícia – finalizou Flávia.

– Famílias em casa própria, na praia, não pensemos mais, esse assunto pertence ao passado. Amanhã, regressamos para nossas casas e ponto final

– A mamãe não sentiu nada? Perguntou Edson ansioso.

– Oh – exclamou Flávia! Está jogando cartas e você sabe como ela e Roberto são imbatíveis. Não sei como Maciel está com sua parceira Andréa. Eu acho que ela é igual a mim – só conheço os naipes...

Edson riu e fez-lhe carinho nos cabelos.



Manhã cedo. Enquanto Júlia preparava a mesa para o desjejum, Alfredo chegou à janela. No mesmo instante, Maciel perguntou

– Que cheiro é esse?

– Olhem – Alfredo apontou para os fundos do terreno. Fumaça preta, subia do quarto isolado, que era destinado a José Raimundo, quando pernoitava

Maciel chamou os bombeiros, imediatamente

– Foi o facínora! Que bandido ordinário e perigoso! Exclamou Alfredo

Edson alertado pela fumaça, pelo tom de voz, entrou na sala

– Vivemos um pesadelo? Coisa mais estranha! Filme de terror, em plena manhã!

Nesse momento o carro dos Bombeiros aproximou-se com a sirene ligada

Os quatro dirigiram-se para o local do sinistro e foram interrogados pelo Capitão

– Era um quarto vazio – havia apenas uma cama, armário e uma mesa...

– Capitão, vou levar minha esposa e os amigos, inclusive uma criança para a Cidade. Nosso administrador, Dr. Maciel Freitas,

lhe prestará todas as informações necessárias – Maciel, o Duarte, acompanha Alfredo à delegacia...

Roberto entrou no carro, com M^a Fernanda, Flávia e Júlia retornaram à cidade, seguido pelo carro do Alfredo e sua família



Gizele no quarto, sorria feliz. – Não quebrei os dentes daquela “pastor alemão”, mas o vespeiro, foi assanhado. Tenho de reconhecer, o Juan é terrível!



Roberto estava pensativo em sua mesa, rabiscando automaticamente, com o pensamento longe. De repente, tocou o interfone

Karla veio em seguida.

– Karla você lembra qual foi o motivo da viagem, ou melhor da ausência de três dias da noiva de Edson

– Na carta escrita pela prima, falava de uma tia muito idosa e também muito doente. Ela se ausentou para visitá-las no hospital

– Você lembra o endereço do Hospital?

– Não tinha endereço...

– Verdade?

– Disso tenho certeza

– Minha amiga, estamos vivendo um tempo desconhecido para mim. O regresso da praia, foi escoltado pelos seguranças. Karla, o sujeito queria alugar um quarto, na minha casa. Rejeitado, sacudiu o portão violentamente, agrediu Alfredo, e incendiou o quarto que pretendia alugar

– Realmente, lembra um pouco, aqueles filmes de premunição...

– Para compor detalhadamente a lista, temos o pretenso afastamento do Murilo, o ataque violento ao investigador, a doença súbita de M^a Fernanda, que sumiu sem medicamento e sem médico, a ausência de Gizele sem indicações palpáveis... o incêndio e agressão a Alfredo...

– Lista bastante longa, Dr. Roberto, e crescendo na violência.

– Juan está vivo – exclamou Roberto.

– Mas e o corpo carbonizado? Indagou Karla incrédula.

– Para não ser reconhecido. Alguém foi assassinado e ele se apossou da identidade da vítima. Essa certeza ainda me deixa mais preocupado

– Certamente. Ninguém advinha de que lado vem o golpe...

Nesse momento, Maciel entra, trazendo nas roupas o cheiro de fumaça

– Deixo-os a sós – Karla sorriu para Maciel e saiu

– Serviço concluído!

Roberto apertou a mão de Maciel

– Obrigado, meu amigo.

– Não tem que agradecer, Roberto, estou nas minhas funções...

– Maciel, esse “servicinho” foi obra do Juan...

– Penso igualmente. Dá impressão de coisa esquematizada

Roberto deu de ombros.

- Provar, impossível!
- Só resta o Marcelo; Roberto...
- Quanto tempo, sem notícias dele?
- Um mês!
- E, pensar que faltam apenas dez dias para Edson mergulhar no abismo
- Por nada desse mundo, eu queria estar na sua pele, Roberto.







CAPÍTULO | 28

Marcelo está em um pequeno quarto, muito simples, mas tudo limpo

Sentado à uma pequena mesa, recorda os caminhos percorridos

– Tenho a impressão de que muita gente, já me conhece de tanto que tenho visitado cidades, vilas, povoados, sem contar os bares. “Ficar sentado não me leva a lugar nenhum. Vamos trabalhar, Marcelo – ânimo! Só me faltam três pequenas cidades”. Vestiu a jaqueta, pôs o capacete e saiu para apanhar a moto

Afivelando o capacete, exclamou

– “Detesto encerrar uma investigação, sem concluí-la. Se nessas três pequenas cidades, eu não obtiver êxito, o que farei?”
– com um suspiro, exclamou: “Adiante, Marcelo, quem morre de véspera é peru”

Passava do meio-dia, quando ao dobrar uma esquina, passou diante de um bar, e o cheiro de churrasco, espilçou-lhe a fome. Encostou a moto, e entrou no pequeno bar. Pediu churrasco e refrigerante, cumprimentou o grupo de quatro homens que bebiam cerveja com “tira gosto” de churrasco. Puxando conversa com o grupo, falou-lhes da sua missão (devolver uma carreta à família da vítima). Mostrou-lhes as fotos de Gizele e Juan

Um deles pediu a foto e examinou-a atentamente, depois devolveu.

– Esse cara da foto, eu nunca vi, mas no supermercado da outra esquina, tem um rapaz muito parecido com esse, trabalha lá...

O coração de Marcelo disparou

– A próxima rodada é por minha conta!

Olhou para o merceeiro e disse

– Para mim, só refrigerante e churrasquinho...

Tirou da carteira uma nota e pagou.

– Obrigado, meu chapa. O supermercado, muito distante?

– Você dobra na esquina da terceira rua – é o supermercado...

– Tchau! – disse Marcelo montando na moto e dando partida.

Marcelo saiu do estacionamento, entrou e aproximou-se de um dos caixas e perguntou

– Onde posso encontrar o gerente?

A moça respondeu

– Aquele de mangas compridas – o sr. Garcês

Marcelo para lá dirigiu-se.

– Bom dia, sr. Garcês. Poderia por gentileza prestar-me um grande favor?!

– De que se trata? Disse o gerente em tom distraído

Marcelo apresentou a foto.

– Por favor, entre seus funcionários, há alguém parecido com esse senhor?

– Bem, o senhor é policial?

– Não. Esse rapaz da foto, é proprietário de uma carreta, locada na firma que eu represento. O rapaz, solteiro, faleceu de mal súbito. A empresa gosta de ordem e muita decência, encarregou-me de encontrar parentes, para resolver o problema da carreta.

– Tenho um funcionário que tem alguma semelhança com a foto. É o Ramiro...

– Como poderei falar com ele?

– Foi ao depósito, buscar mercadoria. Aí vem ele...

Marcelo olhou para o rapaz, era realmente muito parecido com Juan

– Esteja à vontade – disse o gerente.

Marcelo adiantou-se.

– Posso lhe falar, por um instante?

– Estou em meu horário, saio às dezoito horas

– Obrigado, vou aguardá-lo!

Saiu do estabelecimento com a alma cheia de esperança.

Pensou consigo mesmo:

– Esse rapaz parece tremendamente com Juan!

Abriu o baú da moto, retirou um jornal, sentou-se em um banco, debaixo de uma árvore, consultou o relógio e mergulhou na leitura.

Às dezoito e dez, o rapaz apareceu no vão da porta, hesitou um pouco, decidido caminhou firme, para ele.

Marcelo sentiu falta do corneteiro, para com as vibrantes notas do clarim, tocar: “avançar, cavalaria!” igualzinho ao corneteiro de Pirajá

– Sou Marcelo Freitas – falou erguendo-se.

– Meu nome é Ramiro Perez Façanha.

Marcelo precisou controlar-se para não ser traído pela surpresa.

– O amigo conhece esse senhor? E apresentou-lhe a foto de Juan

– Meu primo Pablo, falecido...

– E essa bela senhorita?

– Minha prima M^a Dolores, também falecida...

– Desculpe a indiscrição – tem outros parentes?

– Minha Mãe.

– Posso conhecê-la?

– Vou levá-lo à nossa casa...

Ao chegarem à casa de Ramiro, Marcelo foi convidado a sentar-se na sala e aguardar.

Minutos depois, uma senhora grisalha, de rosto alegre e olhos serenos entrou na sala, ao lado de Ramiro.

O investigador percebeu de antemão que eram pessoas confiáveis, trabalhadores e de bem com a vida.

– Boa noite, minha senhora. Seu filho fez a gentileza de trazer-me a sua casa...

– Boa noite. Meu filho disse-me que o senhor tem a foto de meus sobrinhos. Não entendo, como isso pode ser possível?

Marcelo apresentou as fotos.

– Realmente, é Pablo e M^a Dolores. São meus sobrinhos sim. Como o senhor pôde ter suas fotografias? – Faleceram há alguns anos...

– É uma longa história, dona...

– Mercedes!

– Muito prazer, dona Mercedes, sou Marcelo Freitas. As pessoas das fotos são os irmãos Juan e Gizele Sanchez

– Meu Deus! – exclamou a tia.

– Sinto muito, se não tenho informações boas e satisfatórias dos seus familiares...

– Informações boas e satisfatórias desses dois? Comentou Ramiro em tom irônico.

Marcelo fitou mãe e filho, com expressão intrigada.

– Mãe, é melhor abirmos o jogo com esse senhor. É verdade que ainda não sabemos o porquê de sua presença. É bom falarmos tudo, mesmo que seja como desabafo...

Dona Mercedes, mexeu-se na cadeira, olhou para o filho, depois para Marcelo.

– Talvez meu filho esteja com a razão. Vou contar-lhe o que aconteceu há três anos...

A tia, em tom comovido, narrou toda a história do acolhimento dos sobrinhos e desaparecimento de ambos.

Ao concluir sua narrativa, Ramiro frisou:

– Minha mãe, perdeu o único bem que possuía, nas mãos desses bandidos – sua casa, construída pelo marido, falecido.

– Há dois meses, eu procuro a origem de ambos. Eles se passam por irmãos e estão prestes a darem um grande golpe – explicou Marcelo

Gizele está noiva do vice-presidente da empresa Becker&Becker...

– Um momento, sr. Marcelo – Becker?

– Mãe, é o nome da empresa que Juan trouxe com uma reportagem

– Meu filho, esse nome não é o da velha história do meu trisavô?

– Se não for coincidência, é o mesmo – sentenciou Ramiro – continuou dirigindo-se à Marcelo – se M^a Dolores, está noiva do vice-presidente – lamento muito, é um cara rico e de pouquíssima sorte...

– Sobre a moça, estranhei, como em tão pouco tempo, ficou noiva desse rapaz, mesmo tendo o suposto irmão como foragido da Polícia...

– Foragido? Indagou dona Mercedes.

– Ele aprontou tantas, que terminou procurado pelos policiais...

– O senhor se expressa bem em espanhol, mas talvez se sinta mais confortável falando em sua própria língua...

– Vocês falam português?

– Em família falamos em português, nossas raízes estão na sua terra...

– Mãe, vou narrar, essa velha história, que é quase uma lenda...

Ramiro resumiu as memórias da família.

– Quão pequeno é o mundo! – exclamou Marcelo. Estou no Paraguai e a vida me remete para a fazenda do trisavô de Roberto Becker...

– Pablo é vingativo. Esse plano que os dois estão executando,

deve ter duas finalidades, vingar Antônio Façanha, meu trisavô e ficar rico. Essa família está num “rabo de foguete” – exclamou Ramiro.

– Minha missão é levá-los comigo, para tentar reverter o mal que se aproxima. Isso, se dona Mercedes e Ramiro concordarem. Não sairão perdendo – afiançou-lhes Marcelo.

– Que quer dizer – perguntou Ramiro.

– Possuo uma casa e um escritório no Pará – norte do País. Dona Mercedes recupera a casa, que lhe foi tomada e você, Ramiro, vejo nesse birô, uma pilha de livros de Direito. Estuda Direito?

– Estou no final do segundo semestre

– Quando terminar o curso, já terá um escritório montado, se quiserem..

– Mas, o senhor...

– Estou viúvo, sou capitão aposentado da Polícia, e agora, trabalho para Becker&Becker – não pretendo voltar ao Pará, aonde fui muito feliz. Como vê, não perderão nada, em acompanhar-me. Despeço-me de vocês, reflitam sobre a minha proposta e amanhã, Ramiro, me encontra nesse endereço.

Entregou ao rapaz um cartão.

– Muito boa noite, essa reunião foi muito produtiva, compensou-me das caminhadas de dois meses. Boa noite e até amanhã.



Flávia recebe Andréa.

– Demorou, hein? Reclamou.

– Estava brincando com Rodrigo...

– Vê-se, tem manchas de tinta no rosto...

– Meu Deus, vou passar-me a limpo...

O soar da campainha, faz Flávia encaminhar-se em sua direção

– Querida, vamos entrar. Apesar dos pesares, você está muito bem, M^a Fernanda.

– Se for verdade, é só a aparência, minha alma está encolhidinha, caberia num dedal.

– Aí vem Andréa. Queria mostrar a vocês uma coisa; venham por favor.

Conduziu-as ao quarto, não pronunciou palavra.

– Flávia, que colcha linda! Do jeito que as linhas estão caras, custou uma fortuna

M^a Fernanda, examinava direito e avesso do trabalho

– Andréa tem razão. Acabamento perfeito. Linda

– Não me custou um centavo

– Passe de mágica! Exclamou Andréa, com zombaria

– Presente do Maciel, Flávia?

– Sim e não...

– M^a Fernanda, devíamos ter trazido uma bola de cristal – comentou Andréa.

– Essa colcha foi confeccionada por Zenaide Sousa.

– Ela trabalha em lojas de decoração...

– Ela é mãe de Ronaldo!

– Ronaldo? Repetiu M^a Fernanda, é aquele garoto a quem Maciel referia-se na semana passada?

– É isso mesmo. Vocês autorizaram a doação de uma casa, como bonificação do desempenho dele; então a mãe dele presenteou-me com essa colcha. Eu quero a opinião das duas sobre ela.

– É uma colcha maravilhosa, Flávia – exclamou Andréa com sinceridade.

– Presente digno de uma rainha – acrescentou M^a Fernanda.

Flávia abriu uma gaveta da cômoda, retirou dois pacotes, colocou-os sobre a cama.

Fechem os olhos, e cada uma retira um pacote.

Andréa abriu o dela.

– É uma colcha, tom sobre tom. Flávia, no centro de cada aplicação da safena, ela colocou uma flor, em croché, nas cores: vermelho, branca, azul e amarelo ouro, contrastando com o verde claro e escuro, alternados

– Ela usou verde claro e fez a safena em verde escuro...

Voltaram-se as duas para M^a Fernanda

Ela estava com a colcha meio desdobrada sobre a cama.

– Vejam – azul real, safena branca, a flor em croché, na cor vinho, em toda volta...

– Agora, que explicação, o governo arranja para justificar, milhões de pessoas desempregadas, quando se nota a coragem desta mulher, de tecer, ponto a ponto, peças maravilhosas, como

essa, em tão pouco tempo! – exclamou M^a Fernanda. Quanto ela pediu pelo trabalho dela, Flávia?

– Calminha, querida, esse é o meu presente para vocês. Não tem que agradecer... quero continuar a história dos desempregados. Organização que é o cenário de fundo do País...

– Você tem razão, anuiu Andréa

– Convencionou-se denominar a Nação como País do Carnaval e do Futebol. Longe de mim, negar o mérito desses dois grandes astros brasileiros. Com esse modo simplista, onde colocamos a agricultura, a indústria, artesanato e o comércio, setores que empregam continuamente. Se esses três setores não funcionam, fecham as portas, e o recesso é total...

– Você citou os três pilares fundamentais, dos quais dependem todos os outros? Disse Flávia

– Qual é o governo suficientemente inteligente para dedicar-se a suportes econômicos? Afirmou M^a Fernanda.

– M^a Fernanda e Flávia, vocês esqueceram um ponto importantíssimo: a Política.

– Ah meu Deus, Política?!?! Mencionou Flávia

– Minhas queridas, a Política é uma arte essencial para a sociedade. Note-se que Política não é politicagem, precisamos deixar esse conceito bem claro. Afirmou M^a Fernanda.

– Proponho declararmos um pequeno poema. Afirmou Andréa com um sorriso

País da riqueza mineral...

País das águas...

País da riqueza agrícola...

Queremos agora um...

Parque industrial...

Flavia, rindo exclamou

– “As três cajazeiras, salvam a Nação”

Concluíram com uma gargalhada.

– Flávia, fala com a dona Zenaide, para ela confeccionar até o Natal várias peças – colchas, toalhas de mesa, saída de praia, e jogos americanos. Vamos estabelecer uma verba, e você será a mentora, Flávia. Fale para contratar ajudantes, ok?

Faremos uma bela exposição na ONG – asseverou M^a Fernanda.

– Será um sucesso, tenho certeza – Flávia, concorda.

-Claro, concordo de alma e coração. Mas lembrando o que estávamos discutindo, uma piada, que, Edson, contou-me, quando era estudante

– Será igual a Mede, Cina – as três riram divertidas.

Ele contava que na criação dos Países, o Todo Poderoso Criador do Mundo, em cada porção de território, colocou um flagelo: vulcões, terremotos, nevascas, deserto escaldante, montanhas geladas. Quando chegou ao nosso território, fez o panorama mais lindo do mundo, uma verdadeira obra prima da natureza. O arcanjo São Miguel O acompanhava e perguntou:

– Senhor, não quero ser desrespeitoso, mas o Senhor distribuiu flagelos, pelo mundo inteiro, e aqui esse panorama lindíssimo, por quê?

– Ah! Meu arcanjo, você não faz ideia do tipo de gente que vai morar aqui. É a soma de todos os flagelos!

– Meu Deus, que desastre – exclamou Andréa – e continuou – não é uma piada, mas, uma profecia de terror

– Precisamos enfrentar a realidade – temos o melhor modo de Governo – República e Democracia. Apesar disso, enfrentamos gravíssimo problema – se, a metade dos políticos são honestos, transparentes e querem de verdade cuidar dos interesses do povo – se, a metade mais 01 (metade mais um), votar contra, o povo perde...

– Você diz que esse é o melhor sistema... os políticos honestos e transparentes precisam ter a maioria, isso é indispensável para a felicidade do povo...







CAPÍTULO | 29

Maciel observa Murilo monitorar o tráfego dos caminhões, pelo computador, que regressavam à Empresa, quando seu celular toca

– Alô! Marcelo – exclama – pensei que havia desistido até de retornar à terrinha. (pausa). Familiares? Meu irmão, você é o maior. (pausa). Passaportes? Falarei com Roberto. Manda-me uma mensagem com dados completos. Ok!

– Murilo, continua o trabalho, se houver problemas, me chama. Vou para minha sala...



Maciel liga, enquanto caminha

– Roberto, tenho novidades, pode encontrar-se comigo, em minha sala...

– Claro, Maciel, estou indo...



Um pouco mais tarde

– Então, meu amigo, boas notícias? Pergunta Roberto ansioso

– Fiz contato com Marcelo. Precisa de ajuda para conseguir passaportes.

– Não entendo. Passaportes?

– Marcelo vem acompanhado de dois familiares dos “nossos amigos”. Uma tia e um primo...

– Está bem, tentarei resolver esse impasse – no menor prazo possível. Que tudo dê certo...



Zé Louro arranjou o cara.

O interpelado abriu a porta do quarto e um rapaz muito elegante, usando camisa preta e calças pretas aproximou-se de Juan

– Pode ir, Zé – falou Juan, levando o rapaz para a sala.

– Cara, sua missão é simples...

Baixou a voz, e passou o plano inteirinho.

– Entendeu?

– Sem faltar uma vírgula. Depois que tudo terminar...

– Você sai por uma porta lateral, o Zé estará esperando com a moto. Aqui você recebe o combinado e estará livre...

Você exigiu uma bolada gorda – reclamou Juan

– Zé Louro me traz de volta...



Roberto e M^a Fernanda, retornaram à casa

Edson abraçado a Gizele, os surpreende perguntando

– Onde vocês estavam?

– Eu estava em casa de Andréa, Flávia levou-me meio forçada, e Roberto foi buscar-me...

– Sinto muito, por fazê-los esperar...

– Oh! M^a Fernanda, não se preocupe, a felicidade nossa, é tão grande, que supera tudo. Somos felizes como devem estar os noivos, nas entre vésperas do casamento...

– Vamos jantar! Convidou a mãe

– Preparei um programa menos doméstico minha mãe. Fiz reserva num restaurante, com pista de dança...

– Pretendemos dançar até o sol raiar. Edson respondeu fazendo a noiva rodopiar com graça e leveza. Despediram-se, com muito carinho, e saíram de mãos dadas.

Roberto puxou uma cadeira, para perto da esposa, e contou-lhe em voz baixa as notícias de Marcelo

M^a Fernanda, levou a mão, ao coração e suspirou – terá tempo suficiente, meu querido, para conseguir esses passaportes?

– Já fiz alguns contatos. Acredito que conseguiremos...

– Tenho até medo de respirar, para não acordar desse sonho... ver meu filho livre, dessa ninfa...



No restaurante, o gerente recebe Edson, com muitas mesuras.

– Dr. Edson, seja bem-vindo, para abrilhantar o nosso estabelecimento...

– Por favor, leve-nos à mesa que reservei

– O senhor fez uma reserva? Lembra o nome do encarregado?

– Eu já o conheço bastante, foi o Anastácio?

– Infelizmente ele está ausente há alguns dias, por motivo de saúde e não consta sua reserva no nosso sistema. Pedimos sinceras desculpas, mas vou providenciar uma mesa imediatamente

– Não tem importância – ficaremos em outra mesa. Prefere esta, querida?

– Próxima da pista! Ótimo, querido!

O serviço do restaurante seguiu seu ritmo normal

No meio do jantar, uma voz de homem cantarolou baixinho – música de Djavan: “Teu olhar não me diz exato como tu és, mesmo assim eu te devoro”...

Edson sentiu-se incomodado, mas, tentou falar com naturalidade

– Querida, os convites já foram enviados? Não esqueceu ninguém?

– Oh! Meu amor, Maciel encarregou duas funcionárias, como relações públicas para esse mister. Maciel foi sensacional...

A mesma voz, fez-se ouvir novamente, mais audível: “o amor é um grande laço, um passo, pra uma grande armadilha, um lobo correndo em círculos, para alimentar a matilha”...

Edson precisou de todo sangue frio, para portar-se de modo natural. Após o jantar, dirigiram-se para a pista de dança. Ao som da música, alguns pares deslizavam empolgados, mas na frente de Edson e Gisele, um casal formado por uma idosa e um jovem de bigode ruivo, de rosto colado, dançavam sem sair do lugar. Edson envidava todos os esforços, para mostrar-se cavalheiro e superior, então, retrocedeu e entraram na pista. Em instantes a mesma voz, cantarolando Roberto Carlos: “.....duvido que, tenha tanto amor, e até os erros do meu português, e nessa hora você vai lembrar de mim”...

Perdendo um pouco de seu espírito esportista, Edson, manobrou rapidamente, para o outro lado do salão

O cavalheiro de bigode ruivo, abandonou a dama no salão e estendeu a mão para segurar Gisele.

Edson puxando-a para traz de si, falou em tom educado:

– Cavalheiro, a senhorita é minha noiva, dá licença, por favor.

O rapaz agrediu Edson com um soco violento, Edson revidou, com mais violência, derrubando-o. O rapaz, ainda caído, puxou o revólver e atirou, atingindo Edson

Edson caiu sangrando...

Houve um grande tumulto, gritos, cadeiras e vidro se quebrando. Aproveitando esse momento, o atirador fugiu...

Gisele, desesperada, chorando gritava pedindo socorro!!!

O tropel das pessoas em fuga, misturava-se ao som dos carros de polícia, estacionando, em frente ao prédio



Roberto ainda com a toalha no pescoço, saía do banho. M^a Fernanda dormia, mas, ergueu-se de repente

– Meu Deus! Ouvi um tiro

– Calma, querida, foi um sonho...

– Edson já voltou?

– Ora, meu bem, você o ouviu dizer que ia dançar, até o sol raiar. Durma tranquila, foi um pesadelo. É cedo, relaxe

M^a Fernanda, recostou-se no travesseiro e fechou os olhos.

O telefone toca.

Ela se pôs de pé num salto.

Roberto, atende!

Repôs o telefone, abraçou a esposa que tremia, ao seu lado.

– Querida, precisamos ser fortes. Houve uma confusão no restaurante e nosso filho foi atingido por um tiro. Está sendo examinado nesse momento. Vamos ao hospital...



A campainha da porta da casa de Flávia soou. Ao abrir o portão, vê Karla, um pouco pálida.

– Flávia, preciso muito falar com o Maciel. Você poderia chamá-lo...?

– Maciel saiu, antes de clarear o dia, houve um problema com um container, no porto e ele foi resolver...

– Roberto, não está no escritório? Ele sempre chega cedo..

– Não, Flávia, infelizmente ele não chegou...

– Karla, eu te conheço muito bem, não me venha com esse papinho de “chove não molha”. Que aconteceu? Três do escritório, todos fora de seus lugares: Maciel no porto, Roberto ausente e você aqui em casa. Que aconteceu? Perguntou incisiva

– Os dois, Dr. Roberto e Maciel, me encarregaram de lhe falar
– Edson e Gisele estavam dançando ontem, à noite, quando Edson foi alvejado por um tiro

– Meu Deus! Exclamou Flávia, quase sem voz

– Acredito que a cirurgia está terminando agora. É grave, mas ele não corre risco de vida...

– Karla, pelo amor de Deus, você não está amortecendo o caminho, para dar-me uma notícia pior?

– Não, Flávia, é a pura verdade. O motorista, está aí fora e vai nos levar ao hospital...

lam sair, quando o telefone toca.

Flávia levou a mão ao coração.

– Karla, atende, por favor, eu não consigo...

– Alô! (pausa) Dr. Maciel, não está, mas a esposa dele sim. (pausa). Ah! Marcelo, ela já vai atendê-lo...

– Marcelo, Maciel disse que você tem boas notícias. (pausa) Não, infelizmente não sei nada a respeito. E Edson, foi baleado, ontem à noite. (pausa) Está bem, vinte e uma horas, Maciel vai aguardar. Eu vou agora para o hospital. Até mais tarde...

Flávia pegou a bolsa, e saíram as duas para o carro estacionado, diante do portão.

Na delegacia o depoimento dos garçons, garçonetes e do gerente da noite, foram unânimes em afirmarem que o elemento, nunca fora visto no restaurante.

O depoimento da senhora parceira do dançarino atirador, foi constrangedor de tão ingênuo.

– Na minha mocidade, meus pais tinham alguns recursos, sempre fui muito requisitada para dançar. Hoje, alguns anos depois, aposentada com um salário-mínimo, que me permite, uma vez por mês ir ao restaurante. Eu faço isso senhor delegado, como uma ricaça: ponho minha melhor roupa e espero ser convidada a ir à pista de danças. Jamais, mês após mês, ninguém me convidou. Ontem, veio até mim um moço bonito, elegante, com um bigodinho ruivo, “lindo de morrer”. Então, pensei: “quem espera, sempre alcança”, esse é o meu príncipe encantado. E fui dançar. Paciência, senhor delegado, sou velha, enrugada, mas sou romântica – nem que o sonho dourado, acabe num tiroteio...

– Vamos refletir um pouco – a senhora não o conhecia?

– Foi a primeira vez que o vi...

– Ele não lhe deu carona, até o restaurante?

– Fui e voltei para casa de táxi!

– Obrigado, a senhora está dispensada

O delegado ficou pensativo. O depoimento da referida senhora, batia com as declarações dos garçons. Ela era frequentadora antiga, eles, porém, não sabiam precisar o número de vezes que ocupava uma das mesas, sempre a mesma



Karla acompanhou Flávia até a antessala do apartamento de Edson, onde a mãe aguardava, o momento em que ele fosse liberado do CTI

– Minha amiga – exclamou Flávia, ao vê-la. Que momento doloroso, vocês viveram...

– Ah! Flávia – um tormento! E o pior, eu me acordei ao ouvir o tiro. Roberto ainda tentou me convencer que fora um pesadelo. Mas, o telefone veio confirmar. Não sei como resisti..

– Você já ouviu algum médico?

– Ouvi sim – eles garantiram que a bala não atingiu nenhum órgão vital, e que a cirurgia foi um sucesso!

– Que Deus seja louvado, minha amiga – exclamou Flávia enxugando os olhos, de tanta emoção

– Gisele sabe quem atirou no Edson?

– Não. A notícia é que ele não era frequentador do restaurante. Flávia, preciso te confessar uma coisa – eu estou com vergonha de mim mesma, de haver julgado tão mal a minha futura nora. Quem sabe o mal-estar que, eu pensava sentir, não era fruto do nervosismo, de casar meu único filho? A Gisele é de uma dedicação rara. Não sai de perto do Edson... não dormiu a noite toda, e se recusa a ir repousar... muito, muito dedicada, a minha futura nora, e eu a julguei com tanta mesquinhez...

– Melhor assim, M^a Fernanda. Se você se enganou, ótimo! Bom para o Edson. Nem ele e nem ela sabe dos seus julgamentos, que ela seja realmente uma boa esposa

Nesse momento, Edson é transferido para o apartamento.

Roberto, acompanhado pelo médico, se aproxima.

– Bom dia, senhoras. O ferimento foi profundo, mas o rapaz é forte, saudável. A cirurgia foi um sucesso. Deem-me licença, tenho outros pacientes...

– Venha, Flávia. Vamos ver o meu filho...

Edson estava saindo do quadro anestésico. Gisele ao lado dele, segurava-lhe a mão.

M^a Fernanda aproximou-se.

– Meu filho, evite falar, queremos vê-lo de perto, Flávia aproximou-se e segurou a outra mão do rapaz e apertou-a forte.



Maciel envia mensagem para Marcelo

– Meu irmão, mande o endereço para enviarmos os passaportes. Estamos aguardando suas notícias. Flávia contou-lhe o ocorrido com Edson? Ele está fora de perigo, daqui para a frente, é restabelecer-se. Com certeza, o casamento, vai ser adiado e você terá tempo suficiente para organizar seu regresso. Tchau! Até breve

No dia seguinte, muito cedo, Roberto vai ao hospital

– Bom dia, filho, como passou a noite

– Bem, pai, mas hoje de manhã tive o desprazer de não ver minha noiva, ao meu lado...

– Edson – interveio M^a Fernanda, a pobre moça, meu filho, passou a noite inteirinha ao seu lado. Ela precisava descansar...

– Entendo, mãe – você fez o melhor!

– Evite falar muito, filho. O médico disse, que, se tudo correr bem, você receberá alta em sete ou oito dias. Precisamos adiar a data do casamento

Edson fechou os olhos e meneando o indicador, falou

– Negativo!

– Meu filho, é conselho médico, o médico que fez sua cirurgia!

– Negativo – disse o rapaz mais uma vez, conservando os olhos fechados, como se desejasse encerrar o assunto.

Roberto, fez um gesto desamparado e olhou para a esposa. Esta fez-lhe um sinal com a mão, pedindo-lhe paciência.

Pegou o celular, e enviou uma mensagem para o esposo. “Peça para o médico falar com Edson e explicar-lhe, porque o casamento deve ser adiado...”

Roberto leu a mensagem e fez sinal positivo com o polegar.

– Filho desejo que se recupere, rápido, vou para o escritório.

O filho fez-lhe sinal positivo e sorriu.

– Mãe, você precisa ir descansar

– Sei, meu filho, vou para casa e a Flávia vai ficar um pouco com você...

Gisele entra no quarto do Edson

– Oh! Meu amor, fiquei tão feliz quando o Roberto mandou o motorista trazer-me para o Hospital...

Gisele debruçou-se e beijou carinhosamente o noivo

Edson retribuiu, pediu que ela aguardasse um momento e enviou uma mensagem pelo celular.

– Gisele, minha querida, sua presença junto a mim, é um bálsamo inebriante. Contudo, prefiro vê-la repousando em casa do que mal acomodada e mal alimentada no hospital...

O motorista a aguarda

– Edson – exclamou a noiva com voz chorosa.

Edson fechou os olhos, em silêncio.

– Está bem, meu amor. Obedeço para não o contrariar, embora, meu desejo seja sair daqui de braços dados com você

Acariciou os cabelos do noivo e o beijou.

O rapaz retribuiu o carinho sorrindo



Edson recebeu a visita do médico, o qual leu o prontuário e disse-lhe:

– Se sua recuperação, continuar nesse ritmo, receberá alta, em quatro ou cinco dias. Até lá, repouso.

– Obrigado, doutor

O médico ao sair, cumprimentou Flávia, que chegava.

Ela apertou fortemente a mão de Edson, enquanto falava.

– Estou muito feliz, o médico acaba de falar, que você está ótimo, mais quatro dias de medicação e repouso, e receberá alta...

– Flávia, por favor, manda uma mensagem para Maciel, preciso falar com ele...

– Oh! Rapaz, não prefere falar amanhã... será mais um dia de repouso..

Edson não respondeu, cerrou os olhos.

– Está bem, menino zangado – vou enviar a mensagem.

Edson sorriu e beijou-lhe a mão.







CAPÍTULO | 30

Maciel examina a tela do computador movendo o mouse continuamente.

Murilo põe a cabeça pela fresta da porta.

– Com licença, Dr. Maciel??

– À vontade, rapaz.!

Murilo entra apoiado numa muleta, a perna engessada acima do joelho.

Surpreendido, Maciel levanta-se

– Que foi isso, Murilo?

– Ontem, à noite ao voltar para casa...

– Por que não me avisou? Evitava deslocar-se até a fábrica...

– Achei que devia relatar o ocorrido, em todos os detalhes. Eu já estava diante de minha casa, ia atravessar a rua quando vi, uma moto, em alta velocidade. Recuei, mas o motoqueiro jogou a moto na minha perna, caí e quase bati a cabeça no meio fio.

– Fez o boletim de ocorrência?

– Saí do hospital e fui direto à Delegacia...

– Soube o que aconteceu com Edson?

– Soube, fiquei arrasado, como ele está?

– Seu estado é razoável para quem foi operado na madrugada de ontem...

– Ele sabe quem o alvejou?

– Nem a Polícia – estão investigando.

– Leu a notícia da tragédia de Juan

– Li e serei franco, não lamentei seu fim de vida, Juan era muito perigoso...

– Discordo, Juan é muito perigoso...

– O senhor quer dizer que...?

– Exatamente!

– Então ele, convidou a vítima, para um jantar, o cara, caiu na cilada, e Juan se deu bem... nada se pode fazer contra ele – está morto!

– Murilo, a coincidência de eventos, meio trágicos, dá o que pensar...

– Por isso, eu me perguntava: porque o peixe continuou na frigideira, com o bico de gás aceso...?

– Dr. Maciel, se tudo isso for verdade, o Dr. Edson, está com a vida ameaçada?!

– Edson está com a vida ameaçada e está mentalmente são, não há como interná-lo numa clínica, para loucos, único meio de detê-lo. Foi bom você ter vindo. Falou-me certa vez, que tem um irmão enfermeiro, que, devido a sua competência foi elogiada pelo diretor do Hospital?

– É verdade, Dr. Maciel, ele é muito competente...

– O Edson, encarregou-me de conseguir um enfermeiro particular para ele...

– Ele continua trabalhando no mesmo hospital – ponderou o rapaz.

- Será que ele se interessaria por um salário melhor?
- Acredito que quanto maior, melhor
- Murilo, converse com seu irmão, se possível ainda hoje... se ele estiver de acordo, traga-o amanhã.
- Vou falar com ele, Dr. Maciel.



Maciel, muito ansioso, liga para Marcelo

– Alô! Marcelo, já marcou a hora de aterrissar? Quero ir buscá-lo pessoalmente (pausa). Como, tudo errado? (pausa). Não é possível! Voos cancelados, e previsão só de três dias, para a abertura dos aeroportos? Paciência, que se há de fazer? Tchau! Até breve

Batem à porta.

– Entre!

Karla entrou

– Preciso de sua ajuda – ela disse.

Observando o rosto fechado e preocupado de Maciel, indagou ansiosa.

– Notícias do hospital? Edson piorou?

– Não, meu irmão é que estava pronto para embarcar e o aeroporto fechou por causa do mau tempo...

– Meu amigo, não adianta arrancar os cabelos, a natureza tem as suas regras...

– Karla, Roberto e M^a Fernanda confiam em meu irmão, com

que cara, vou dizer para eles que Marcelo não vem, está retido pelo mau tempo?

– Você está se afligindo, por antecipação, claro que eles vão entender...

Maciel deu um profundo suspiro.

Mudando de tom perguntou:

– De que ajuda você precisa, Karla?

– Dr. Roberto confiou-me uma escrivanhinha, muito antiga, recomendou-me o maior zelo. Ela travou, forcei um pouco e caiu uma tabuinha do fundo – preciso de um marceneiro

– Ah! Karla se todos os meus problemas fossem resolvidos com um marceneiro, eu estaria pulando de felicidade – exclamou o administrador.

– No seu caso, meu amigo, você precisa de um meteorologista para dar-lhe, notícias de bom tempo e abertura dos aeroportos. Não perca a fé, nem a esperança

– Em meia hora, terá seu marceneiro...

– Obrigada, Maciel e afastou-se sorrindo.



O marceneiro, como bom profissional, trabalhou ativamente para concertar o móvel.

Tarefa terminada, levantou-se

– Dona Karla, veja o que estava travando a gaveta...

O marceneiro entregou à moça um envelope antigo, amarelecido pelo tempo.

Karla recebeu e leu as inscrições

– Meu Deus! Exclamou

O trabalhador, fechou a caixa de ferramentas, e apresentou à secretaria sua nota de serviço – a qual foi prontamente assinada..

Karla sentou-se à mesa de trabalho, revirando o envelope nas mãos! Leu à meia voz: “Para um descendente de Ernani Becker

Nesse pandemônio que estamos vivendo, esse envelope pode extraviar-se. Vou guardá-lo no meu cofre, quando as coisas melhorarem, entrego para o Dr. Roberto



Maciel chega ao quarto do Edson, acompanhado de um rapaz, de estatura mediana, aparentando a mesma idade de Edson.

– Edson, apresento-lhe o mais novo contratado da Becker&Becker

– Maciel, você é realmente um grande amigo, sou-lhe eternamente agradecido, pela sua solidariedade incondicional.

– Pedro, você é funcionário exclusivo do Vice-Presidente – Dr. Edson Becker

– Estou às suas ordens, senhor. Pedro falou em tom formal – se me der licença, vou colocar meu uniforme de enfermeiro.

– Negativo, fique como está...

– Edson, se ele é enfermeiro, precisa apresentar-se como tal

– Maciel, se você vestir um jaleco, você vira enfermeiro? Perguntou o paciente com um sorriso.

– Claro que não, até um esparadrapo, que eu coloco, sai torto!

– comentou o administrador em tom desconsolado.

Edson e o enfermeiro, não puderam evitar o riso, diante do tom tragicômico.

Maciel apertou a mão de Edson.

– Missão cumprida, meu caro!

– Serei seu devedor para sempre...

– Não se estresse, tchau,...

Maciel sai e Edson fala em tom grave:

– Pedro, pegue uma cadeira e sente-se!

O rapaz obedeceu em silêncio.

– Pedro, sua função não é exatamente de enfermeiro. Nada tenho contra os enfermeiros do hospital – competentes e amistosos. Preciso realmente de um enfermeiro que seja como um amigo, ou melhor, como “cúmplice”, essa é a palavra correta...

– Um momento, Dr. Edson – prezo muitíssimo o meu diploma, não posso desfazer-me dele... sendo cúmplice, de algo ilegal...

Edson riu...

– Estou usando uma palavra muito forte, mas se encaixa perfeitamente. Acalme-se e ouça-me com atenção. Estou hospitalizado pela retirada de uma bala, no meu flanco esquerdo. Meus familiares, desejam que eu adie a data de meu casamento, que, acontecerá em dois dias, e eu me recusei a adiar. Há uma série de fatores, que me trazem a certeza de que alguém nos “bastidores” está me manipulando, para que a cerimônia não se concretize. Uma prova real – o sujeito que atirou, não era frequentador do restaurante, eu nunca o vi, antes daquele dia – foi um tiro encomendado...

Pedro ouvia-o com atenção.

– Não posso negar, sou independente financeiramente, podem até me taxarem de “mauricinho”, não dou importância à picuinhas, mas, manobrem-me, como se eu fosse um marionetes, isso jamais...

– De que maneira, pensa em resolver esse impasse?

– Um modo, não muito convencional, convenhamos – conhece aquele adágio popular: “quando não se tem cão, caça-se como gato”, quer dizer com cautela, e extremo silêncio.

– Vou detalhar meu plano, assim poderemos falar francamente. Adianto-lhe que, se você não concordar, está inteiramente livre. Se concordar, sua contratação, como chefe do ambulatório da empresa está garantida – sou o Vice-Presidente

– Dr. Maciel e meu irmão, Murilo, já me haviam informado...

– Vamos em frente: à tarde, você irá enfaixar-me, de modo que eu possa envergar meu terno, e apresentar-me, para a cerimônia. Ato contínuo, assinarei um termo de responsabilidade, por deixar o hospital, sem alta médica. Você usará uniforme de motorista, me esperará lá fora. Sairei do hospital como enfermeiro.

– Sua... vamos dizer, “fuga” do hospital, não prejudicará minha carreira, que tem sido irrepreensível?

– Acredito, sinceramente, que não. Hoje você está com roupa de todos os dias, não foi apresentado como enfermeiro. Passará a impressão de um grande amigo. Você sairá, com uniforme de motorista – ninguém saberá que é um enfermeiro disfarçado – concluiu Edson com um sorriso.

– A aventura parece diverti-lo, mas, é perigosa – cirurgia recente, não se sabe, como estarão reagindo seus tecidos internos...

– Não confia no seu trabalho?

– É evidente que confio!

– A propósito, falei em uniforme de motorista. Você dirige?

– Ainda estudante de enfermagem, em caso de necessidade, dirigia ambulâncias...

– Na gaveta do criado mudo, estão as chaves e o documento do carro. É um Corola e está no estacionamento. Guarde-a com você, não quero enfrentar surpresas de última hora...

Edson retirou um envelope branco, e entregou-o ao Pedro

– Amanhã, pelas sete horas, você espera a secretaria Karla e entrega-lhe, esse envelope no portão quando ela passar. Você a conhece?

– Não.

– Peça aos seguranças, que o ajudem. Entregue na mão da Karla!



Após o almoço, Maciel ocupou uma cadeira de balanço na varanda, e a esposa sentou-se à sua frente.

– Minha cabeça, dá mil voltas querendo descobrir o plano do Edson, para que, a data do casamento, não seja transferida. Será que ele vai passar uma procuração para Roberto, o que pensa, Maciel?

– Depois me dê uma dica...

– Sei tanto quanto você – afirmou o marido.



Maciel, na cadeira giratória, oscila lentamente de um lado, para o outro.

Fala baixinho, para si mesmo

“Ainda não relatei para Roberto, que Marcelo, está retido, pelo mau tempo”

Batem à porta.

– Entre, articula Maciel.

Roberto entra, senta-se e pergunta

– Então, Maciel, boas notícias?

– Péssimas!

– Explica, rapaz

– Marcelo e seus companheiros de viagem, chegaram ao Aeroporto, para embarcar e os voos foram cancelados, por conta do mau tempo!

– Meu amigo, nas circunstâncias atuais, difícil seria, receber boas notícias...

– Ah! Roberto, amanhã é o dia D – frisou Maciel

– Mais uma prova, que essa moça não ama o Edson. Onde cabe, numa cabeça sã, uma noiva apaixonada, não adiar a data do casamento, tendo o noivo, sido baleado, ao lado dela, há apenas três dias? Infelizmente, para nós, Edson é emancipado, mas está cego e surdo...

– Roberto, “além de queda, coice”. Nós estamos, num vendaval, jogados de um lado para o outro, sem chance de tomar a direção certa.



Karla levemente nervosa, faz uma ligação.

– Júlia, bom dia, está tudo bem? Preciso muito de sua ajuda – não faça perguntas, logo entenderá. Na hora do almoço – meio-dia – eu vou estar diante do portão dos fundos da mansão no carro do Edson, com um motorista. Por favor, apanhe o terno do Edson (o que ele comprou para a cerimônia) todos os acessórios, coloque dentro de uma caixa e me entregue. Sei que estou agindo errado, sei que posso até perder meu emprego, mas não posso abandonar Edson, quando ele só conta conosco...

– Está certo, minha menina, você é do bem, se faz a alguma coisa errada não é para atrapalhar



Pedro colocou a caixa no banco traseiro, ia dar partida, quando Karla perguntou

– Tudo que o Dr. Edson pediu, já foi providenciado?

– Sim, senhora. O uniforme de motorista, o de enfermeiro e, agora, o terno do casamento – respondeu Pedro, prontamente.

– Então, podemos ir. Você me deixa na fábrica

– Sim, senhora



Karla vivia um grande dilema, embora não desse demonstração – ir ao casamento de Edson, ou não ir, pensava, refletia, sem tomar uma atitude decidida. Se, a vida real fosse o que dizia a Flávia (pão, pão, queijo, queijo) não havia conotações fantasiosas, porém, a vida real, tem muitas flores e muitos espinhos. Não adianta ficar pensando.

– Vou assistir à cerimônia, cada palavra proferida, cada gesto de carinho, será mais um espinho que se crava em meu coração.

Serei forte... muito forte, para suportar...



Chegou finalmente o dia tão temido pelos familiares e amigos do Edson.

Karla falou para si mesma:

– “Se Edson levar adiante o seu plano de sair do hospital sem autorização médica, corre sério perigo em sua recuperação, além de sérias advertências da diretoria do hospital: o outro lado da moeda, casar-se com uma estrangeira, cujo irmão traficante de drogas, foragido e assassinato em uma briga. Apesar de todos esses contratemplos, não me arrependo de tê-lo ajudado”...

Enquanto isso, às dezessete horas, Edson estava devidamente enfaixado e Pedro, o motorista ajudava-o a pôr o terno.

Edson redigiu o termo de responsabilidade, colocou-o sobre o travesseiro, Pedro ajudou-o a transformar-se em enfermeiro

Nesse momento, Pedro saí pela porta principal, como um motorista disciplinado. Edson aguardou vinte minutos, então, destrancou a porta do apartamento, trancou-o por fora, deixando a chave na fechadura. Passou pelos seguranças, com a máscara levemente abaixada

O segurança, ao vê-lo afastar-se comentou para o colega:

– Esses cirurgiões sempre deixam a roupa da cirurgia, mas, esse está mais doido do que os outros, saiu direto para a rua...

Edson caminhou cinquenta metros para entrar no carro, repassava os acontecimentos dos últimos dias.

– A contrariedade de seus pais, a inquietação de Maciel, a preocupação de Flávia, abanou a cabeça e falou para si mesmo: “minha família, sinto muito, mas a vida me pertence...”.

Desceu do carro, diante da cabana estilizada, ali estava ele, vitorioso. Viu a cabana de praia – enfeitada com reposteiros de

fitas, que a brisa as faziam dançar, como se fossem, ondas rolando na praia.

As cadeiras em semicírculo, pareciam abraçar a cabana, coberta de flores, o chão atapetado de pétalas de rosas. Um grande tapete cor de areia, circundava a cabana, por trás, até a entrada.

Edson dentro da cabana aguarda – Maciel e Flávia puseram-se ao seu lado, Alfredo e Andréa tomaram seus lugares, M^a Fernanda fazia-se acompanhar, por um empresário, amigo de longa data

Finalmente, Gisele, conduzida pelo sogro, grave e comenetrado.

Gisele parecia uma rainha, tomando posse de seus domínios. Bela e arrogante, sedutora e obstinada.

Roberto, leva a noiva até o filho, pálido, mas firme.

A cerimônia foi simples e objetiva: primeiro o juiz de paz oficiou o casamento civil, em seguida, a cerimônia religiosa, pedia as bênçãos do céu, para o jovem casal.

Lágrimas escapavam dos olhos de M^a Fernanda e Flávia. Karla resistiu, bravamente, e pediu ao Criador, que abençoasse o pai de seu filho.

Mentalmente Karla fechou os olhos e orou: “meu Pai do Céu, abençoa esse homem, que é pai do meu filho. Não permita que nenhum mal lhe aconteça, que ele seja muito feliz”.







CAPÍTULO | 31

Após a cerimônia, surgiram garçons vestidos à caráter de marinheiros, trazendo bandejas com espumantes, vinhos, doces e salgados, requintados e saborosos.

Edson e Gisele, receberam os cumprimentos dos convidados mais próximos e desapareceram.

O motorista, no momento em que entraram no carro, partiu em velocidade média e constante.

Os noivos, embevecidos, contagiados pela magia do momento, trocavam carícias e juras de amor.

Deveriam desembarcar na porta principal do Aeroporto, onde um voo direto, levá-los-ia à Alemanha.

A menos de cinquenta metros para o desembarque, um carro preto, na contramão, tomou a frente do carro de Edson, obrigando o motorista a frear enquanto outro carro, parava ao lado.

Edson saiu do carro, quando a porta foi aberta pelo chofer, e um encapuzado, carregava Gizele com um lenço sobre o rosto.

Edson quis correr em defesa de sua amada, mas, foi atingido por violenta coronhada, que o abateu sobre o banco do carro.

Pedro pensou rápido, estava em desvantagem, os homens que partiram, portavam armas.

Deu partida no carro e levou Edson direto para o hospital.

Enquanto Edson era examinado por uma equipe de médicos, Irene, a enfermeira-chefe, dirigiu-se a Pedro.

– O senhor não é bem-vindo nesse hospital!

– Desculpe, senhora, sou funcionário do Dr. Edson. No meu contrato está explícito que não posso afastar-me dele e somente suas ordens serão acatadas por mim.

A enfermeira reconheceu que teria de esperar as melhoras do Edson, para uma prestação de contas e avaliação de responsabilidades.



Roberto fez um sinal para Maciel, e dirigiu-se com a esposa para o Aeroporto.

Ao se aproximarem do portão de entrada, perceberam que algo muito grave havia acontecido. Carros de polícia, com as luzes piscando, sirenes ligadas, afastavam-se velozmente.

Roberto parou o carro e fez sinal a um segurança

– Que aconteceu?

– Um caso muito sério, doutor. Segundo sei, um casal ia embarcar, quando o carro foi interceptado, a noiva foi sequestrada, o noivo abatido com a coronhada do revólver. O motorista levou-o para o hospital...

Roberto ouviu o grito de M^a Fernanda que tombou desmaiada a seu lado.

Seguiu direto para o hospital, acompanhado por Maciel.



Marcelo, dona Mercedes e Ramiro estão no pequeno quarto de Marcelo, impacientes e nervosos

Marcelo meneia a cabeça falando em voz baixa: – estou sendo derrotado pela mãe natureza. Se fosse um desafeto, valia a pena esbravejar, gritar, denunciar, fazer o diabo... mas, é o mau tempo que nos prende aqui, ficamos incapazes de ajudar meu irmão e Roberto Becker. Será que essa “pilantra” vai conseguir levar a melhor? Será que esse foragido da Polícia vai conseguir interceptar nossos passos e nos deixar manietados, impotentes...?

Dona Mercedes, olhando para ele, emocionada disse:

– Tenha fé, meu filho. Deus sabe suas intenções, lê seu coração, confie!

Nesse momento o telefone toca, uma funcionária da Companhia Aérea avisa que o voo acontecerá em duas horas



Mal o carro se moveu, outro carro encostou atrás.

Flávia colocou a mão no braço do marido.

– Estão chamando o teu nome, meu bem.

Maciel olhou pelo retrovisor e freou. Manobrou para o meio fio, desceu rápido.

– Marcelo, toma as chaves, e vai para nossa casa. Vou levar Flávia para o hospital e volto imediatamente...

– Minha cunhada, doente?

– Não, em casa explico melhor. Tchau.

Voltou, ligou o veículo e partiu

No hospital, Flávia e Karla, que os acompanhava aproximou-se de Roberto, esperando notícias de M^a Fernanda

O médico, que acompanhara Edson e fizera os primeiros exames, tendo sido inclusive orientado sobre a fuga do hospital, avisou a Roberto.

– Sua esposa está bem, foi uma síncope, causada pelo stress...

O motorista não quis entrar em detalhes. Mas é necessário, vários esclarecimentos. Você sabe, Roberto, paciente ausentar-

se do hospital sem receber alta médica incorre em graves consequências. Mais tarde conversaremos a respeito.

Roberto não suportava mais o acúmulo de problemas dos últimos dias, aproveitou a “deixa” do médico, e sem reservas, relatou ao amigo, a situação, em que se encontrava sua família.

– Meu amigo, já ouvi muita história de arrepiar... esse cara, é de uma ousadia absurda... pense, nas exigências... vocês, estão num verdadeiro labirinto...

– Em nosso caso, o fio de Ariadne está nas mãos do irmão do nosso Administrador... que está retido, no Paraguai, por causa do mau tempo. O Marcelo, a quem me refiro, é investigador particular e está investigando a vida desses dois irmãos. Enviou para nós ótimas notícias, mas infelizmente retido no Paraguai, não pode nos ajudar.

– Roberto, sua esposa já deve estar voltando da emergência, deixe seu filho comigo, e vá cuidar de receber o telefonema do sequestrador. O rapaz, será bem cuidado. Aí vem sua esposa...

Roberto voltou-se e viu M^a Fernanda, que caminhava devagar, amparada por Flávia e Karla.

– Querida, você está bem?

– Estou muito bem. Flávia me disse que Marcelo chegou. Quero falar com ele.

– Karla, vou mandar um táxi, levá-la para sua casa, porque preciso de você no escritório, muito cedo – o sequestrador deve ligar.

Roberto aproximou-se e acompanhou Karla até o táxi.

Pedro veio ao encontro de Dr. Roberto e das senhoras.

– Dr. Edson, está bem, foi medicado, por causa da contusão,

quanto à cirurgia, não houve problemas. Dr. Roberto, o médico ciente do problema, avisou, que logo que ele esteja bem, será sedado e o senhor sabe por quê. Pode ficar tranquilo, não sairei de junto dele, nenhum segundo...

– Roberto, eu penso que vou ficar, para acompanhar meu filho, você me contará, o que Marcelo descobriu...

– Querida, nosso filho vai fazer exames necessários, e vai ficar sedado. Faz ideia do desespero de Edson, quando recobrar a consciência e lembrar o que aconteceu? Nós ficaremos de mãos atadas, até o sequestrador pedir o resgate. Fique calma, querida, o horizonte, começa a iluminar-se para nós, por esse motivo, nosso filho será sedado...

– Pedro, fique atento ao Edson. Esse é o meu número.

Entregou um cartão ao enfermeiro, apertou-lhe a mão, e saíram.



Juan e o comparsa chegam à casa de Vicente Sena, trazendo Gisele. Juan colocou-a num quarto e trancou a porta. Ambos tiram os capuzes.

– Zé Louro, dá fim a essas peças, queima e enterra as cinzas.

Então Juan dá uma gargalhada

– Só vou pedir o resgate amanhã, quero que o “filhinho de papai” conheça o inferno, pensando na noivinha sequestrada, por dois machos – deu outra risada. Se ferrou, Edson Becker. Agora quem manda sou eu – e obedece quem tem juízo. Não é assim meu chapa!?

– Será que tardando, eles podem mexer “com os pauzinhos”, e a gente é que se ferra... ponderou o comparsa, em tom preocupado.

– Ih! Tá se acovardando cara! Bom, vou apanhar o combinado, e você pode seguir seu caminho. Vem cara, vem pegar tua parte...

O comparsa o acompanhou Juan, que abriu o cofre, retirou o dinheiro, o outro estendeu a mão para receber, mas debaixo do dinheiro, o que saiu, foi uma bala certa.

Juan guardou o dinheiro no cofre, arrastou a vítima, até um pequeno desnível no piso – um quadrado de aproximadamente, um metro. Puxou uma trava, o alçapão abriu-se, o cara afundou. Havia rolos de cordas, junto dos toneis, o assassino, jogou-as dentro do alçapão e lacrou-o novamente.

Em seguida Juan foi até o quarto, onde estava Gisele.

– Tem certeza, que vai dar certo, Juan?

– Por que não haveria de dar? Você é a pobre vítima, que devia estar tremendo de medo... duas coisas, me chateiam, nesse Zé Louro – uma é o silêncio – me dá uma impaciência... a outra é a mania que ele tem de trancar as portas...

– Juan estou com sede. Quero uma cerveja, bem gelada. Quando você vai pedir o resgate?

– Amanhã. Ah! Dr. Roberto, vai levar um choque, ao saber quanto vale a noivinha do filhote. E o babaca nem adiou o casamento, eu devia ter mandado meter duas balas... o cara é atrevido mesmo costurado, enfrentou e foi...

– Anda, Juan, estou com sede..

– Calminha, muita calma, já vai

Voltou à sala e gritou

– Zé Louro!

O interpelado ficou no vão da porta, olhar atento.

– Providencia comida e cerveja gelada para nós!

Estendeu uma nota polpuda para Zé, que a colocou no bolso, com total indiferença.



Maciel passou no restaurante, e levou para casa um jantar completo para os recém-chegados.

Marcelo apresentou os seus companheiros rapidamente à Flávia, Maria Fernanda e Roberto – dona Mercedes, tia de Gisele e Ramiro, primo de Gisele e Juan.

Após o jantar foram para a varanda

– Como está Edson? Quis saber Maciel e Marcelo

– Não podemos falar com ele – exclamou M^a Fernanda, com voz triste.

– Maciel, Edson está bem, após os exames, ele vai ser sedado, até que eu tenha entrado em contato com o sequestrador.

– Roberto, deixe-me explicar-lhe, como serão os próximos passos – disse, Marcelo. – Não houve sequestro...

– Marcelo, exclamou Flávia, o povo no Aeroporto, estava horrorizado, ao verem uma noiva ser sequestrada, na hora de embarcar para a Alemanha, como você pode dizer que não houve sequestro?

Marcelo, imperturbável, continuou

– Houve um golpe armado por um casal, para se apoderarem de uma fortuna!

– O que? Exclamou Roberto, surpreso.

Marcelo continuou:

– Gisele, chama-se M^a Dolores, fingiu morrer afogada. Juan, é, na verdade, marido de M^a Dolores e chama-se Pablo Façanha. Ambos deram um golpe, roubaram a casa da tia que os acolhera, por um mês.

Flávia olhava escandalizada para M^a Fernanda, ora para Mercedes, e balançava a cabeça, sem querer acreditar no que ouvia.

– Aliás, disse Maciel, Juan também já morreu, numa briga, na praia...

– Então, Roberto, está tudo esclarecido, mas, eu preciso saber, onde é o “quartel” dele. Portanto, amanhã, muito aflito, você deve atender o sequestrador e saber o que ele quer. Para dar tempo de rastreamos o local do telefone, você deverá falar rudemente, provocá-lo mesmo, entendeu?

– Entendi, Marcelo, mas, estou zozzo...

– Marcelo, me desculpe, o que eu vou perguntar, Maciel me perdoe... mas, você não armou essa história, com todos esses lances para nos impressionar? Flávia perguntou.

Marcelo riu.

– Essa minha cunhada!... olhe com atenção essa carteira de identidade – entregou a RG de Maria Dolores.

Flávia leu em voz alta!

– Maria Dolores Garcês Façanha

– Meu Deus! M^a Fernanda, é a foto da Gisele. Tudo é verdade? Deus seja louvado!

– De que modo, você descobriu essa história embaraçosa? Quis saber Roberto

Brevemente farei um relato completo, agora pegar o casal é mais importante

– Engraçado, o sobrenome é brasileiro

Mercedes levantou a mão.

Os presentes olharam para ela

– A origem de nossa família, é brasileira.

Mercedes falava português, com pronunciado sotaque

Meu trisavô era peão, na fazenda de Ernani Becker.

– Meu Deus! A história de vocês, está entrelaçada à minha família? Exclamou Roberto, incrédulo

– Exatamente. Meu trisavô Antônio Façanha, tinha dois filhos de dezessete e quinze anos. O patrão tinha um filho de quinze anos, que começou a beber e fazer arruaças. Numa dessas, levou um tiro. O pai desesperado, chamou Antônio Façanha, com raiva, porque ele não tinha avisado das bebedeiras do filho. Meu trisavô, respondeu meio atravessado, então, o patrão pagou o serviço dele e dos filhos, e disse que antes do sol nascer, queria vê-los longe de suas terras. Antônio Façanha e a família, saíram, naquela mesma noite e foram para o Paraguai. Antônio Façanha jurou ódio mortal à família Becker. Essa história, virou uma lenda na família, desde criancinha que a gente a escuta, de pai para filhos, sempre...

– Como eles descobriram a empresa? Perguntou Maciel

– Pablo procurou-me, com uma reportagem na mão. “Mesmo nome – disse ele – não pode ser coincidência” – insistiu Pablo. Perguntei: Por que esse interesse, Pablo

– Ele, deu uma risada, dobrou o jornal e foi embora – concluiu Ramiro

– Roberto, não devemos esquecer que a imprensa estará azucrinando gregos e troianos – Maciel falou preocupado

– Que sugere, Marcelo? Indagou Roberto

– É bom que a empresa fique de fora...

– Como faremos tal arremedo?

– Roberto, instrua a Karla, que, ao ser interrogada pela imprensa diga, que foi uma simulação, que tudo foi uma armação de um grupo de amigos do Edson, e que eles estarão desembarcando na Alemanha no tempo previsto – explicou o investigador

– E na fábrica? Quis saber Maciel.

Ramiro ergueu a mão.

Flávia pediu:

– Fale, Ramiro!

– Se me permitem uma sugestão...

– Diga, disse Marcelo

– Se eu vestir uniforme de segurança e assumir o posto, talvez dê certo de afastar temporariamente a imprensa...

– A Fábrica tem seguranças – aparteu Flávia

– Nosso espanhol é muito fácil de ser compreendido, mas, duvido que tenham conhecimento da língua guarani, e eu falo regularmente o guarani...

– Ah! Você fala guarani, eles não entenderão, falam de volta, você diz que não os entende... está armada a confusão – concluiu Flávia.

– Temos ainda outro ponto: esta casa, pode ser muito visada. Se queremos pegar os dois meliantes, precisamos de ambiente não conhecido

– Que está pensando, Roberto? – perguntou M^a Fernanda

– Na chácara da Andréa – disse Roberto.

– Ideia excelente – exclamou Flávia. Vou ligar para Andréa. Instantes após: falava ao celular – vocês saíram antes dos noivos partirem...

– Andréa, aconteceu um imprevisto terrível. Edson está de novo no hospital e Gisele foi sequestrada (pausa). Depois eu te explico tudo, mas agora quero pedir que você receba duas pessoas na sua casa, depois tudo será esclarecido...

Sorrindo, ela desligou o celular

– Vamos!

Roberto apresentava um semblante muito cansado; na chácara, foi um tal de acomodar a todos, que era uma grande azáfama, até que antes de clarear o dia, já havia silêncio na casa. Roberto, porém, estava cansado e exausto dos acontecimentos da véspera, o sono, escondeu-se, talvez nas asas das mariposas. Quando o sol mostrou sua cara brilhante, Roberto agradeceu, como se recebesse uma benção.



Ali estava ele, no escritório, em sua cadeira.

Batem levemente à porta

– Entre!

– Bom dia, Dr. Roberto, peço desculpas por vir antes de ser chamada, mas, preciso relatar-lhe, uma pequena ocorrência, que julgo ser importante...

– Eu a conheço bem Karla, se deseja falar-me, deve ser algo relevante...

– Obrigada, Dr. Roberto, a gaveta daquela antiga escrivaninha, emperrou de tal forma que Maciel mandou um marceneiro verificar o problema. Veja, o que a gaveta...

Karla entregou o velho envelope

Roberto leu

“Para meu descendente

Ernani Becker

Dezembro de 1895

Roberto olhou o quadro, na parede. Esse é Ernani Becker!

– Karla, seu achado deve ser valioso. Onde você o havia guardado?

– No pequeno cofre, que o senhor me deu e que só eu tenho a chave...

Roberto devolveu-lhe o envelope

– Guarde-o lá, mais uma vez, até que a gente possa respirar aliviado, e nossa vida se encaixe novamente nos trilhos

– Como passa o Dr. Edson?

– Sedado, porque se ele toma consciência da situação, ninguém o seguraria, naquele hospital...

– Com certeza, ele não se manteria calmo, até o sequestrador, pedir o resgate...

– No final, você vai ser surpreendida com o desfecho do casamento do Edson, como eu fiquei com este envelope, surgindo das brumas do século XIX...







CAPÍTULO | 32

Karla acabara de fechar a porta, atrás de si, quando o telefone tocou.

Roberto pegou o telefone.

– Escute aqui, seu facínora, se machucarem minha nora, a terra será pequena, para vocês se esconderem. Hei de caçar vocês, com os melhores investigadores, até...

– Calma aí, doutor. Desabafou? Está mais aliviado agora? Escute seu velho ranzinza: o resgate é um pouco alto, mas você se recupera, velho! Quero um helicóptero e só entrego “sua norinha”, quando eu estiver em segurança. Tem mais, preste atenção: você tem quarenta e oito horas, para, junto com seus advogados, passar para meu nome, a matriz, as filiais todas. Eu tenho o mapa de Maciel, onde tudo está detalhado. Quero tudo de acordo com a lei, saiba, seu velho idiota, que comigo, ninguém brinca! Voltei para cobrar esse resgate, quero saber que gostinho tem – ser poderoso, arquivilionário. Meus dados estão com Maciel. Quando tudo estiver pronto, eu ligo, para receber, e não quero demora. Tudo certinho na forma da lei, não esqueça – do contrário, seu filhinho receberá no hospital a noivinha, guardada em pequena caixa, uma parte por dia...

– Idiota e palerma – segundo a imprensa, você está morto!..

– Quem poderá provar? Ausentei-me porque estava enfasiado. Cala a boca, velho. Tudo deve ser como eu quero, ou seu filho, pode receber um “presentinho”...

O telefone foi desligado e Roberto, muito pálido, olhou para Marcelo, que entrava, fazendo um sinal negativo com o polegar.

Roberto tirou um lenço e enxugou a testa, que porejava de suor.

– Meu amigo, se sua viagem não tivesse êxito, tenho certeza, que eu estaria morto, meu coração não suportaria...

– Quanto tempo ele lhe deu?

– Quarenta e oito horas para passar para o nome dele, com todos os trâmites legais, a empresa e todas as filiais. Avisou que não quer atrasos...

– Jogue duríssimo, diga que não vai pagar...



Roberto atende o telefone

Escuta em silêncio.

– Espere-me em dez minutos

Maciel entra

– Maciel, Pedro ligou, avisou-me, que está muito difícil, manter o Edson no hospital...

– Eu acho, Roberto, que é a hora dele saber a verdade!

– Avise Marcelo, se ele achar conveniente, leve aquela senhora e o filho...

– OK, Roberto!



Juan dá uma gargalhada

– O todo poderoso, Roberto Becker, tremeu nas bases. Agora é a minha vez de falar grosso. Quarenta e oito horas, é o prazo...



– Edson está se sentindo bem?

– Não, meu pai, estou péssimo – preso nesta cama de hospital, e minha noiva (a voz do rapaz, perdeu a intensidade) a minha esposa nas mãos de um ... o infame já pediu o resgate?

– Meu filho, fique calmo, precisamos conversar...

– O senhor, se recusa a negociar o resgate?

– Não, filho. Recorda-se que o Marcelo ultimamente não estava conosco?

– Ele estava viajando, Maciel me falou...

– Ele estava no Uruguai e Paraguai, investigando. Competente e determinado, coisa valiosa!

– Com essa conversa sem sentido, o senhor quer ganhar tempo para não negociar a libertação da minha esposa. Não fico aqui nem mais um minuto. Pedro desamarra esse troço do meu braço, ou eu o arranco de uma vez...

Pedro obedeceu às ordens de Edson, e no mesmo instante batem à porta.

Pedro abriu a porta e Marcelo entrou.

– Pronto, meu filho, ele próprio lhe explicará os lances dessa história. Sigo direto para o escritório.

Marcelo aproximou-se, apertou a mão de Edson, desejou-lhe melhoras.

– Marcelo, minha doença, é esse soro na minha veia. Já avisei, que se me mantiverem preso aqui, resolvo por conta própria!

– Ainda hoje se libertará do soro...

– Que quer dizer?

– Tenho uma longa história para lhe contar... Marcelo, sentou-se em uma cadeira, ao lado do leito, e começou sua narrativa. Contou com riqueza de detalhes, sua viagem, as pesquisas e finalmente com os familiares de Juan.

Marcelo olhou para Pedro e fez-lhe um sinal.

Pedro obedeceu prontamente e abriu a porta.

Entraram dona Mercedes e Ramiro

– Quem é essa senhora? Indagou Edson.

– Essa senhora chama-se Mercedes Vasquez Façanha, e é tia de quatro conhecidos nossos: Pablo Façanha, Juan Sanchez, Gisele Sanchez e Maria Dolores Façanha...

Marcelo estendeu o RG de M^a Dolores, e uma antiga carteira de motorista de Pablo Façanha.

– Marcelo, você me conhece, não gosto de ser indelicado, mas enquanto conversamos, estou perdendo um tempo precioso. Estou desnorteado, a única coisa em minha consciência é que, preciso resgatar a Gisele...

– Acalme-se Edson, e ouça com atenção a narrativa dessa senhora.

– Dr. Edson, o que tenho a dizer, dói muito no meu coração, o senhor também vai sentir-se magoado, mas a verdade tem de ser encarada, por pior que seja. Quando o Sr. Marcelo, entrou em minha casa, com esta fotografia (ela apresentou a foto de Gisele), estranhei, como um desconhecido, estava com a foto da minha sobrinha, Maria Dolores e ele apresentou-me também a foto do marido – Pablo Vasquez Façanha

– Desculpe, minha senhora, por que se obstina em falar-me de estranhos...

Ramiro aproximou-se de Edson.

– Sinto muito o que lhe vou falar – minha mãe, está tentando dizer que o senhor foi vítima de um golpe, aplicado pelos meus primos, marido e mulher, que o senhor conhece como Juan e Gisele – irmãos, quando na verdade, são M^a Dolores e Pablo, casados!

Ramiro ficou em silêncio. Edson olhava atônito, para um e outro.

Mercedes continuou

– Acolhi meus sobrinhos em casa, porque estavam em dificuldades, durante um mês. Vou resumir – a identidade de M^a Dolores foi encontrada debaixo de uma ponte, pensávamos que havia morrido afogada. As diligências do delegado, apuraram que Pablo, tinha sido trucidado por uma gangue de traficantes. Chorei muito por eles. Um ano depois, foi a vez de chorar por mim – vieram cobrar-me a hipoteca da minha casa, e assinatura do recibo, era igual a minha... tive de entregar minha casa, porque não tinha condições de pagar a hipoteca, feita pelo Pablo, para viajar. Foi com o dinheiro da minha casa que eles vieram para cá, para aplicarem o grande golpe em sua família.

– Devo estar sofrendo a influência das drogas, que me aplicaram para que eu ficasse preso ao hospital – lamentou-se Edson.

Entraram M^a Fernanda e Flávia.

– Meu filho, essa revelação é terrível, eu sei, mas não foi surpresa para mim

– Que quer dizer, minha mãe?

– Lembra-se quando estive doente, e Júlia cumpria minhas ordens de não permitir que sua noiva me trouxesse nenhum alimento?

– Por quê?

– Descobri que a fraqueza e o desânimo, começaram quando Gisele me servia sucos na ONG

– Por que a senhora não me falou

– Você estava apaixonado, ela torceria os fatos, e eu acabaria numa clínica para doentes mentais...

– Com certeza, exclamou Flávia.

– Edson, seu pai lhe ocultou o verdadeiro preço do resgate. O helicóptero, era apenas para ele sair da cena, em segurança. O resgate era que seu pai, teria que passar para Juan, (que agora se dizia vivo), em quarenta e oito horas, a empresa completa, matriz e filiais, documentado legalmente – afirmou Maria Fernanda.

– Edson, para evitar essa história, ser propagada aos quatro ventos, pela mídia, Karla ficou encarregada de avisar que, foi um falso sequestro, armado pelos seus amigos, e que você e a esposa já estariam em lua de mel, na Alemanha.

– Pedro, exclamou Edson, arranje-me um psiquiatra, marque hora com urgência. Diga-lhe que, os amigos, contam-me uma história, e na minha mente projeta-se uma fantasia louca...

– Dr. Edson, desculpe discordar, mas essa história, que lhe parece fantasia louca é, a pura realidade – sentenciou Ramiro.

– Se Marcelo não fosse tão obstinado e tão bom investigador, a essa hora seu pai, já estaria nos cartórios, entregando a empresa de vocês. Os funcionários desempregados e vocês, na rua da amargura, teriam perdido tudo... concluiu Flávia, enxugando os olhos emocionada.

– Meu filho, já sabíamos que aquela moça não era o que aparentava ser... lamentávamos profundamente, que você estivesse cego e surdo de paixão, e não pudesse enxergar a verdade. O quarto ficou em silêncio, por instantes.

– Mãe, mande o Pedro ir ao posto de enfermagem avisar que vou permanecer no hospital por quarenta e oito horas, ok?!

Ele continuou

– Preciso coordenar meus pensamentos, colocar as ideias em ordem, assimilar essa gama de informações, para poder retomar minha vida. Quer dizer que todo sentimento que Gisele expressava na minha presença e diante de todos era pura e simplesmente falsidade? Interesse monetário? Quer dizer que ela e Juan têm o mesmo temperamento? Alimentavam as mesmas ideias? Concluindo, sou realmente um “pato” – disse Edson com rancor na voz – pronto para ser depenado...?

M^a Fernanda, chamou Pedro e foram ao posto de enfermagem.

– Pedro, este cheque, tem a assinatura do Roberto. O que eles registrarem, como pagamento, você não questiona, preencha o cheque e pague...

– Sim, senhora, e obrigado pela confiança...

Maria Fernanda, voltou a falar com o filho, para despedir-se.

O grupo deixou Edson sozinho com seus questionamentos.



Roberto atende o telefone de Juan.

– Cedo às exigências porque meu filho é loucamente apaixonado pela esposa. Está sedado no hospital, até que ela lhe seja entregue, sem um arranhão, por menor que seja. Aviso que, vou caçá-lo noite e dia, onde quer que se esconda, tem mais, vou reaver minha empresa...

Roberto ouviu a gargalhada de Juan

– Calma aí, doutor, para que toda essa violência? Se fizer tramoia comigo, o filhinho do papai, vai receber a linda cabecinha

da noiva, como presente de núpcias. Entendeu meu recado, velho? Vamos ao que interessa. Prazo esgotado. Quero que seja você, sozinho, que traga a pasta de documentos. Amanhã à meia noite, junto da primeira lagoa, em via direta, direção – praia-sertão. Se eu perceber policiais, mesmo de sirene desligada, você é um homem morto. Amanhã à meia noite, na beira da lagoa...

Roberto ouviu o telefone desligar

Marcelo e Maciel entram.

– Então? – perguntou Roberto.

– Já sabemos onde está. Vamos à delegacia, agora – exclamou Marcelo.

– Não queria a empresa arrastada nesse lamaçal...

– Fique despreocupado, Roberto. Depois que forem presos, Ramiro e Dona Mercedes vão à Delegacia, fazer boletim de ocorrência da hipoteca da casa. Souberam que se encontram aqui, e querem investigação. Apresentam a RG de M^a Dolores e habilitação do Pablo e as notas promissórias...

– Ficamos à salvo – concluiu Maciel.

– Não vejo a hora de respirar livre do pesadelo – exclamou Roberto.



Na manhã seguinte, Roberto toca o interfone. É imediatamente atendido pela Karla.

– Karla, por favor, traga-me aquele envelope e desmarque todos os meus compromissos de hoje. Minha querida, vou para casa, porque ninguém é de ferro.



Vários carros de polícia, espalharam-se pela rua da casa de Vicente Sena. Juan percebeu alarmado.

– Como eles nos descobriram? Deve ser uma batida mal-informada...

– Será que dá tempo de fugir? Perguntou Gisele

Então, ouviram o megafone estrondando, acima de suas cabeças, sobre o telhado.

– Pablo Vasquez Façanha e Maria Dolores, acabou a farsa, saiam com as mãos para o alto, sem resistência, será melhor para vocês. Juan abriu uma gaveta, engatilhou um revólver e entregou-a à companheira. Engatilhou outros dois e segurou-os firme.

Juan aproximou-se agachado abaixo da janela, tentando mirar um policial.

Nesse momento, Zé Louro surgiu no vão da porta, entre o quarto e a sala, atirou em Juan à queima-roupa, e antes que Gisele atirasse, atingiu-a na cabeça. Retirou o silenciador da arma e atirou-o aos pés de Juan.

Enquanto caminhava para os fundos da casa, afivelou o capacete. Protegido pelos galhos das árvores do quintal, chegou ao buraco, no muro, atravessou-o de barriga e partiu na moto, em alta velocidade.

Os policiais ao ouvirem, a moto afastando-se, resolveram entrar, para constatar a fuga. Ao chegarem ao quarto, depararam-se com a cena trágica.

– Havia uma terceira pessoa, disse o capitão ao receber o silenciador que o policial lhe entregava. Vasculharam toda a casa, o cofre vazio, e verificaram o alçapão a um canto. Encontraram o outro comparsa do sequestro. Ao examinarem os bolsos de Juan, encontraram a RG de Vicente Sena

O capitão ligou para a delegacia

– Estamos no endereço errado, essa casa pertence a Vicente Sena...

– Não houve engano. O cara se escondia sob várias identidades...

Após os procedimentos de praxe, os corpos transportados para o IML, a área devidamente isolada, os policiais em seus carros, voltaram para a delegacia.

No final da rua, um motoqueiro observava a cena. Quando o último carro se afastou, ele seguiu em outra direção. Era Marcelo confirmando a ação policial.

Parou no estacionamento da fábrica, dirigindo-se à sala de Maciel

– Roberto, está na sala?

– Acabou de chegar – respondeu Maciel

– Vamos lá, Maciel...

Entraram na sala da presidência, Roberto olhou-os com expressão ansiosa

– Acabou o pesadelo – exclamou Marcelo

– Foram presos? – perguntou Roberto.

– Não. – respondeu Marcelo.

– Fugiram? Perguntou Maciel

– Segundo minhas observações, havia uma terceira pessoa, na casa, liquidou com os dois...

– Tanta armação, para acabarem assim... – falou Roberto. Quem seria esse outro personagem?

– Estou averiguando, assim como quem não quer nada...

– Por que os maus elementos, persistem em endeusar o crime? Inúmeras vezes, perdem a vida – que sina triste! Concluiu Maciel.



– Bom dia Edson, saudou Marcelo, apertando-lhe a mão.

– Senta aqui nessa cadeira, Marcelo, não consegui dormir, relembrando essa historinha que vocês armaram para mim e envolveram, meu pai e minha mãe nessa fantasia maluca...

– A sua fantasia maluca, teve um desfecho no fim da tarde. Eu vim, relatar para você...

– Outra fantasia, Marcelo?

– A polícia levou ordem de prisão para Pablo e Maria Dolores Façanha. Fizeram a abordagem costumeira. Ouviram uma moto se afastando, forçaram a entrada. Encontraram os dois baleados, mortos, e um silenciador, dava provas, da existência de uma terceira pessoa. Num alçapão encontraram um corpo

– Acrescentou vários itens a esse conto de Trancoso – acrescentou Edson.

– Para eliminar suas dúvidas, veja a reportagem de hoje...

Marcelo entregou ao Edson, o jornal com a manchete

“A Polícia apura estelionato de M^a Dolores e Pablo Vasquez”

– A lista será longa, mas, para livrar a empresa, a ocorrência registrada, foi o estelionato...





CAPÍTULO | 33

- Karla, Edson pede que você vá ao hospital. Pode ir agora?
- Ok! Dr. Roberto. Ele adiantou o que deseja?
- Não, quer falar com você...



Karla entrou e estendeu a mão, para Edson, sorrindo.

- Bom dia, espero que esteja totalmente recuperado
- Alguém pode recuperar-se se já não tem coração? Perguntou Edson, em voz triste
- Lamento discordar, não é o que seu boletim médico afirma
- Os médicos erram, não são infalíveis. Meu coração foi destruído, pulverizado. Tem conhecimento, Karla, de quantas vezes, meu coração foi pisoteado?
- Não é segredo as dificuldades que você teve de enfrentar, a começar – cinco dias antes do seu casamento. Somente um homem muito forte e valoroso, para suportar, esses dias de prova intensa, ou melhor dizendo, prova de fogo. Esse bombardeio, dá-lhe ciência do seu valor – concluiu Karla, com um sorriso.
- Karla, preciso de uma amiga para desabafar, e você provou que é minha amiga, mesmo que eu estivesse entrando, num vulcão, que ia explodir. Tenho um mar de fogo, queimando minha alma, a vergonha que sinto, do meu próprio eu...
- Edson, por que alimenta esses pensamentos negativos? Devia estar agradecendo aos céus, com cascatas de fogos de artifícios por haver sido salvo pelo gongo. Pense como seria sua vida se Marcelo não houvesse descoberto, a tempo, a verdadeira identidade, daquela pilantra...
- Karla, raciocine comigo, que respeito os nossos funcionários,

sentirão por um homem, que caiu nas mãos de uma aventureira, cujo foco estava em nossas empresas, para transformar-se numa mulher poderosa? Quando eu passar, eles dirão baixinho: “lá vai o tonto, o idiota, o bobo da corte, que não enxerga um palmo diante do nariz” ...

– Foi excelente termos essa conversa, porque você se julgou através dos pensamentos dos outros...

– Por que fala isso?

– Por causa de uma historinha que me contaram...

– Ah! Não, história não, basta de histórias!

– Não quer mesmo ouvir, o relato em que o julgamento, dos outros, era a coisa mais importante, como você acaba de projetar, sobre sua vida

– Vamos lá, conte, se referir-se a um parvo, um néscio, um imbecil, mais do que eu, servirá de comparação

– “Mariazinha trabalhava em uma casa muito rica. Sabia que muitas meninas, eram frequentemente usadas pelos homens da casa, então, ela procurou cercar-se de uma muralha, para não sofrer vexames. Mas, aconteceu o pior – ela se apaixonou pelo filho dos patrões, percebeu que ele tentava aproximar-se dela, e cada vez mais ela se revestia da túnica de frieza e distância”.

Karla parou e respirou

– Continue, quero ver, onde essa armação vai chegar

– O destino resolveu interferir no impasse e pregou uma peça em Mariazinha – cochichou ao seu ouvido: “será que você é tão forte, quanto pensa? Vou pagar pra ver” A cilada estava armada. Mariazinha sucumbiu. O filho do patrão, mostrou-se um verdadeiro cavalheiro, generoso e correto, propôs-lhe casamento. A moça sentiu-se no céu. Passaram a encontrar-se num namoro,

alegre e divertido, eram amantes apaixonados, camaradas, um completava o outro. Certo dia, o destino, soprou-lhe ao ouvido: “vim cobrar a taxa, por você haver me enganado”. Mariazinha descobriu que estava grávida. Seu mundo ruiu. E agora, quando descobrirem a gravidez? O que todos vão dizer? que seduzi o filho do patrão, para me dar bem na vida. Vão chamar-me de sonsa, interesseira, piranha. Não permitirei que me julguem uma leviana, ou que digam que me vendi por dinheiro. Mariazinha, que era uma mulher honesta, que sucumbira, vítima do amor que sentia por aquele homem, vítima de uma cilada do destino... Que fazer? – pensava angustiada”...

Karla parou mais uma vez.

– Conclusão, disse Edson, Mariazinha tomou veneno, e morreu junto com o filho, para evitar o julgamento dos outros...

Karla, continuou com a mesma serenidade.

– “Ela fugiu, sem dizer adeus, sem explicações. Escondeu-se no lugar mais longínquo, mais apagado e lá ficou reclusa. Seu filho nasceu, cresceu e ela o sustentou com seu trabalho”

– Recordo um caso, muito parecido, não idêntico ao da Mariazinha, mas muito semelhante. Fim da história, julgue a sua atitude e a do personagem – falou Edson. Karla, quem é Mariazinha?

Edson segurou as mãos de Karla, com os olhos brilhando de lágrimas, e perguntou emocionado:

– Karla, onde está meu filho?

Ela tentou disfarçar.

– Seu filho? Respondeu tentando firmar a voz

– Meu filho sim. Eu quero o nosso filho! Exclamou com inaudita firmeza na voz.

Karla chorava, abraçaram-se chorando. Edson tinha lágrimas e ria ao mesmo tempo, enquanto beijavam-se com a paixão acumulada, há tanto tempo.

Karla soltou-se dos braços de Edson, foi ao criado mudo, trouxe as chaves do carro e perguntou

– Me dá uma carona...

Edson olhou-a gravemente, passando o braço sobre seus ombros, saíram do hospital.

Entraram no carro, e partiram

– Eu indico o trajeto – disse Karla.

Edson puxou-a para junto de si, e retrucou

– Já ouvi essa frase...

Em breve, estacionavam na frente da casa da moça

Entraram, tia Nana, no sofá da sala, brincava com Lucas, quis afastar-se com a criança, mas Karla disse:

– Tia Nana, apresento-lhe Edson, o pai de Lucas!

Tia Nana, tentava estancar as lágrimas, sem sucesso

Edson ergueu o filho nos braços, rindo com indescritível felicidade e o menino batia as mãozinhas.

– Tia Nana, sua filha, deveria receber um castigo severo, por ocultar de um pai, o nascimento de seu filho. Vou perdoá-la por esse tesouro e beijou o filho.

Enquanto falava, com o filho no braço, estendeu o outro e abraçou Karla, com muita ternura.

– Desde o primeiro instante, aconselhei-a contar-lhe a verdade. Mas ela proibiu a mim e as duas amigas de contarem a verdade...

– Duas amigas? Estranhou Edson

– Flávia e Andréa. O que se pode esconder da Flávia?!

– Ela sabia e guardou segredo?

– Eu exigi!

– Por que, Karla, negar-me essa felicidade?

– Você estava de casamento marcado com aquela vigarista...

– Trocando em miúdos, se eu me tivesse casado, jamais conheceria o meu filho...

– Pretendia ficar velinha trabalhando na fábrica e quando Lucas estivesse maior, viria me buscar e você poderia vê-lo quanto quisesse...

– Agora, temos um novo programa, vamos a chácara da Andréa, a senhora vem conosco, Tia Nana

Edson colocou o filho nos braços de Karla e Tia Nana entrou no carro, com a sacola do Lucas



Na chácara, todos reunidos, Alfredo perguntou

– Marcelo, a polícia já descobriu quem era a terceira pessoa?

– Não sei informar, Alfredo, mas andando pela vizinhança, constatei que Vicente Sena, o dono da casa, tinha um irmão que morava com ele. Mudo e tatuado. Disseram-me que era um cara muito inteligente...

– Provavelmente, Juan não sabia, mas estava com os dias contados. Zé Louro jamais perdoaria a atrocidade que ele fez com seu irmão

– Ele aproveitou o momento, em que a polícia cercava a casa e chamava no megafone, depois de executá-los com silenciador, fugiu...

– Avisou a polícia?

– Não, Flávia – se eu tivesse provas concretas, seria minha obrigação – mas, só comentários de vizinhos...

Roberto ergueu a mão.

– Minha gente do coração, agora mais do que nunca, somos uma grande família – uma espécie de mosqueteiros, “um por todos, todos por um”. Tenho algumas revelações a fazer, queria esperar meu filho e Karla, mas vamos adiantando

– Pedro, por recomendação específica do Edson, você será chefe do ambulatório da fábrica. Considere-se empossado – oportunamente. Maciel fará uma reunião com você e as auxiliares

Pedro ergue-se.

– Dr. Roberto, estou emocionado demais para externar meu agradecimento, obrigado.

– Marcelo, a empresa deve a você suas próprias bases. Não fora sua diligência, sua obstinação, seu empenho, por dois meses a fio, em terras estrangeiras, o desastre teria sido de grandes proporções. Seu lugar como chefe da segurança, estava esperando o seu regresso.

– Pedro e Marcelo, me procurem amanhã, na fábrica. Roberto acrescentou algo à função de vocês – explicou Maciel

– A outra revelação refere-se à dona Mercedes e seu filho Ramiro...

Mercedes e Ramiro, se olharam intrigados

– Karla, a nossa secretária, encontrou em uma escrivadinha antiga, esse envelope, datado do final do século XIX, mês – dezembro de 1895

Roberto abriu o envelope e leu em voz alta:

Aos descendentes da família Becker?

Por meio desse envelope, quero corrigir uma grande injustiça, por mim praticada na pessoa de Antônio Façanha, na época com dois filhos. Em profundo desespero, porque meu filho estava entre a vida e a morte, expulsei Antônio Façanha e sua família, de minhas terras naquela mesma noite. Arrepentido, após a cura do meu filho, avalei a casa em que ele morava, e tripliquei o valor, por cada ano que ele e os filhos trabalharam, acrescentei um e três contos de réis, como reparação da injúria da expulsão. Coloquei esses valores na Caixa Econômica, numa conta para Antônio Façanha, ou seus descendentes. Peço perdão pela maneira que agi

Ernani Becker

Dezembro – 1895

Roberto fechou o envelope e abriu outro,

– Ramiro Façanha, por favor, entregue esses envelopes a sua mãe, dona Mercedes. Solicitei à Caixa Econômica que atualizasse esses valores...

Dona Mercedes abriu o envelope, retirou um cheque e sufocou um grito

– Meu Deus! Nunca vi tanto dinheiro, em minha vida...

Chamou o filho e falou com ele em voz baixa

Ramiro fez um sinal positivo com a cabeça. Ficou de pé e falou

– Dr. Roberto, se me dá licença, nós temos uma revelação a fazer:

– A palavra é sua, rapaz!

– Em primeiro lugar, agradecemos profundamente, seu senso de justiça e sua generosidade, em trazer para nós essa fortuna, da qual não tínhamos conhecimento. Um simples obrigado não traduz o nosso sentimento. Em segundo lugar, tenho uma revelação: Marcelo, quando em nossa casa, ao tomar conhecimento do prejuízo de minha mãe, disse-nos que não pretendia retornar ao Pará, observando meus livros de Direito, nos levou ao cartório e nos doou legalmente sua casa e o escritório. Disse que como advogado, eu já teria um escritório à disposição. Minha mãe, propõe que metade do valor desse cheque, seja entregue a Marcelo...

– Absolutamente não concordo. Agradeço a boa intenção, mas não aceito. Obrigado Dona Mercedes e Ramiro – sentenciou Marcelo.

– Discordo, falou Maciel – se dona Mercedes quer repartir com você esse valor, deve aceitar sim. Dona Mercedes, levarei a senhora e Ramiro ao Cartório para regularizar a doação – amanhã pelas dez horas, ok?

– Maciel, negativo – exclamou Marcelo.

– Marcelo, você é investigador, eu administrador, e seu irmão mais velho – eu decido...

– Maciel, vocês são gêmeos, como que você é o irmão mais velho? Perguntou Flávia

– Nasci uma hora antes!

Foi o bastante para o grupo se descontraír com diversos risos

Nesse momento, seu Antônio abriu o portão e parou de boca aberta...

Edson entrou com o filho no braço, cercado por Karla e Tia Nana.

Andréa e Flávia abraçaram-se emocionadas

Maria Fernanda exclamou

– Meu filho, que criança linda!

– Meu pai, minha mãe, apresento-lhes o meu filho Lucas!

A mãe estendeu os braços para receber a criança.

Edson abraçou Karla e continuou

– Nosso filho!

– Karla, é verdade? Perguntou Maria Fernanda

– Por que nunca nos falou, Karla? Perguntou Roberto

– Breve, lhes contarei, toda a história – disse Karla.

– Pessoal, vocês estão se perguntando, como um noivo, desesperado com o sequestro da noiva, está agora tão bem, tão feliz e tão alegre? E ainda com um filho nos braços? Isto é Milagre de Santa Mariazinha. Recorram a ela, que tudo se resolve...



Os funcionários de Becker&Becker estavam curiosos e tristes, ansiosos com o ambiente tenso, que reinava em redor da fábrica – sentiam-se apáticos. Sabiam por notícias soltas, aqui e ali, do sequestro de Gisele e todas as dúvidas que se originaram desse fato. Na Fábrica, o “zum-zum” era sempre o mesmo – Gisele e sequestro, sequestro e Gisele. Perguntavam-se também: “Dr. Edson, como estará enfrentando essa história?”

Auditório preparado para uma longa palestra.

Karla entrou no restaurante, pediu licença e deu o aviso, da palestra do Dr. Roberto, aos funcionários.

Faltava uma hora para o término do expediente, quando a sirene tocou. Os funcionários dirigiram-se para o auditório. Dez minutos depois, entraram Maciel, Marcelo, Pedro, Murilo em seguida, Edson, com o filho no braço e Karla. Cinco minutos depois, M^a Fernanda e Dr. Roberto sentaram-se os dois, lado a lado, ao centro da grande mesa

Roberto ergueu-se e falou aos seus funcionários com gentileza e tranquilidade

Meus amigos e minhas amigas, vocês não tomaram conhecimento direto do tamanho do problema que enfrentamos. Graças ao capitão Marcelo Freitas, que é capitão reformado da Polícia e investigador particular que, com sua obstinação e perseverança, percorreu o Paraguai com as fotos de Gizele e Juan, conseguiu apurar a vida anterior, dos supostos irmãos

Gizele e Juan eram marido e mulher, seus nomes verdadeiros – M^a Dolores e Pablo Vasquez Façanha, primos legítimos, que para chegarem ao nosso País, deram um “golpe” na tia que os acolhera. O falso sequestro tinha por objetivo apossarem-se desta Empresa – que seria paga como resgate da noiva do Vice-Presidente, e só não conseguiram, repito – porque no seu encalço, estava talvez o maior investigador do País

A maior surpresa nos causou a Karla. Edson e Karla tiveram um breve romance. Ela se deparou então com uma gravidez não planejada, isolou-se no interior, durante um ano – o tempo, para Gizele entrar em cena e arquitetar o plano...

Roberto fez uma pausa para respirar

– Meu pai, deixe-me concluir

– Desesperado com o sequestro de minha suposta esposa, logo após a cerimônia nupcial, mais decepcionado ainda com a

revelação da verdade sobre Gizele Sanchez – eu estava péssimo, desanimado e revoltado

Então, Karla me fez uma visita no hospital – para erguer minha autoestima, contou-me a história de Mariazinha (que era sua própria história) – descobri que, tínhamos um filho – o rapaz ergueu o garoto nos braços e finalizou – o mais novo Becker – Lucas

Uma estrondosa salva de palmas, encobriu as últimas palavras do Vice-Presidente.



A notícia mais importante entre os funcionários, era o casamento de Edson e Karla. Muito estimada no seu ambiente de trabalho, disputava com Edson, a simpatia do grupão.

Mais pontos conquistara na opinião geral, inclusive dos pais de Edson, mesmo residindo agora, na mansão com o filho e Tia Nana, chegava pontualmente ao trabalho, no horário costumeiro.

Certo dia, Flávia perguntou-lhe

– Mesmo quando voltarem da lua de mel, você vai continuar trabalhando no escritório?

Karla colocou os dedos sob os olhos, dizendo – “Este é o irmão deste”, não quero que surja outra Gizele. As duas amigas riram

Karla tornando-se séria, retrucou

– Falando sério, Flávia, confio no Edson, quanto em mim mesma...



Flávia, Alfredo e Andréa, esperam Maciel para jantar.

– Desculpem a demora – diz Maciel, entrando – demorei porque queria trazer para Flávia um prato que ela adora

– Conversa fiada, querido, você não trouxe nada...

– Pedro e Simone, saem do fim do expediente de mãos dadas. Marcelo, às dezoito horas, está perfilado à porta do escritório esperando Aurélia. Dona Mercedes e Ramiro estão maravilhados com a casa do Marcelo e pretendem viajar tão logo os noivos saiam em lua de mel. Aurélia está fazendo cota, incluindo algumas filiais, para fazerem uma surpresa a Edson e Karla

Alfredo deu uma risada.

– Realmente, é o prato que Flávia adora...Fofoca!!!

A fábrica está em festa. O trabalho resume-se em preparar o pátio, colocar mesinhas na passarela que vai do pátio ao portão principal.

Os funcionários do restaurante, cozinheiro e auxiliares, tiveram folga. Na imensa cozinha, Flávia e Andréa trabalhavam ativamente, auxiliadas por Aurélia e Simone, na confecção de doces e salgados para a festa de casamento de Edson e Karla.

Maciel supervisionava o recebimento das bebidas.

A um canto do pátio, uma mesa, preparada com requinte, para a Presidência e seus diletos amigos.



A cerimônia foi simples, mas muito emocionante

Maria Fernanda conduzia o filho e Roberto conduzia Karla

Tia Nana levava Lucas no braço. No braço da criança, pendurada com fitas, uma caixinha de cristal contendo as alianças

Alguns funcionários leram mensagens de felicidade aos nubentes.

No momento em que os noivos deixavam o altar, o céu foi inundado das luzes dos fogos de artifício, sobre o pátio, uma verdadeira apoteose de luz e cores.

Era a surpresa dos funcionários.

Edson e Karla preparavam-se para entrar no carro, ao abrirem a porta, o último fogo de artifício se abriu numa cascata de luzes, de beleza inigualável sobre eles...

FIM

Nasci em Aracati, em 18 de Setembro de 1936, iniciei os estudos no Ginásio São José, onde iniciei também o Curso Normal. Aos 17 anos, despertando para o interesse de escrever, elaborei



um texto sobre Aracati, meu primeiro texto conhecido. Em 1953 escrevi artigos para a Gazeta do Jaguaribe. Em 1954 observei um grupo escolar construído, mas servindo apenas como abrigo para jumentos. Escrevi para Getúlio Vargas, solicitando bolsas de estudo para minhas duas irmãs e o cargo de Professora para fazer o grupo escolar funcionar. Getúlio respondeu, autorizando as bolsas e anexou um cartão para o Secretário de Educação do Ceará o qual foi arquivado. Ainda nesse ano, Vandick Pontes, professor de psicologia, escreveu no verso de minha prova que eu era uma Psicóloga nata, com grande futuro na Psicologia. Contudo meu desejo era ensinar em sala de aula. Com a mudança da família para Olho D'água (Hoje Horizonte) em 1955, continuei o Curso Normal no Colégio Justiniano de Serpa, e conclui no Ginásio Agapito dos Santos onde comecei minha carreira de Professor. Em 1962 casei-me e em 1964 escrevi 2 novelas que foram adquiridas pela emissora de Ceará Rádio Clube.

Em 1981 meu marido abandonou o lar, o que me levou a

retornar à carreira de professora. Em 1982 consegui um contrato de Professora da Rede Estadual de ensino, lotada na Escola de 1º grau Cláudio Martins. Em 1983, conclui o Curso do 4º Ano Pedagógico no Instituto de Educação do Ceará cumprindo determinação do Governo Estadual. Entre 2000 e 2006 contribui a convite do Frei Humberto como colaboradora para o Jornalzinho Força Viva na Paróquia Nossa Senhora das Dores, onde escrevia uma coluna intitulada “Eugênia quer saber”. Em 2007 comecei a escrever a presente obra, revisada e ajustada em várias versões, que eram substituídas à medida em que eu considerava que eram possíveis ou necessárias melhorias no texto. Obrigado Paulo Venício, obrigado SEDUC.



CEARÁ

GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO